

Prosa *Poeteiro* Verso
Iba Mendes

Literatura



Machado de Assis
Poesia Completa



Iba Mendes
www.poeteiro.com

Machado de Assis

Poesia Completa

Crisálidas (1864) - Falenas (1870) - Americanas (1875) - Gazeta de Holanda (1886-88) - Ocidentais (1901) - O Almada (1908) - Dispersas (1854-1939)

**Joaquim Maria Machado de Assis
(1839 – 1908)**

“Projeto Livro Livre”

Livro 53



Poeteiro Editor Digital
São Paulo - 2014
www.poeteiro.com



Projeto Livro Livre

O “Projeto Livro Livre” é uma iniciativa que propõe o compartilhamento, de forma livre e gratuita, de obras literárias já em domínio público ou que tenham a sua divulgação devidamente autorizada, especialmente o livro em seu formato Digital.

No Brasil, segundo a Lei nº 9.610, no seu artigo 41, os direitos patrimoniais do autor perduram por setenta anos contados de 1º de janeiro do ano subsequente ao de seu falecimento. O mesmo se observa em Portugal. Segundo o Código dos Direitos de Autor e dos Direitos Conexos, em seu capítulo IV e artigo 31º, o direito de autor caduca, na falta de disposição especial, 70 anos após a morte do criador intelectual, mesmo que a obra só tenha sido publicada ou divulgada postumamente.

O nosso Projeto, que tem por único e exclusivo objetivo colaborar em prol da divulgação do bom conhecimento na Internet, busca assim não violar nenhum direito autoral. Todavia, caso seja encontrado algum livro que, por alguma razão, esteja ferindo os direitos do autor, pedimos a gentileza que nos informe, a fim de que seja devidamente suprimido de nosso acervo.

Esperamos um dia, quem sabe, que as leis que regem os direitos do autor sejam repensadas e reformuladas, tornando a proteção da propriedade intelectual uma ferramenta para promover o conhecimento, em vez de um temível inibidor ao livre acesso aos bens culturais. Assim esperamos!

Até lá, daremos nossa pequena contribuição para o desenvolvimento da educação e da cultura, mediante o compartilhamento livre e gratuito de obras sob domínio público, como esta, do escritor brasileiro Machado de Assis: *“Poesia Completa”*.

É isso!

Iba Mendes
iba@ibamendes.com

BIOGRAFIA

Machado de Assis (Joaquim Maria M. de A.), jornalista, contista, cronista, romancista, poeta e teatrólogo, nasceu no Rio de Janeiro, RJ, em 21 de junho de 1839, e faleceu também no Rio de Janeiro, em 29 de setembro de 1908. É o fundador da Cadeira nº. 23 da Academia Brasileira de Letras. Velho amigo e admirador de José de Alencar, que morrera cerca de vinte anos antes da fundação da ABL, era natural que Machado escolhesse o nome do autor de O Guarani para seu patrono. Ocupou por mais de dez anos a presidência da Academia, que passou a ser chamada também de Casa de Machado de Assis.

Filho do operário Francisco José de Assis e de Maria Leopoldina Machado de Assis, perdeu a mãe muito cedo, pouco mais se conhecendo de sua infância e início da adolescência. Foi criado no morro do Livramento. Sem meios para cursos regulares, estudou como pôde e, em 1854, com 15 anos incompletos, publicou o primeiro trabalho literário, o soneto "À Ilma. Sra. D.P.J.A.", no Periódico dos Pobres, número datado de 3 de outubro de 1854. Em 1856, entrou para a Imprensa Nacional, como aprendiz de tipógrafo, e lá conheceu Manuel Antônio de Almeida, que se tornou seu protetor. Em 1858, era revisor e colaborador no Correio Mercantil e, em 60, a convite de Quintino Bocaiúva, passou a pertencer à redação do Diário do Rio de Janeiro. Escrevia regularmente também para a revista O Espelho, onde estreou como crítico teatral, a Semana Ilustrada e o Jornal das Famílias, no qual publicou de preferência contos.

O primeiro livro publicado por Machado de Assis foi a tradução de Queda que as mulheres têm para os tolos (1861), impresso na tipografia de Paula Brito. Em 1862, era censor teatral, cargo não remunerado, mas que lhe dava ingresso livre nos teatros. Começou também a colaborar em O Futuro, órgão dirigido por Faustino Xavier de Novais, irmão de sua futura esposa. Seu primeiro livro de poesias, Crisálidas, saiu em 1864. Em 1867, foi nomeado ajudante do diretor de publicação do Diário Oficial. Em agosto de 69, morreu Faustino Xavier de Novais e, menos de três meses depois (12 de novembro de 1869), Machado de Assis se casou com a irmã do amigo, Carolina Augusta Xavier de Novais. Foi companheira perfeita durante 35 anos. O primeiro romance de Machado, Ressurreição, saiu em 1872. No ano seguinte, o escritor foi nomeado primeiro oficial da Secretaria de Estado do Ministério da Agricultura, Comércio e Obras Públicas, iniciando assim a carreira de burocrata que lhe seria até o fim o meio principal de sobrevivência. Em 1874, O Globo (jornal de Quintino Bocaiúva), em folhetins, o romance A mão e a luva. Intensificou a colaboração em jornais e revistas, como O Cruzeiro, A Estação, Revista Brasileira (ainda na fase Midosi), escrevendo crônicas, contos, poesia, romances, que iam saindo em folhetins e depois eram publicados em livros. Uma de suas peças, Tu, só tu, puro amor, foi levada à cena

no Imperial Teatro Dom Pedro II (junho de 1880), por ocasião das festas organizadas pelo Real Gabinete Português de Leitura para comemorar o tricentenário de Camões, e para essa celebração especialmente escrita. De 1881 a 1897, publicou na Gazeta de Notícias as suas melhores crônicas. Em 1880, o poeta Pedro Luís Pereira de Sousa assumiu o cargo de ministro interino da Agricultura, Comércio e Obras Públicas e convidou Machado de Assis para seu oficial de gabinete (ele já estivera no posto, antes, no gabinete de Manuel Buarque de Macedo). Em 1881 saiu o livro que daria uma nova direção à carreira literária de Machado de Assis - Memórias póstumas de Brás Cubas, que ele publicara em folhetins na Revista Brasileira de 15 de março a 15 de dezembro de 1880. Revelou-se também extraordinário contista em Papéis avulsos (1882) e nas várias coletâneas de contos que se seguiram. Em 1889, foi promovido a diretor da Diretoria do Comércio no Ministério em que servia.

Grande amigo de José Veríssimo, continuou colaborando na Revista Brasileira também na fase dirigida pelo escritor paraense. Do grupo de intelectuais que se reunia na Redação da Revista, e principalmente de Lúcio de Mendonça, partiu a idéia da criação da Academia Brasileira de Letras, projeto que Machado de Assis apoiou desde o início. Comparecia às reuniões preparatórias e, no dia 28 de janeiro de 1897, quando se instalou a Academia, foi eleito presidente da instituição, à qual ele se devotou até o fim da vida.

A obra de Machado de Assis abrange, praticamente, todos os gêneros literários. Na poesia, inicia com o romantismo de Crisálidas (1864) e Falenas (1870), passando pelo Indianismo em Americanas (1875), e o parnasianismo em Ocidentais (1901). Paralelamente, apareciam as coletâneas de Contos fluminenses (1870) e Histórias da meia-noite (1873); os romances Ressurreição (1872), A mão e a luva (1874), Helena (1876) e Iaiá Garcia (1878), considerados como pertencentes ao seu período romântico. A partir daí, Machado de Assis entrou na grande fase das obras-primas, que fogem a qualquer denominação de escola literária e que o tornaram o escritor maior das letras brasileiras e um dos maiores autores da literatura de língua portuguesa.

A obra de Machado de Assis foi, em vida do Autor, editada pela Livraria Garnier, desde 1869; em 1937, W. M. Jackson, do Rio de Janeiro, publicou as Obras completas, em 31 volumes. Raimundo Magalhães Júnior organizou e publicou, pela Civilização Brasileira, os seguintes volumes de Machado de Assis: Contos e crônicas (1958); Contos esparsos (1956); Contos esquecidos (1956); Contos recolhidos (1956); Contos avulsos (1956); Contos sem data (1956); Crônicas de Lélío (1958); Diálogos e reflexões de um relojoeiro (1956). Em 1975, a Comissão Machado de Assis, instituída pelo Ministério da Educação e Cultura e encabeçada pelo presidente da Academia Brasileira de Letras, organizou e publicou, também pela Civilização Brasileira, as Edições críticas de obras de

Machado de Assis, em 15 volumes, reunindo contos, romances e poesias desse escritor máximo da literatura brasileira.

Academia Brasileira de Letras

ÍNDICE

Crisálidas (1864)	1
Falenas (1870)	62
Americanas (1875)	149
Gazeta de Holanda (1886-88)	224
Ocidentais (1901)	353
O Almada (1908)	388
Dispersas (1854-1939)	462

CRISÁLIDAS

(1864)

ÍNDICE

MUSA CONSOLATRIX
VISIO
QUINZE ANOS
STELLA
EPITÁFIO DO MÉXICO
POLÔNIA
ERRO
ELEGIA
SINHÁ
HORAS VIVAS
VERSOS A CORINA
ÚLTIMA FOLHA

POEMAS PRESENTES NA PRIMEIRA EDIÇÃO

LÚCIA
O DILÚVIO
FÉ
A CARIDADE
A JOVEM CATIVA
NO LIMIAR
ASPIRAÇÃO
CLEÓPATRA
OS ARLEQUINS
AS ONDINAS
MARIA DUPLESSIS
AS ROSAS
OS DOUS HORIZONTES
MONTE ALVERNE
AS VENTONHAS
ALPUJARRA
EMBIRRAÇÃO
POSFÁCIO

Musa Consolatrix

Que a mão do tempo e o hálito dos homens
Murchem a flor das ilusões da vida,
Musa consoladora,
É no teu seio amigo e sossegado
Que o poeta respira o suave sono.

Não há, não há contigo,
Nem dor aguda, nem sombrios ermos;
Da tua voz os namorados cantos
Enchem, povoam tudo
De íntima paz, de vida e de conforto.

Ante esta voz que as dores adormece,
E muda o agudo espinho em flor cheirosa,
Que vales tu, desilusão dos homens?
Tu que podes, ó tempo?
A alma triste do poeta sobrenada
À enchente das angústias,
E, afrontando o rugido da tormenta,
Passa cantando, alcíone divina.
Musa consoladora,
Quando da minha frente de mancebo
A última ilusão cair, bem como
Folha amarela e seca
Que ao chão atira a viração do outono,
Ah! no teu seio amigo
Acolhe-me, — e haverá minha alma aflita,
Em vez de algumas ilusões que teve,
A paz, o último bem, último e puro!

Visio

Eras pálida. E os cabelos,
Aéreos, soltos novelos
Sobre as espáduas caíam...
Os olhos meio cerrados
De volúpia e de ternura
Entre lágrimas luziam...
E os braços entrelaçados,

Como cingindo a ventura,
Ao teu seio me cingiam...

Depois, naquele delírio,
Suave, doce martírio
De pouquíssimos instantes
Os teus lábios sequiosos,
Frios, trêmulos, trocavam
Os beijos mais delirantes,
E no supremo dos gozos
Ante os anjos se casavam
Nossas almas palpitantes...

Depois... depois a verdade,
A fria realidade,
A solidão, a tristeza;
Daquele sonho desperto,
Olhei... silêncio de morte
Respirava a natureza, —
Era a terra, era o deserto,
Fora-se o doce transporte,
Restava a fria certeza.

Desfizera-se a mentira:
Tudo aos meus olhos fugira,
Tu e o teu olhar ardente,
Lábios trêmulos e frios,
O abraço longo e apertado,
O beijo doce e veemente;
Restavam meus desvarios,
E o incessante cuidado,
E a fantasia doente.

E agora te vejo. E fria
Tão outra estás da que eu via
Naquele sonho encantado!
És outra, calma, discreta,
Com o olhar indiferente,
Tão outro do olhar sonhado,
Que a minha alma de poeta
Não se vê a imagem presente
Foi a visão do passado.

Foi, sim, mas visão apenas;

Daquelas visões amenas
Que à mente dos infelizes
Descem vivas e animadas,
Cheias de luz e esperança
E de celestes matizes:
Mas, apenas dissipadas,
Fica uma leve lembrança,
Não ficam outras raízes.

Inda assim, embora sonho,
Mas, sonho doce e risonho,
Desse-me Deus que fingida
Tivesse aquela ventura
Noite por noite, hora a hora,
No que me resta de vida,
Que, já livre da amargura,
Alma, que em dores me chora,
Chorara de agradecida!

Quinze Anos

*Oh! la fleur de l'Eden, pourquoi l'as-tu fannée,
Insouciant enfant, belle Eve aux blonds cheveux!*

ALFRED DE MUSSET

Era uma pobre criança...
— Pobre criança, se o eras! —
Entre as quinze primaveras
De sua vida cansada
Nem uma flor de esperança
Abria a medo. Eram rosas
Que a doida da esperdiçada
Tão festivas, tão formosas,
Desfolhava pelo chão.
— Pobre criança, se o eras! —
Os carinhos mal gozados
Eram por todos comprados,
Que os afetos de sua alma
Havia-os levado à feira,
Onde vendera sem pena
Até a ilusão primeira
Do seu doido coração!

Pouco antes, a candura,
Coas brancas asas abertas,
Em um berço de ventura
A criança acalentava
Na santa paz do Senhor;
Para acordá-la era cedo,
E a pobre ainda dormia
Naquele mudo segredo
Que só abre o seio um dia
Para dar entrada a amor.

Mas, por teu mal, acordaste!
Junto do berço passou-te
A festiva melodia
Da sedução... e acordou-te!
Colhendo as límpidas asas,
O anjo que te velava
Nas mãos trêmulas e frias
Fechou o rosto... chorava!

Tu, na sede dos amores,
Colheste todas as flores
Que nas orlas do caminho
Foste encontrando ao passar;
Por elas, um só espinho
Não te feriu... vais andando...
Corre, criança, até quando
Fores forçada a parar!

Então, desflorada a alma
De tanta ilusão, perdida
Aquela primeira calma
Do teu sono de pureza;
Esfolhadas, uma a uma,
Essas rosas de beleza
Que se esvaem como a espuma
Que a vaga cospe na praia
E que por si se desfaz;

Então, quando nos teus olhos
Uma lágrima buscares,
E secos, secos de febre,
Uma só não encontrares

Das que em meio das angústias
São um consolo e uma paz;

Então, quando o frio 'spectro
Do abandono e da penúria
Vier aos teus sofrimentos
Juntar a última injúria:
E que não vires ao lado
Um rosto, um olhar amigo
Daqueles que são agora
Os desvelados contigo;

Criança, verás o engano
E o erro dos sonhos teus;
E dirás, — então já tarde, —
Que por tais gozos não vale
Deixar os braços de Deus.

Stella

Já raro e mais escasso
A noite arrasta o manto,
E verte o último pranto
Por todo o vasto espaço.

Tíbio clarão já cora
A tela do horizonte,
E já de sobre o monte
Vem debruçar-se a aurora.

À muda e torva irmã,
Dormida de cansaço,
Lá vem tomar o espaço
A virgem da manhã.

Uma por uma, vão
As pálidas estrelas,
E vão, e vão com elas
Teus sonhos, coração.

Mas tu, que o devaneio
Inspiras do poeta,
Não vês que a vaga inquieta

Abre-te o úmido seio?

Vai. Radioso e ardente,
Em breve o astro do dia,
Rompendo a névoa fria,
Virá do roxo oriente.

Dos íntimos sonhos
Que a noite protegera,
De tanto que eu vertera,
Em lágrimas a pares,

Do amor silencioso,
Místico, doce, puro,
Dos sonhos de futuro,
Da paz, do etéreo gozo,

De tudo nos desperta
Luz de importuno dia;
Do amor que tanto a enchia
Minha alma está deserta.

A virgem da manhã
Já todo o céu domina...
Espero-te, divina,
Espero-te, amanhã.

Epitáfio do México

Dobra o joelho: — é um túmulo.
Embaixo amortalhado
Jaz o cadáver tépido
De um povo aniquilado;
A prece melancólica
Reza-lhe em torno à cruz.

Ante o universo atônito
Abriu-se a estranha liça,
Travou-se a luta fêrvida
Da força e da justiça;
Contra a justiça, ó século,
Venceu a espada e o obus.

Venceu a força indômita;
Mas a infeliz vencida
A mágoa, a dor, o ódio,
Na face envilecida
Cuspiu-lhe. E a eterna mácula
Seus louros murchará.

E quando a voz fatídica
Da santa liberdade
Vier em dias prósperos
Clamar à humanidade,
Então revivo o México
Da campa surgirá.

Polônia

*E ao terceiro dia a alma deve voltar ao
corpo, e a nação ressuscitará.*

MICKIEWICZ

Como aurora de um dia desejado,
Clarão suave o horizonte inunda.
É talvez a manhã. A noite amarga
Como que chega ao termo; e o sol dos livres,
Cansado de te ouvir o inútil pranto,
Alfim ressurgue no dourado Oriente.

Eras livre, — tão livre como as águas
Do teu formoso, celebrado rio;
A coroa dos tempos
Cingia-te a cabeça veneranda;
E a desvelada mãe, a irmã cuidosa,
A santa liberdade,
Como junto de um berço precioso,
À porta dos teus lares vigiava.

Eras feliz demais, demais formosa;
A sanhuda cobiça dos tiranos
Veio enlutar teus venturosos dias...
Infeliz! a medrosa liberdade
Em face dos canhões espavorida
Aos reis abandonou teu chão sagrado;

Sobre ti, moribunda,
Viste cair os duros opressores:
Tal a gazela que percorre os campos,
Se o caçador a fere,
Cai convulsa de dor em mortais ânsias,
E vê no extremo arranco
Abater-se sobre ela
Escura nuvem de famintos corvos.
Presas uma vez da ira dos tiranos,
Os membros retalhou-te
Dos senhores a esplêndida cobiça;
Em proveito dos reis a terra livre
Foi repartida, e os filhos teus — escravos —
Viram descer um véu de luto à pátria
E apagar-se na história a glória tua.

A glória, não! — É glória o cativo,
Quando a cativa, como tu, não perde
A aliança de Deus, a fé que alenta,
E essa união universal e muda
Que faz comuns a dor, o ódio, a esperança.
Um dia, quando o cálice da amargura,
Mártir, até às fezes esgotaste,
Longo tremor correu as fibras tuas;
Em teu ventre de mãe, a liberdade
Parecia soltar esse vagido
Que faz rever o céu no olhar materno;
Teu coração estremeceu; teus lábios
Trêmulos de ansiedade e de esperança,
Buscaram aspirar a longos tragos
A vida nova nas celestes auras.
Então surgiu Kosciusko;
Pela mão do Senhor vinha tocado;
A fé no coração, a espada em punho,
E na ponta da espada a torva morte,
Chamou aos campos a nação caída.
De novo entre o direito e a força bruta
Empenhou-se o duelo atroz e infausto
Que a triste humanidade
Inda verá por séculos futuros.
Foi longa a luta; os filhos dessa terra
Ah! não pouparam nem valor nem sangue!
A mãe via partir sem pranto os filhos,
A irmã o irmão, a esposa o esposo,

E todas abençoavam
A heróica legião que ia à conquista
Do grande livramento.

Coube às hostes da força
Da pugna o alto prêmio;
A opressão jubilosa
Cantou essa vitória de ignomínia;
E de novo, ó cativa, o véu de luto
Correu sobre teu rosto!
Deus continha
Em suas mãos o sol da liberdade,
E inda não quis que nesse dia infausto
Teu macerado corpo alumiasse.
Resignada à dor e ao infortúnio,
A mesma fé, o mesmo amor ardente
Davam-te a antiga força.
Triste viúva, o templo abriu-te as portas;
Foi a hora dos hinos e das preces;
Cantaste a Deus, tua alma consolada
Nas asas da oração aos céus subia,
Como a refugiar-se e a refazer-se
No seio do infinito.
E quando a força do feroz cossaco
À casa do Senhor ia buscar-te,
Era ainda rezando
Que te arrastavas pelo chão da igreja.
Pobre nação! — é longo o teu martírio;
A tua dor pede vingança e termo;
Muito hás vertido em lágrimas e sangue;
É propícia esta hora. O sol dos livres
Como que surge no dourado Oriente.
Não ama a liberdade
Quem não chora contigo as dores tuas;
E não pede, e não ama, e não deseja
Tua ressurreição, finada heróica!

Erro

Erro é teu. Amei-te um dia
Com esse amor passageiro
Que nasce na fantasia
E não chega ao coração;

Não foi amor, foi apenas
Uma ligeira impressão;
Um querer indiferente,
Em tua presença, vivo,
Morto, se estavas ausente,
E se ora me vês esquivo,
Se, como outrora, não vês
Meus incensos de poeta
Ir eu queimar a teus pés,
É que, — como obra de um dia,
Passou-me essa fantasia.

Para eu amar-te devias
Outra ser e não como eras.
Tuas frívolas quimeras,
Teu vão amor de ti mesma,
Essa pêndula gelada
Que chamavas coração,
Eram bem fracos liames
Para que a alma enamorada
Me conseguissem prender;
Foram baldados tentames,
Saiu contra ti o azar,
E embora pouca, perdeste
A glória de me arrastar
Ao teu carro... Vãs quimeras!
Para eu amar-te devias
Outra ser e não como eras...

Elegia

*A bondade choremos inocente
Cortada em flor que, pela mão da morte,
Nos foi arrebatada dentre a gente.*

CAMÕES — Elegias

Se, como outrora, nas florestas virgens,
Nos fosse dado — o esquife que te encerra
Erguer a um galho de árvore frondosa
Certo não tinhas um melhor jazigo
Do que ali, ao ar livre, entre os perfumes
Da florente estação, imagem viva

De teus cortados dias, e mais perto
Do clarão das estrelas.

Sobre teus pobres e adorados restos,
Piedosa, a noite ali derramaria
De seus negros cabelos puro orvalho
À beira do teu último jazigo
Os alados cantores da floresta
Iriam sempre modular seus cantos;
Nem letra, nem lavor de emblema humano,
Relembraria a mocidade morta;
Bastava só que ao coração materno,
Ao do esposo, ao dos teus, ao dos amigos,
Um aperto, uma dor, um pranto oculto,
Disseste: — Dorme aqui, perto dos anjos,
A cinza de quem foi gentil transunto
De virtudes e graças.

Mal havia transposto da existência
Os dourados umbrais; a vida agora
Sorria-lhe toucada dessas flores
Que o amor, que o talento e a mocidade
À uma repartiam.

Tudo lhe era presságio alegre e doce;
Uma nuvem sequer não sombreava,
Em sua frente, o íris da esperança;
Era, enfim, entre os seus a cópia viva
Dessa ventura que os mortais almejam,
E que raro a fortuna, avessa ao homem.
Deixa gozar na terra.

Mas eis que o anjo pálido da morte
A pressentiu feliz e bela e pura,
E, abandonando a região do olvido,
Desceu à terra, e sob a asa negra
A frente lhe escondeu; o frágil corpo
Não pôde resistir; a noite eterna
Veio fechar seus olhos;
Enquanto a alma, abrindo
As asas rutilantes pelo espaço.
Foi engolfar-se em luz, perpetuamente,
Tal a assustada pomba, que na árvore
O ninho fabricou, — se a mão do homem

Ou a impulsão do vento um dia abate
No seio do infinito;
O recatado asilo, — abrindo o vôo,
Deixa os inúteis restos
E, atravessando airoso os leves ares,
Vai buscar noutra parte outra guarida.

Hoje, do que era inda lembrança resta,
E que lembrança! Os olhos fatigados
Parecem ver passar a sombra dela;
O atento ouvido inda lhe escuta os passos;
E as teclas do piano, em que seus dedos
Tanta harmonia despertavam antes,
Como que soltam essas doces notas
Que outrora ao seu contato respondiam.

Ah! pesava-lhe este ar da terra impura,
Faltava-lhe esse alento de outra esfera,
Onde, noiva dos anjos, a esperavam
As palmas da virtude.
Mas, quando assim a flor da mocidade
Toda se esfolha sobre o chão da morte,
Senhor, em que firmar a segurança
Das venturas da terra? Tudo morre;
À sentença fatal nada se esquiva,
O que é fruto e o que é flor. O homem cego
Cuida haver levantado em chão de bronze
Um edifício resistente aos tempos,
Mas lá vem dia, em que, a um leve sopro,
O castelo se abate,
Onde, doce ilusão, fechado havias
Tudo o que de melhor a alma do homem
Encerra de esperanças.

Dorme, dorme tranqüila
Em teu último asilo; e se eu não pude
Ir espargir também algumas flores
Sobre a lájea da tua sepultura;
Se não pude, — eu que há pouco te saudava
Em teu erguer, estrela, — os tristes olhos
Banhar nos melancólicos fulgores,
Na triste luz do teu recente ocaso,
Deixo-te ao menos nesses pobres versos
Um penhor de saudade, e lá na esfera

Aonde aprouve ao Senhor chamar-te cedo,
Possas tu ler nas pálidas estrofes
A tristeza do amigo.

1861

Sinhá

O teu nome é como o óleo derramado.

CÂNTICO DOS CÂNTICOS

Nem o perfume que expira
A flor, pela tarde amena,
Nem a nota que suspira
Canto de saudade e pena
Nas brandas cordas da lira;
Nem o murmúrio da veia
Que abriu sulco pelo chão
Entre margens de alva areia,
Onde se mira e recreia
Rosa fechada em botão;

Nem o arrulho enternecido
Das pombas nem do arvoredado
Esse amoroso arruído
Quando escuta algum segredo
Pela brisa repetido;
Nem esta saudade pura
Do canto do sabiá
Escondido na espessura,
Nada respira doçura
Como o teu nome, Sinhá!

Horas Vivas

Noite; abrem-se as flores...
Que esplendores!
Cíntia sonha amores
Pelo céu.
Tênuas as neblinas
Às campinas

Descem das colinas,
Como um véu.

Mãos em mãos travadas
Animadas,
Vão aquelas fadas
Pelo ar;
Soltos os cabelos,
Em novelos,
Puros, louros, belos,
A voar.

— "Homem, nos teus dias
Que agonias,
Sonhos, utopias,
Ambições;
Vivas e fagueiras,
As primeiras,
Como as derradeiras
Ilusões!

— Quantas, quantas vidas
Vão perdidas,
Pombas malferidas
Pelo mal!
Anos após anos,
Tão insanos,
Vêm os desenganos
Afinal.

— Dorme: se os pesares
Repousares.
Vês? — por estes ares
Vamos rir;
Mortas, não; festivas,
E lascivas,
Somos — horas vivas
De dormir. —"

Versos a Corina

Tacendo il nome di questa gentilíssima

DANTE

I

Tu nasceste de um beijo e de um olhar. O beijo
Numa hora de amor, de ternura e desejo,
Uniu a terra e o céu. O olhar foi do Senhor,
Olhar de vida, olhar de graça, olhar de amor;
Depois, depois vestindo a forma peregrina,
Aos meus olhos mortais, surgiste-me, Corina!

De um júbilo divino os cantos entoava
A natureza mãe, e tudo palpitava,
A flor aberta e fresca, a pedra bronca e rude,
De uma vida melhor e nova juventude.

Minh'alma adivinhou a origem do teu ser;
Quis cantar e sentir; quis amar e viver
A luz que de ti vinha, ardente, viva, pura,
Palpitou, reviveu a pobre criatura;
Do amor grande elevado abriram-se-lhe as fontes;
Fulgiram novos sóis, rasgaram-se horizontes;
Surgiu, abrindo em flor, uma nova região;
Era o dia marcado à minha redenção.
Era assim que eu sonhava a mulher. Era assim:
Corpo de fascinar, alma de querubim;
Era assim: fronte altiva e gesto soberano,
Um porte de rainha a um tempo meigo e ufano,
Em olhos senhoris uma luz tão serena,
E grave como Juno, e belo como Helena!
Era assim, a mulher que extasia e domina,
A mulher que reúne a terra e o céu: Corina!

Neste fundo sentir, nesta fascinação,
Que pede do poeta o amante coração?
Viver como nasceste, ó beleza, ó primor,
De uma fusão do ser, de uma efusão do amor.

Viver, — fundir a existência
Em um ósculo de amor,
Fazer de ambas — uma essência,
Apagar outras lembranças,
Perder outras ilusões,
E ter por sonho melhor

O sonho das esperanças
De que a única ventura
Não reside em outra vida,
Não vem de outra criatura;
Confundir olhos nos olhos,
Unir um seio a outro seio,
Derramar as mesmas lágrimas
E tremer do mesmo enleio,
Ter o mesmo coração,
Viver um do outro viver...
Tal era a minha ambição.
Donde viria a ventura
Desta vida? Em que jardim
Colheria esta flor pura?
Em que solitária fonte
Esta água iria beber'?
Em que incendido horizonte
Podiam meus olhos ver
Tão meiga, tão viva estrela,
Abrir-se e resplandecer?
Só em ti: — em ti que és bela,
Em ti que a paixão respiras,
Em ti cujo olhar se embebe
Na ilusão de que deliras,
Em ti, que um ósculo de Hebe
Teve a singular virtude
De encher, de animar teus dias,
De vida e de juventude...

Amemos! diz a flor à brisa peregrina,
Amemos! diz a brisa, arfando em torno à flor;
Cantemos esta lei e vivamos, Corina,
De uma fusão do ser, de uma efusão do amor.

II

A minha alma, talvez, não é tão pura,
Como era pura nos primeiros dias;
Eu sei; tive choradas agonias
De que conservo alguma nódoa escura,

Talvez. Apenas à manhã da vida
Abri meus olhos virgens e minha alma.
Nunca mais respirei a paz e a calma,

E me perdi na porfiosa lida.

Não sei que fogo interno me impelia
À conquista da luz, do amor, do gozo,
Não sei que movimento imperioso
De um desusado ardor minha alma enchia.

Corri de campo em campo e plaga em plaga,
(Tanta ansiedade o coração encerra!)
A ver o lírio que brotasse a terra,
A ver a espuma que cuspiisse — a vaga.

Mas, no areal da praia, no horto agreste,
Tudo aos meus olhos ávidos fugia...
Desci ao chão do vale que se abria,
Subi ao cume da montanha alpestre.

Nada! Volvi o olhar ao céu. Perdi-me
Em meus sonhos de moço e de poeta;
E contemplei, nesta ambição inquieta,
Da muda noite a página sublime.

Tomei nas mãos a cítara saudosa
E soltei entre lágrimas um canto.
A terra brava recebeu meu pranto
E o eco repetiu-me a voz chorosa.

Foi em vão. Como um lânguido suspiro,
A voz se me calou, e do ínvio monte
Olhei ainda as linhas do horizonte,
Como se olhasse o último retiro.

Nuvem negra e veloz corria solta,
O anjo da tempestade anunciando;
Vi ao longe as alcíones cantando
Doidas correndo à flor da água revolta.

Desiludido, exausto, ermo, perdido,
Busquei a triste estância do abandono,
E esperei, aguardando o último sono,
Volver à terra, de que foi nascido.

— “Ó Cibele fecunda, é no remanso
Do teu seio que vive a criatura.

Chamem-te outros morada triste e escura,
Chamo-te glória, chamo-te descanso!”

Assim falei. E murmurando aos ventos
Uma blasfêmia atroz — estreito abraço
Homem e terra uniu, e em longo espaço
Aos ecos repeti meus vãos lamentos.

Mas, tu passaste... Houve um grito
Dentro de mim. Aos meus olhos
Visão de amor infinito,
Visão de perpétuo gozo
Perpassava e me atraía,
Como um sonho voluptuoso
De sequiosa fantasia.
Ergui-me logo do chão,
E pousei meus olhos fundos
Em teus olhos soberanos,
Ardentes, vivos, profundos,
Como os olhos da beleza
Que das escumas nasceu...
Eras tu, maga visão,
Eras tu o ideal sonhado
Que em toda a parte busquei,
E por quem houvera dado
A vida que fatiguei;
Por quem verti tanto pranto,
Por quem nos longos espinhos
Minhas mãos, meus pés sangrei!

Mas se minh'alma, acaso, é menos pura
Do que era pura nos primeiros dias,
Por que não soube em tantas agonias
Abençoar a minha desventura;

Se a blasfêmia os meus lábios poluíra,
Quando, depois de tempo e do cansaço,
Beije a terra no mortal abraço
E espedacei desanimado a lira;

Podes, visão formosa e peregrina,
No amor profundo, na existência calma,
Desse passado resgatar minh'alma
E levantar-me aos olhos teus, — Corina!

III

Quando voarem minhas esperanças
Como um bando de pombas fugitivas;
E destas ilusões doces e vivas
Só me restarem pálidas lembranças;

E abandonar-me a minha mãe Quimera,
Que me aleitou aos seios abundantes;
E vierem as nuvens flamejantes
Encher o céu da minha primavera;

E raiar para mim um triste dia,
Em que, por completar minha tristeza,
Nem possa ver-te, musa da beleza,
Nem possa ouvir-te, musa da harmonia;

Quando assim seja, por teus olhos juro,
Voto minh'alma à escura soledade,
Sem procurar melhor felicidade,
E sem ambicionar prazer mais puro,

Como o viajor que, da falaz miragem
Volta desenganado ao lar tranqüilo
E procura, naquele último asilo,
Nem evocar memórias da viagem,

Envolvido em mim mesmo, olhos cerrados
A tudo mais, — a minha fantasia
As asas colherá com que algum dia
Quis alcançar os cimos elevados.

És tu a maior glória de minha alma,
Se o meu amor profundo não te alcança,
De que me servirá outra esperança?
Que glória tirarei de alheia palma?

IV

Tu que és bela e feliz, tu que tens por diadema
A dupla irradiação da beleza e do amor;
E sabes reunir, como o melhor poema,
Um desejo da terra e um toque do Senhor;

Tu que, como a ilusão, entre névoas deslizas
Aos versos do poeta um desvelado olhar,
Corina, ouve a canção das amorosas brisas,
Do poeta e da luz, das selvas e do mar.

AS BRISAS

Deu-nos a harpa eólia a excelsa melodia
Que a folhagem desperta e torna alegre a flor,
Mas que vale esta voz, ó musa da harmonia,
Ao pé da tua voz, filha da harpa do amor?

Diz-nos tu como houveste as notas do teu canto?
Que alma de serafim volteia aos lábios teus?
Donde houveste o segredo e o poderoso encanto
Que abre a ouvidos mortais a harmonia dos céus?

A LUZ

Eu sou a luz fecunda, alma da natureza;
Sou o vivo alimento à viva criação.
Deus lançou-me no espaço. A minha realeza
Vai até onde vai meu vívido clarão.

Mas, se derramo vida a Cibele fecunda,
Que sou eu ante a luz dos teus olhos? Melhor,
A tua é mais do céu, mais doce, mais profunda,
Se a vida vem de mim, tu dás a vida e o amor.

AS ÁGUAS

Do lume da beleza o berço celebrado
Foi o mar; Vênus bela entre espumas nasceu.
Veio a idade de ferro, e o nume venerado
Do venerado altar baqueou: — pereceu.

Mas a beleza és tu. Como Vênus marinha,
Tens a inefável graça e o inefável ardor.
Se paras, és um nume; andas, uma rainha.
E se quebras um olhar, és tudo isso e és amor.

Chamam-te as águas, vem! tu irás sobre a vaga.
A vaga, a tua mãe que te abre os seios nus,

Buscar adorações de uma plaga a outra plaga.
E das regiões da névoa às regiões da luz!

AS SELVAS

Um silêncio de morte entrou no seio às selvas.
Já não pisa Diana este sagrado chão;
Nem já vem repousar no leito destas relvas
Aguardando saudosa o amor e Endimião.

Da grande caçadora a um solícito aceno
Já não vem, não acode o grupo jovial;
Nem o eco repete a flauta de Sileno,
Após o grande ruído a mudez sepulcral.

Mas Diana aparece. A floresta palpita,
Uma seiva melhor circula mais veloz;
É vida que renasce, é vida que se agita;
À luz do teu olhar, ao som da tua voz!

O POETA

Também eu, sonhador, que vi correr meus dias
Na solene mudez da grande solidão,
E soltei, enterrando as minhas utopias,
O último suspiro e a última oração;

Também eu junto à voz da natureza,
E soltando o meu hino ardente e triunfal,
Beijarei ajoelhado as plantas da beleza,
E banharei minh'alma em tua luz, — Ideal!

Ouviste a natureza? Às súplicas e às mágoas
Tua alma de mulher deve de palpitar;
Mas que te não seduza o cântico das águas,
Não procures, Corina, o caminho do mar!

V

Guarda estes versos que escrevi chorando
Como um alívio à minha soledade,
Como um dever do meu amor; e quando
Houver em ti um eco de saudade,
Beija estes versos que escrevi chorando.

Único em meio das paixões vulgares,
Fui a teus pés queimar minh'alma ansiosa,
Como se queima o óleo ante os altares;
Tive a paixão indômita e ferosa,
Única em meio das paixões vulgares.

Cheio de amor, vazio de esperança,
Dei para ti os meus primeiros passos;
Minha ilusão fez-me, talvez, criança;
E eu pretendi dormir aos teus abraços,
Cheio de amor, vazio de esperança.

Refugiado à sombra do mistério
Pude cantar meu hino doloroso;
E o mundo ouviu o som doce ou funéreo
Sem conhecer o coração ansioso
Refugiado à sombra do mistério.

Mas eu que posso contra a sorte esquiva?
Vejo que em teus olhares de princesa
Transluz uma alma ardente e compassiva
Capaz de reanimar minha incerteza;
Mas eu que posso contra a sorte esquiva?

Como um réu indefeso e abandonado,
Fatalidade, curvo-me ao teu gesto;
E se a perseguição me tem cansado,
Embora, escutarei o teu aresto,
Como um réu indefeso e abandonado.

Embora fujas aos meus olhos tristes,
Minh'alma irá saudosa, enamorada,
Acercar-se de ti lá onde existes;
Ouvirás minha lira apaixonada,
Embora fujas aos meus olhos tristes.

Talvez um dia meu amor se extinga,
Como fogo de Vesta mal cuidado,
Que sem o zelo da Vestal não vinga;
Na ausência e no silêncio condenado
Talvez um dia meu amor se extinga.

Então não busques reavivar a chama.

Evoca apenas a lembrança casta
Do fundo amor daquele que não ama;
Esta consolação apenas basta;
Então não busques reavivar a chama.

Guarda estes versos que escrevi chorando,
Como um alívio à minha soledade,
Como um dever do meu amor; e quando
Houver em ti um eco de saudade,
Beija estes versos que escrevi chorando.

VI

Em vão! Contrário a amor é nada o esforço humano;
É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano.
Solta do chão abrindo as asas luminosas,
Minh'alma se ergue e voa às regiões venturosas,
Onde ao teu brando olhar, ó formosa Corina,
Reveste a natureza a púrpura divina!

Lá, como quando volta a primavera em flor,
Tudo sorri de luz, tudo sorri de amor;
Ao influxo celeste e doce da beleza,
Pulsa, canta, irradia e vive a natureza;
Mais lânguida e mais bela, a tarde pensativa
Desce do monte ao vale; e a viração lasciva
Vai despertar à noite a melodia estranha
Que falam entre si os olmos da montanha;
A flor tem mais perfume e a noite mais poesia;
O mar tem novos sons e mais viva ardentia;
A onda enamorada arfa e beija as areias,
Novo sangue circula, ó terra, em tuas veias!

O esplendor da beleza é raio criador:
Derrama a tudo a luz, derrama a tudo o amor.
Mas vê. Se o que te cerca é uma festa de vida,
Eu, tão longe de ti, sinto a dor mal sofrida
Da saudade que punge e do amor que lacera
E palpita e soluça e sangra e desespera.
Sinto em torno de mim a muda natureza
Respirando, como eu, a saudade e a tristeza;
É deste ermo que eu vou, alma desventurada,
Murmurar junto a ti a estrofe imaculada
Do amor que não perdeu, coa última esperança,

Nem o intenso fervor, nem a intensa lembrança.

Sabes se te eu amei, sabes se te amo ainda,
Do meu sombrio céu alma estrela bem-vinda!
Como divaga a abelha inquieta e sequiosa
Do cálice do lírio ao cálice da rosa,
Divaguei de alma em alma em busca deste amor;
Gota de mel divino, era divina a flor
Que o devia conter. Eras tu.

No delírio
De te amar — olvidei as lutas e o martírio;
Eras tu. Eu só quis, numa ventura calma,
Sentir e ver o amor através de uma alma;
De outras belezas vãs não valeu o esplendor,
A beleza eras tu: — tinhas a alma e o amor.
Pelicano do amor, dilacerei meu peito,
E com meu próprio sangue os filhos meus aleito;
Meus filhos: o desejo, a quimera, a esperança;
Por eles reparti minh'alma. Na provança
Ele não fraqueou, antes surgiu mais forte;
É que eu pus neste amor, neste último transporte,
Tudo o que vivifica a minha juventude:
O culto da verdade e o culto da virtude,
A vênua do passado e a ambição do futuro,
O que há de grande e belo, o que há de nobre e puro.

Deste profundo amor, doce e amada Corina,
Acorda-te a lembrança um eco de aflição?
Minh'alma pena e chora à dor que a desatina:
Sente tua alma acaso a mesma comoção?

Em vão! Contrário a amor é nada o esforço humano,
É nada o vasto espaço, é nada o vasto oceano!

Vou, sequioso espírito,
Cobrando novo alento,
N'asa veloz do vento
Correr de mar em mar;
Posso, fugindo ao cárcere,
Que à terra me tem preso,
Em novo ardor aceso,
Voar, voar, voar!

Então, se à hora lânguida
Da tarde que declina,
Do arbusto da colina
Beijando a folha e a flor,
A brisa melancólica
Levar-te entre perfumes
Uns tímidos queixumes
Ecos de mágoa e dor;

Então, se o arroio tímido
Que passa e que murmura
À sombra da espessura
Dos verdes salgueirais,
Mandar-te entre os murmúrios
Que solta nos seus giros,
Uns como que suspiros
De amor, uns ternos ais;

Então, se no silêncio
Da noite adormecida,
Sentires — mal dormida —
Em sonho ou em visão,
Um beijo em tuas pálpebras,
Um nome aos teus ouvidos,
E ao som de uns ais partidos
Pulsar teu coração;

Da mágoa que consome
O meu amor venceu;
Não tremas: — é teu nome,
Não fujas — que sou eu!

Última Folha

Musa, desce do alto da montanha
Onde aspiraste o aroma da poesia,
E deixa ao eco dos sagrados ermos
A última harmonia.

Dos teus cabelos de ouro, que beijavam
Na amena tarde as virações perdidas,
Deixa cair ao chão as alvas rosas
E as alvas margaridas.

Vês? Não é noite, não, este ar sombrio
Que nos esconde o céu. Inda no poente
Não quebra os raios pálidos e frios
O sol resplandecente.

Vês? Lá ao fundo o vale árido e seco
Abre-se, como um leito mortuário;
Espera-te o silêncio da planície,
Como um frio sudário.

Desce. Virá um dia em que mais bela,
Mais alegre, mais cheia de harmonias,
Voltes a procurar a voz cadente
Dos teus primeiros dias.

Então coroarás a ingênua fronte
Das flores da manhã, — e ao monte agreste,
Como a noiva fantástica dos ermos,
Irás, musa celeste!

Então, nas horas solenes
Em que o místico himeneu
Une em abraço divino
Verde a terra, azul o céu;

Quando, já finda a tormenta
Que a natureza enlutou,
Bafeja a brisa suave
Cedros que o vento abalou;

E o rio, a árvore e o campo,
A areia, a face do mar,
Parecem, como um concerto,
Palpitar, sorrir, orar;

Então sim, alma de poeta,
Nos teus sonhos cantarás
A glória da natureza
A ventura, o amor e a paz!

Ah! mas então será mais alto ainda;
Lá onde a alma do vate
Possa escutar os anjos,

E onde não chegue o vão rumor dos homens;

Lá onde, abrindo as asas ambiciosas,
Possa adejar no espaço luminoso,
Viver de luz mais viva e de ar mais puro,
Fartar-se do infinito!

Musa, desce do alto da montanha
Onde aspiraste o aroma da poesia,
E deixa ao eco dos sagrados ermos
A última harmonia.

Lúcia

1860

(Alfred de Musset)

Nós estávamos sós; era de noite;
Ela curvara a fronte, e a mão formosa,
Na embriaguez da cisma,
Tênuê deixava errar sobre o teclado;
Era um murmúrio; parecia a nota
De aura longínqua a resvalar nas balças
E temendo acordar a ave no bosque;
Em torno respiravam as boninas
Das noites belas as volúpias mornas;
Do parque os castanheiros e os carvalhos
Brando embalavam orvalhados ramos;
Ouvíamos a noite; entrefechada,
A rasgada janela
Deixava entrar da primavera os bálsamos;
A várzea estava erma e o vento mudo;
Na embriaguez da cisma a sós estávamos
E tínhamos quinze anos!

Lúcia era loira e pálida;
Nunca o mais puro azul de um céu profundo
Em olhos mais suaves refletiu-se.
Eu me perdia na beleza dela,
E aquele amor com que eu a amava — e tanto! —
Era assim de um irmão o afeto casto,
Tanto pudor nessa criatura havia!

Nem um som despertava em nossos lábios;
Ela deixou as suas mãos nas minhas;
Tíbia sombra dormia-lhe na fronte,
E a cada movimento — na minh'alma
Eu sentia, meu Deus, como fascinam
Os dous signos de paz e de ventura:
Mocidade da fronte
E primavera d'alma.
A lua levantada em céu sem nuvens
Com uma onda de luz veio inundá-la;
Ela viu sua imagem nos meus olhos,
Um riso de anjo desfolhou nos lábios
E murmurou um canto.

.....

Filha da dor, ó lânguida harmonia!
Língua que o gênio para amor criara —
E que, herdara do céu, nos deu a Itália!
Língua do coração — onde alva idéia,
— Virgem medrosa da mais leve sombra, —
Passa envolta num véu e oculta aos olhos!
Que ouvirá, que dirá nos teus suspiros
Nascidos do ar, que ele respira — o infante?
Vê-se um olhar, uma lágrima na face,
O resto é um mistério ignoto às turbas,
Como o do mar, da noite e das florestas!

Estávamos a sós e pensativos.
Eu contemplava-a. Da canção saudosa
Como que em nós estremecia um eco.
Ela curvou a lânguida cabeça...
Pobre criança! — no teu seio acaso
Desdêmona gemia? Tu choravas,
E em tua boca consentias triste
Que eu depusesse estremecido beijo;
Guardou-a a tua dor ciosa e muda:
Assim, beijei-te descorada e fria,
Assim, depois tu resvalaste à campa;
Foi, com a vida, tua morte um riso,
E a Deus voltaste no calor do berço.

Doces mistérios do singelo teto

Onde a inocência habita;
Cantos, sonhos d'amor, gozos de infante,
E tu, fascinação doce e invencível,
Que à porta já de Margarida, — o Fausto
Fez hesitar ainda,
Candura santa dos primeiros anos
Onde parais agora?

Paz à tua alma, pálida menina!
Ermo de vida, o piano em que tocavas
Já não acordará sob os teus dedos!

O Dilúvio

1863

*E caiu a chuva sobre a terra quarenta
dias e quarenta noites.*

GÊNESIS — cap.7, vers. 12

Do sol ao raio esplêndido,
Fecundo, abençoado,
A terra exausta e úmida
Surge, revive já;
Que a morte inteira e rápida
Dos filhos do pecado
Pôs termo à imensa cólera
Do imenso Jeová!

Que mar não foi! que túmidas
As águas não rolavam!
Montanhas e planícies
Tudo tornou-se um mar;
E nesta cena lúgubre
Os gritos que soavam
Era um clamor uníssono
Que a terra ia acabar.

Em vão, ó pai atônito,
Ao seio o filho estreitas;
Filhos, esposos, míseros,
Em vão tentais fugir!
Que as águas do dilúvio

Crescidas e refeitas,
Vão da planície aos píncaros
Subir, subir, subir!

Só, como a idéia única
De um mundo que se acaba,
Erma, boiava intrépida,
A arca de Noé;
Pura das velhas nódoas
De tudo o que desaba,
Leva no seio incólumes
A virgindade e a fé.

Lá vai! Que um vento alígero,
Entre os contrários ventos,
Ao lenho calmo e impávido
Abre caminho além...
Lá vai ! Em torno angústias,
Clamores e lamentos;
Dentro a esperança, os cânticos,
A calma, a paz e o bem.

Cheio de amor, solícito,
O olhar da divindade,
Vela os escapos náufragos
Da imensa aluvião.
Assim, por sobre o túmulo
Da extinta humanidade
Salva-se um berço; o vínculo
Da nova criação.

Íris, da paz o núncio,
O núncio do concerto,
Riso do Eterno em júbilo,
Nuvens do céu rasgou;
E a pomba, a pomba mística,
Voltando ao lenho aberto,
Do arbusto da planície
Um ramo despencou.

Ao sol e às brisas tépidas
Respira a terra um hausto,
Viçam de novo as árvores,
Brotam de novo a flor;

E ao som de nossos cânticos,
Ao fumo do holocausto
Desaparece a cólera
Do rosto do Senhor.

Fé

1863

*Mueveme enfin tu amor de tal manera
Que aunque no hubiera cielo yo te amara*

SANTA TERESA DE JESUS

As orações dos homens
Subam eternamente aos teus ouvidos;
Eternamente aos teus ouvidos soem
Os cânticos da terra.

No turvo mar da vida
Onde os parcéis do crime a alma naufraga,
A derradeira bússola nos seja,
Senhor, tua palavra.

A melhor segurança
Da nossa íntima paz, Senhor, é esta;
Esta a luz que há de abrir à estância eterna
O fúlgido caminho.

Ah! feliz o que pode,
No extremo adeus às cousas deste mundo,
Quando a alma, despida de vaidade,
Vê quanto vale a terra;

Quando das glórias frias
Que o tempo dá e o mesmo tempo some,
Despida já, — os olhos moribundos
Volta às eternas glórias;

Feliz o que nos lábios,
No coração, na mente põe teu nome,
E só por ele cuida entrar cantando
No seio do infinito.

A Caridade

1861

Ela tinha no rosto uma expressão tão calma
Como o sono inocente e primeiro de uma alma
Donde não se afastou ainda o olhar de Deus;
Uma serena graça, uma graça dos céus,
Era-lhe o casto, o brando, o delicado andar,
E nas asas da brisa iam-lhe a ondear
Sobre o gracioso colo as delicadas tranças.

Levava pelas mãos duas gentis crianças.

la caminho. A um lado ouve magoado pranto.
Parou. E na ansiedade ainda o mesmo encanto
Descia-lhe às feições. Procurou. Na calçada
À chuva, ao ar, ao sol, despida, abandonada
A infância lacrimosa, a infância desvalida,
Pedia leite e pão, amparo, amor, guarida.

E tu, ó caridade, ó virgem do Senhor,
No amoroso seio as crianças tomaste,
E entre beijos — só teus — o pranto lhes secaste
Dando-lhes pão, guarida, amparo, leite e amor.

A Jovem Cativa

1861

(André Chenier)

— “Respeita a foice a espiga que desponta;
Sem receio ao lagar o tenro pâmpano
Bebe no estio as lágrimas da aurora;
Jovem e bela também sou; turvada
A hora presente de infortúnio e tédio
Seja embora; morrer não quero ainda!

De olhos secos o estóico abrace a morte;
Eu choro e espero; ao vendaval que ruge
Curvo e levanto a tímida cabeça.
Se há dias maus, também os há felizes!

Que mel não deixa um travo de desgosto?
Que mar não incha a um temporal desfeito?

Tu, fecunda ilusão, vives comigo.
Pesa em vão sobre mim cárcere escuro,
Eu tenho, eu tenho as asas da esperança:
Escapa da prisão do algoz humano,
Nas campinas do céu, mais venturosa,
Mais viva canta e rompe a filomela.

Deve acaso morrer? Tranqüila durmo,
Tranqüila velo; e a fera do remorso
Não me perturba na vigília ou sono;
Terno afago me ri nos olhos todos
Quando apareço, e as fronte abatidas
Quase reanima um desusado júbilo.

Desta bela jornada é longe o termo.
Mal começo; e dos olmos do caminho
Passei apenas os primeiros olmos.
No festim em começo da existência
Um só instante os lábios meus tocaram
A taça em minhas mãos ainda cheia.

Na primavera estou, quero a colheita
Ver ainda, e bem como o rei dos astros,
De sação em sação findar meu ano.
Viçosa sobre a haste, honra das flores,
Hei visto apenas da manhã serena
Romper a luz, — quero acabar meu dia.

Morte, tu podes esperar; afasta-te!
Vai consolar os que a vergonha, o medo,
O desespero pálido devora.
Pales inda me guarda um verde abrigo,
Ósculos o amor, as musas harmonias;
Afasta-te, morrer não quero ainda!” —

Assim, triste e cativa, a minha lira
Despertou escutando a voz magoada
De uma jovem cativa; e sacudindo
O peso de meus dias langorosos,
Acomodei à branda lei do verso
Os acentos da linda e ingênua boca.

Sócios meus de meu cárcere, estes cantos
Farão a quem os ler buscar solícito
Quem a cativa foi; ria-lhe a graça
Na ingênua frente, nas palavras meigas;
De um termo à vinda há de tremer, como ela,
Quem aos seus dias for casar seus dias.

No Limiar

1863

Caía a tarde. Do infeliz à porta,
Onde mofino arbusto aparecia,
De tronco seco e de folhagem morta,

Ele que entrava e Ela que saía
Um instante pararam; um instante
Ela escutou o que Ele lhe dizia;

— “Que fizeste? Teu gesto insinuante
Que lhe ensinou? Que fé lhe entrou no peito
Ao mago som da tua voz amante?”

“Quando lhe ia o temporal desfeito
De que raio de sol o mantiveste?
E de que flores lhe forraste o leito?”

Ela, volvendo o olhar brando e celeste,
Disse: “— Varre-lhe a alma desolada,
Que nem um ramo, uma só flor lhe reste!

“Torna-lhe, em vez da paz abençoada,
Uma vida de dor e de miséria,
Uma morte contínua e angustiada.

“Essa é a tua missão torva e funérea.
Eu procurei no lar do infortunado
Dos meus olhos verter-lhe a luz etérea.

“Busquei fazer-lhe um leito semeado
De rosas festivas, onde tivesse
Um sono sem tortura nem cuidado.

“E por que o céu que mais se lhe enegrece,
Tivesse algum reflexo de ventura
Onde o cansado olhar esparecesse,

“Uma réstia de luz suave e pura
Fiz-lhe descer à erma fantasia,
De mel ungi-lhe o cálix da amargura.

“Foi tudo vão, — Foi tudo vã porfia,
A aventura não veio. A tua hora
Chega na hora que termina o dia.

“Entra”. — E o virgíneo rosto que descora
Nas mãos esconde. Nuvens que correram
Cobrem o céu que o sol já mal colora.

Ambos, com um olhar se compreenderam.
Um penetrou no lar com passo ufano;
Outra tomou por um desvio. Eram:
Ela a Esperança, Ele o Desengano.

Aspiração

1862

A F. X. DE NOVAIS

*Qu'aperçois-tu, mon âme? Au fond, n'est-ce-pas Dieu?
Tu vais à lui...*

V. DE LAPRADE

Sinto que há na minh'alma um vácuo imenso e fundo,
E desta meia morte o frio olhar do mundo
Não vê o que há de triste e de real em mim;
Muita vez, ó poeta, a dor é casta assim;
Refolha-se, não diz no rosto o que ela é,
E nem que o revelasse, o vulgo não põe fé
Nas tristes comoções da verde mocidade,
E responde sorrindo à cruel realidade.

Não assim tu, ó alma, ó coração amigo;

Nu, como a consciência, abro-me aqui contigo;
Tu que corres, como eu, na vereda fatal
Em busca do mesmo alvo e do mesmo ideal.
Deixemos que ela ria, a turba ignara e vã;
Nossas almas a sós, como irmão junto a irmã,
Em santa comunhão, sem cárcere, nem véus,
Conversarão no espaço e mais perto de Deus.

Deus quando abre ao poeta as portas desta vida
Não lhe depara o gozo e a glória apetecida;
Traja de luto a folha em que lhe deixa escritas
A suprema saudade e as dores infinitas.
Alma errante e perdida em um fatal desterro,
Neste primeiro e fundo e triste limbo do erro,
Chora a pátria celeste, o foco, o cetro, a luz,
Onde o anjo da morte, ou da vida, o conduz,
No dia festival do grande livramento;
Antes disso, a tristeza, o sombrio tormento,
O torvo azar, e mais, a torva solidão,
Embaciam-lhe n'alma o espelho da ilusão.

O poeta chora e vê perderem-se esfolhadas
Da verde primavera as flores tão cuidadas;
Rasga, como Jesus, no caminho das dores,
Os lassos pés; o sangue umedece-lhe as flores
Mortas ali, — e a fé, a fé mãe, a fé santa,
Ao vento impuro e mau que as ilusões quebranta,
Na alma que ali se vai muitas vezes vacila...

Oh! feliz o que pode, alma alegre e tranqüila,
A esperança vivaz e as ilusões floridas,
Atravessar cantando as longas avenidas
Que levam do presente ao secreto porvir!
Feliz esse! Esse pode amar, gozar, sentir,
Viver enfim! A vida é o amor, é a paz,
É a doce ilusão e a esperança vivaz;
Não esta do poeta, esta que Deus nos pôs
Nem como inútil fardo, antes como um algoz.

O poeta busca sempre o almejado ideal...
Triste e funesto afã! tentativa fatal!
Nesta sede de luz, nesta fome de amor,
O poeta corre à estrela, à brisa, ao mar, à flor;
Quer ver-lhe a luz na luz da estrela peregrina,

Quer-lhe o cheiro aspirar na rosa da campina,
Na brisa o doce alento, a voz na voz do mar,
Ó inútil esforço! Ó ímprobo lutar!
Em vez da luz, do aroma, ou do alento ou da voz,
Acha-se o nada, o torvo, o impassível algoz!

Onde te escondes, pois, ideal da ventura?
Em que canto da terra, em que funda espessura
Foste esconder, ó fada, o teu esquivo lar?
Dos homens esquecido, em ermo recatado,
Que voz do coração, que lágrima, que brado
Do sono em que ora estás te virá despertar?

A esta sede de amar só Deus conhece a fonte?
Jorra ele ainda além deste fundo horizonte
Que a mente não calcula, e onde se perde o olhar?
Que asas nos deste, ó Deus, para transpor o espaço?
Ao ermo do desterro inda nos prende um laço:
Onde encontrar a mão que o venha desatar?

Creio que só em ti há essa luz secreta,
Essa estrela polar dos sonhos do poeta,
Esse alvo, esse termo, esse mago ideal;
Fonte de todo o ser e fonte da verdade,
Nós vamos para ti, e em tua imensidade
É que havemos de ter o repouso final.

É triste quando a vida, erma, como esta, passa,
E quando nos impele o sopro da desgraça
Longe de ti, ó Deus, e distante do amor!
Mas guardemos, poeta, a melhor esperança:
Sucederá a glória à salutar provança:
O que a terra não deu, dar-nos-á o Senhor!

Cleópatra

Canto de um escravo

(Mme. Emile de Girardin)

Filha pálida da noite,
Nume feroz de inclemência,
Sem culto nem reverência,

Nem crentes e nem altar,
A cujos pés descarnados...
A teus negros pés, ó morte!
Só enjeitados da sorte
Ousam frios implorar;

Toma a tua foice aguda,
A arma dos teus furores;
Venho c'roadado de flores
Da vida entregar-te a flor;
É um feliz que te implora
Na madrugada da vida,
Uma cabeça perdida
E perdida por amor.

Era rainha e formosa,
Sobre cem povos reinava,
E tinha uma turba escrava
Dos mais poderosos reis.
Eu era apenas um servo,
Mas amava-a tanto, tanto,
Que nem tinha um desencanto
Nos seus desprezos cruéis.

Vivia distante dela
Sem falar-lhe nem ouvi-la;
Só me vingava em segui-la
Para a poder contemplar;
Era uma sombra calada
Que oculta força levava,
E no caminho a aguardava
Para saudá-la e passar.

Um dia veio ela às fontes
Ver os trabalhos... não pude,
Fraqueou minha virtude,
Caí-lhe tremendo aos pés.
Todo o amor que me devora,
Ó Vênus, o íntimo peito,
Falou naquele respeito,
Falou naquela mudez.

Só lhe conquistam amores
O herói, o bravo, o triunfante;

E que coroa radiante
Tinha eu para oferecer?
Disse uma palavra apenas
Que um mundo inteiro continha:
— Sou um escravo, rainha,
Amo-te e quero morrer.

E a nova Ísis que o Egito
Adora curvo e humilhado
O pobre servo curvado
Olhou lânguida a sorrir;
Vi Cleópatra, a rainha,
Tremor pálido em meu seio;
Morte, foi-se-me o receio,
Aqui estou, podes ferir.

Vem! que as glórias insensatas
Das convulsões mais lascivas,
As fantasias mais vivas,
De mais febre e mais ardor,
Toda a ardente ebriedade
Dos seus reais pensamentos,
Tudo gozei uns momentos
Na minha noite de amor.

Pronto estou para a jornada
Da estância escura e escondida;
O sangue, o futuro, a vida
Dou-te, ó morte, e vou morrer;
Uma graça única — peço
Como última esperança:
Não me apagues a lembrança
Do amor que me fez viver.

Beleza completa e rara
Deram-lhe os numes amigos;
Escolhe dos teus castigos
O que infundir mais terror,
Mas por ela, só por ela
Seja o meu padecimento
E tenha o intenso tormento
Na intensidade do amor.

Deixa alimentar teus corvos

Em minhas carnes rasgadas,
Venham rochas despenhadas
Sobre o meu corpo rolar,
Mas não me tires dos lábios
Aquele nome adorado,
E ao meu olhar encantado
Deixa essa imagem ficar.

Posso sofrer os teus golpes
Sem murmurar da sentença;
A minha ventura é imensa
E foi em ti que eu a achei;
Mas não me apagues na fronte
Os sulcos quentes e vivos
Daqueles beijos lascivos
Que já me fizeram rei.

Os Arlequins

Sátira

1864

*Que deviendra dans l'éternité l'âme d'un
homme qui a fait Polichinelle toute sa vie?*

MME. DE STAËL

Musa, depõe a lira!
Cantos de amor, cantos de glória esquece!
Novo assunto aparece
Que o gênio move e a indignação inspira.
Esta esfera é mais vasta,
E vence a letra nova a letra antiga!
Musa, toma a vergasta,
E os arlequins fustiga!

Como aos olhos de Roma,
— Cadáver do que foi, pálido império
De Caio e de Tibério, —
O filho de Agripina ousado assoma;
E a lira sobraçando,
Ante o povo idiota e amedrontado,

Pedia, ameaçando,
O aplauso acostumado;

E o povo que beijava
Outrora ao deus Calígula o vestido,
De novo submetido
Ao régio saltimbanco o aplauso dava.
E tu, tu não te abrias,
Ó céu de Roma, à cena degradante!
E tu, tu não caías,
Ó raio chamejante!

Tal na história que passa
Neste de luzes século famoso,
O engenho portentoso
Sabe iludir a néscia população;
Não busca o mal tecido
Canto de outrora; a moderna insolência
Não encanta o ouvido,
Fascina a consciência!

Vede; o aspecto vistoso,
O olhar seguro, altivo e penetrante,
E certo ar arrogante
Que impõe com aparências de assombroso;
Não vacila, não tomba,
Caminha sobre a corda firme e alerta;
Tem consigo a maromba
E a ovação é certa.

Tamanha gentileza,
Tal segurança, ostentação tão grande,
A multidão expande
Com ares de legítima grandeza.
O gosto pervertido
Acha o sublime neste abatimento,
E dá-lhe agradecido
O louro e o monumento.

Do saber, da virtude,
Logra fazer, em prêmio dos trabalhos,
Um manto de retalhos
Que à consciência universal ilude.
Não cora, não se peja

Do papel, nem da máscara indecente,
E ainda inspira inveja
Esta glória insolente!

Não são contrastes novos;
Já vêm de longe; e de remotos dias
Tornam em cinzas frias
O amor da pátria e as ilusões dos povos.
Torpe ambição sem peias
De mocidade em mocidade corre,
E o culto das idéias
Treme, convulsa e morre.

Que sonho apetecido
Leva o ânimo vil a tais empresas?
O sonho das baixezas:
Um fumo que se esvai e um vão ruído;
Uma sombra ilusória
Que a turba adora ignorante e rude;
E a esta infausta glória
Imola-se a virtude.

A tão estranha liça
Chega a hora por fim do encerramento,
E lá soa o momento
Em que reluz a espada da justiça.
Então, musa da história,
Abres o grande livro, e sem detença
À envilecida glória
Fulminas a sentença.

As Ondinas

(Noturno de H. Heine)

Beijam as ondas a deserta praia;
Cai do luar a luz serena e pura;
Cavaleiro na areia reclinado
Sonha em hora de amor e de ventura.

As ondinas, em nívea gaze envoltas,
Deixam do vasto mar o seio enorme;

Tímidas vão, acercam-se do moço,
Olham-se e entre si murmuram: “Dorme!”

Uma — mulher enfim — curiosa palpa
De seu penacho a pluma flutuante,
Outra procura decifrar o mote
Que traz escrito o escudo rutilante.

Esta, risonha, olhos de vivo fogo,
Tira-lhe a espada límpida e lustrosa,
E, apoiando-se nela, a contemplá-la
Perde-se toda em êxtase amorosa.

Fita-lhe aquela namorados olhos,
E, após girar-lhe em torno embriagada,
Diz: “Que formoso estás, ó flor da guerra,
Quanto te eu dera por te ser amada!”

Uma, tomando a mão ao cavaleiro,
Um beijo imprime-lhe; outra, duvidosa,
Audaz por fim, a boca adormecida
Casa num beijo à boca desejosa.

Faz-se de sonso o jovem; caladinho
Finge do sono o plácido desmaio,
E deixa-se beijar pelas ondinas
Da branca lua ao doce e brando raio.

Maria Duplessis

(A. Dumas Filho)

1859

Fiz promessa, dizendo-te que um dia
Eu iria pedir-te o meu perdão;
Era dever ir abraçar primeiro
A minha doce e última afeição.

E quando ia apagar tanta saudade
Encontrei já fechada a tua porta;
Soube que uma recente sepultura
Muda fechava a tua frente morta.

Soube que, após um longo sofrimento,
Agravara-se a tua enfermidade;
Viva esperança que eu nutria ainda
Despedaçou cruel fatalidade.

Vi, apertado de fatais lembranças,
A escada que eu subira tão contente;
E as paredes, herdeiras do passado,
Que vêm falar dos mortos ao vivente.

Subi e abri com lágrimas a porta
Que ambos abrimos a chorar um dia;
E evoquei o fantasma da ventura
Que outrora um céu de rosas nos abria

Sentei-me à mesa, onde contigo outrora
Em noites belas de verão ceava;
Desses amores plácidos e amenos
Tudo ao meu triste coração falava.

Fui ao teu camarim, e vi-o ainda
Brilhar com o esplendor das mesmas cores;
E pousei meu olhar nas porcelanas
Onde morriam inda algumas flores...

Vi aberto o piano em que tocavas;
Tua morte o deixou mudo e vazio,
Como deixa o arbusto sem folhagem,
Passando pelo vale, o ardente estio.

Tornei a ver o teu sombrio quarto
Onde estava a saudade de outros dias...
Um raio iluminava o leito ao fundo
Onde, rosa de amor, já não dormias.

As cortinas abri que te amparavam
Da luz mortíça da manhã, querida,
Para que um raio depusesse um toque
De prazer em tua fronte adormecida.

Era ali que, depois da meia-noite,
Tanto amor nós sonhávamos outrora;
E onde até o raiar da madrugada

Ouvíamos bater hora por hora!

Então olhavas tu a chama ativa
Correr ali no lar, como a serpente;
É que o sono fugia de teus olhos
Onde já te queimava a febre ardente.

Lembras-te agora, nesse mundo novo,
Dos gozos desta vida em que passaste?
Ouves passar, no túmulo em que dormes,
A turba dos festins que acompanhaste?

A insônia, como um verme em flor que murcha,
De contínuo essas faces desbotava;
E pronta para amores e banquetes
Conviva e cortesã te preparava.

Hoje, Maria, entre virentes flores,
Dormes em doce e plácido abandono;
A tua alma acordou mais bela e pura,
E Deus pagou-te o retardado sono.

Pobre mulher! em tua última hora
Só um homem tiveste à cabeceira;
E apenas dous amigos dos de outrora
Foram levar-te à cama derradeira.

As Rosas

A Caetano Filgueiras

Rosas que desabrochais,
Como os primeiros amores,
Aos suaves resplendores
Matinais;

Em vão ostentais, em vão,
A vossa graça suprema;
De pouco vale; é o diadema
Da ilusão.

Em vão encheis de aroma o ar da tarde;
Em vão abris o seio úmido e fresco

Do sol nascente aos beijos amorosos;
Em vão ornais a fronte à meiga virgem;
Em vão, como penhor de puro afeto,
Como um elo das almas,
Passais do seio amante ao seio amante;
Lá bate a hora infausta
Em que é força morrer; as folhas lindas
Perdem o viço da manhã primeira,
As graças e o perfume.
Rosas, que sois então? — Restos perdidos,
Folhas mortas que o tempo esquece, e espalha
Brisa do inverno ou mão indiferente.

Tal é o vosso destino,
Ó filhas da natureza;
Em que vos pese à beleza,
Pereceis;
Mas, não... Se a mão de um poeta
Vos cultiva agora, ó rosas,
Mais vivas, mais jubilosas,
Floresceis.

Os Dous Horizontes

1863

A M. Ferreira Guimarães

Dous horizontes fecham nossa vida:

Um horizonte, — a saudade
Do que não há de voltar;
Outro horizonte, — a esperança
Dos tempos que hão de chegar;
No presente, — sempre escuro, —
Vive a alma ambiciosa
Na ilusão voluptuosa
Do passado e do futuro.

Os doces brincos da infância
Sob as asas maternas,
O vôo das andorinhas,
A onda viva e os rosais;

O gozo do amor, sonhado
Num olhar profundo e ardente,
Tal é na hora presente
O horizonte do passado.

Ou ambição de grandeza
Que no espírito calou,
Desejo de amor sincero
Que o coração não gozou;
Ou um viver calmo e puro
À alma convalescente,
Tal é na hora presente
O horizonte do futuro.

No breve correr dos dias
Sob o azul do céu, — tais são
Limites no mar da vida:
Saudade ou aspiração;
Ao nosso espírito ardente,
Na avidez do bem sonhado,
Nunca o presente é passado,
Nunca o futuro é presente.

Que cismas, homem? — Perdido
No mar das recordações,
Escuto um eco sentido
Das passadas ilusões.
Que buscas, homem? — Procuro,
Através da imensidade,
Ler a doce realidade
Das ilusões do futuro.

Dous horizontes fecham nossa vida.

Monte Alverne

1858

Ao padre-mestre A. J. da Silveira Sarmiento

Morreu! — Assim baqueia a estátua erguida
No alto do pedestal;
Assim o cedro das florestas virgens

Cai pelo embate do corcel dos ventos
Na hora do temporal...

Morreu! — Fechou-se o pórtico sublime
De um paço secular;
Da mocidade a romaria augusta
Amanhã ante as pálidas ruínas
Há de vir meditar!

Tinha na frente de profeta ungido
A inspiração do céu.
Pela escada do púlpito moderno
Subiu outrora festival mancebo
E Bossuet desceu!

Ah! que perdeste num só homem, claustro!
Era uma augusta voz;
Quando essa boca divinal se abria,
Mais viva a crença dissipava n'alma
Uma dúvida atroz!

Era tempo? — a argila se alquebrava
Num áspero crisol;
Corrido o véu pelos cansados olhos
Nem via o sol que lhe contava os dias,
Ele — fecundo sol!

A doença o prendia ao leito infausto
Da derradeira dor;
A terra reclamava o que era terra,
E o gelo dos invernos coroava
A frente do orador.

Mas lá dentro o espírito fervente
Era como um fanal;
Não, não dormia nesse régio crânio
A alma gentil do Cícero dos púlpitos,
— Cuidadosa Vestal!

Era tempo! — O romeiro do deserto
Pára um dia também;
E ante a cidade que almejou por anos
Desdobra um riso nos doridos lábios,
Descansa e passa além!

Caíste! — Mas foi só a argila, o vaso,
Que o tempo derrubou;
Não todo à essa foi teu vulto olímpico;
Como deixa o cometa uma áurea cauda,
A lembrança ficou!

O que hoje resta era a terrena púrpura
Daquele gênio-rei;
A alma voou ao seio do infinito,
Voltou à pátria das divinas glórias
O apóstolo da lei.

Pátria, curva o joelho ante esses restos
Do orador imortal!
Por esses lábios não falava um homem.
Era uma geração, um século inteiro,
Grande, monumental!

Morreu! — Assim baqueia a estátua erguida
No alto do pedestal;
Assim o cedro das florestas virgens
Cai pelo embate do corcel dos ventos
Na hora do temporal!

As Ventoinhas

1863

*Com seus olhos vaganaus,
Bons de dar, bons de tolher.*

SÁ DE MIRANDA

A mulher é um cata-vento,
Vai ao vento,
Vai ao vento que soprar;
Como vai também ao vento
Turbulento,
Turbulento e incerto o mar.

Sopra o sul; a ventoinha
Volta asinha,

Volta asinha para o sul;
Vem taful; a cabecinha
 Volta asinha,
Volta asinha ao meu taful.

Quem lhe puser confiança,
 De esperança,
De esperança mal está;
Nem desta sorte a esperança
 Confiança,
Confiança nos dará.

Valera o mesmo na areia
 Rija ameia,
Rija ameia construir;
Chega o mar e vai a ameia
 Com a areia,
Com a areia confundir.

Ouçó dizer de umas fadas
 Que abraçadas,
Que abraçadas como irmãs,
Caçam almas descuidadas...
 Ah! que fadas!
Ah que fadas tão vilãs!

Pois, como essas das baladas,
 Umas fadas,
Umas fadas dentre nós,
Caçam, como nas baladas;
 E são fadas,
E são fadas de alma e voz.

É que — como o cata-vento,
 Vão ao vento,
Vão ao vento que lhes der;
Cedem três cousas ao vento:
 Cata-vento,
Cata-vento, água e mulher.

Alpujarra

(Mickiewicz)

1862

Jaz em ruínas o torrão dos mouros;
Pesados ferros o infiel arrasta;
Inda resiste a intrépida Granada;
Mas em Granada a peste assola os povos.

Cum punhado de heróis sustenta a luta
Fero Almansor nas torres de Alpujarra;
Flutua perto a hispânica bandeira;
Há de o sol d'amanhã guiar o assalto.

Deu sinal, ao romper do dia, o bronze;
Arrasam-se trincheiras e muralhas;
No alto dos minaretes erguem-se as cruzes;
Do castelhano a cidadela é presa.

Só, e vendo as coortes destroçadas,
O valente Almansor após a luta
Abre caminho entre as inimigas lanças,
Foge e ilude os cristãos que o perseguiram.

Sobre as quentes ruínas do castelo,
Entre corpos e restos da batalha,
Dá um banquete o Castelhana, e as presas
E os despojos pelos seus reparte.

Eis que o guarda da porta fala aos chefes:
“Um cavaleiro, diz, de terra estranha
Quer falar-vos; — notícias importantes
Declara que vos traz, e urgência pede”.

Era Almansor, o emir dos Muçulmanos,
Que, fugindo ao refúgio que buscara,
Vem entregar-se às mãos do Castelhana,
A quem só pede conservar a vida.

“Castelhanos”, exclama, o emir vencido
No limiar do vencedor se prostra;
Vem professar a vossa fé e culto
E crer no verbo dos profetas vossos.

“Espalhe a fama pela terra toda
Que um árabe, que um chefe de valentes,
Irmão dos vencedores quis tornar-se,
E vassalo ficar de estranho cetro!”

Cala no ânimo nobre ao Castelhana
Um ato nobre... O chefe comovido,
Corre a abraçá-lo, e à sua vez os outros
Fazem o mesmo ao novo companheiro.

Às saudações responde o emir valente
Com saudações. Em cordial abraço
Aperta ao seio o comovido chefe,
Toma-lhe das mãos e pende-lhe dos lábios.

Súbito cai, sem forças, nos joelhos;
Arranca do turbante, e com mão trêmula
O enrola aos pés do chefe admirado,
E junto dele arrasta-se por terra.

Os olhos volve em torno e assombra a todos:
Tinha azuladas, lívidas as faces,
Torcidos lábios por feroz sorriso,
Injetados de sangue ávidos olhos.

“Desfigurado e pálido me vedes,
Ó infiéis! Sabeis o que vos trago?
Enganei-vos: eu volto de Granada,
E a peste fulminante aqui vos trouxe”.

Ria-se ainda — morto já — e ainda
Abertos tinha as pálpebras e os lábios;
Um sorriso infernal de escárnio impresso
Deixara a morte nas feições do morto.

Da medonha cidade os castelhanos
Fogem. A peste os segue. Antes que a custo
Deixado houvessem de Alpujarra a serra,
Sucumbiram os últimos soldados.

Versos a Corina

[Fragmento de III]

Que valem glórias vãs? A glória, a melhor glória
É esta que nos orna a poesia da história;
É a glória do céu, e a glória do amor.
É Tasso eternizando a princesa Leonor;
É Lídia ornando a lira ao venusino Horácio;
É a doce Beatriz, flor e honra do Lácio,
Seguindo além da vida as viagens do Dante;
É do cantor do Gama o hino triste e amante
Levando à eternidade o amor de Catarina;
É o amor que une Ovídio à formosa Corina;
O de Cíntia a Propércio, o de Lésbia a Catulo;
O da divina Délia ao divino Tibulo.
Esta a glória que fica, eleva, honra e consola;
Outra não há melhor. Se faltar esta esmola,
Corina, ao teu poeta, e se a doce ilusão,
Com que se alenta e vive o amante coração,
Deixar-lhe um dia o céu azul, tão tranqüilo,
Nenhuma glória mais há de nunca atraí-lo.
Irá longe do mundo e dos seus vãos prazeres,
Viver na solidão a vida de outros seres,
Vegetar como o arbusto, e murchar, como a flor,
Como um corpo sem alma ou alma sem amor.

Embirração

(A Machado de Assis)

A balda alexandrina é poço imenso e fundo,
Onde poetas mil, flagelo deste mundo,
Patinham sem parar, chamando lá por mim.
Não morrerão, se um verso, estiradinho assim,
Da beira for do poço, extenso como ele é,
Levar-lhes grosso anzol; então eu tenho fé
Que volte um afogado, à luz da mocidade,
A ver no mundo seco a seca realidade.

Por eles, e por mim, receio, caro amigo;
Permite o desabafo aqui, a sós contigo,
Que à moda fazer guerra, eu sei quanto é fatal;
Nem vence o positivo o frívolo ideal;
Despótica em seu mando, é sempre fátua e vã,
E até da vã loucura a moda é prima-irmã:

Mas quando venha o senso erguer-lhe os densos véus,
Do verso alexandrino há de livrar-nos Deus.

Deus quando abre ao poeta as portas desta vida,
Não lhe depara o gozo e a glória apetecida;
E o triste, se morreu, deixando mal escritas
Em verso alexandrino histórias infinitas,
Vai ter lá noutra vida insípido desterro,
Se Deus, por compaixão, não dá perdão ao erro;
Fechado em quarto escuro, à noite não tem luz,
E se é cá do meu gosto o guarda que o conduz,
Debalde, imerso em pranto, implora o livramento;
Não torna a ser, aqui, das Musas o tormento;
Castigo alexandrino, eterna solidão,
Terá lá no desterro, em prêmio da ilusão;
Verá queimar, à noite, as rosas esfolhadas,
Que a moda lhe ofertara, e trouxe tão cuidadas,
E ao pé do fogo intenso, ardendo em cruas dores,
Verá que versos tais são galhos, não dão flores;
Que, lendo-os a pedido, a criatura santa,
A paciência lhe foge, a fé se lhe quebranta,

Se vai dum verso ao fim; depois... treme... vacila...
Dormindo, cai no chão; mais tarde, já tranqüila,
Sonha com *verso-verso*, e as ilusões floridas,
Risonhas, vem mostrar-lhe as largas avenidas
Que o longo verso-prosa oculta, do porvir!
Sonhando, ao menos, pode amar, gozar, sentir,
Que um sono alexandrino a deixa ali em paz,
Dormir... dormir... dormir... erguer-se, enfim, vivaz,
Bradando: "Clorofórmio! O gênio que te pôs.
A palma cede ao metro esguio, teu algoz!"

*E aspiras, vate, assim, da glória ao ideal?
Triste e funesto afã!... tentativa fatal!
Nesta sede de luz, nesta fome de amor,
O poeta corre a estrela, à brisa, ao mar, à flor;
Quer ver-lhe a luz na luz da estrela peregrina,
Quer-lhe o aroma sentir na rosa da campina,
Na brisa o doce alento, a voz na voz do mar;
Ó inútil esforço! Ó é improbo luta!
Em vez da luz, do aroma, ou do alento, ou da voz,
O verso alexandrino, o impassível algoz!...*

Não cantas a tristeza, e menos a ventura;
Que em vez do sabiá gemendo na espessura,
Imitarás, no canto, o grilo atrás do lar;
Mas desse estreito asilo, escuro e recatado,
Alegre hás de fugir, que erguendo altivo brado,
A lírica harmonia há de ir-te despertar!

Verás de novo aberta a copiosa fonte!
Da poesia verás tão lúcido o horizonte,
Que a mente não calcula, e onde se perde o olhar,
Que nas asas do gênio, a voar pelo espaço,
Da perna sacudindo o alexandrino laço,
Hás de a mão bendizer que o soube desatar.

Do precipício foge, e segue a luz secreta,
Essa estrela polar dos sonhos do poeta;
Mas, noutro verso, amigo, onde ao mago ideal
A música se ligue, o senso e a verdade;
— Num destes vai-se, a ler, da vida a imensidade,
Da sílaba primeira à sílaba final!

Meu Deus! Esta existência é transitória e passa;
Se fraco fui aqui, pecando por desgraça;
Se já não tenho jus ao vosso puro amor;
Se nem da salvação nutrir posso a esperança,
Quero em chamas arder, sofrer toda a provança:
— Ler verso alexandrino... Oh! isso não Senhor!

F.X. de Novaes

POSFÁCIO

CARTA AO DR. CAETANO FILGUEIRAS

Meu amigo. Agora que o leitor frio e severo pôde comparar o meu pobre livro com a tua crítica benévola e amiga, deixa-me dizer-te rapidamente duas palavras.

Recordaste os nossos amigos, poetas na adolescência, hoje idos para sempre dos nossos olhos e da glória que os esperava. Tão piedosa evocação será o paládio do meu livro, como o é a tua carta de recomendação.

Vai longe esse tempo. Guardo a lembrança dele, tão viva como a saudade que ainda sinto, mas já sem aquelas ilusões que o tornavam tão doce ao nosso espírito. O tempo não corre em vão para os que desde o berço foram condenados ao duelo infausto entre a aspiração e a realidade. Cada ano foi uma lufada que desprende da árvore da mocidade, não só uma alma querida, como uma ilusão consoladora.

A tua pena encontrou expressões de verdade e de sentimento para descrever as nossas confabulações de poetas, tão serenas e tão íntimas.

Tiveste o condão de transportar-me a essas práticas da adolescência poética; lendo a tua carta pareceu-me ouvir aqueles que hoje repousam nos seus túmulos, e ouvindo dentro de mim um ruído de aplauso sincero às tuas expressões, afigurava-se-me que eram eles que te aplaudiam, como no outro tempo, na tua pequena e faceira salinha.

Essa recordação bastava para felicitar o meu livro. Mas onde não vai a amizade e a crítica benevolente? Foste além: — traduziste para o papel as tuas impressões que eu, — mesmo despido desta modéstia oficial dos preâmbulos e dos epílogos, — não posso deixar de aceitar como parciais e filhas do coração. Bem sabes como o coração pode levar a injustiças involuntárias, apesar de todo o empenho em manter uma imparcialidade perfeita.

Não, o meu livro não vai aparecer como o resultado de uma vocação superior. Confesso o que me falta que é para ter direito de reclamar o pouco que possuo. O meu livro é esse pouco que tu caracterizaste tão bem atribuindo os meus versos a um desejo secreto de expansão; não curo de escolas ou teorias; no culto das musas não sou um sacerdote, sou um fiel obscuro da vasta multidão dos fiéis. Tal sou eu, tal deve ser apreciado o meu livro; nem mais, nem menos.

Foi assim que eu cultivei a poesia. Se cometi um erro, tenho cúmplices, tu e tantos outros, mortos, e ainda vivos. Animaram-me, e bem sabes o que vale

uma animação para os infantes da poesia. Muitas vezes é a sua perdição. Sê-lo-ia para mim? O público que responda.

Não incluí neste volume todos os meus versos. Faltou-me o tempo para coligir e corrigir muitos deles, filhos das primeiras incertezas. Vão porém todos, ou quase todos os versos de recente data. Se um escrúpulo de não acumular muita coisa sem valor me não detivesse, este primeiro volume sairia menos magro do que é; entre os dois inconvenientes preferi o segundo.

Como sabes, publicando os meus versos cedo às solicitações de alguns amigos, a cuja frente te puseste. Devo declará-lo, para que não recaia sobre mim exclusivamente a responsabilidade do livro. Denuncio os cúmplices para que sofram a sentença.

Não te bastou animar-me a realizar esta publicação; a tua lealdade quis que tomasses parte no cometimento, e com a tua própria firma selaste a tua confissão. Agradeço-te o ato e o modo por que o praticaste. E se a tua bela carta não puder salvar o meu livro de um insucesso fatal, nem por isso deixarei de estender-te amigável e fraternalmente a mão.

MACHADO DE ASSIS
RIO DE JANEIRO, 1º DE SETEMBRO
DE 1864

NOTAS DO AUTOR

Os versos que se seguem, na primeira edição das “Crisálidas”, faziam parte da poesia “Versos a Corina”, e vinham precedidos de três asteriscos indicativos de pausa, após a série de quadras que termina:

És tu a maior glória de minha alma,
Se o meu amor profundo não te alcança,
De que me servirá outra esperança?
Que glória tirarei de alheia palma?

Que valem glórias vãs? A glória, a melhor glória,
É esta que nos orna a poesia da história;
É a glória do céu, e a glória do amor.
É Tasso eternizando a princesa Leonor;
É Lívia ornando a lira ao venusino Horácio;
É a doce Beatriz, flor e honra do Lácio,
Segundo além da vida as viagens do Dante;
É do doce cantor do Gama o hino triste a amante
Levando à eternidade o amor de Catarina;
É o amor que une Ovídio à formosa Corina;
O de Cíntia a Propércio, o de Lêsbia a Catulo;
O da divida Délia ao divino Tibulo.
Esta a glória que fica, eleva, honra e consola;
Outra não há melhor. Se faltar esta esmola,
Corina, ao teu poeta, e se a doce ilusão,
Com que alenta e vive o amante coração,
Deixar-lhe um dia o céu tão azul, tão tranqüilo,
Nenhuma glória mais há de nunca atraí-lo.
Irá longe do mundo e dos seus vãos prazeres,
Viver na solidão a vida de outros seres,
Vegetar como arbusto, e murchar, como a flor,
Como um corpo sem alma ou alma sem amor.

Entre estes versos encontra-se o célebre

Esta a glória que fica, eleva, honra e consola,

que os acadêmicos escolheram para ser exarado no frontispício da Academia de Letras por baixo da estátua do autor de “Quincas Borba”.

O DILÚVIO

E ao som dos nossos cânticos; etc.

Estes versos são postos na boca de uma hebréia. Foram recitados no Ateneu Dramático pela eminente artista D. Gabriela da Cunha, por ocasião da exibição de um quadro do Cenógrafo João Caetano, representando o dilúvio universal.

A JOVEM CATIVA

Foi com alguma hesitação que eu fiz inserir no volume estes versos. Já bastava o arrojo de traduzir a maviosa elegia de Chenier. Poderia eu conservar a grave simplicidade do original? A animação de um amigo decidiu-me a não imolar o trabalho já feito; aí fica a poesia; se me sair mal, corre por conta do amigo anônimo.

CLEÓPATRA

Este canto é tirado de uma tragédia de M.me Emile de Girardin. O escravo, tendo visto coroado o seu amor pela rainha do Egito, é condenado a morrer. Com a taça em punho, entoa o belo canto de que fiz esta mal amanhada paráfrase.

OS ARLEQUINS

Esta poesia foi recitada no Clube Fluminense, num sarau literário. Pareceu então que eu fazia sátira pessoal. Não fiz. A sátira abrange uma classe que se encontra em todas as cenas políticas, — é a classe daqueles que, como se exprime um escritor, depois de darem ao povo todas as insígnias da realeza, quiseram completar-lha, fazendo-se eles próprios os bobos do povo.

MARIA DUPLESSIS

Em 1858, eu e o meu finado amigo F. Gonçalves Braga resolvemos fazer uma tradução livre ou paráfrase destes versos de Alexandre Dumas filho. No dia aprezado apresentamos e confrontamos o nosso trabalho. A tradução dele foi publicada, não me lembro em que jornal.

AS ROSAS

..... Se a mão de um poeta

Vos cultiva agora, ó rosas, etc.

O Dr. Caetano Filgueiras trabalha há tempos num livro de que são as rosas o título e o objeto. É um trabalho curioso de erudição e de fantasia; o assunto requer, na verdade, um poeta e um erudito. É a isso que aludem estes últimos versos.

MONTE ALVERNE

A dedicatória desta poesia ao padre-mestre Silveira Sarmiento é um justo tributo pago ao talento, e à amizade que sempre me votou este digno sacerdote. Pareceu-me que não podia fazer nada mais próprio do que falar-lhe de Monte Alverne, que ele admirava, como eu.

Não há nesta poesia só um tributo de amizade e de admiração: há igualmente a lembrança de um ano de minha vida. O padre-mestre, alguns anos mais velho do que eu, fazia-se nesse tempo um modesto preceptor e um agradável companheiro. Circunstâncias da vida nos separaram até hoje.

ALPUJARRA

Este canto é extraído de um poema do poeta polaco Mickiewicz, denominado Conrado Wallenrod. Não sei como corresponderá ao original; eu servi-me da tradução francesa do polaco Christiano Ostrowski.

VERSOS A CORINA

As três primeiras poesias desta coleção foram publicadas sob o anônimo nas colunas do Correio Mercantil; a quarta e quinta saíram no Diário do Rio, sendo esta última assinada. A sexta é inteiramente inédita.

EMBRRAÇÃO

Esta poesia, como se terá visto, é a resposta que me deu o meu amigo F. X. de Novaes, a quem foram dirigidos os versos anteriores. Tão bom amigo e tão belo nome tinham direito de figurar neste livro. O leitor apreciará, sem dúvida, a dificuldade vencida pelo poeta que me respondeu em estilo faceto, no mesmo tom e pelos mesmos consoantes.

FALENAS

(1870)

ÍNDICE

FLOR DA MOCIDADE
QUANDO ELA FALA
MANHÃ DE INVERNO
LA MARCHESA DE MIRAMAR
SOMBRAS
ITE, MISSA EST
RUÍNAS
MUSA DOS OLHOS VERDES
NOIVADO
A ELVIRA
LÁGRIMAS DE CERA
LIVROS E FLORES
PÁSSAROS
O VERME
UN VIEUX PAYS
LUZ ENTRE SOMBRAS
LIRA CHINESA
UMA ODE DE ANACREONTE
PÁLIDA ELVIRA

POEMAS PRESENTES NA PRIMEIRA EDIÇÃO

PRELÚDIO
VISÃO
MENINA E MOÇA
NO ESPAÇO
OS DEUSES DA GRÉCIA
CEGONHAS E RODOVALHOS
A UM LEGISTA
ESTÂNCIAS A EMA
A MORTE DE OFÉLIA

Flor da Mocidade

Eu conheço a mais bela flor;
És tu, rosa da mocidade,
Nascida, aberta para o amor.
Eu conheço a mais bela flor.
Tem do céu a serena cor,
E o perfume da virgindade.
Eu conheço a mais bela flor,
És tu, rosa da mocidade.

Vive às vezes na solidão,
Como filha da brisa agreste.
Teme acaso indiscreta mão;
Vive às vezes na solidão.
Poupa a raiva do furacão
Suas folhas de azul-celeste.
Vive às vezes na solidão,
Como filha da brisa agreste.

Colhe-se antes que venha o mal,
Colhe-se antes que chegue o inverno;
Que a flor morta já nada vale.
Colhe-se antes que venha o mal.
Quando a terra é mais jovial
Todo o bem nos parece eterno.
Colhe-se antes que venha o mal,
Colhe-se antes que chegue o inverno.

Quando Ela Fala

She speaks!
O speak again, bright angel!

SHAKESPEARE

Quando ela fala, parece
Que a voz da brisa se cala;
Talvez um anjo emudece
Quando ela fala.

Meu coração dolorido
As suas mágoas exala.

E volta ao gozo perdido
Quando ela fala.

Pudesse eu eternamente,
Ao lado dela, escutá-la,
Ouvir sua alma inocente
Quando ela fala.

Minh'alma, já semimorta,
Conseguira ao céu alçá-la,
Porque o céu abre uma porta
Quando ela fala.

Manhã de Inverno

Coroadada de névoas surge a aurora
Por detrás das montanhas do oriente;
Vê-se um resto de sono e de preguiça
Nos olhos da fantástica indolente.

Névoas enchem de um lado e de outro os morros
Tristes como sinceras sepulturas,
Essas que têm por simples ornamento
Puras capelas, lágrimas mais puras.

A custo rompe o sol; a custo invade
O espaço todo branco; e a luz brilhante
Fulge através do espesso nevoeiro,
Como através de um véu fulge o diamante.

Vento frio, mas brando, agita as folhas
Das laranjeiras úmidas da chuva;
Erma de flores, curva a planta o colo,
E o chão recebe o pranto da viúva.

Gelo não cobre o dorso das montanhas,
Nem enche as folhas trêmulas a neve;
Galhardo moço, o inverno deste clima
Na verde palma a sua história escreve.

Pouco a pouco, dissipam-se no espaço
As névoas da manhã; já pelos montes
Vão subindo as que encheram todo o vale;

Já se vão descobrindo os horizontes.

Sobe de todo o pano, eis aparece
Da natureza o esplêndido cenário;
Tudo ali preparou cos sábios olhos
A suprema ciência do empresário.

Canta a orquestra dos pássaros no mato
A sinfonia alpestre, — a voz serena
Acorda os ecos tímidos do vale;
E a divina comédia invade a cena.

La Marchesa de Miramar

*A misérrima Dido
Pelos paços reais vaga ululando.*

GARÇÃO

De quanto sonho um dia povoaste
A mente ambiciosa,
Que te resta? Uma página sombria,
A escura noite e um túmulo recente.

Ó abismo! Ó fortuna! Um dia apenas
Viu erguer, viu cair teu frágil trono.
Meteoro do século, passaste,
Ó triste império, alumando as sombras.
A noite foi teu berço e teu sepulcro!
Da tua morte os goivos inda acharam
Frescas as rosas dos teus breves dias;
E no livro da história uma só folha
A tua vida conta: sangue e lágrimas.

No tranqüilo castelo,
Ninho d'amor, asilo de esperanças,
A mão de áurea, fortuna preparara,
Menina e moça, um túmulo aos teus dias.
Junto do amado esposo,
Outra c'roa cingias mais segura,
A coroa do amor, dádiva santa
Das mãos de Deus. No céu de tua vida
Uma nuvem sequer não sombreava

A esplêndida manhã; estranhos eram
Ao recatado asilo
Os rumores do século.
Estendia-se
Em frente o largo mar, tranqüila face
Como a da consciência alheia ao crime,
E o céu, cúpula azul do equóreo leito.
Ali, quando ao cair da amena tarde,
No tálamo encantado do ocidente,
O vento melancólico gemia,
E a onda murmurando,
Nas convulsões do amor beijava a areia,
Ias tu junto dele, as mãos travadas,
Os olhos confundidos,
Correr as brandas, sonolentas águas,
Na gôndola discreta. Amenas flores
Com suas mãos teciam
As namoradas Horas; vinha a noite,
Mãe de amores, solícita descendo,
Que em seu regaço a todos envolvia,
O mar, o céu, a terra, o lenho e os noivos...
Mas além, muito além do céu fechado,
O sombrio destino, contemplando
A paz do teu amor, a etérea vida,
As santas efusões das noites belas,
O terrível cenário preparava
A mais terríveis lances.
Então surge dos tronos
A profética voz que anunciava
Ao teu crédulo esposo:
"Tu serás rei, Macbeth!" Ao longe, ao longe,
No fundo do oceano, envolto em névoas,
Salpicado de sangue, ergue-se um trono.
Chamam-no a ele as vozes do destino.
Da tranqüila mansão ao novo império
Cobrem flores a estrada, — estéreis flores
Que mal podem cobrir o horror da morte.
Tu vais, tu vais também, vítima infausta;
O sopro da ambição fechou teus olhos...
Ah! quão melhor te fora
No meio dessas águas
Que a régia nau cortava, conduzindo
Os destinos de um rei, achar a morte:
A mesma onda os dois envolveria.

Uma só convulsão às duas almas
O vínculo quebrara, e ambas iriam,
Como raios partidos de uma estrela,
À eterna luz juntar-se.

Mas o destino, alçando a mão sombria,
Já traçara nas páginas da história
O terrível mistério. A liberdade
Vela naquele dia a ingênua fronte.
Pejam nuvens de fogo o céu profundo.
Orvalha sangue a noite mexicana...
Viúva e moça, agora em vão procuras
No teu plácido asilo o extinto esposo.
Interrogas em vão o céu e as águas.
Apenas surge ensangüentada sombra
Nos teus sonhos de louca, e um grito apenas,
Um soluço profundo reboando
Pela noite do espírito, parece
Os ecos acordar da mocidade.
No entanto, a natureza alegre e viva,
Ostenta o mesmo rosto.
Dissipam-se ambições, impérios morrem,
Passam os homens como pó que o vento
Do chão levanta ou sombras fugitivas,
Transformam-se em ruína o templo e a choça.
Só tu, só tu, eterna natureza,
Imutável, tranqüila,
Como rochedo em meio do oceano
Vês baquear os séculos.
Sussurra
Pelas ribas do mar a mesma brisa;
O céu é sempre azul, as águas mansas;
Deita-se ainda a tarde vaporosa
No leito do ocidente;
Ornam o campo as mesmas flores belas...
Mas em teu coração magoado e triste,
Pobre Carlota! o intenso desespero
Enche de intenso horror o horror da morte,
Viúva da razão, nem já te cabe
A ilusão da esperança.
Feliz, feliz, ao menos, se te resta,
Nos macerados olhos,
O derradeiro bem: — algumas lágrimas!

Sombras

Quando, assentada, à noite, a tua fronte inclinas,
E cerras descuidada as pálpebras divinas,
E deixas no regaço as tuas mãos cair,
E escutas sem falar, e sonhas sem dormir,
Acaso uma lembrança, um eco do passado,
Em teu seio revive?
O túmulo fechado
Da ventura que foi, do tempo que fugiu,
Por que razão, mimosa, a tua mão o abriu?
Com que flor, com que espinho, a importuna memória
Do teu passado escreve a misteriosa história?
Que espectro ou que visão ressurgue aos olhos teus?
Vem das trevas do mal ou cai das mãos de Deus?
É saudade ou remorso? é desejo ou martírio?
Quando em obscuro templo a fraca luz de um círio
Apenas alumia a nave e o grande altar
E deixa todo o resto em treva, — e o nosso olhar
Cuida ver ressurgindo, ao longe, dentre as portas
As sombras imortais das criaturas mortas,
Palpita o coração de assombro e de terror;
O medo aumenta o mal. Mas a cruz do Senhor,
Que a luz do círio inunda, os nossos olhos chama;
O ânimo esclarece aquela eterna chama;
Ajoelha-se contrito, e murmura-se então
A palavra de Deus, a divina oração.

Pejam sombras, bem vês, a escuridão do templo;
Volve os olhos à luz, imita aquele exemplo;
Corre sobre o passado impenetrável véu;
Olha para o futuro e vem lançar-te ao céu.

Ite, Missa Est

Fecha o missal do amor e a bênção lança
À pia multidão
Dos teus sonhos de moço e de criança,
Soa a hora fatal, — reza contrito
As palavras do rito:
Ite, missa est.

Foi longo o sacrifício; o teu joelho
De curvar-se cansou;
E acaso sobre as folhas do Evangelho
A tua alma chorou.
Ninguém viu essas lágrimas (ai tantas!)
Cair nas folhas santas.
Ite, missa est.

De olhos fitos no céu rezaste o credo,
O credo do teu deus;
Oração que devia, ou tarde ou cedo,
Travar nos lábios teus;
Palavra que se esvai qual fumo escasso
E some-se no espaço.
Ite, missa est.

Votaste ao céu, nas tuas mãos alçadas,
A hóstia do perdão,
A vítima divina e profanada
Que chamas coração.
Quase inteiras perdeste a alma e a vida
Na hóstia consumida.
Ite, missa est.

Pobre servo do altar de um deus esquivo,
É tarde, beija a cruz;
Na lâmpada em que ardia o fogo ativo,
Vê, já se extingue a luz.
Cubra-te agora o rosto macilento
O véu do esquecimento.
Ite, missa est.

Ruínas

No hay pájaros en los nidos de antaño.

PROVÉRBIOS ESPANHOL

Cobrem plantas sem flor crestados muros;
Range a porta anciã; o chão de pedra
Gemer parece aos pés do inquieto vate.
Ruína é tudo: a casa, a escada, o horto,
Sítios caros da infância.

Austera moça
Junto ao velho portão o vate aguarda;
Pendem-lhe as tranças soltas
Por sobre as roxas vestes;
Risos não tem, e em seu magoado gesto
Transluz não sei que dor oculta aos olhos,
— Dor que à face não vem, — medrosa e casta,
Íntima e funda; — e dos cerrados cílios
Se uma discreta e muda
Lágrima cai, não murcha a flor do rosto;
Melancolia tácita e serena,
Que os ecos não acorda em seus queixumes,
Respira aquele rosto. A mão lhe estende
O abatido poeta. Ei-los percorrem
Com tardo passo os lembrados sítios,
Ermos depois que a mão da fria morte
Tantas almas colhera. Desmaiavam,
Nos serros do poente.
As rosas do crepúsculo.
"Quem és? pergunta o vate; o solo que foge
No teu lânguido olhar um raio deixa;
— Raio quebrado e frio; — o vento agita
Tímido e frouxo as tuas longas tranças.
Conhecem-te estas pedras; das ruínas
Alma errante parece condenada
A contemplar teus insepultos ossos.
Conhecem-te estas árvores. E eu mesmo
Sinto não sei que vaga e amortecida
Lembrança de teu rosto."

Desceu de todo a noite,
Pelo espaço arrastando o manto escuro
Que a loura Vésper nos seus ombros castos,
Como um diamante, prende. Longas horas
Silenciosas correram. No outro dia,
Quando as vermelhas rosas do oriente
Ao já próximo sol a estrada ornavam,
Das ruínas saíam lentamente
Duas pálidas sombras...

Musa dos Olhos Verdes

Musa dos olhos verdes, musa alada,

Ó divina esperança,
Consolo do ancião no extremo alento,
E sonho da criança;

Tu que junto do berço o infante cinges
Cos fúlgidos cabelos;
Tu que transformas em dourados sonhos
Sombrios pesadelos;

Tu que fazes pulsar o seio às virgens;
Tu que às mães carinhosas
Enches o brando, tépido regaço
Com delicadas rosas;

Casta filha do céu, virgem formosa
Do eterno devaneio,
Sê minha amante, os beijos recebe,
Acolhe-me em teu seio!

Já cansada de encher lânguidas flores
Com as lágrimas frias,
A noite vê surgir do oriente a aurora
Dourando as serranias.

Asas batendo à luz que as trevas rompe,
Piam noturnas aves,
E a floresta interrompe alegremente
Os seus silêncios graves.

Dentro de mim, a noite escura e fria
Melancólica chora;
Rompe estas sombras que o meu ser povoam;
Musa, sê tua a aurora!

Noivado

Vês, querida, o horizonte ardendo em chamas?
Além desses outeiros
Vai descambando o sol, e à terra envia
Os raios derradeiros;
A tarde, como noiva que enrubesce,
Traz no rosto um véu mole e transparente;
No fundo azul a estrela do poente

Já tímida aparece.

Como um bafo suavíssimo da noite,
Vem sussurrando o vento,
As árvores agita e imprime às folhas
O beijo sonolento.
A flor ajeita o cálix: cedo espera
O orvalho, e entanto exala o doce aroma;
Do leito do oriente a noite assoma;
Como uma sombra austera.

Vem tu, agora, ó filha de meus sonhos,
Vem, minha flor querida;
Vem contemplar o céu, página santa
Que amor a ler convida;
Da tua solidão rompe as cadeias;
Desce do teu sombrio e mudo asilo;
Encontrarás aqui o amor tranqüilo...
Que esperas? que receias?

Olha o templo de Deus, pomposo e grande;
Lá do horizonte oposto
A lua, como lâmpada, já surge
A alumiar teu rosto;
Os círios vão arder no altar sagrado,
Estrelinhas do céu que um anjo acende;
Olha como de bálsamos rescende
A c'roa do noivado.

Irão buscar-te em meio do caminho
As minhas esperanças;
E voltarão contigo, entrelaçadas
Nas tuas longas tranças;
No entanto eu preparei teu leito à sombra
Do limoeiro em flor; colhi contente
Folhas com que alastrei o solo ardente
De verde e mole alfombra.

Pelas ondas do tempo arrebatados,
Até à morte iremos,
Soltos ao longo do baixel da vida
Os esquecidos remos.
Firmes, entre o fragor da tempestade,
Gozaremos o bem que amor encerra,

Passaremos assim do sol da terra
Ao sol da eternidade.

A Elvira

(LAMARTINE)

Quando, contigo a sós, as mãos unidas,
Tu, pensativa e muda, e eu, namorado,
Às volúpias do amor a alma entregando,
Deixo correr as horas fugidias;
Ou quando às solidões de umbrosa selva
Comigo te arrebató; ou quando escuto
— Tão só eu, — teus terníssimos suspiros;
E de meus lábios solto
Eternas juras de constância eterna;
Ou quando, enfim, tua adorada fronte
Nos meus joelhos trêmulos descansa,
E eu suspendo meus olhos em teus olhos,
Como às folhas da rosa ávida abelha;
Ai, quanta vez então dentro em meu peito
Vago terror penetra, como um raio!
Empalideço, tremo;
E no seio da glória em que me exalto,
Lágrimas verto que a minha alma assombram!
Tu, carinhosa e trêmula,
Nos teus braços me cinges, — e assustada,
Interrogando em vão, comigo choras!
"Que dor secreta o coração te oprime?"
Dizes tu. "Vem, confia os teus pesares...
Fala! eu abrandarei as penas tuas!
Fala! eu consolarei tua alma aflita!"
Vida do meu viver, não me interrogues!
Quando enlaçado nos teus níveos braços
A confissão de amor te ouço, e levanto
Lânguidos olhos para ver teu rosto,
Mais ditoso mortal o céu não cobre!
Se eu tremo, é porque nessas esquecidas
Afortunadas horas,
Não sei que voz do enleio me desperta,
E me persegue e lembra
Que a ventura coo tempo se esvaece,
E o nosso amor é facho que se extingue!

De um lance, espavorida,
Minha alma voa às sombras do futuro,
E eu penso então: "Ventura que se acaba
Um sonho vale apenas".

Lágrimas de Cera

Passou; viu a porta aberta.
Entrou; queria rezar.
A vela ardia no altar.
A igreja estava deserta.

Ajoelhou-se defronte
Para fazer a oração,
Curvou a pálida fronte
E pôs os olhos no chão.

Vinha trêmula e sentida.
Cometera um erro. A cruz
É a âncora da vida,
A esperança, a força, a luz.

Que rezou? Não sei. Benzeu-se
Rapidamente. Ajustou
O véu de rendas. Ergueu-se
E à pia se encaminhou.

Da vela benta que ardera,
Como tranqüilo fanal,
Umás lágrimas de cera
Caíam no castiçal.

Ela porém não vertia
Uma lágrima sequer.
Tinha fé, — a chama a arder, —
Chorar é que não podia.

Livros e Flores

Teus olhos são meus livros.
Que livro há aí melhor,
Em que melhor se leia

A página do amor?
Flores me são teus lábios.
Onde há mais bela flor,
Em que melhor se beba
O bálsamo do amor?

Pássaros

Je veux changer mes pensées en oiseaux.

C. MAROT

Olha como, cortando os leves ares,
Passam do vale ao monte as andorinhas;
Vão pousar na verdura dos palmares,
Que, à tarde, cobre transparente véu;
Voam também como essas avezinhas
Meus sombrios, meus tristes pensamentos;
Zombam da fúria dos contrários ventos,
Fogem da terra, acercam-se do céu.

Porque o céu é também aquela estância
Onde respira a doce criatura,
Filha de nosso amor, sonho da infância,
Pensamento dos dias juvenis.
Lá, como esquiva flor, formosa e pura,
Vives tu escondida entre a folhagem,
Ó rainha do ermo, ó fresca imagem
Dos meus sonhos de amor calmo e feliz!

Vão para aquela estância enamorados,
Os pensamentos de minh'alma ansiosa;
Vão contar-lhe os meus dias mal gozados
E estas noites de lágrimas e dor.

Na tua frente pousarão, mimosa,
Como as aves no cimo da palmeira,
Dizendo aos ecos a canção primeira
De um livro escrito pela mão do amor.

Dirão também como conservo ainda
No fundo de minh'alma essa lembrança
De tua imagem vaporosa e linda,

Único alento que me prende aqui.
E dirão mais que estrelas de esperança
Enchem a escuridão das noites minhas.
Como sobem ao monte as andorinhas,
Meus pensamentos voam para ti.

O Verme

Existe uma flor que encerra
Celeste orvalho e perfume.
Plantou-a em fecunda terra
Mão benéfica de um nume.

Um verme asqueroso e feio,
Gerado em lodo mortal,
Busca esta flor virginal
E vai dormir-lhe no seio.

Morde, sangra, rasga e mina,
Suga-lhe a vida e o alento;
A flor o cálix inclina;
As folhas, leva-as o vento.

Depois, nem resta o perfume
Nos ares da solidão...
Esta flor é o coração,
Aquele verme o ciúme.

Un Vieux Pays

...juntamente choro e rio.

CAMÕES

*Il est un vieux pays, plein d'ombre et de lumière,
Où l'on rêve le jour, où l'on pleure le soir;
Un pays de blasphème, autant que de prière,
Né pour la doute et pour l'espoir.*

*On n'y voit point de fleurs sans un ver qui les ronge,
Point de mer sans tempête, ou de soleil sans nuit;*

*Le bonheur y paraît quelquefois dans un songe
Entre les bras du sombre ennui.*

*L'amour y va souvent, mais c'est tout un délire,
Un désespoir sans fin, une énigme sans mot;
Parfois il rit gaîment, mais de cet affreux rire
Qui n'est peut-être qu'un sanglot.*

*On va dans ce pays de misère et d'ivresse,
Mais on le voit à peine, on en sort, on a peur;
Je l'habit pourtant, j'y passe na jeunesse...
Hélas! ce pays, c'est mon coeur.*

Luz Entre Sombras

É noite medonha e escura,
Muda como o passamento,
Uma só no firmamento
Trêmula estrela fulgura.

Fala aos ecos da espessura
A chorosa harpa do vento,
E num canto sonolento
Entre as árvores murmura.

Noite que assombra a memória,
Noite que os medos convida
Erma, triste, merencória.

No entanto... minh'alma olvida
Dor que se transforma em glória,
Morte que se rompe em vida.

LIRA CHINESA

I
O POETA A RIR
(HAN-TIÊ)

Taça d'água parece o lago ameno;
Têm os bambus a forma de cabanas,
Que as árvores em flor, mais altas, cobrem

Com verdejantes tetos.

As pontiagudas rochas entre flores,
Dos pagodes o grave aspecto ostentam...
Faz-me rir ver-te assim, ó natureza,
Cópia servil dos homens.

II

A UMA MULHER
(TCHÊ-TSI)

Cantigas modulei ao som da flauta,
Da minha flauta d'ébano;
Nelas minh'alma segredava à tua
Fundas, sentidas mágoas.

Cerraste-me os ouvidos. Namorados
Versos compus de júbilo,
Por celebrar teu nome, as graças tuas,
Levar teu nome aos séculos.

Olhaste, e, meneando a airosa frente,
Com tuas mãos puríssimas,
Folhas em que escrevi meus pobres versos
Lançaste às ondas trêmulas.

Busquei então por encantar tu'alma
Uma safira esplêndida,
Fui depô-la a teus pés... tu descerraste
Da tua boca as pérolas.

III

O IMPERADOR
(THU-FU)

Olha. O Filho do Céu, em trono de ouro,
E adornado com ricas pedrarias,
Os mandarins escuta: — um sol parece
De estrelas rodeado.

Os mandarins discutem gravemente
Coisas muito mais graves. E ele? Foge-lhe
O pensamento inquieto e distraído
Pela janela aberta.

Além, no pavilhão de porcelana,
Entre donas gentis está sentada
A imperatriz, qual flor radiante e pura
Entre viçosas folhas.

Pensa no amado esposo, arde por vê-lo,
Prolonga-se-lhe a ausência, agita o leque...
Do imperador ao rosto um sopro chega
De recendente brisa.

"Vem dela este perfume", diz, e abrindo
Caminho ao pavilhão da amada esposa,
Deixa na sala, olhando-se em silêncio,
Os mandarins pasmados.

IV
O LEQUE
(TAN-JO-LU)

Na perfumada alcova a esposa estava,
Noiva ainda na véspera. Fazia
Calor intenso; a pobre moça ardia,
Com fino leque as faces refrescava.
Ora, no leque em boa letra feito
Havia neste conceito:
"Quando, imóvel o vento e o ar pesado,
Arder o intenso estio,
Serei por mão amiga ambicionado;
Mas, volte o tempo frio,
Ver-me-eis a um canto logo abandonado."

Lê a esposa este aviso, e o pensamento
Volve ao jovem marido.
"Arde-lhe o coração neste momento
(Diz ela) e vem buscar enternecido
Brandas auras de amor. Quando mais tarde
Tornar-se em cinza fria
O fogo que hoje lhe arde,
Talvez me esqueça e me desdenhe um dia."

V
A FOLHA DO SALGUEIRO
(TCHAN-TIÚ-LIN)

Amo aquela formosa e terna moça
Que, à janela encostada, arfa e suspira;
Não porque tem do largo rio à margem
Casa faustosa e bela.

Amo-a, porque deixou das mãos mimosas
Verde folha cair nas mansas águas.

Amo a brisa de leste que sussurra,
Não porque traz nas asas delicadas
O perfume dos verdes pessegueiros
Da oriental montanha.

Amo-a, porque impeliu coas tênues asas
Ao meu batel a abandonada folha.

Se amo a mimosa folha aqui trazida,
Não é porque me lembre à alma e aos olhos
A renascente, a amável primavera,
Pompa e vigor dos vales.

Amo a folha por ver-lhe um nome escrito,
Escrito, sim, por ela, e esse... é meu nome.

VI

AS FLORES E OS PINHEIROS
(TIN-TUN-SING)

Vi os pinheiros no alto da montanha
Ouriçados e velhos;
E ao sopé da montanha, abrindo as flores
Os cálices vermelhos.

Contemplando os pinheiros da montanha,
As flores tresloucadas
Zombam deles enchendo o espaço em torno
De alegres gargalhadas.

Quando o outono voltou, vi na montanha
Os meus pinheiros vivos,
Brancos de neve, e meneando ao vento
Os galhos pensativos.

Volvi o olhar ao sítio onde escutara
Os risos mofadores;
Procurei-as em vão; tinham morrido
As zombeteiras flores.

VII
REFLEXOS
(THU-FU)

Vou rio abaixo vogando
No meu batel e ao luar;
Nas claras águas fitando,
Fitando o olhar.

Das águas vejo no fundo,
Como por um branco véu
Intenso, calmo, profundo,
O azul do céu.

Nuvem que no céu flutua,
Flutua n'água também;
Se a lua cobre, à outra lua
Cobri-la vem.

Da amante que me extasia,
Assim, na ardente paixão,
As raras graças copia
Meu coração.

VIII
CORAÇÃO TRISTE FALANDO AO SOL
(SU-TCHON)

No arvoredado sussurra o vendaval do outono,
Deita as folhas à terra, onde não há florir,
E eu contemplo sem pena esse triste abandono,
Só eu as vi nascer, vejo-as só eu cair.

Como a escura montanha, esguia e pavorosa,
Faz, quando o sol descamba, o vale enoitecer,
Esta montanha da alma, a tristeza amorosa,
Também de ignota sombra enche todo o meu ser.

Transforma o frio inverno a água em pedra dura,

Mas torna a pedra em água um raio de verão;
Vem, ó sol, vem, assume o trono teu na altura,
Vê se podes fundir meu triste coração.

Uma Ode de Anacreonte

(A MANUEL DE MELO)

PERSONAGENS:

LÍSIAS
CLEON
MIRTO
TRÊS ESCRAVOS

A cena é em Samos.

Sala de festim em casa de Lísias. À esquerda a mesa do festim; à direita uma mesa tendo em cima uma lâmpada apagada, e junto da lâmpada um rolo de papiro.

CENA I

LÍSIAS, CLEON, MIRTO

(Estão no fim de um banquete, os dois homens deitados à maneira antiga, MIRTO sentada entre as dois leitos. Três escravos.)

LÍSIAS Melancólica estás, bela Mirto. Bebamos!
 Aos prazeres!

CLEON Eu bebo à memória de Samos.
 Samos vai terminar os seus dourados dias;
 Adeus, terra em que achei consolo às agonias
 Da minha mocidade; adeus, Samos, adeus!

MIRTO Querem-lhe os deuses mal?

CLEON Não; dois olhos, os teus.

LÍSIAS Bravo, Cleon!

MIRTO Poeta! os meus olhos?

Faz versos de primor e esconde-os ao profano;
Tem vergonha. Eu não sei se o vício é lesbiano...

MIRTO Ah! tu és...

CLEON Lesbos foi minha pátria também,
Lesbos, a flor do Egeu.

MIRTO Já não é?

CLEON Lesbos tem
Tudo o que me fascina e tudo o que me mata:
As festas do prazer e os olhos de uma ingrata.
Fugi da pátria e achei, já curado e tranqüilo,
Em Lísias um irmão, em Samos um asilo.
Bem hajas tu que vens encher-me o coração!

LÍSIAS Insaciável! Não tens em Lísias um irmão?

MIRTO Volto à pátria.

CLEON Pois quê! tu vais?

MIRTO Em poucos dias...

LÍSIAS Fazes mal; tens aqui os moços e as folias,
O gozo, a adoração; que te falta?

MIRTO Os meus ares.

CLEON A que vieste então?

MIRTO Sucessos singulares.
Vim por acompanhar Lisicles, mercador
De Naxos, tanto pode a constância no amor!
Corremos todo o Egeu e a costa iônia; fomos
Comprar o vinho a Creta e a Tênedos os pomos.
Ah! como é doce o amor na solidão das águas!
Tem-se vida melhor; esquecem-se-lhe as mágoas.
Zéfiro ouviu por certo os ósculos febris,
Os júbilos do afeto, as falas juvenis;
Ouviu-os, delatou ao deus que o mar governa
A indiscreta ventura, a efusão doce e terna.
Para a fúria acalmar da sombria deidade,

Nave e bens varreu tudo a horrível tempestade.
Foi assim que eu perdi a Lisicles, assim
Que eu, semimorta e fria, à tua plaga vim.

CLEON Oh! coitada!

LÍSIAS O infortúnio os ânimos apura;
As feridas que faz o mesmo Amor as cura;
Brandem armas iguais Aquiles e Cupido.
Queres ver noutro amor o teu amor perdido?
Samos o tem de sobra.

CLEON Eu, Mirto, eu sei amar
Não fio o coração da inconstância do mar.
Não tenho galeões rompendo o seio a Tétis,
Estrada tanta vez ao torvo e obscuro Letes.
Aqui me tens; sou teu; escreve a minha sorte;
Podes doar-me a vida ou decretar-me a morte.

MIRTO Mas, se eu volto...

CLEON Pois bem! aonde quer que te vás
Irei contigo; a deusa indômita e falaz
Ser-me-á hóspede amiga; ao pé de ti a escura
Noite parece aurora, e é berço a sepultura.

MIRTO Quando fala o dever, a vontade obedece;
Eu devo ir só; tu ficas, ama-me um pouco e esquece.

LÍSIAS Tens razão, bela Mirto; escuta o teu dever.

MIRTO Ai! é fácil amar, difícil esquecer.

LÍSIAS *(a MIRTO)*
Queres pôr termo à festa? Um brinde a Vênus, filha
Do mar azul, beleza, encanto, maravilha;
Nascida para ser perpetuamente amada.
A Vênus!

(Depois do brinde os escravos trazem os vasos com água perfumada em que os convivas lavam as mãos; os escravos saem, levando os restos do banquete. Levantam-se todos.)

Queres tu, mimosa naufragada,
Ouvir de hemônia serva, em lira de marfim,
Uma alegre canção? Preferes o jardim?

E, para não perder o grupo adorador,
Fez do templo deserto uma escola de amor.
Foi ela quem achou a naufraga perdida,
Exposta ao vento e ao mar, quase a expirar-lhe a vida.
A beleza pagava o emprego de uma esmola;
Dentro em pouco era Mirto a flor de toda a escola.

CLEON Lembrou-te convidá-la então para um festim?

LÍSIAS Foi um pouco por ela e um pouco mais por mim.

CLEON Também amas?

LÍSIAS Eu sou mestre em matéria de amor.
Vênus e o louro Apolo, a poesia e a beleza.

CLEON Oh! a beleza, sim! Viste já tanta graça,
Tão celestes feições?

LÍSIAS Cuidado! Aquela caça
Zomba dos tiros vãos de ingênuo caçador!

CLEON Incrédulo !

LÍSIAS Eu sou mestre em matéria de amor.
Se tu, atento e calmo, a narração lhe ouvisses
Conheceras melhor o engenho desta Ulisses.
Aquele ardente amor a Lisicles, aquele
Fundo e intenso pesar que à sua pátria a impele,
Armas são com que a astuta os ânimos seduz.

CLEON Oh! não creio.

LÍSIAS Por quê?

CLEON Não vês como lhe luz
Tanta expressão sincera em seus olhos divinos?

LÍSIAS Sim, tem muita expressão... para iludir meninos.

CLEON Pois tu não crês?

LÍSIAS Em quê? No naufrágio? Decerto.
Em Lisicles? Talvez. No amor? É mais incerto.

Na intenção de voltar a Lesbos? Isso não!
Sabes o que ela quer? Prender um coração.

CLEON Impossível!

LÍSIAS Poeta! estás na alegre idade
Em que a ciência da vida é a credulidade.
Vês tudo azul e em flor; eu já me não iludo.
Pois amar cortesãs! isso demanda estudo,
Não vai assim, que as tais abelhitas do amor
Correm de bolsa em bolsa e não de flor em flor.

CLEON Mas não as amas tu?

LÍSIAS Decerto à minha moda,
Meu grande coração cos vícios se acomoda;
Sacrifícios de amor não sonha nem procura;
Não lhes pede ilusões, pede-lhes só ternura.
Não me empenho em achar alma unguida no céu:
Se é crime este sentir, confesso-me, sou réu.
Não peço amor ao vinho; irei pedi-lo às damas?
Delas e dele exijo apenas estas chamadas
Que ardem sem consumir, na pira dos desejos.
Assim é que eu estimo as ânforas e os beijos.
Lá protestos de amor, eternos e leais,
Tudo isso é fumo vão. Que queres? Os mortais
Somos todos assim.

CLEON Ai, os mortais! dize antes
Os filósofos maus, ridículos pedantes
Os que não sabem crer, os fartos já de amores,
Esses sim. Os mortais!

LÍSIAS Refreia os teus furores,
Poeta; eu não quisera amargurar-te, e enfim
Não podia supor que a amasses tanto assim.
Cáspite! Vais depressa!

CLEON Ai, Lísias, é verdade,
Amo-a, como não amo a vida e a mocidade;
De que modo nasceu esta afeição que encerra
Todo o meu ser, ignoro. Acaso sabe a terra
Por que é mais bela ao sol e às auras matinais?
Amores estes são terríveis e fatais.

LÍSIAS Vês com olhos do céu coisas que são do mundo;
Acreditas achar esse afeto profundo,
Nestas filhas do mal! Se a todo o transe queres
Obter a casta flor dos célicos prazeres,
Deixa a alegre Corinto e todo o luxo seu;
Outro porto acharás: procura o gineceu.
Escolhe aquele amor doce, inocente e puro,
Que ainda não tem passado e vive do futuro.
Para mim, já to disse, o caso é diferente;
Não me importa um nem outro; eu vivo no presente.

CLEON Deu-te amiga Fortuna um grande cabedal:
Viver, sem ilusões, no bem como no mal;
Não conhecer o amor que morde, que se nutre
Do nosso sangue, o amor funesto, o amor abutre;
Não beber gota a gota este brando veneno
Que requeima e destrói; não ver em mar sereno
Subitamente erguer-se a voz dos aquilões.
Afortunado és tu.

LÍSIAS Lei de compensações!
Sou filósofo mau, ridículo pedante,
Mas invejas-me a sorte; oh! lógica de amante.

CLEON É a do coração.

LÍSIAS Terrível mestre!

CLEON Ensina
Dos seres imortais a transfusão divina!

LÍSIAS A lição é profunda e escapa ao meu saber;
Outra escola professo, a escola do prazer!

CLEON Tu não tens coração.

LÍSIAS Tenho, mas não me ilude,
É Circe que perdeu o encanto e a juventude.

CLEON Velho Sátiro!

LÍSIAS Justo: um semideus silvestre.
Nestas coisas do amor nunca tive outro mestre.

Tu gostas de chorar; eu cá prefiro rir,
Três artigos de lei: gozar, beber, dormir.

CLEON Compras com isso a paz; a mim coube-me o tédio,
A solidão e a dor.

LÍSIAS Queres um bom remédio,
Um filtro da Tessália, um bálsamo infalível?
Esquece empresas vãs, não tentes o impossível;
Prende o teu coração nos laços de Himeneu;
Casa-te; encontrarás o amor no gineceu.
Mas cortesãs! Jamais! São Górgones! Medusas!

CLEON Essas que conheceste e tão severo acusas
— Pobres moças! — não são o universal modelo;
De outras sei a quem coube um coração singelo,
Que preferem a tudo a glória singular
De conhecer somente a ciência de amar;
Capazes de sentir o ardor da intensa chama
Que eleva, que resgata a vida que as infama.

LÍSIAS Se achares tal milagre, eu mesmo irei pedir-to.

CLEON Basta um passo, achá-lo-ei.

LÍSIAS Bravo ! chama-se?

CLEON Mirto,
Que pode conquistar até o amor de um deus!

LÍSIAS Crês nisso?

CLEON Por que não?
Tu és um néscio; adeus!

CENA IV

CLEON Vai, cético! tu tens o vício da riqueza:
Farto, não crês na fome... A minha singeleza
Faz-te rir; tu não vês o amor que absorve e mata;
Mirto, vingame tu da calúnia insensata;
Amemo-nos. É ela!

CENA V

CLEON, MIRTO

MIRTO Estás triste!

CLEON Oh! que não,
Mas deslumbrado, sim, como se uma visão...

MIRTO A visão vai partir.

CLEON Mas muito tarde...

MIRTO Breve.

CLEON Quem te chama?

MIRTO O destino. E sabes quem me escreve?

CLEON Tua mãe.

MIRTO Já morreu.

CLEON Algum antigo amante?

MIRTO Lisicles.

CLEON Vive?

MIRTO Sim. Depois de andar errante
Numa tábuca, à mercê das ondas, quis o céu
Que viesse encontrá-lo um barco do Pireu.
Pobre Lisicles! teve em tão cruenta lida
A dor da minha morte e a dor da própria vida.
Em vão interrogava o mar cioso e mudo.
Perdera, de uma vez, numa só noite, tudo,
A ventura, a esperança, o amor, e perdeu mais:
Naufragaram com ele os poucos cabedais.
Entrou em Samos pobre, inquieto, semimorto,
Um barqueiro, que a tempo atravessava o porto,
Disse-lhe que eu vivia, e contou-lhe a aventura
Da malfadada Mirto.

CLEON É isso, a sorte escura
Voltou-se contra mim; não consente, não quer

Que eu me farte de amor no amor de uma mulher.
Vejo em cada paixão o fado que me oprime;
O amar é já sofrer a pena do meu crime.
Ixion foi mais audaz amando a deusa augusta;
Transpôs o obscuro lago e sofre a pena justa;
Mas eu não. Antes de ir às regiões infernais
São as graças comigo Eumênides fatais!

MIRTO Caprichos de poeta! Amor não falta às damas;
Damas, tem-las aqui; inspira-lhe essas chamadas.

CLEON Impõe-se leis ao mar? O coração é isto;
Ama o que lhe convém; convém amar a Egisto
Clitemnestra, convém a Cíntia Endimião;
É caprichoso e livre o mar do coração;
De outras sei que eu houvera em meus versos cantado;
Não lhes quero... não posso.

MIRTO Ai, triste enamorado!

CLEON E tu zombas de mim!

MIRTO Eu zombar? Não, lamento
A tua acerba dor, o teu fatal tormento.
Não conheço eu também esse cruel penar?
Só dois remédios tens; esquecer, esperar.
De quanto almeja e quer o amor nem tudo alcança;
Contenta-se ao nascer coas auras da esperança;
Vive da própria mágoa; a própria dor o alenta.

CLEON Mas, se a vida é tão curta, a agonia é tão lenta!

MIRTO Não sabes esperar? Então cumpre esquecer.
Escolhe entre um e outro; é preciso escolher.

CLEON Esquecer? sabes tu, Mirto, se a alma esquece
O prazer que a fulmina, e a dor que a fortalece?

MIRTO Tens na ausência e no tempo os velhos pais do olvido;
O bem não alcançado é como o bem perdido,
Pouco a pouco se esvai na mente e coração;
Põe o mar entre nós... dissipa-se a ilusão.

CLEON Impossível!

Da importuna memória o teu passado exclui;
Vida nova nos chama, outro céu nos influi.
Fica; eu disfarçarei com rosas este exílio;
A vida é um sonho mau: façamo-la um idílio.
Cantarei a teus pés a nossa mocidade,
A beleza que impõe, o amor que persuade,
Vênus que faz arder o fogo da paixão,
Teu olhar, doce luz que vem do coração.
Péricles não amou com tanto ardor a Aspásia,
Nem esse que morreu entre as pombas da Ásia,
A Laís siciliana. Aqui as Horas belas
Tecerão para ti vivíssimas capelas.
Nem morrerás; teu nome em meus versos há de ir,
Vencendo o tempo e a morte, aos séculos por vir.

MIRTO Tanto me queres tu!

CLEON Imensamente. Anseio
Por sentir, bela Mirto, arfar teu brando seio,
Bater teu coração, tremer teu lábio puro,
Todo viver de ti.

MIRTO Confia no futuro.

CLEON Tão longe!

MIRTO Não, bem perto.

CLEON Ah! que dizes?

MIRTO Adeus!
(*Passa junto da mesa da direita e vê o rolo de papiro*)
Curiosa que sou!

CLEON São versos.

MIRTO Versos teus?

(*LÍSIAS aparece ao fundo*)

CLEON De Anacreonte, o velho, o amável, o divino.

MIRTO A musa é toda iônia, e o estro é peregrino.

MIRTO Ah!

LÍSIAS Que belo rapaz! que alma fogosa e pura,
Bem digna de aspirar-te um hausto de ventura!
Queira o céu pôr-lhe termo à profunda agonia,
Surja enfim para ele o sol de um novo dia.
Merece-o. Mas vê lá se há destino pior;
Que o alado Mercúrio obstar o alado Amor.
Com beijos não se paga a pompa do vestido,
O espetáculo e a mesa; e se o gentil Cupido
Gosta de ouvir canções, o outro não vai com elas;
Vale uma dracma só vinte odezinhas belas.
Um poema não compra um simples borzeguim.
Versos! são bons de ler, mais nada; eu penso assim.

MIRTO Pensas mal! A poesia é sempre um dom celeste;
Quando o gênio o possui quem há que o não requeira?
Hermes, com ser o deus dos graves mercadores,
Tocou lira também.

LÍSIAS Já sei que estás de amores.

MIRTO Que esperança! Bem vês que eu já não posso amar.

LÍSIAS Perdeste o coração?

MIRTO Sim; perdi-o no mar.

LÍSIAS Pesquemo-lo; talvez essa pérola fina
Venha ornar-me a existência agourada e mofina.

MIRTO Mofina?

LÍSIAS Pois então? Enfaram-me estas belas
Da terra samiana; assaz vivi por elas.
Outras desejo amar, filhas do azul Egeu.
Varia de feições o Amor, como Proteu.

MIRTO Seu caráter melhor foi sempre o ser constante.

LÍSIAS Serei menos fiel, não sou menos amante.
Cada beleza em si toda a paixão resume.
Pouco me importa a flor; importa-me o perfume.

MIRTO Mas quem quer o perfume afaga um pouco a flor;
Nem fere o objeto amado a mão que implora o amor.

LÍSIAS Ofendo-te com isto? Esquece a minha ofensa.

MIRTO Já a esqueci; passou.

LÍSIAS Quem fala como pensa
Arrisca-se a perder ou por sobra ou por míngua.
Eu confesso o meu mal; não sei tentear a língua.
Pois que me perdoaste, escuta-me. Tu tens
A graça das feições, o sumo bem dos bens;
Moça, trazes na fronte o doce beijo de Hebe;
Como um filtro de amor que, sem sentir, se bebe,
De teus olhos destila a eterna juventude;
De teus olhos que um deus, por lhes dar mais virtude,
Fez azuis como o céu, profundos como o mar.
Quem tais dotes reúne, ó Mirto, deve amar.

MIRTO Falas como um poeta, e zombas da poesia!

LÍSIAS Eu, poeta? jamais.

MIRTO A tua fantasia
Respirou certamente o ar do monte Himeto.
Tem a expressão tão doce!

LÍSIAS É a expressão do afeto.
Sou em coisas de Apolo um simples amator.
A minha grande musa é Vênus, mãe de Amor.
No mais não aprendi (*os fados meus adversos*
Vedaram-mo!) a cantar bons e sentidos versos.
Cleon, esse é que sabe acender tantas almas,
Conquistar de um só lance os corações e as palmas.

MIRTO Conquistar, oh! que não!

LÍSIAS Mas agradar?

MIRTO Talvez.

LÍSIAS Isso mesmo; é já muito. O que o poeta fez
Fá-lo-ei jamais? Contudo, inda tentá-lo quero;
Se não me inspira a musa, alma filha de Homero,

Inspira-me o desejo, a musa que delira,
E o seu canto concerta aos sons da eterna lira.

MIRTO Também desejas ser alguma coisa?

LÍSIAS Não;
Eu caso o meu amor às regras da razão.
Cleon quisera ser o espelho em que teu rosto
Sorri; eu, bela Mirto, eu tenho melhor gosto.
Ser espelho! ser banho! e túnica! Tolice!
Estéril ambição! loucura! criancice!
Por Vênus! sei melhor o que a mim me convém.
Homem sisudo e grave outros desejos tem.
Fiz, a este respeito, aprofundado estudo;
Eu não quero ser nada; eu quero dar-te tudo.
Escolhe o mais perfeito espelho do aço fino,
A túnica melhor de pano tarentino,
Vasos de óleo, um colar de pérolas, — enfim
Quanto enfeita uma dama aceitá-lo-ás de mim:
Brincos que vão ornar-te a orelha graciosa;
Para os dedos o anel de pedra preciosa,
A tua fronte pede áureo, rico anadema;
Tê-lo-ás, divina Mirto. É este o meu poema.

MIRTO É lindo!

Queres tu, outras estrofes mais?

LÍSIAS Dar-tas-ei quais as teve a celebrada Laís.
Casa, rico jardim, servas de toda a parte;
E estátuas e painéis, e quantas obras d'arte
Podem servir de ornato ao templo da beleza,
Tudo haverás de mim. Nem gosto nem riqueza
Te há de faltar, mimosa, e só quero um penhor.
Quero... quero-te a ti.

MIRTO Pois quê! já quer a flor,
Quem desdenhando a flor, só lhe pede o perfume?

LÍSIAS Esqueceste o perdão?

MIRTO Ficou-me este azedume.

LÍSIAS Vênus pode apagá-lo.

LÍSIAS Adeus! Saudemos nós a Vênus e a Lieu.

AMBOS Io Poean! ó Baco! Himeneu! Himeneu!

Pálida Elvira

A Francisco Paz

Ulysse, jeté sur les rives d'Ithaque, ne les reconnaît pas et pleure sa patrie. Ainsi l'homme dans le bonheur possédé ne reconnaît pas son rêve et soupire.

DANIEL STERN

I

Quando, leitora amiga, no ocidente
Surge a tarde esmaiada e pensativa;
E entre a verde folhagem recendente
Lânguida geme viração lasciva;
E já das tênues sombras do oriente
Vem apontando a noite, e a *casta diva*
Subindo lentamente pelo espaço,
Do céu, da terra observa o estreito abraço;

II

Nessa hora de amor e de tristeza,
Se acaso não amaste e acaso esperas
Ver coroar-te a juvenil beleza
Casto sonho das tuas primaveras;
Não sentes escapar tua alma acesa
Para voar às lúcidas esferas?
Não sentes nessa mágoa e nesse enleio
Vir morrer-te uma lágrima no seio?

III

Sente-lo? Então entenderás, Elvira,
Que assentada à janela, erguendo o rosto,
O vôo solta à alma que delira
E mergulha no azul de um céu de agosto;

Entenderás então por que suspira,
Vítima já de um íntimo desgosto,
A meiga virgem, pálida e calada,
Sonhadora, ansiosa e namorada.

IV

Mansão de riso e paz, mansão de amores
Era o vale. Espalhava a natureza,
Com dadivosa mão, palmas e flores
De agreste aroma e virginal beleza;
Bosques sombrios de imortais verdores,
Asilo próprio à inspiração acesa,
Vale de amor, aberto às almas ternas
Neste vale de lágrimas eternas.

V

A casa, junto à encosta de um outeiro
Alva pomba entre folhas parecia;
Quando vinha a manhã, o olhar primeiro
la beijar-lhe a verde gelosia;
Mais tarde a fresca sombra de um coqueiro
Do sol quente a janela protegia;
Pouco distante, abrindo o solo adusto,
Um fio d'água murmurava a custo.

VI

Era uma jóia a alcova em que sonhava
Elvira, alma de amor. Tapete fino
De apurado lavor o chão forrava.
De um lado oval espelho cristalino
Pendia. Ao fundo, à sombra, se ocultava
Elegante, engraçado, pequenino
Leito em que, repousando a face bela,
De amor sonhava a pálida donzela.

VII

Não me censure o crítico exigente
O ser pálida a moça é meu costume
Obedecer à lei de toda a gente
Que uma obra compõe de algum volume.

Ora, no nosso caso, é lei vigente
Que um descorado rosto o amor resume.
Não tinha Miss Smolen outras cores;
Não as possui quem sonha com amores.

VIII

Sobre uma mesa havia um livro aberto;
Lamartine, o cantor aéreo e vago,
Que enche de amor um coração deserto;
Tinha-o lido; era a página do Lago.
Amava-o; tinha-o sempre ali bem perto,
Era-lhe o anjo bom, o deus, o orago;
Chorava aos cantos da divina lira...
É que o grande poeta amava Elvira!

IX

Elvira! o mesmo nome! A moça os lia,
Com lágrimas de amor, os versos santos,
Aquela eterna e lânguida harmonia
Formada com suspiros e com prantos;
Quando escutava a musa da elegia
Cantar de Elvira os mágicos encantos,
Entrava-lhe a voar a alma inquieta,
E com o amor sonhava de um poeta.

X

Ai, o amor de um poeta! amor subido!
Indelével, puríssimo, exaltado,
Amor eternamente convencido,
Que vai além de um túmulo fechado,
E que através dos séculos ouvido,
O nome leva do objeto amado,
Que faz de Laura um culto, e tem por sorte
Negra foice quebrar nas mãos da morte.

XI

Fosse eu moça e bonita... Neste lance
Se o meu leitor é já homem sisudo,
Fecha tranqüilamente o meu romance,
Que não serve a recreio nem a estudo;

Não entendendo a força nem o alcance
De semelhante amor, condena tudo;
Abre um volume sério, farto e enorme,
Algumas folhas lê, boceja... e dorme.

XII

Nada perdes, leitor, nem perdem nada
As esquecidas musas; pouco importa
Que tu, vulgar matéria condenada,
Aches que um tal amor é letra morta.
Podes, cedendo à opinião honrada,
Fechar à minha Elvira a esquiva porta.
Almas de prosa chã, quem vos daria
Conhecer todo o amor que há na poesia?

XIII

Ora, o tio de Elvira, o velho Antero,
Erudito e filósofo profundo,
Que sabia de cor o velho Homero,
E compunha os anais do Novo Mundo;
Que escrevera uma vida de Severo,
Obra de grande tomo e de alto fundo;
Que resumia em si a Grécia e Lácio,
E num salão falava como Horácio;

XIV

Disse uma noite à pálida sobrinha:
“Elvira, sonhas tanto! devaneias!
Que andas a procurar, querida minha?
Que ambições, que desejos ou que idéias
Fazem gemer tua alma inocentinha?
De que esperança vã, meu anjo, anseias?
Teu coração de ardente amor suspira;
“Que tens?” — “Eu? nada”, respondia Elvira.

XV

“Alguma coisa tens!” tornava o tio;
Por que olhas tu as nuvens do poente,
Vertendo às vezes lágrimas a fio,
Magoada expressão d'alma doente?

Outras vezes olhando a água do rio,
Deixas correr o espírito indolente
Como uma flor que ao vento ali tombara,
E a onda murmurando arrebatara.

XVI

Latet anguis in herba... Neste instante
Entrou a tempo o chá... Perdão, leitores,
Eu bem sei que é preceito dominante
Não misturar comidas com amores;
Mas eu não vi, nem sei se algum amante
Vive de orvalho ou pétalas de flores;
Namorados estômagos consomem;
Comem Romeus, e Julietas comem.

XVII

Entrou a tempo o chá, e foi servi-lo,
Sem responder, a moça interrogada,
Cum ar tão soberano e tão tranqüilo
Que o velho emudeceu. Ceia acabada,
Fez o escritor o costumado quilo,
Mas um quilo de espécie pouco usada,
Que consistia em ler um livro velho;
Nessa noite acertou ser o Evangelho.

XVIII

Abrira em São Mateus, naquele passo
Em que o filho de Deus diz que a açucena
Não labora nem fia, e o tempo escasso
Vive, coo ar e o sol, sem dor nem pena;
Leu e estendendo o já trêmulo braço
À triste, à melancólica pequena,
Apontou-lhe a passagem da Escritura
Onde lera lição tão reta e pura.

XIX

“Vês? diz o velho, escusas de cansar-te;
Deixa em paz teu espírito, criança:
Se existe um coração que deva amar-te,
Há de vir; vive só dessa esperança.

As venturas do amor um deus reparte;
Queres tê-las? põe nele a confiança.
Não persigas com súplicas a sorte;
Tudo se espera; até se espera a morte!

XX

A doutrina da vida é esta: espera,
Confia, e colherás a ansiada palma;
Oxalá que eu te apague essa quimera.
Lá diz o bom Demófilo que à alma,
Como traz a andorinha a primavera,
A palavra do sábio traz a calma.
O sábio aqui sou eu. Ris-te, pequena?
Pois melhor; quero ver-te uma açucena!"

XXI

Falava aquele velho como fala
Sobre cores um cego de nascença.
Pear a juventude! Condená-la
Ao sono da ambição vivaz e intensa!
Coas leves asas da esperança orná-la
E não querer que rompa a esfera imensa!
Não consentir que esta manhã de amores
Encha com frescas lágrimas as flores!

XXII

Mal o velho acabava e justamente
Não rija porta ouviu-se urna pancada.
Quem seria? Uma serva diligente,
Travando de uma luz, desceu a escada.
Pouco depois rangia brandamente
A chave, e a porta aberta dava entrada
A um rapaz embuçado que trazia
Uma carta, e ao doutor falar pedia.

XXIII

Entrou na sala, e lento, e gracioso,
Descobriu-se e atirou a capa a um lado;
Era um rosto poético e viçoso
Por soberbos cabelos coroados;

Grave sem gesto algum pretensioso,
Elegante sem ares de enfeitado;
Nos lábios frescos um sorriso amigo,
Os olhos negros e o perfil antigo.

XXIV

Demais, era poeta. Era-o. Trazia
Naquele olhar não sei que luz estranha
Que indicava um aluno da poesia,
Um morador da clássica montanha,
Um cidadão da terra da harmonia,
Da terra que eu chamei nossa Alemanha,
Nuns versos que hei de dar um dia a lume,
Ou nalguma gazeta, ou num volume.

XXV

Um poeta! e de noite! e de capote!
Que é isso, amigo autor? Leitor amigo,
Imaginas que estás num camarote
Vendo passar em cena um drama antigo.
Sem lança não conheço D. Quixote,
Sem espada é apócrifo um Rodrigo;
Herói que às regras clássicas escapa,
Pode não ser herói, mas traz a capa.

XXVI

Heitor (*era o seu nome*) ao velho entrega
Uma carta lacrada; vem do Norte.
Escreve-lhe um filósofo colega
Já quase a entrar no tálamo da morte.
Recomenda-lhe o filho, e lembra, e alega
A provada amizade, o esteio forte,
Com que outrora, acudindo-lhe nos transes,
Salvou-lhe o nome de terríveis lances.

XXVII

Dizia a carta mais: "Crime ou virtude,
É meu filho poeta; e corre fama
Que já faz honra à nossa juventude
Coa viva inspiração de etérea chama;

Diz ele que, se o gênio não o ilude,
Camões seria se encontrasse um Gama.
Deus o fade; eu perdô-lhe tal sestro;
Guia-lhe os passos, cuida-lhe do estro."

XXVIII

Lida a carta, o filósofo erudito
Abraça o moço e diz em tom pausado:
"Um sonhador do azul e do infinito!
É hóspede do céu, hóspede amado.
Um bom poeta é hoje quase um mito.
Se o talento que tem é já provado,
Conte coo meu exemplo e o meu conselho;
Boa lição é sempre a voz de um velho."

XXIX

E trava-lhe da mão, e brandamente
Leva-o junto d'Elvira. A moça estava
Encostada à janela, e a esquiva mente
Pela extensão dos ares lhe vagava.
Voltou-se distraída, e de repente
Mal nos olhos de Heitor o olhar fitava,
Sentiu... Inútil fora relatá-lo;
Julgue-o quem não puder experimentá-lo.

XXX

Ó santa e pura luz do olhar primeiro!
Elo de amor que duas almas liga!
Raio de sol que rompe o nevoeiro
E casa a flor à flor! palavra amiga
Que, trocada um momento passageiro,
Lembrar parece uma existência antiga!
Língua, filha do céu, doce eloqüência
Dos melhores momentos da existência!

XXXI

Entra a leitora numa sala cheia;
Vai isenta, vai livre de cuidado:
Na cabeça gentil nenhuma idéia,
Nenhum amor no coração fechado.

Livre como a andorinha que volteia
E corre loucamente o ar azulado.
Venham dois olhos, dois, que a alma buscava.
Eras senhora? ficarás escrava!

XXXII

Cum só olhar escravos ele e ela
Já lhes pulsa mais forte o sangue e a vida;
Rápida corre aquela noite, aquela
Para as castas venturas escolhida;
Assoma já nos lábios da donzela
Lampejo de alegria esvaecida.
Foi milagre de amor, prodígio santo.
Quem mais fizera? Quem fizera tanto?

XXXIII

Preparara-se ao moço um aposento.
Oh! reverso da antiga desventura!
Tê-lo perto de si! viver do alento
De um poeta, alma lânguida, alma pura!
Dá-lhe, ó fonte do casto sentimento,
Águas santas, batismo de ventura!
Enquanto o velho, amigo de outra fonte,
Vai mergulhar-se em pleno Xenofonte.

XXXIV

Devo agora contar, dia por dia,
O romance dos dois? Inútil fora;
A história é sempre a mesma; não varia
A paixão de um rapaz e uma senhora.
Vivem ambos do olhar que se extasia
E conversa coa alma sonhadora;
Na mesma luz de amor os dois se inflamam,
Ou, como diz Filinto: "Amados, amam".

XXXV

Todavia a leitora curiosa
Talvez queira saber de um incidente;
A confissão dos dois; — cena espinhosa
Quando a paixão domina a alma que sente.

Em regra, confissão franca e verbosa
Revela um coração independente;
A paz interior tudo confia,
Mas o amor, esse hesita e balbucia.

XXXVI

O amor faz monossílabos; não gasta
O tempo com análises compridas;
Nem é próprio de boca amante e casta
Um chuveiro de frases estendidas;
Um volver d'olhos lânguido nos basta
A conhecer as chamas comprimidas;
Coração que discorre e faz estilo,
Tem as chaves por dentro e está tranqüilo.

XXXVII

Deu-se o caso uma tarde em que chovia,
Os dois estavam na varanda aberta
A chuva peneirava, e além cobria
Cinzento véu o ocaso; a tarde incerta
Já nos braços a noite recebia,
Como amorosa mãe que a filha aperta
Por enxugar-lhe os prantos magoados.
Eram ambos imóveis e calados.

XXXVIII

Juntos, ao parapeito da varanda,
Viam cair da chuva as gotas finas,
Sentindo a viração fria, mas branda,
Que balançava as frouxas casuarinas.
Raras, ao longe, de uma e de outra banda,
Pelos do céu tristíssimas campinas,
Via correr da tempestade as aves
Negras, serenas, lúgubres e graves.

XXXIX

De quando em quando vinha uma rajada
Borrifar e agitar a Elvira as tranças.
Como se fora a brisa perfumada
Que à palmeira sacode as tênues franças.

A fronte gentilíssima e engraçada
Sacudia coa chuva as más lembranças;
E ao passo que chorava a tarde escura
Ria-se nela a aurora da ventura.

XL

"Que triste a tarde vai! que véu de morte
Cobrir parece a terra! (*o moço exclama*).
Reprodução fiel da minha sorte,
"Sombra e choro." — "Por quê? pergunta a dama;
Diz que teve dos céus uma alma forte..."
"É forte o cedro e não resiste à chama;
Leu versos meus em que zombei do fado?
Ilusões de poeta malgrado!

XLI

Somos todos assim. É nossa glória
Contra o destino opor alma de ferro;
Desafiar o mal, eis nossa história,
E o tremendo duelo é sempre um erro.
Custa-nos caro uma falaz vitória
Que nem consola as mágoas do desterro,
O desterro, — esta vida obscura e rude
Que a dor enfeita e as vítimas ilude.

XLII

Contra esse mal tremendo que devora
A seiva toda à nossa mocidade,
Que remédio haveríamos, senhora,
Senão versos de afronta e liberdade?
No entanto, bastaria acaso um' hora,
Uma só, mas de amor, mas de piedade,
Para trocar por séculos de vida
Estes de dor acerba e envilecida."

XLIII

Al não disse, e, fitando olhos ardentes
Na moça, que de enleio enrubescia,
Com discursos mais fortes e eloqüentes
Na exposição do caso prosseguia;

A pouco e pouco as mãos inteligentes
Travaram-se; e não sei se conviria
Acrescentar que um ósculo... Risquemos,
Não é bom mencionar estes extremos.

XLIV

Duas sombrias nuvens afastando,
Tênuo raio de sol rompera os ares,
E, no amoroso grupo desmaiando,
Testemunhou-lhe as núpcias singulares.
A nesga azul do ocaso contemplando,
Sentiram ambos irem-lhes os pesares,
Como noturnas aves agoureiras
Que à luz fogem medrosas e ligeiras.

XLV

Tinha mágoas o moço? A causa delas?
Nenhuma causa; fantasia apenas;
O eterno devanear das almas belas,
Quando as dominam férvidas camenas;
Uma ambição de conquistar estrelas,
Como se colhem lúcidas falenas;
Um desejo de entrar na eterna lida,
Um querer mais do que nos cede a vida.

XLVI

Com amores sonhava, ideal formado
De celestes e eternos esplendores,
A ternura de um anjo destinado
A encher-lhe a vida de perpétuas flores.
Tinha-o, enfim, qual fora antes criado
Nos seus dias de mágoas e amargores;
Madrugavam-lhe n'alma a luz e o riso;
Estava à porta enfim do paraíso.

XLVII

Nessa noite, o poeta namorado
Não conseguiu dormir. A alma fugira
Para ir velar o doce objeto amado,
Por quem, nas ânsias da paixão, suspira;

E é provável que, achando o exemplo dado,
Ao pé de Heitor viesse a alma de Elvira;
De maneira que os dois, de si ausentes,
Lá se achavam mais vivos e presentes.

XLVIII

Ao romper da manhã, coo sol ardente,
Brisa fresca, entre as folhas sussurrando,
O não dormido vate acorda, e a mente
Lhe foi dos vagos sonhos arrancando.
Heitor contempla o vale resplendente
A flor abrindo, o pássaro cantando;
E a terra que entre risos acordava,
Ao sol do estio as roupas enxugava.

XLIX

Tudo então lhe sorria. A natureza,
As musas, o futuro, o amor e a vida;
Quanto sonhara aquela mente acesa
Dera-lhe a sorte, enfim, compadecida.
Um paraíso, uma gentil beleza,
E a ternura castíssima e vencida
De um coração criado para amores,
Que exala afetos como aroma as flores.

L

E ela? Se conheceste em tua vida,
Leitora, o mal do amor, delírio santo,
Dor que eleva e conforta a alma abatida,
Embriaguez do céu, divino encanto,
Se a tua face ardente e enrubescida
Palejou com suspiros e com prantos,
Se ardeste enfim, naquela intensa chama,
Entenderás o amor de ingênua dama.

LI

Repara que eu não falo desse enleio
De uma noite de baile ou de palestra;
Amor que mal agita a flor do seio,
E ao chá termina e acaba com a orquestra;

Não me refiro ao simples galanteio
Em que cada menina é velha mestra,
Averso ao sacrifício, à dor e ao choro;
Falo do amor, não falo do namoro.

LII

Éden de amor, ó solidão fechada,
Casto asilo a que o sol dos novos dias
Vai mandar, como a furto, a luz coada
Pelas frestas das verdes gelosias,
Guarda-os ambos; conserva-os recatada.
Almas feitas de amor e de harmonias,
Tecei, tecei as vívidas capelas,
Deixai correr sem susto as horas belas.

LIII

Cá fora o mundo insípido e profano
Não dá, nem pode dar o enleio puro
Das almas novas, nem o doce engano
Não busqueis penetrar neste oceano
Com que se esquecem males do futuro.
Em que se agita o temporal escuro.
Por fugir ao naufrágio e ao sofrimento,
Tendes uma enseada, — o casamento.

LIV

Resumamos, leitora, a narrativa.
Tanta estrofe a cantar etéreas chamas
Pede compensação, musa insensiva,
Que fatigais sem pena o ouvido às damas.
Demais, é regra certa e positiva
Que muitas vezes, as maiores famas
Perde-as uma ambição de tagarela;
Musa, aprende a lição; musa, cautela!

LV

Meses depois da cena relatada
Nas estrofes, a folhas, — o poeta
Ouviu do velho Antero uma estudada
Oração cicerônica e seleta;

A conclusão da arenga preparada
Era mais agradável que discreta.
Dizia o velho erguendo olhos serenos:
"Pois que se adoram, casem-se, pequenos!"

LVI

Lágrima santa, lágrima de gosto
Vertem olhos de Elvira; e um riso aberto
Veio inundar-lhe de prazer o rosto
Como uma flor que abrisse no deserto.
Se iam já longe as sombras do desgosto;
Inda até li era o futuro incerto;
Fez-lhe certo o ancião; e a moça grata
Beija a mão que o futuro lhe resgata.

LVII

Correm os banhos, tiram-se dispensas,
Vai-se buscar um padre ao povoado;
Prepara-se o enxoval e outras pertenças
Necessárias agora ao novo estado.
Notam-se até algumas diferenças
No modo de viver do velho honrado,
Que sacrifica à noiva e aos deuses lares
Um estudo dos clássicos jantares.

LVIII

"— Onde vais tu? — À serra! — Vou contigo.
— Não, não venhas meu anjo, é longa a estrada.
Se cansares? — Sou leve, meu amigo;
Descerei nos teus ombros carregada.
Vou compor encostado ao cedro antigo
Canto de núpcias. Seguirei calada;
Junto de ti, ter-me-ás mais em lembrança;
Musa serei sem perturbar. — Criança!"

LIX

Brandamente repele Heitor a Elvira;
A moça fica; o poeta lentamente
Sobe a montanha. A noiva repetira
O primeiro pedido inutilmente.

Olha-o de longe, e tímida suspira.
Vinha a tarde caindo frouxamente,
Não triste, mas risonha e fresca e bela,
Como a vida da pálida donzela.

LX

Chegando, enfim, à c'roa da colina,
Viram olhos de Heitor o mar ao largo,
E o sol, que despe a veste purpurina,
Para dormir no eterno leito amargo.
Surge das águas, pálida e divina,
Essa que tem por deleitoso encargo
Velar amantes, proteger amores,
Lua, musa dos cândidos palores.

LXI

Respira Heitor; é livre. O casamento?
Foi sonho que passou, fugaz idéia
Que não pôde durar mais que um momento,
Outra ambição a alma lhe incendeia.
Dissipada a ilusão, o pensamento
Novo quadro a seus olhos patenteia,
Não lhe basta aos desejos de sua alma
A enseada da vida estreita e calma.

LXII

Aspira ao largo; pulsam-lhe no peito
Uns ímpetos de vida; outro horizonte,
Túmidas vagas, temporal desfeito,
Quer com eles lutar frente por frente.
Deixa o tranqüilo amor, casto e perfeito,
Pelos bródios de Vênus de Amatonte;
A existência entre fores esquecida
Pelos rumores de mais ampla vida.

LXIII

Nas mãos da noite desmaiara a tarde;
Descem ao vale as sombras vergonhosas;
Noite que o céu, por mofa ou por alarde,
Torna propícia às almas venturosas.

O derradeiro olhar frio e covarde
E umas não sei que estrofes lamentosas
Solta o poeta, enquanto a triste Elvira,
Viúva antes de noiva, em vão suspira!

LXIV

Transpõe o mar Heitor, transpõe montanhas;
Tu, curiosidade, o ingrato levas
A ir ver o sol das regiões estranhas,
A ir ver o amor das peregrinas Evas.
Vai, em troco de palmas e façanhas,
Viver na morte, bracejar nas trevas;
Fazer do amor, que é livro aos homens dado,
Copioso almanaque namorado.

LXV

Inscribe nele a moça de Sevilha,
Longas festas e noites espanholas,
A indiscreta e diabólica mantilha
Que a fronte cinge a amantes e a carolas.
Quantos encontra corações perfilha,
Faz da bolsa e do amor largas esmolas;
Esquece o antigo amor e a antiga musa
Entre os beijos da lépida andaluza.

LXVI

Canta no seio túrgido e macio
Da ferosa, indolente italiana,
E dorme junto ao laranjal sombrio
Ao som de uma canção napolitana.
Dão-lhe, para os serões do ardente estio,
Asti, os vinhos, mulheres, a Toscana.
Roma adora, embriaga-se em Veneza,
E ama a arte nos braços da beleza.

LXVII

Vê Londres, vê Paris, terra das ceias,
Feira do amor a toda a bolsa aberta;
No mesmo laço, as belas como as feias.
Por capricho ou razão, iguais aperta;

A idade não pergunta às taças cheias;
Só pede o vinho que o prazer desperta;
Adora as outoniças, como as novas,
Torna-se herói de rua e herói de alcovas.

LXVIII

Versos, quando os compõe, celebram antes
O alegre vício que a virtude austera;
Canta os beijos e as noites delirantes,
O estéril gozo que a volúpia gera;
Troca a ilusão que o seduzia dantes
Por maior e tristíssima quimera;
Ave do céu, entre ósculos criada,
Espalha as plumas brancas pela estrada.

LXIX

Um dia, enfim, cansado e aborrecido,
Acorda Heitor; e, olhando em roda ao largo,
Vê um deserto, e do prazer perdido
Resta-lhe unicamente o gozo amargo;
Não achou o ideal apetecido
No longo e profundíssimo letargo;
A vida exausta em festas e esplendores,
Se algumas tinha, eram já murchas flores.

LXX

Ora, uma noite, costeando o Reno,
Ao luar melancólico, — buscava
Aquele gozo simples, doce, ameno,
Que à vida toda outrora lhe bastava;
Voz remota, cortando o ar sereno,
Em derredor os ecos acordava;
Voz aldeã que o largo espaço enchia,
E uma canção de Schiller repetia.

LXXI

"A glória! diz Heitor, a glória é vida!
Por que busquei nos gozos de outra sorte
Esta felicidade apetecida,
Esta ressurreição que anula a morte?"

Ó ilusão fantástica e perdida!
Ó mal gasto, ardentíssimo transporte!
Musa, restaura as apagadas tintas!
Revivei, revivei, chamas extintas!"

LXXII

A glória? Tarde vens, pobre exilado!
A glória pede as ilusões viçosas,
Estro em flor, coração eletrizado,
Mãos que possam colher etéreas rosas;
Mas tu, filho do ócio e do pecado,
Tu que perdeste as forças portentosas
Na agitação que os ânimos abate,
Queres colher a palma do combate?

LXXIII

Chamas em vão as musas; deslembadas,
À tua voz os seus ouvidos cerram;
E nas páginas virgens, preparadas,
Pobre poeta, em vão teus olhos erram;
Nega-se a inspiração; nas despregadas
Cordas da velha lira, os sons que encerram
Inertes dormem; teus cansados dedos
Correm debalde; esquecem-lhe os segredos.

LXXIV

Ah! se a taça do amor e dos prazeres
Já não guarda licor que te embriague;
Se nem musas nem lânguidas mulheres
Têm coração que o teu desejo apague;
Busca a ciência, estuda a lei dos seres,
Que a mão divina tua dor esmague;
Entra em ti, vê o que és, observa em roda,
Escuta e palpa a natureza toda.

LXXV

Livros compra, um filósofo procura;
Revolve a criação, perscruta a vida;
Vê se espancas a longa noite escura
Em que a estéril razão andou metida;

Talvez aches a palma da ventura
No campo das ciências escondida.
Que a tua mente as ilusões esqueça:
Se o coração morreu, vive a cabeça!

LXXVI

Ora, por não brigar coos meus leitores,
Dos quais, conforme a curta ou longa vista,
Uns pertencem aos grupos novadores
Da fria comunhão materialista;
Outros, seguindo exemplo dos melhores,
Defendem a teoria idealista;
Outros, enfim fugindo armas extremas,
Vão curando por ambos os sistemas;

LXXVII

Direi que o nosso Heitor, após o estudo
Da natureza e suas harmonias,
*(Opondo à consciência um forte escudo
Contra divagações e fantasias);*
Depois de ter aprofundado tudo,
Planta, homem, estrelas, noites, dias,
Achou esta lição inesperada:
Veio a saber que não sabia nada.

LXXVIII

"Nada! exclama um filósofo amarelo
Pelas longas vigílias, afastando
Um livro que há de dar um dia ao prelo,
E em cujas folhas ia trabalhando.
Pois eu, doutor de borla e de capelo,
Eu que passo os meus dias estudando,
Hei de ler o que escreve pena ousada,
Que a ciência da vida acaba em nada?"

LXXIX

Aqui convinha intercalar com jeito,
Sem pretensão, nem pompa nem barulho,
Uma arrancada apóstrofe do peito
Contra as vãs pretensões do nosso orgulho;

Conviria mostrar em todo o efeito
Essa que é dos espíritos entulho,
Ciência vã, de magnas leis tão rica,
Que ignora tudo, e tudo ao mundo explica.

LXXX

Mas, urgindo acabar este romance,
Deixo em paz o filósofo, e procuro
Dizer ao vate o doloroso trance
Quando se achou mais peço e mais escuro.
Valera bem naquele triste lance
Um sorriso do céu plácido e puro,
Raio do sol eterno da verdade,
Que a vida aquece e alenta a humanidade.

LXXXI

Quê! nem ao menos na ciência havia
Fonte que a eterna sede lhe matasse?
Nem do amor, nem no seio da poesia
Podia nunca repousar a face;
Atrás desse fantasma correria
Sem que jamais as formas lhe palpasse?
Seria acaso a sua ingrata sorte
A ventura encontrar nas mãos da morte?

LXXII

A morte! Heitor pensara momentos
Nessa sombria porta aberta à vida;
Pálido arcanjo dos finais alentos
De alma que o céu deixou desiludida;
Mão que, fechando os olhos sonolentos,
Põe o termo fatal à humana lida;
Templo de glória ou região do medo,
Morte, quem te arrancara o teu segredo?

LXXXIII

Vazio, inútil, ermo de esperanças
Heitor buscava a noiva ignota e fria,
Que o envolvesse então nas longas tranças
E o conduzisse à câmara sombria,

Quando, em meio de pálidas lembranças,
Surgiu-lhe a idéia de um remoto dia,
Em que cingindo a cândida capela
Estava a pertencer-lhe uma donzela.

LXXXIV

Elvira! o casto amor! a esposa amante!
Rosa de uma estação, deixada ao vento!
Riso dos céus! estrela rutilante
Esquecida no azul do firmamento!
Ideal, meteoro de um instante!
Glória da vida, luz do pensamento!
A gentil, a formosa realidade!
Única dita e única verdade!

LXXXV

Ah! por que não ficou terno e tranqüilo
Da ingênua moça nos divinos braços?
Por que fugira ao casto e alegre asilo?
Por que rompera os mal formados laços?
Quem pudera jamais restituí-lo
Aos estreitos, fortíssimos abraços
Com que Elvira apertava enternecida
Esse que lhe era o amor, a alma e a vida?

LXXXVI

Será tempo? Quem sabe? Heitor hesita;
Tardio pejo lhe enrubesce a face;
Punge o remorso; o coração palpita,
Como se vida nova o reanimasse;
Tênuo fogo, entre a cinza, arde e se agita...
Ah! se o passado ali ressuscitasse
Reviveriam ilusões viçosas,
E a gasta vida rebentara em rosas!

LXXXVII

Resolve Heitor voltar ao vale amigo,
Onde ficara a noiva abandonada.
Transpõe o mar, afronta-lhe o perigo,
E chega enfim à terra desejada.

Sobe o monte, contempla o cedro antigo,
Sente abrir-se-lhe n'alma a flor murchada
Das ilusões que um dia concebera;
Rosa extinta da sua primavera!

LXXXVIII

Era a hora em que os serros do oriente
Formar parecem luminosas urnas;
E abre o sol a pupila resplendente
Que às folhas sorve as lágrimas noturnas;
Frouxa brisa amorosa e diligente
Vai acordando as sombras taciturnas;
Surge nos braços dessa aurora estiva
A alegre natureza rediviva.

LXXXIX

Campa era o mar; o vale estreito berço;
De um lado a morte, do outro lado a vida,
Canto do céu resumo do universo,
Ninho para aquecer a ave abatida.
Inda nas sombras todo o vale imerso,
Não acordara à costumada lida;
Repousava no plácido abandono
Da paz tranqüila e do tranqüilo sono.

XC

Alto já ia o sol, quando descera
Heitor a oposta face da montanha;
Nada do que deixou desaparecera;
O mesmo rio as mesmas ervas banha.
A casa como então, garrida e austera,
Do sol nascente a viva luz apanha;
Iguais flores, nas plantas renascidas...
Tudo ali fala de perpétuas vidas!

XCI

Desce o poeta cauteloso e lento.
Olha de longe; um vulto ao sol erguia
A veneranda fronte, monumento
De grave e celestial melancolia.

Como sulco de um fundo pensamento
Larga ruga na testa abrir se via,
Era a ruína talvez de uma esperança...
Nos braços tinha uma gentil criança

XCII

Ria a criança; o velho contemplava
Aquela flor que às auras matutinas
O perfumoso cálix desbrochava
E entrava a abrir as pétalas divinas.
Triste sorriso o rosto lhe animava,
Como um raio de lua entre ruínas.
Alegria infantil, tristeza austera,
O inverno torvo, a alegre primavera!

XCIII

Desce o poeta, desce, e preso, e fito
Nos belos olhos do gentil infante,
Treme, comprime o peito... e após um grito
Corre alegre, exaltado e delirante.
Ah! se jamais as vozes do infinito
Podem sair de um coração amante,
Teve-as aquele... Lágrimas sentidas
Lhe inundaram as faces ressequidas!

XCIV

"Meu filho!" exclama, e súbito parando
Ante o grupo ajoelha o libertino;
Geme, soluça, em lágrimas beijando
As mãos do velho e as tranças do menino.
Ergue-se Antero, e frio e venerando,
Olhos no céu, exclama: "Que destino!
Murchar-lhe, viva, a rosa da ventura;
Morta, insultar-lhe a paz da sepultura!"

XCV

"Morta! — Sim! — Ah! senhor! se arrependido
Posso alcançar perdão, se com meus prantos
Posso apiedar-lhe o coração ferido
Por tanta mágoa e longos desencantos;

Se este infante, entre lágrimas nascido,
Pode influir-me os seus afetos santos...
É meu filho, não é? perdão lhe imploro!
Veja senhor! eu sofro, eu creio, eu choro!"

XCVI

Olha-o com frio orgulho o velho honrado;
Depois, fugindo àquela cena estranha,
Entra em casa. O poeta, acabrunhado,
Sobe outra vez a encosta da montanha;
Ao cimo chega, e desce o oposto lado
Que a vaga azul entre soluços banha.
Como fria ironia a tantas mágoas,
Batia o sol de chapa sobre as águas.

XCVII

Pouco tempo depois ouviu-se um grito,
Som de um corpo nas águas resvalado;
À flor das vagas veio um corpo aflito...
Depois... o sol tranqüilo e o mar calado.
Depois... Aqui termina o manuscrito,
Que ora em letra de forma é publicado,
Nestas estrofes pálidas e mansas,
Para te divertir de outras lembranças.

Prelúdio

...land of dreams.
... land of song.

LONGFELLOW

Lembra-te a ingênua moça, imagem da poesia,
Que a André Roswein amou, e que implorava um dia,
Como infalível cura à sua mágoa estranha,
Uma simples jornada às terras da Alemanha?
O poeta é assim: tem, para a dor e o tédio,
Um refúgio tranqüilo, um suave remédio:
És tu, casta poesia, ó terra pura e santa!
Quando a alma padece, a lira exorta e canta;
E a musa que, sorrindo, os seus bálsamos verte,

Cada lágrima nossa em pérola converte.

Longe daquele asilo, o espírito se abate;
A existência parece um frívolo combate,
Um eterno ansiar por bens que o tempo leva,
Flor que resvala ao mar, luz que se esvai na treva,
Pelejas sem ardor, vitórias sem conquista!
Mas, quando o nosso olhar os páramos avista,
Onde o peito respira o ar sereno e agreste,
Transforma-se o viver. Então, à voz celeste,
Acalma-se a tristeza; a dor se abranda e cala;
Canta a alma e suspira; o amor vem resgatá-la;
O amor, gota de luz do olhar de Deus caída,
Rosa branca do céu, perfume, alento, vida.
Palpita o coração já crente, já desperto;
Povoa-se num dia o que era agro deserto;
Fala dentro de nós uma boca invisível;
Esquece-se o real e palpa-se o impossível.
A outra terra era má, o meu país é este;
Este o meu céu azul.

Se um dia padeceste
Aquele dor profunda, aquele ansiar sem termo
Que leva o tédio e a morte ao coração enfermo;
Se queres mão que enxugue as lágrimas austeras,
Se te apraz ir viver de eternas primaveras,
Ó alma de poeta, ó alma de harmonia,
Volve às terras da musa, às terras da poesia!

Tens, para atravessar a azul imensidade,
Duas asas do céu: a esperança e a saudade.
Uma vem do passado, outra cai do futuro;
Com elas voa a alma e paira no éter puro,
Com elas vai curar a sua mágoa estranha.

A terra da poesia é a nossa Alemanha.

Visão

A LUÍS ALVARENGA PEIXOTO

Vi de um lado o Calvário, e do outro lado
O Capitólio, o templo-cidadela.
E torvo mar entre ambos agitado,

Como se agita o mar numa procela.

Pousou no Capitólio uma águia; vinha
Cansada de voar.
Cheia de sangue as longas asas tinha;
Pousou; quis descansar.

Era a águia romana, a águia de Quirino;
A mesma que, arrancando as chaves ao destino,
As portas do futuro abriu de par em par.
A mesma que, deixando o ninho áspero e rude,
Fez do templo da força o templo da virtude,
E lançou, como emblema, a espada sobre o altar.

Então, como se um deus lhe habitasse as entranhas,
A vitória empolgou, venceu raças estranhas,
Fez de várias nações um só domínio seu.
Era-lhe o grito agudo um tremendo rebate.
Se caía, perdendo acaso um só combate,
Punha as asas no chão e remontava Anteu.

Vezes três, respirando a morte, o sangue, o estrago,
Saiu, lutou, caiu, ergueu-se... e jaz Cartago;
É ruína; é memória; é túmulo. Transpõe,
Impetuosa, e audaz, os vales e as montanhas.
Lança a férrea cadeia ao colo das Espanhas.
Gália vence; e o grilhão a toda Itália põe.

Terras d'Ásia invadiu, águas bebeu do Eufrates,
Nem tu mesma fugiste à sorte dos combates,
Grécia, mãe do saber. Mas que pode o opressor,
Quando o gênio sorriu no berço de uma serva?
Palas despe a couraça e veste de Minerva;
Faz-se mestra a cativa; abre escola ao senhor.

Agora, já cansada e respirando a custo,
Desce; vem repousar no monumento augusto.
Gotejam-lhe ainda sangue as asas colossais.
A sombra do terror assoma-lhe à pupila.
Vem tocada das mãos de César e de Sila.
Vê quebrar-se-lhe a força aos vínculos mortais.

Dum lado e de outro, azulam-se
Os vastos horizontes;

Vida ressurgue esplêndida
Por toda a criação.
Luz nova, luz magnífica
Os vales enche e os montes...
E, além, sobre o Calvário,
Que assombro! Que visão!

Fitei o olhar. Do píncaro
Da colossal montanha
Surge uma pomba, e plácida
Asas no espaço abriu.
Os ares rompe, embebe-se
No éter de luz estranha;
Olha-a minha alma atônita
Dos céus a que subiu.

Emblema audaz e lúgubre,
Da força e do combate,
A águia no Capitólio
As asas abateu.
Mas voa a pomba, símbolo
Do amor e do resgate,
Santo e apertado vínculo
Que a terra prende ao céu.

Depois... Às mãos de bárbaros,
Na terra em que nascera,
Após sangrentos séculos,
A águia expirou; e então
Desceu a pomba cândida
Que marca a nova era,
Pousou no Capitólio,
Já berço, já cristão.

Menina e Moça

A Ernesto Cibrão

Está naquela idade inquieta e duvidosa,
Que não é dia claro e é já o alvorecer;
Entreaberto botão, entrefechada rosa,
Um pouco de menina e um pouco de mulher.

Às vezes recatada, outras estouvadinha,
Casa no mesmo gesto a loucura e o pudor;
Tem coisas de criança e modos de mocinha,
Estuda o catecismo e lê versos de amor.

Outras vezes valsando, o seio lhe palpita,
De cansaço talvez, talvez de comoção.
Quando a boca vermelha os lábios abre e agita,
Não sei se pede um beijo ou faz uma oração.

Outras vezes beijando a boneca enfeitada,
Olha furtivamente o primo que sorri;
E se corre parece, à brisa enamorada,
Abrir asas de um anjo e tranças de uma huri.

Quando a sala atravessa, é raro que não lance
Os olhos para o espelho; é raro que ao deitar
Não leia, um quarto de hora, as folhas de um romance
Em que a dama conjugue o eterno verbo amar.

Tem na alcova em que dorme, e descansa de dia,
A cama da boneca ao pé do toucador;
Quando sonha, repete, em santa companhia,
Os livros do colégio e o nome de um doutor.

Alegra-se em ouvindo os compassos da orquestra;
E quando entra num baile, é já dama do tom;
Compensa-lhe a modista os enfados da mestra;
Tem respeito a Geslin, mas adora a Dazon.

Dos cuidados da vida o mais tristonho e acerbo
Para ela é o estudo, excetuando talvez
A lição de sintaxe em que combina o verbo
To love, mas sorrindo ao professor de inglês.

Quantas vezes, porém, fitando o olhar no espaço,
Parece acompanhar uma etérea visão;
Quantas cruzando ao seio o delicado braço
Comprime as pulsações do inquieto coração!

Ah! se nesse momento, alucinado, fores
Cair-lhe aos pés, confiar-lhe uma esperança vã,
Hás de vê-la zombar dos teus tristes amores,
Rir da tua aventura e contá-la à mamã.

É que esta criatura, adorável, divina,
Nem se pode explicar, nem se pode entender:
Procura-se a mulher e encontra-se a menina,
Quer-se ver a menina e encontra-se a mulher!

No Espaço

*Il n'y a qu' une sorte d'amour, mais
il y en a mille différentes copies.*

LA ROCHEFOUCAULD

Rompendo o último laço
Que ainda à terra as prendia,
Encontraram-se no espaço
Duas almas. Parecia
Que o destino as convocara
Para aquela mesma hora;
E livres, livres agora,
Correm a estrada do céu,
Vão ver a divina face:
Uma era a de Lovelace,
Era a outra a de Romeu.

Voavam... porém voando
Falavam ambas. E o céu
Ia as vozes escutando
Das duas almas. Romeu
De Lovelace indagava
Que fizera nesta vida
E que saudades levava.

"Eu amei ... mas quantas, quantas,
E como, e como não sei;
Não seria o amor mais puro,
Mas o certo é que as amei.
Se era tão fundo e tão vasto
O meu pobre coração!
Cada dia era uma glória,
Cada hora uma paixão
Amei todas; e na história
Dos amores que senti

Nenhuma daquelas belas
Deixou de escrever por si.

"Nem a patrícia de Helena,
De verde mirto c'roadada,
Nascida como açucena
Pelos zéfiros beijada,
Aos brandos raios da lua,
À voz das ninfas do mar,
Trança loira, espádua nua.
Calma fronte e calmo olhar.

"Nem a beleza latina,
Nervosa, ardente, robusta,
Levantando a voz augusta
Pela margem peregrina,
Onde o eco em seus lamentos,
Por virtude soberana,
Repete a todos os ventos
A nota virgiliana.

"Nem a doce, aérea inglesa,
Que os ventos frios do norte
Fizeram fria de morte,
Mas divina de beleza,
Nem a ardente castelhana,
Corada ao sol de Madri,
Beleza tão soberana,
Tão despótica no amor,
Que troca os troféus de um Cid
Pelo olhar de um trovador.

"Nem a virgem pensativa
Que às margens do velho Reno,
Como a pura sensitiva,
Vive das auras do céu,
E murcha ao mais leve aceno
De mãos humanas; tão pura
Como aquela Margarida
Que a Fausto um dia encontrou.

"E muitas mais, e amei todas,
Todas minha alma encerrou.
Foi essa a minha virtude,

Era esse o meu condão.
Que importava a latitude?
Era o mesmo coração,
Os mesmos lábios, o mesmo
Arder na chama fatal...
Amei a todas e a esmo."

Lovelace concluíra;
Entravam ambos no céu;
E o Senhor que tudo ouvira,
Voltou os olhos imensos
Para a alma de Romeu:

"E tu?" — "Eu amei na vida
Uma só vez, e subi
Daquela cruenta lida,
Senhor, a acolher-me em ti".

Das duas almas, a pura,
A formosa, olhando em face
A divindade ficou;
E a alma de Lovelace
De novo à terra baixou.

Daqui vem que a terra conta,
Por um decreto do céu,
Cem Lovelaces num dia
E em cem anos um Romeu.

Os Deuses da Grécia

(Schiller)

Quando, coos ténues vínculos de gozo,
Ó Vênus de Amatonte, governavas
Felizes raças, encantados povos
Dos fabulosos tempos;

Quando fulgia a pompa do teu culto,
E o templo ornavam delicadas rosas,
Ai! quão diverso o mundo apresentava
A face aberta em risos!

Na poesia envolvia-se a verdade;
Plena vida gozava a terra inteira;
E o que jamais hão de sentir na vida
Então sentiam homens.

Lei era repousar no amor; os olhos
Nos namorados olhos se encontravam;
Espalhava-se em toda a natureza
Um vestígio divino.

Onde hoje dizem que se prende um globo
Cheio de fogo, — outrora conduzia
Hélios o carro de ouro, e os fustigados
Cavalos espumantes.

Povoavam Oréades os montes,
No arvoredado Doríades viviam,
E agreste espuma despejava em flocos
A urna das Danaides.

Refúgio de uma ninfa era o loureiro;
Tantália moça as rochas habitava;
Suspiravam no arbusto e no caniço
Sirinx, Filomela.

Cada ribeiro as lágrimas colhia
De Ceres pela esquiva Persefone;
E do outeiro chamava inutilmente
Vênus o amado amante.

Entre as raças que o pio tessaliano
Das pedras arrancou, - os deuses vinham;
Por cativar uns namorados olhos
Apolo pastoreava.

Vínculo brando então o amor lançava
Entre os homens, heróis e os deuses todos;
Eterno culto ao teu poder rendiam,
Ó deusa de Amatonte!

Jejuns austeros, torva gravidade
Banidos eram dos festivos templos;
Que os venturosos deuses só amavam
Os ânimos alegres.

Só a beleza era sagrada outrora;
Quando a pudica Tiêmone mandava,
Nenhum dos gozos que o mortal respira
 Envergonhava os deuses.

Eram ricos palácios vossos templos;
Lutas de heróis, festins, e o carro e a ode,
Eram da raça humana aos deuses vivos
 A jucunda homenagem.

Saltava a dança alegre em torno a altares;
Louros c'roavam numes; e as capelas
De abertas, frescas rosas, lhes cingiam
 A fronte perfumada.

Anunciava o galhofeiro Baco
O Tirso de Evoé; sátiros fulvos
Iam tripudiando em seu caminho;
 Iam bailando as Mênades.

A dança revelava o ardor do vinho;
De mão em mão corria a taça ardente,
Pois que ao fervor dos ânimos convida
 A face rubra do hóspede.

Nenhum espectro hediondo ia sentar-se
Ao pé do moribundo. O extremo alento
Escapava num ósculo, e voltava
 Um gênio a tocha extinta.

E além da vida, nos infernos, era
Um filho de mortal quem sustentava
A severa balança; e coa voz pia
 Vate ameigava as Fúrias.

Nos Elísios o amigo achava o amigo;
Fiel esposa ia encontrar o esposo;
No perdido caminho o carro entrava
 Do destro automedonte.

Continuava o poeta o antigo canto;
Admeto achava os ósculos de Alceste;
Reconhecia a Píldes o sócio,

E o rei tessálio as flechas.

Nobre prêmio o valor retribuía
Do que andava nas sendas da virtude;
Ações dignas do céu, filhas dos homens,
O céu tinham por paga.

Inclinavam-se os deuses ante aquele
Que ia buscar-lhe algum mortal extinto;
E os gêmeos lá no Olimpo alumiam
O caminho ao piloto.

Onde és, mundo de risos e prazeres?
Por que não volves, florescente idade?
Só as musas conservam os teus divinos
Vestígios fabulosos.

Tristes e mudos vejo os campos todos;
Nenhuma divindade aos olhos surge;
Dessas imagens vivas e formosas
Só a sombra nos resta.

Do norte ao sopro frio e melancólico,
Uma por uma, as flores se esfolharam;
E desse mundo rútilo e divino
Outro colheu despojos.

Os astros interrogo com tristeza,
Selene, e não te encontro; à selva falo
Falo à vaga do mar, e à vaga, e à selva,
Inúteis vozes mando.

Da antiga divindade despojada,
Sem conhecer os êxtases que inspira,
Desse esplendor que eterno a fronte lhe orna
Não sabe a natureza.

Nada sente, não goza do meu gozo;
Insensível à força com que impera,
O pêndulo parece condenado
Às frias leis que o regem.

Para se renovar, abre hoje a campa,
Foram-se os numes ao país dos vates;

Das roupas infantis despida, a terra
Inúteis os rejeita.

Foram-se os numes, foram-se; levaram
Consigo o belo, e o grande, e as vivas cores,
Tudo que outrora a vida alimentava,
Tudo que é hoje extinto.

Ao dilúvio dos tempos escapando,
Nos recessos do Pindo se entranharam:
O que sofreu na vida eterna morte,
Imortalize a musa!

Cegonhas e Rodovalhos

(BOUILLET)

A ANÍSIO SEMPRÔNIO RUFO

Salve, rei dos mortais, Semprônio invicto,
Tu que estreaste nas romanas mesas
O rodovalho fresco e a saborosa
Pedi-rubra cegonha!
Desentranhando os mármore de Frígia,
Ou já rompendo ao bronze o escuro seio,
Justo era que mandasse a mão do artista
Teu nobre rosto aos evos.

Por que fosses maior aos olhos pasmos
Das nações do Universo, ó pai dos molhos,
Ó pai das comezainas, em criar-te
Teu século esfalfou-se.

A tua vinda ao mundo prepararam
Os destinos, e acaso amiga estrela
Ao primeiro vagido de teus lábios
Entre nuvens luzia.

Antes de ti, no seu vulgar instinto,
Que comiam romanos? Carne insossa
Dos seus rebanhos vis, e uns pobres frutos,
Pasto bem digno deles;
A escudela de pau outrora ornava,
Com o saleiro antigo, a mesa rústica,

A mesa em que, três séculos contados,
Comeram senadores.

E quando, por salvar a pátria em risco,
Os velhos se ajuntavam, quantas vezes
O cheiro do alho enchia a antiga cúria,
O pórtico sombrio,
Onde vencidos reis o chão beijavam;
Quantas, deixando em meio a mal cozida,
A sensabor chanfana, iam de um salto
À conquista do mundo!

Ao voltar dos combates, vencedores,
Carga de glória a nau trazia ao porto,
Reis vencidos, tetrarcas subjugados,
E rasgadas bandeiras...
Iludiam-se os míseros! Bem hajas,
Bem hajas tu, grande homem, que trouxeste
Na tua ovante barca à ingrata Roma
Cegonhas, rodovalhos!

Maior que esse marujo que estripava,
Coo rijo arpéu, as naus cartaginesas
Tu, Semprônio, coas redes apanhavas
Ouriçado marisco;
Tu, glotão vencedor, cingida a fronte
Coo verde mirto, a terra percorreste,
Por encontrar os fartos, os gulosos
Ninhos de finos pássaros.

Roma desconheceu teu gênio, ó Rufo!
Dizem até (vergonha!) que negara
Aos teimosos desejos que nutrias
O voto da pretura.
Mas a ti, que te importa a voz da turba?
— Efêmero rumor que o vento leva
Como a vaga do mar. Não, não raiaram
Os teus melhores dias.

Virão, quando aspirar a invicta Roma
As preguiçosas brisas do oriente;
Quando Coa mitra d'ouro, o descorado,
O cidadão romano,
Pelo foro arrastar o tardo passo

E sacudir da toga roçagante,
Às virações os tépidos perfumes
 Como um sátrapa assírio.

Virão, virão, quando na escura noite,
A orgia imperial encher o espaço
De viva luz, e embalsamar as ondas
 Com os seus bafos quentes;
Então do sono acordarás, e a sombra,
A tua sacra sombra irá pairando
Ao ruído das músicas noturnas
 Nas rochas de Caprêia.

Ó mártir dos festins! Queres vingança?
Tê-las-ás e à farta, à tua grã memória;
Vinga-te o luxo que domina a Itália;
 Ressurgirás ovante
Ao dia em que na mesa dos romanos
Vier pompear o javali silvestre,
Prato a que der os finos molhos Tróia
 E rouxinol as línguas.

A Um Legista

Tu foges à cidade?
Feliz amigo! Vão
Contigo a liberdade,
A vida e o coração.

A estância que te espera
É feita para o amor
Do sol coa primavera,
No seio de uma flor.

Do paço de verdura
Transpõe-me esses umbrais;
Contempla a arquitetura
Dos verdes palmeirais. 7

Esquece o ardor funesto
Da vida cortesã;
Mais val que o teu Digesto
A rosa da manhã.

Rosa... que se enamora
Do amante colibri,
E desde a luz da aurora
Os seios lhe abre e ri.

Mas Zéfiro brejeiro
Opõe ao beija-flor
Embargos de terceiro
Senhor e possuidor.

Quer este possuí-la,
Também o outro a quer,
A pobre flor vacila,
Não sabe a que atender.

O sol, juiz tão grave
Como o melhor doutor,
Condena a brisa e a ave
Aos ósculos da flor.

Zéfiro ouve e apela.
Apela o colibri.
No entanto a flor singela
Com ambos folga e ri.

Tal a formosa dama
Entre dois fogos, quer
Aproveitar a chama
Rosa, tu és mulher!

Respira aqueles ares,
Amigo. Deita ao chão
Os tédios e os pesares.
Revive. O coração.

É como passarinho,
Que deixa sem cessar
A maciez do ninho
Pela amplidão do ar.

Pudesse eu ir contigo,
Gozar contigo a luz;
Sorver ao pé do amigo

Vida melhor e a flux!

Ir escrever nos campos
Nas folhas dos rosais,
E à luz dos pirilampos,
Ó Flora, os teus jornais!

Da estrela que mais brilha
Tirar um raio, e então
Fazer a gazetilha
Da imensa solidão

Vai tu, que podes. Deixa
Os que não podem ir,
Soltar a inútil queixa.
Mudar é reflorir.

Estâncias a Ema

(ALEX. DUMAS FILHO)

I - UM PASSEIO DE CARRO

Sáímos, ela e eu, dentro de um carro,
Um ao outro abraçados; e como era
Triste e sombria a natureza em torno
la conosco a eterna primavera.

No cocheiro fiávamos a sorte
Daquele dia, o carro nos levava
Sem ponto fixo, onde aprouvesse ao homem;
Nosso destino em suas mãos estava.

Quadrava-lhe Saint-Cloud. Eia! pois vamos!
É um sítio de luz, de aroma e riso,
Demais, se as nossas almas conversavam,
Onde estivessem era o paraíso.

Fomos descer junto ao portão do parque;
Era deserto e triste e mudo; o vento
Rolava nuvens cor de cinza; estavam
Seco o arbusto, o caminho lamacento.

Rimo-nos tanto, vendo-te, ó formosa,
(E felizmente ninguém mais te via!)
Arregaçar a ponta do vestido
Que o lindo pé e a meia descobria!

Tinhas o gracioso acanhamento
Da fidalga gentil pisando a rua;
Desafeita ao andar, teu passo incerto
Deixava conhecer a raça tua.

Uma das tuas mãos alevantava
O vestido de seda; as saias finas
Iam mostrando as rendas e os bordados,
Lambendo o chão, molhando-te as botinas.

Mergulhavam teus pés a cada instante,
Como se o chão quisesse ali guardá-los.
E que afã! Mal podíamos nós ambos
Da cobiçosa terra libertá-los.

Doce passeio aquele! E como é belo
O amor no bosque, em tarde tão sombria!
Tinhas os olhos úmidos, - e a face
A rajada do inverno enrubescia.

Era mais belo que a estação das flores;
Nenhum olhar nos espreitava ali;
Nosso era o parque, unicamente nosso;
Ninguém! estava eu só ao pé de ti!

Perlustramos as longas avenidas
Que o horizonte cinzento limitava.
Sem mesmo ver as deusas conhecidas
Que o arvoredos sem folhas abrigava.

O tanque, onde nadava um níveo cisne
Placidamente, — o passo nos deteve;
Era a face do lago uma esmeralda
Que refletia o cisne alvo de neve.

Veio este a nós, e corno que pedia
Alguma coisa, uma migalha apenas;
Nada tinhas que dar; a ave arrufada
Foi-se cortando as águas tão serenas.

E nadando parou junto ao repuxo
Que de água viva aquele tanque enchia;
O murmúrio das gotas que tombavam
Era o único som que ali se ouvia.

Lá ficamos tão juntos um do outro,
Olhando o cisne e escutando as águas;
Vinha a noite; a sombria cor do bosque
Emoldurava as nossas próprias mágoas.

Num pedestal, onde outras frases ternas,
A mão de outros amantes escreveu,
Fui traçar, meu amor, aquela data
E junto dela pôr o nome teu!

Quando o estio volver àquelas árvores,
E à sombra delas for a gente a flux,
E o tanque refletir as folhas novas,
E o parque encher-se de murmúrio e luz,

Irei um dia, na estação das flores,
Ver a coluna onde escrevi teu nome,
O doce nome que minha alma prende,
E que o tempo, quem sabe? Já consome!

Onde estarás então? Talvez bem longe,
Separada de mim, triste e sombrio;
Talvez tenhas seguido a alegre estrada,
Dando-me áspero inverno em pleno estio.

Porque o inverno não é o frio e o vento,
Nem a erma alameda que ontem vi;
O inverno é o coração sem luz nem flores,
É o que eu hei de ser longe de ti!

II

Correu um ano desde aquele dia,
Em que fomos ao bosque; um ano, sim!
Eu já previa o fúnebre desfecho
Desse tempo feliz, — triste de mim!

O nosso amor nem viu nascer as flores;

Mal aquecia um raio de verão
Para sempre, talvez, das nossas almas
Começou a cruel separação.

Vi esta primavera em longes terras,
Tão ermo de esperanças e de amores,
Olhos fitos na estrada, onde esperava
Ver-te chegar, como a estação das flores.

Quanta vez meu olhar sondou a estrada
Que entre espesso arvoredado se perdia,
Menos triste, inda assim, menos escuro
Que a dúvida cruel que me seguia!

Que valia esse sol abrindo as plantas
E despertando o sono das campinas?
Inda mais altas que as searas louras,
Que valiam as flores peregrinas?

De que servia o aroma dos outeiros?
E o canto matinal dos passarinhos?
Que me importava a mim o arfar da terra,
E nas moitas em flor os verdes ninhos?

O sol que enche de luz a longa estrada,
Se me não traz o que minh'alma espera,
Pode apagar seus raios sedutores:
Não é o sol, não é a primavera!

Margaridas, caí, morrei nos campos,
Perdei o viço e as delicadas cores;
Se ela vos não aspira, o hálito brando,
Já o verão não sois, já não sois flores!

Prefiro o inverno desfolhado e mudo,
O velho inverno, cujo olhar sombrio
Mal se derrama nas cerradas trevas,
E vai morrer no espaço úmido e frio.

É esse o sol das almas desgraçadas;
Venha o inverno, somos tão amigos!
Nossas tristezas são irmãs em tudo:
Temos ambos o frio dos jazigos!

Contra o sol, contra Deus, assim falava
Dês que assomavam matinais albores;
Eu aguardava as tuas doces letras
Com que ao céu perdoasse as belas cores!

Iam assim, um após outro, os dias.
Nada. - E aquele horizonte tão fechado
Nem deixava chegar aos meus ouvidos
O eco longínquo do teu nome amado.

Só, durante seis meses, dia e noite
Chamei por ti na minha angústia extrema;
A sombra era mais densa a cada passo,
E eu murmurava sempre: - Oh! minha Ema!

Um quarto de papel - é pouca coisa;
Quatro linhas escritas - não é nada;
Quem não quer escrever colhe uma rosa,
No vale aberta, à luz da madrugada.

Mandam-se as folhas num papel fechado;
E o proscrito, ansiando de esperança,
Pode entreabrir nos lábios um sorriso
Vendo naquilo uma fiel lembrança.

Era fácil fazê-lo e não fizeste!
Meus dias eram mais desesperados.
Meu pobre coração ia secando
Como esses frutos no verão guardados.

Hoje, se o comprimissem, mal deitava
Uma gota de sangue; nada encerra.
Era uma taça cheia; uma criança,
De estouvada que foi, deitou-a em terra!

É este o mesmo tempo, o mesmo dia.
Vai o no tocando quase ao fim;
É esta a hora em que, formosa e terna,
Conversavas de amor, junto de mim.

O mesmo aspecto: as ruas estão ermas,
A neve coalha o lago preguiçoso;
O arvoredado gastou as roupas verdes,
E nada o cisne triste e silencioso.

Vejo ainda no mármore o teu nome,
Escrito quando ali comigo andaste.
Vamos! Sonhei, foi um delírio apenas,
Era um louco, tu não me abandonaste!

O carro espera: vamos. Outro dia,
Se houver bom tempo, voltaremos, não?
Corre este véu sobre teus olhos lindos,
Olha, não caias, dá-me a tua mão!

Choveu; a chuva umedeceu a terra.
Anda! Ai de mim! Em vão minh'alma espera.
Estas folhas que eu piso em chão deserto
São as folhas da outra primavera!

Não, não estás aqui, chamo-te embalde!
Era ainda uma última ilusão.
Tão longe desse amor fui inda o mesmo,
E vivi dois invernos sem verão.

Porque o verão não é aquele tempo
De vida e de calor que eu não vivi;
É a alma entornando a luz e as flores,
É o que hei de ser ao pé de ti!

A Morte de Ofélia

(Paráfrase)

Junto ao plácido rio
Que entre margens de relva e fina areia
Murmura e serpenteia,
O tronco se levanta,
O tronco melancólico e sombrio
De um salgueiro. Uma fresca e branda aragem
Ali suspira e canta,
Abraçando-se à trêmula folhagem
Que se espelha na onda voluptuosa.
Ali a desditosa,
A triste Ofélia foi sentar-se um dia
Enchiam-lhe o regaço umas capelas

Por suas mãos tecidas
De várias flores belas,
Pálidas margaridas,
E rainúnculos, e essas outras flores
A que dá feio nome o povo rude,
E a casta juventude
Chama — dedos da morte. — O olhar celeste
Alevantando aos ramos do salgueiro
Quis ali pendurar a ofrenda agreste.
Num galho traiçoeiro
Firmara os lindos pés, e já seu braço,
Os ramos alcançando,
Ia depor a ofrenda peregrina
De suas flores, quando
Rompendo o apoio escasso,
A pálida menina
Nas águas resvalou; foram com ela
Os seus — dedos da morte — e as margaridas.
As vestes estendidas
Algum tempo a tiveram sobre as águas,
Como sereia bela
Que abraça ternamente a onda amiga.
Então, abrindo a voz harmoniosa,
Não por chorar as suas fundas mágoas,
Mas por soltar a nota deliciosa
De uma canção antiga,
A pobre naufragada
De alegres sons enchia os ares tristes,
Como se ali não visse a sepultura
Ou fosse ali criada.
Mas de súbito as roupas embebidas
Da linfa calma e pura
Levam-lhe o corpo ao fundo da corrente,
Cortando-lhe no lábio a voz e o canto.
As águas homicidas,
Como a laje de um túmulo recente,
Fecharam-se; e sobre elas,
Triste emblema de dor e de saudade,
Foram nadando as últimas capelas.

NOTA DO AUTOR

LA MARCHESA DE MIRAMAR

Maximiliano, quando estava em Miramar, costumava retratar fotograficamente a arquiduquesa, escrevendo por baixo do retrato: "*La marchesa de Miramar*".

UN VIEUX PAYS

Perdoem-se estes versos em francês; e para que de todo em todo não fique a página aqui perdida lhes dou a tradução que fez dos meus versos o talentoso poeta maranhense Joaquim Serra:

É um velho país, de luz e sombras,
Onde o dia traz pranto e a noite a cisma;
Um país de orações e de blasfêmia,
Nele a crença na dúvida se abisma.

Aí, mal nasce a flor, o verme a corta,
O mar é um escarcéu, e o sol sombrio;
Se a ventura num sonho transparece
A sufoca em seus braços o fastio.

Quando o amor, qual esfinge indecifrável,
Aí vai a bramir, perdido o siso...
Às vezes ri alegre, e outras vezes
É um triste soluço esse sorriso...

Vive-se nesse país com a mágoa e o riso;
Quem dele se ausentou treme a maldiz;
Mas aí, eu nele passo a mocidade,
Pois é meu coração esse país!

LIRA CHINESA

Os poetas postos nesta coleção são todos contemporâneos. Encontrei-os no livro publicado em 1868 pela Sra. Judith Walter, distinta viajante que dizem conhecer profundamente a língua chinesa, e que os traduziu em simples e corrente prosa.

UMA ODE DE ANACREONTE

Teus pés".

É do Sr. Antônio Feliciano de Castilho a tradução desta odezinha, que de lugar à composição do meu quadro. Foi imediatamente à leitura da *Lírica de Anacreonte*, que eu tive a idéia de pôr em ação a ode do poeta de Tetos, tão portuguesmente saída das mãos do Sr. Castilho que mais parece original que

tradução. A concha não vale a pérola, mas o delicado da pérola disfarçará o grosseiro da concha.

OS DEUSES DA GRÉCIA

Não sei alemão; traduzi estes versos pela tradução em prosa francesa de um dos mais conceituados intérpretes da língua de Schiller.

AMERICANAS

(1875)

ÍNDICE

POTIRA

NIÂNI

A CRISTÃ-NOVA

JOSÉ BONIFÁCIO

A VISÃO DE JACIÚCA

A GONÇALVES DIAS

OS SEMEADORES

A FLOR DO EMBIRUÇU

LUA NOVA

SABINA

ÚLTIMA JORNADA

OS ORIZES

POEMA PRESENTE NA PRIMEIRA EDIÇÃO

CANTIGA DO ROSTO BRANCO

Potira

Os Tamoios, entre outras presas que fizeram, levaram esta índia, a qual pretendeu o capitão da empresa violar; resistiu valorosamente dizendo em língua brasílica: “Eu sou cristã e casada; não hei de fazer traição a Deus e a meu marido; bem podes matar-me e fazer de mim o que quiseres.” Deu-se por afrontado o bárbaro, e em vingança lhe acabou a vida com grande crueldade.

VASC., CR. DA COMPANHIA DE JESUS, LIV. 3º

I

Moça cristã das solidões antigas,
Em que áurea folha reviveu teu nome?
Nem o eco das matas seculares,
Nem a voz das sonoras cachoeiras,
O transmitiu aos séculos futuros.
Assim da tarde estiva às auras frouxas
Tênuo fumo do colmo no ar se perde;
Nem de outra sorte em moribundos lábios
A humana voz expira. O horror e o sangue
Da miseranda cena em que, de envolta
Coos longos, magoadíssimos suspiros,
Cristã Lucrecia, abriu tua alma o vôo
Para subir às regiões celestes,
Mal deixada memória aos homens lembra.
Isso apenas; não mais; teu nome obscuro,
Nem tua campa o brasileiro os sabe.

II

Já da férvida luta os ais e os gritos
Extintos eram. Nos baixéis ligeiros
Os tamoios incólumes embarcam;
Ferem coos remos as serenas ondas
Até surgirem na remota aldeia.
Atrás ficava, lutuosa e triste,
A nascente cidade brasileira,
Do inopinado assalto espavorida,
Ao céu mandando em coro inúteis vozes.
Vinha já perto rareando a noite,
Alva aurora, que à vida acorda as selvas,
Quando a aldeia surgiu aos olhos torvos
Da expedição noturna. À praia saltam

Os vencedores em tropel; transportam
Às cabanas despojos e vencidos,
E, da vigília fatigados, buscam
Na curva leve rede amigo sono,
Exceto o chefe. Oh! esse não dormira
Longas noites, se a troco da vitória
Precisas fossem. Traz consigo o prêmio,
O desejado prêmio. Desmaiada
Conduz nos braços trêmulos a moça
Que renegou Tupã, e as rudes crenças
Lavou nas águas do batismo santo.
Na rede ornada de amarelas penas
Brandamente a depõe. Leve tecido
Da cativa gentil as formas cobre;
Veste-as de mais a sombra do crepúsculo,
Sombra que a tibia luz da alva nascente
De todo não rompeu. Inquieto sangue
Nas veias ferve do índio. Os olhos luzem
De concentrada raiva triunfante.
Amor talvez lhes lança um leve toque
De ternura, ou já sôfrego desejo;
Amor, como ele, aspérrimo e selvagem,
Que outro não sente o herói.

III

Herói lhe chamam

Quantos o hão visto no fervor da guerra
Medo e morte espalhar entre os contrários
E avantajar-se nos certos golpes
Aos mais fortes da tribo. O arco e a flecha
Desde a infância os meneia ousado e afoito;
Cedo aprendeu nas solitárias brenhas
A pleitear às feras o caminho.
A força opõe à força, a astúcia à astúcia,
Qual se da onça e da serpente houvera
Colhido as armas. Traz ao colo os dentes
Dos contrários vencidos. Nem dos anos
O número supera o das vitórias;
Tem no espaçoso rosto a flor da vida,
A juventude, e goza entre os mais belos
De real primazia. A cinta e a fronte
Azuis, vermelhas plumas alardeam,
Ingênuas galas do gentio inculto.

IV

Da cativa gentil cerrados olhos
Não se entreabrem à luz. Morta parece.
Uma só contração lhe não perturba
A paz serena do mimoso rosto.
Junto dela, cruzados sobre o peito
Os braços, Anajê contempla e espera;
Sôfrego espera, enquanto idéias negras
Estão a revoar-lhe em torno e a encher-lhe
A mente de projetos tenebrosos.
Tal no cimo do velho Corcovado
Próxima tempestade engloba as nuvens.
Súbito ao seio túrgido e macio
Ansiosas mãos estende; inda palpita
O coração, com desusada força,
Como se a vida toda ali buscasse
Refúgio certo e último. Impetuoso
O vestido cristão lhe despedaça,
E à luz já viva da manhã recente
Contempla as nuas formas. Era acaso
A síncope chegada ao termo próprio,
Ou, no pejo ofendida, às mãos estranhas
A desmaiada moça despertara.
Potira acorda, os olhos lança em torno,
Fita, vê, compreende, e inquieta busca
Fugir do vencedor às mãos e ao crime...
Mísera! opõe-se-lhe o irritado gesto
Do aspérrimo guerreiro; um ai lhe sobe
Angustioso e triste aos lábios trêmulos,
Sobe, murmura e sufocado expira.
Na rede envolve o corpo, e, desviando
Do terrível tamoio os lindos olhos,
Entrecortada prece aos céus envia,
E as faces banha de serenas lágrimas.

V

Longo tempo correra. Amplo silêncio
Reinou entre ambos. Do tamoio a fronte
Pouco a pouco despira o torvo aspecto.
Ao trabalhado espírito, revoltado
De mil sinistros pensamentos, volve

Benigna calma. Tal de um rio engrossa
O volume extensíssimo das águas
Que vão enchendo de pavor os ecos,
Vencendo no arruído o vento e o raio,
E pouco a pouco atenuando as vozes,
Adelgaçando as ondas, tornam mansas
Ao primitivo leito. Ei-lo se inclina,
Para tomar nos braços a formosa
Por cujo amor incendiara a aldeia
Daquelas gentes pálidas de Europa.
Sente-lhe a moça as mãos, e erguendo o rosto,
O rosto inda de lágrimas molhado,
Do coração estas palavras solta:

“— Lá entre os meus, suave e amiga morte,
Ah! porque me não deste? Houvera ao menos
Quem escutasse de meus lábios frios
A prece derradeira; e a santa bênção
Levaria minha alma aos pés do Eterno...
Não, não te peço a vida; é tua, extingue-a;
Um só alívio imploro. Não receies
Embeber no meu sangue a ervada seta;
Mata-me, sim; mas leva-me onde eu possa
Ter em sagrado leito o último sono!”

Disse, e fitando no índio ávidos olhos,
Esperou. Anajê sacode a fronte,
Como se lhe pesara idéia triste;
Crava os olhos no chão; lentas lhe saem
Estas vozes do peito:

“Oh! nunca os padres
Pisado houvessem estas plagas virgens!
Nunca de um deus estranho as leis ignotas
Viessem perturbar as tribos, como
Perturba o vento as águas! Rosto a rosto
Os guerreiros pelejam; matam, morrem.
Ante o fulgor das armas inimigas
Não descora o tamoio. Assaz lhe pulsa
Valor nativo e raro em peito livre.
Armas, deu-lhas Tupã novas e eternas
Nestas matas vastíssimas. De sangue
Estranhos rios hão de, ao mar correndo,
Tristes novas levar à pátria deles,
Primeiro que o tamoio a frente incline

Aos inimigos peitos. Outra força,
Outra e maior nos move a guerra crua;
São eles, são os padres. Esses mostram
Cheia de riso a boca e o mel nas vozes,
Serenos o rosto e as brancas mãos inermes;
Ordens não trazem de cacique alheio,
Tudo nos levam, tudo. Uma por uma
As filhas de Tupã correm atrás deles,
Com elas os guerreiros, e com todos
A nossa antiga fé. Vem perto o dia
Em que, na imensidão destes desertos,
Há de ao frio luar das longas noites
O pajé suspirar sozinho e triste
Sem povo nem Tupã!”

VI

Silenciosas

Lágrimas lhe espremeu dos olhos negros
Esta lembrança de futuros males.

“Escuta!” diz Potira. O índio estende
Imperioso as mãos e assim prossegue:

Também com eles foste, e foi contigo
Da minha vida a flor! Teu pai mandara,
E com ele mandou Tupã, que eu fosse
Teu esposo; vedou-me a voz dos padres,
Que me perdeu, levando-te consigo.
Não morri; vivi só para esta afronta;
Vivi para esta insólita tristeza
De maldizer teu nome e as graças tuas,
Chorar-te a vida e desejar-te a morte.
Ai! nos rudes combates em que a tribo
Rega de sangue o chão da virgem terra
Ou tinge a flor do mar, nunca a meu lado
Teu nobre vulto esteve. A aldeia toda,
Mais que o teu coração, ficou deserta.
Duas vezes, mimosas rebentaram
Do lacrimoso cajueiro as flores,
Desde o dia funesto em que deixaste
A cabana paterna. O extremo lume
Expirou de teu pai nos olhos tristes;
Piedosa chama consumiu seus restos,

E a aldeia toda o lastimou com prantos.
Não de todo se foi da nossa vida;
Parte ficou para sentir teus males.
Antes que o último sol à melindrosa
Flor do maracujá cerrasse as folhas
Um sonho tive. Merencório vulto,
Triste como uma fronte de vencido,
Cor da lua os cabelos venerandos,
O vulto de teu pai : “Guerreiro (disse),
Corre à vizinha habitação dos brancos,
Vai, arranca Potira à lei funesta
Dos pálidos pajés; Tupã to ordena;
Nos braços traze a fugitiva corça;
Vincula o teu destino ao dela; é tua.”

“Impossível! Que vale um vago sonho?
Sou esposa e cristã. Ímpio, respeita
O amor que Deus protege e santifica;
Mata-me; a minha vida te pertence;
Ou, se te pesa derramar o sangue
Daquela a quem amaste, e por quem foste
Lançar entre os cristãos a dor e o susto,
Faze-me escrava; servirei contente
Enquanto a vida alumiar meus olhos.
Toma, entrego-te o sangue e a liberdade;
Ordena ou fere. Tua esposa, nunca!”

Calou-se, e reclinada sobre a rede,
Potira murmurava ignota prece,
Olhos fitos no próximo arvoredado,
Olhos não ermos de profunda mágoa.

VII

Ó Cristo! em que alma penetrou teu nome
Que lhe não desse o bálsamo da vida?
Pelo vento dos séculos levado,
Vidente e cego, o máximo dos seres,
Que fora do homem nesta escassa terra,
Se ao mistério da vida lhe não desses,
Ó Cristo! a eterna chave da esperança?
Filosofia estóica, árdua virtude,
Criação de homem, tudo passa e expira.
Tu só, filha de Deus, palavra amiga,

Tu, suavíssima voz da eternidade,
Tu perduras, tu vales, tu confortas.
Neste sonho iriado de outros sonhos,
Vários como as feições da natureza,
Nesta confusa agitação da vida,
Que alma transpõe a derradeira idade
Farta de algumas passageiras glórias?
Torvo é o ar do sepulcro; ali não viçam
Essas cansadas rosas da existência
Que às vezes tantas lágrimas nos custam,
E tantas mais antes do ocaso expiram.
Flor do Evangelho, núncia de alvos dias,
Esperança cristã, não te há murchado
O vento árido e seco; és tu viçosa
Quando as da terra lânguidas inclinam
O seio, e a vida lentamente exalam.
Esta a consolação última e doce
Da esposa indiana foi. Cativa ou morta,
Antevia a celeste recompensa
Que aos humildes reserva a mão do Eterno.
Naquele rude coração das brenhas
A semente evangélica brotara.

VIII

Das duas condições deu-lhe o guerreiro
A pior, — fê-la escrava; e ei-la aparece
Da sua aldeia aos olhos espantados
Qual fora em dias de melhor ventura.
Despida vem das roupas que lhe há posto
Sobre as polidas formas uso estranho,
Não sabido jamais daqueles povos
Que a natureza ingênua doutrinara.
Vence na gentileza às mais da tribo,
E tem de sobra um sentimento novo,
Pudor de esposa e de cristã, — realce
Que ao índio acende a natural volúpia.
Simulada alegria lhe descerra
Os lábios; riso à flor, escasso e dúbio,
Que mal lhe encobre as vergonhosas mágoas.
À voz do seu senhor acorre humilde;
Não a assusta o labor; nem dos perigos
Conhece os medos. Nas ruidosas festas,
Quando ferve o cauim, e o ar atroa

Pocema de alegria ou de combate,
Como que se lhe fecha a flor do rosto.
Já lhe descai então no seio opresso
A graciosa frente; os olhos fecha,
E ao céu voltando o pensamento puro,
Menos por si, que pelos outros pede.
Nem só o ardor da fé lhe abrasa o peito;
Lacera-lho também agra saudade;
Chora a separação do amado esposo,
Que, ou cedo a esquece, ou solitário geme.
Se, alguma vez, fugindo a estranhos olhos,
Não já cruéis, mas cobiçosos dela,
Entra desatinada o bosque antigo,
E a dor expande em lôbregos soluços,
Coo doce nome acorda ao longe os ecos,
Farta de amor e pródiga de vida,
Ouve-as a selva, e não lhe entende as mágoas.
Outras vezes pisando a ruiva areia
Das praias, ou galgando a penedia
Cujos pés orla o mar de nívea espuma,
As ondas murmurantes interroga;
Conta ao vento da noite as dores suas;
Mas... fiéis ao destino e à lei que as rege,
As preguiçosas ondas vão caminho,
Crespas do vento que sussurra e passa.

IX

Quando, ao sol da manhã, partem às vezes,
Com seus arcos, os destros caçadores,
E alguns da rija estaca desatando
Os nós de embira às rápidas igaras,
À pesca vão pelas ribeiras próximas,
Das esposas, das mães que os lares velam,
Grata alegria os corações inunda,
Menos o dela, que suspira e geme,
E não aguarda doce esposo ou filho.
Triste os vê na partida e no regresso,
E nessa melancólica postura,
Semelha a acácia langue e esmorecida,
Que já de orvalho ou sol não pede os beijos.
As outras... — Raro em lábios de felizes
Alheias mágoas travam. Não se pejam
De seus olhos azuis e alegres penas

Os saís sobre as árvores pousados,
Se ao perto voa na campina verde
De anuns lutuoso bando; nem os trilos
Das andorinhas interrompe a nota
Que a juriti suspira. — As outras folgam
Pelo arraial dispersas; vão-se à terra
Arrancar as raízes nutritivas,
E fazem os preparos do banquete
A que hão de vir mais tarde os destemidos
Senhores do arco, alegres vencedores
De quanto vive na água e na floresta.
Da cativa nenhuma inquire as mágoas.
Contudo, algumas vezes, curiosas
Virgens lhe dizem, apiedando o gesto:

— “Pois que à taba voltaste, em que teus olhos
Primeiro viram luz, que mágoa funda
Lhes destila tão longo e amargo pranto,
Amargo mais do que esse que não busca
Recatado silêncio?” — E às doces vozes
A cristã desterrada assim responde:

— “Potira é como aquela flor que chora
Lágrimas de alvo leite, se do galho
Mão cruel a cortou. Oh! não permita
O céu que ímpia fortuna vos separe
Daquele que escolherdes. Dor é essa
Maior que um pobre coração de esposa.
Esperanças... Deixei-as nessas águas
Que me trouxeram, cúmplices do crime,
À taba de Tupã, não alumiada
Da palavra celeste. Algumas vezes,
Raras, alveja em minha noite escura
Não sei que tibia aurora, e penso: Acaso
O sol que vem me guarda um raio amigo,
Que há de acender nestes cansados olhos
Ventura que já foi. As asas colhe
Guanumbi, e o aguçado bico embebe
No tronco, onde repousa adormecido
Até que volte uma estação de flores.
Ventura imita o guanumbi dos campos:
Acordará coas flores de outros dias.
Doce ilusão que rápido se escoá,
Como o pingo de orvalho mal fechado

Numa folha que o vento agita e entorna”.
E as virgens dizem, apiedando o gesto:
— “Potira é como aquela flor que chora
Lágrimas de alvo leite, se do galho
Mão cruel a cortou!”

X

Era chegado
O fatal prazo, o desenlace triste.
Tudo morre, — a tristeza como o gozo;
Rosas de amor ou lírios de saudade,
Tarde ou cedo os esfolha a mão do tempo.
Costeando as longas praias, ou transpondo
Extensos vales e montanhas, correm
Mensageiros que às tabas mais vizinhas
Vão convidar à festa as gentes todas.
Era a festa da morte. Índio guerreiro,
Três luas há cativo, o instante aguarda
Em que às mãos de inimigos vencedores,
Caia expirante, e os vínculos rompendo
Da vida, a alma remonte além dos Andes.
Corre de boca em boca e de eco em eco
A alegre nova. Vem descendo os montes,
Ou abicando às povoadas praias
Gente da raça ilustre. A onda imensa
Pelo arraial se estende pressurosa.
De quantas cores natureza fértil
Tinge as próprias feições, copiam eles
Engraçadas, vistosas louçanias.
Vários na idade são, vários no aspecto,
Todos iguais e irmãos no herdado brio.
Dado o amplexo de amigo, acompanhado
De suspiros e pêames sinceros
Pelas fadigas da viagem longa,
Rompem ruidosas danças. Ao tamoio
Deu o Ibaque os segredos da poesia;
Cantos festivos, moduladas vozes,
Enchem os ares, celebrando a festa
Do sacrifício próximo. Ah! não cubra
Véu de nojo ou tristeza o rosto aos filhos
Destes polidos tempos! Rudes eram
Aqueles homens de ásperos costumes,
Que ante o sangue de irmãos folgavam livres,

E nós, soberbos filhos de outra idade,
Que a voz falamos da razão severa
E na luz nos banhamos do Calvário,
Que somos nós mais que eles? Raça triste
De Cains, raça eterna...

XI

Os cantos cessam.

Calou-se o maracá. As roucas vozes
Dos fêrvidos guerreiros já reclamam
O brutal sacrifício. Às mãos das servas
A taça do cauim passara exausta.
Inquieto aguarda o prisioneiro a morte.
Da nação guaianás nos rudes campos
Nasceu. Nos campos da saudosa pátria
Industriosa mão não sabe ainda
Alevantar as tabas. Cova funda
Da terra, mãe comum, no seio aberta,
Os acolhe e protege. O chão lhes forra
A pele do tapir; contínua chama
Lhes supre a luz do sol. É uso antigo
Do guaianás que chega a extrema idade,
Ou de mortal doença acometido,
Não expirar aos olhos de outros homens;
Vivo o guardam no bojo da igaçaba,
E à fria terra o dão, como se fora
Pasto melhor (melhor!) aos frios vermes.
Do almo, doce licor que extrai das flores
Mãe do mel, iramaia, larga cópia
Pelos robustos membros lhe coaram
Seis anciãs da tribo. Rubras penas
Na vasta frente e nos nervosos braços
Garridamente o enfeitam. Longa e forte
A muçurana os rins lhe cinge e aperta.
Entra na praça o fúnebre cortejo.
Olhar tranqüilo, inda que fero, espalha
O indomado cativo. Em pé, defronte,
Grave, silencioso, ao sol mostrando
De feias cores e vistosas plumas
Singular harmonia, aguarda a vítima
O executor. Nas mãos lhe pende a enorme
Tagapema enfeitada, arma certa,
Arma triunfal de morte e de extermínio.

Medem-se rosto a rosto os dois contrários
Cum sorriso feroz. Confusas vozes
Enchem súbito o espaço. Não lhe é dado
Ao vencido guerreiro haver a morte
Silenciosa e triste em que se passa
Da curva rede à fria sepultura.
Meigas aves que vão de um clima a outro
Abrem placidamente as asas leves,
Não tu, guerreiro, que encaraste a morte,
Tu combate! Vencido e vencedores
Derradeiros escárnios se arremessam;
Gritos, injúrias, convulsões de raiva,
Vivo clamor acorda os longos ecos
Das penedias próximas. A clava
Do executor girou no ar três vezes
E de leve caiu na grossa espádua
Do arquejante cativo. Já na boca
Que o desprezo e o furor num riso entreabrem,
Orla de espuma alveja. Avança, corre,
Estaca... Não lhe dá mais amplo espaço
A muçurana, cujas pontas tiram
Dois mancebos robustos. Nas cavernas
Do longo peito lhe murmura o ódio,
Surdo, como o rumor da terra inquieta,
Pejada de vulcões. Os lábios morde,
E, como derradeira injúria, à face
Do executor lhe cospe espuma e sangue.
Não vibra o arco mais veloz o tiro,
Nem mais segura no aterrado cervo
Feroz sucuriúba os nós enrosca,
Do que a pesada, enorme tagapema
A cabeça de um golpe lhe esmigalha.
Cai fulminada a vítima na terra,
E alegre o povo longamente aplaude.

XII

Na voz universal perdeu-se um grito
De piedade e terror: tão fundo entrara
Naquela alma roubada à noite escura
Raio de sol cristão! Potira foge,
Pelos bosques atônita se entranha
E pára à margem de um pequeno rio;
Pousa na relva os trêmulos joelhos

E nas mimosas mãos esconde o rosto.
Não de lágrimas era aquele sítio
Ou só de doces lágrimas choradas
De olhos que amor venceu: — macia relva,
Leito de sesta a amores fugitivos.
Da verde, rara abóbada de folhas
Tépida e doce a luz coava a frouxo
Do sol, que, além das árvores, tranqüilo,
Metade da jornada ia transpondo.
Longe era ainda a hora melancólica
Em que a jurema cerra a miúda folha,
E o lume azul o pirilampo acende.
De pé, a um velho tronco descoroadado
Da copada ramagem, resto apenas,
Vestígio do tufão, a indiana moça
Languidamente encosta o esbelto corpo.
Neste ameno recesso tudo é triste,
Porque é alegre tudo. Não mui longe
Um desfolhado ipê conserva e guarda
Flores que lhe ficaram de outro estio,
Como esperança de folhagem nova,
Flores que a desventura lhe há negado,
A ela, alma esquecida nesta terra,
Que nada espera da estação vindoura.
Olha, e de inveja o coração lhe estala.
Pelo tronco das árvores se enroscam
Parasitas, esposas do arvoredado,
Mais fiéis não, mais venturosas que ela.
Morrer? Descanso fora às mágoas suas,
Mais que descanso, perdurável gozo,
Que a nossa eterna pátria aos infelizes
Deste desterro guarda alvas capelas
De não murchandas e cheirosas flores.
Tal lhe falava no íntimo do peito
Desespero cruel. Alguns instantes
Pela cansada mente lhe vagaram
De voluntária, abreviada morte,
Lutuosas idéias. Mal compreende
Esses desmaios da criatura humana
Quem não sentiu no coração rasgado
Abatimento e enojo; ou, mais do que isto,
Esse contraste imenso e irreparável
Do amor interno e a solidão da vida.
Rápido espaço foi. Pronto lhe volve

Doce resignação, cristã virtude,
Que desafia e que assoberba os males.
As débeis mãos levanta. Já dos lábios
Solta nas asas de oração singela
Lástimas suas... Na folhagem seca
Ouve de cautos pés rumor sumido,
Volve a cabeça...

XIII

Trêmulo, calado,
Anajê crava nela os olhos turvos
Dos vapores da festa. As mãos inermes
Lhe pendem; mas o peito — ó mísera! — esse,
Esse de mal contido amor transborda.
Longo instante passou. Alfim: “Deixaste
A festa nossa (o bárbaro murmura);
Misteriosa vieste. Dos guerreiros
Nenhum te viu; mas eu senti teus passos,
E vim contigo ao ermo. Ave mesquinha,
Inútil foges; gavião te espreita,
Minha te fez Tupã.” Em pé, sorrindo,
Escutava Potira a voz severa
De Anajê. Breve espaço abria entre ambos
Alcatifado chão. A fatal hora
Chegara ao fim? Não o perscruta a moça;
Tudo aceita das mãos do seu destino,
Tudo, exceto... No próximo arvoreda
Ouve de uma ave o pio melancólico;
Era a voz de seu pai? a voz do esposo?
De ambos talvez. No ânimo da escrava
Restos havia dessa crença antiga
Antiga e sempre nova: o peito humano
Raro de obscuros elos se liberta.

XIV

— “Nasceste para ser senhora e dona:
Anajê não te veda a liberdade;
Quebra tu mesma os nós do cativo.
Faze-te esposa. Vem coroar meus dias;
Vem, tudo esqueço. A fronte do guerreiro,
Adornada por ti, será mais nobre;
Mais forte o braço em que pousar teu rosto.

Sou menos belo que esse esposo ausente?
Rudes feições compensa amor sobejo.
Vem; ver-me-ás companheira nos combates,
E, se inimiga frecha entrar meu seio,
Morrerei a teus pés. Tens medo aos padres?
Outro destino escolhe. Cauteloso,
Tece o japu nos elevados ramos
Das elevadas árvores o ninho,
Onde o inimigo lhe não roube a prole.
Ninho há na serra ao nosso amor propício;
Viveremos ali. Troveje em baixo
A inúbia convidando à guerra os povos;
Leva de arcos transforme estas aldeias
Em campos de combate, — ou já dispersas
As fugitivas tribos vão buscando
Longes sertões para chorar seus males,
Viveremos ali. Talvez, um dia,
Quando eu passar à misteriosa estância
Das delícias eternas, me pergunte
Meu velho pai: — “Teu arco de guerreiro
Em que deserta praia o abandonaste?”
Salvar-me-á teu amor do eterno pejo.”

XV

Doce era a voz e triste. Rasos d'água
Os olhos. Foi desmaio de tristeza
Que o gesto dissipou da esquiva moça.
Volve ao Tamoio vingativa idéia.
— “Minha (diz ele) ou morres!” Estremece
Potira, como quando a brisa passa
Ao de leve na folha da palmeira,
E logo fria ao bárbaro responde:
— “Jaz esquecido em nossas velhas tabas
O respeito da esposa? Acaso é digna
Do sangue do Tamoio esta ameaça?
Que desvalia aos olhos teus me coube,
Se a outro me ligaram natureza,
Religião, destino? A liberdade
Nas tuas mãos depus; com ela a vida.
É tudo, quase tudo. Honra de esposa,
Oh! essa debes respeitá-la! Vai-te!
Ceva teu ódio nas sangrentas carnes
Do prostrado cativo. Aqui chorando,

Na solidão destes bosques mal fechados,
Às maviosas brisas meus suspiros
Entregarei; levá-los-ão nas asas
Lá onde geme solitário o esposo.
Vai-te!”

E as mimosas mãos colhendo ao rosto,
Alçou a Deus o pensamento amante,
Como a centelha viva que a fogueira
Extinta aos ares sobe. Imóvel, muda,
Longo tempo ficou. Diante dela,
Como ela imóvel, o tamoio estava.
Amor, ódio, ciúme, orgulho, pena,
Opostos sentimentos se combatem
No atribulado peito. Generoso
Era, mas não domado amor lhe dava
Inspiração de crimes. Não mais pronto
Cai sobre a triste corça fugitiva
Jaguar de longa fome esporeado,
Do que ele as mãos lançou ao colo e à frente
Da mísera Potira. Ai! não, não diga
A minha voz o lamentoso instante
Em que ela, ao seu algoz volvendo ansiosa
Turvos olhos: “Perdô-te!” murmura,
Os lábios cerra e imaculada expira!

XVI

Estro maior teu nome obscuro cante,
Moça cristã das solidões antigas,
E eterno o cinja de virentes flores,
Que as mereces. De não sabido bardo
Estes gemidos são. Lânguidas brisas
No taquaral à noite sussurrando,
Ou enrugando o mole dorso às vagas,
Não tem a voz com que domina os ecos
Despenhada cachoeira. São, contudo,
Mas que débeis e tristes, no concerto
Da orquestra universal cabidas notas.
Alveja a nebulosa entre as estrelas,
E abre ao pé do rosal a flor da murta.

Niâni

(HISTÓRIA GUAICURU)

Desde então cobriu-se Nanine de uma mortal melancolia, sendo seus olhos sempre chorosos. Assim se passaram três meses, quando um dia, estando deitada na sua rústica cama, lhe deram a notícia que seu desleal marido se tinha casado com uma rapariga de menor esfera. Senta-se então Nanine na cama, como arrebatada, chama para junto de si um pequeno índio que era seu cativo, e diz-lhe na presença de vários antecris: “És meu cativo; dou-te a liberdade, com a condição de que te chamarás toda a vida Panenioxé”.

F. RODRIGUES PRADO, *Hist. dos Índios Cavaleiros*.

...che piange
Vedova sola.

DANTE

I

Contam-se histórias antigas
Pelas terras de além-mar,
De moças e de princesas,
Que amor fazia matar.

Mas amor que entranha n’alma
E a vida sói acabar,
Amor é de todo o clima,
Bem como a luz, como o ar.

Morrem dele nas florestas
Aonde habita o jaguar,
Nas margens dos grandes rios
Que levam troncos ao mar.

Agora direi um caso
De muito penalizar,
Tão triste como os que contam
Pelas terras de além-mar.

II

Cabana que esteira cobre
De junco trançado a mão,
Que agitação vai por ela!
Que ledas horas lhe vão!

Panenioxe é guerreiro
Da velha, dura nação.
Caiavaba há já sentido
A sua lança e facão.

Vem de longe, chega à porta
Do afamado capitão;
Deixa a lança e o cavalo,
Entra com seu coração.

A noiva que ele lhe guarda
Moça é de nobre feição,
Airosa como ágil corça
Que corre pelo sertão.

Amores eram nascidos
Naquela tenra estação
Em que a flor que há de ser flor
Inda se fecha em botão.

Muitos agora lhe querem,
E muitos que fortes são;
Niâni ao melhor deles
Não dera o seu coração.

Casá-los agora, é tempo;
Casá-los, nobre ancião!
Limpo sangue tem o noivo,
Que é filho de capitão.

III

“— Traze a minha lança, escravo,
Que tanto peito abateu;
Traze aqui o meu cavalo
Que largos campos correu”.

“— Lança tens e tens cavalo
Que meu velho pai te deu;

Mas aonde te vais agora
Onde vais, esposo meu?"

"— Vou-me à caça, junto à cova
Onde a onça se meteu..."

"— Montada no meu cavalo
Vou contigo, esposo meu."

"— Vou-me às ribas do Escopil,
Que a minha lança varreu..."

"— Irei pelejar na guerra,
A teu lado, esposo meu."

"— Fica-te aí na cabana
Onde o meu amor nasceu."

"— Melhor não haver nascido
Se já de todo morreu".

E uma lágrima, — a primeira
De muitas que ela verteu, —
Pela face cobreada
Lenta, lenta lhe correu.

Enxugá-la, não a enxuga
O esposo que já perdeu,
Que ele no chão fita os olhos,
Como que a voz lhe morreu.

Traz o escravo o seu cavalo
Que o velho sogro lhe deu;
Traz-lhe mais a sua lança
Que tanto peito abateu.

Então, recobrando a alma,
Que o remorso esmoreceu,
Com esta dura palavra
À esposa lhe respondeu:

"— A bocaiúva três vezes
No tronco amadureceu,
Desde o dia em que o guerreiro
Sua esposa recebeu.

Três vezes! Amor sobejo

Nossa vida toda encheu.
Fastio me entrou no seio,
Fastio que me perdeu.”

E pulando no cavalo,
Sumiu-se... desapareceu...
Pobre moça sem marido,
Chora o amor que lhe morreu!

IV

Leva o Paraguai as águas,
Leva-as no mesmo correr,
E as aves descem ao campo
Como usavam de descer.

Tenras flores, que outro tempo
Costumavam de nascer,
Nascem; vivem de igual vida;
Morrem do mesmo morrer.

Niâni, pobre viúva,
Viúva sem bem o ser,
Tanta lágrima chorada
Já te não pode valer.

Olhos que amor desmaiara
De um desmaiar que é viver,
O choro empana-os agora,
Como que vão fenecer.

Corpo que fora robusto
No seu cavalo a correr,
De contínua dor quebrado
Mal se pode já suster.

Colar de prata não usa,
Como usava de trazer;
Pulseiras de finas contas
Todas as veio a romper.

Que ela, se nada há mudado
Daquele eterno viver,
Com que a natureza sabe

Renascer, permanecer,

Toda é outra; a alma lhe morre,
Mas de um contínuo morrer,
E não há mágoa mais triste
De quantas podem doer.

Os que outrora a desejavam,
Antes dela mal haver,
Vendo que chora e padece,
Rindo se põem a dizer:

“— Remador vai na canoa,
Canoa vai a descer...
Piranha espiou do fundo
Piranha, que o vai comer.

Ninguém se fie da brasa
Que os olhos vêem arder,
Serenos que caem de noite
Há de fazê-la morrer.

Panênioxe, Panênioxe,
Não lhe sabias querer.
Quem te pagara esse golpe
Que lhe vieste fazer!”

V

Um dia, — era sobre tarde,
Ia-se o sol a afundar;
Calumbi cerrava as folhas
Para melhor as guardar.

Vem cavaleiro de longe
E à porta vai apear.
Traz o rosto carregado,
Como a noite sem luar.

Chega-se à pobre da moça
E assim começa a falar:
“— Guaicuru dói-lhe no peito
Tristeza de envergonhar.

Esposo que te há fugido
Hoje se vai a casar;
Noiva não é de alto sangue,
Porém de sangue vulgar”.

Ergue-se a moça de um pulo,
Arrebatada, e no olhar
Rebenta-lhe uma faísca
Como de luz a expirar.

Menino escravo que tinha
Acerta de ali passar;
Niâni atentando nele
Chama-o para o seu lugar.

“— Cativo és tu; serás livre,
Mas vais o nome trocar;
Nome avesso te puseram...
Panenioxé há de ficar.”

Pela face cobreada
Desce, desce com vagar
Uma lágrima: era a última
Que lhe restava chorar.

Longo tempo ali ficara,
Sem se mover nem falar;
Os que a vêem naquela mágoa
Nem ousam de a consolar.

Depois um longo suspiro,
E ia a moça a expirar...
O sol de todo morria
E enegrecia-se o ar.

Pintam-na de vivas cores,
E lhe lançam um colar;
Em fina esteira de junco
Logo a vão amortilhar.

O triste pai suspirando
Nos braços a vai tomar,
Deita-a sobre o seu cavalo
E a leva para enterrar.

Na terra em que dorme agora
Justo lhe era descansar,
Que pagou foro da vida
Com muito e muito penar.

Que assim se morre de amores
Aonde habita o jaguar,
Como as princesas morriam
Pelos terras de além-mar.

A Cristã-Nova

*...essa mesma foi levada
cativa para uma terra estranha.*

NAUM, cap. III, v. 10

PARTE I

I

Olhos fitos no céu, sentado à porta,
O velho pai estava. Um luar frouxo
Vinha beijar-lhe a veneranda barba
Alva e longa, que o peito lhe cobria,
Como a névoa na encosta da montanha
Ao destoucar da aurora. Alta ia a noite,
E silenciosa: a praia era deserta,
Ouvia-se o bater pausado e longo
Da sonolenta vaga, — único e triste
Som que a mudez quebrava à natureza.

II

Assim talvez nas solidões sombrias
Da velha Palestina
Um profeta no espírito volvera
As desgraças da pátria. Quão remota
Aquela de seus pais sagrada terra,
Quão diferente desta em que há vivido
Os seus dias melhores! Vago e doce,
Este luar não alumia os serros

Estéreis, nem as últimas ruínas,
Nem as ermas planícies, nem aquele
Morno silêncio da região que fora
E que a história de todo amortilhara.
Ó torrentes antigas! águas santas
De Cedron! Já talvez o sol que passa,
E vê nascer e vê morrer as flores,
Todas no leito vos secou, enquanto
Estas murmuram plácidas e cheias,
E vão contando às deleitosas praias
Esperanças futuras. Longo e longo
O devolver dos séculos
Será, primeiro que a memória do homem
Teça a mortalha fria
Da região que inda tinge o albor da aurora.

III

Talvez, talvez no espírito fechado
Do ancião vagueavam lentamente
Estas idéias tristes. Junto à praia
Era a austera mansão, donde se via
Desenrolarem-se as serenas vagas
Do nosso golfo azul. Não a enfeitavam
As galas da opulência, nem os olhos
Entristecia coo medonho aspecto
Da miséria; não pródiga nem surda
A fortuna lhe fora, mas aquela
Mediana sóbria, que os desejos
Contenta do filósofo, lhe havia
Dourado os tetos. Guanabara ainda
Não era a flor aberta
Da nossa idade; era botão apenas,
Que rompia do hastil, nascido à beira
De suas ondas mansas. Simples e rude,
la brotando a juvenil cidade,
Nestas incultas terras, que a lembrança
Recordava talvez do antigo povo,
E o guau alegre, e as ríspidas pejejas,
Toda essa vida que morreu.

IV

Sentada

Aos pés do velho estava a amada filha,
Bela como a açucena dos Cantares,
Como a rosa dos campos. A cabeça
Nos joelhos do pai reclinava a moça,
E deixa resvalar o pensamento
Rio abaixo das longas esperanças
E namorados sonhos. Negros olhos
Por entre os mal fechados
Cílios estende à serra que recorta
Ao longe o céu. Morena é a face linda
E levemente pálida. Mais bela,
Nem mais suave era a formosa Rute
Ante o rico Booz, do que essa virgem,
Flor que Israel brotou do antigo tronco,
Corada ao sol da juvenil América.

V

Mudos viam correr aquelas horas
Da noite, os dois: ele voltando o rosto
Ao passado, ela os olhos ao futuro.
Cansam-lhe enfim ao pensamento as asas
De ir voando, através da espessa treva,
Frouxas as colhe, e desce ao campo exíguo
Da realidade. A delicada virgem
Primeiro volve a si; os lindos dedos
Corre-lhe ao longo da nevada barba,
E: “— Pai amigo, que pensar vos leva
Tão longe a alma?” Estremecendo o velho:
— “Curiosa! — lhe disse, — o pensamento
É como as aves passageiras: voa
A buscar melhor clima. — Oposto rumo
Ias tu, alma em flor, aberta apenas,
Tão longe ainda do calor da sesta,
Tão remota da noite... Uma esperança
Te sorria talvez? Talvez, quem sabe,
Uns namorados olhos que me roubem,
Que te levem... Não cores, filha minha!
Esquecimento, não; lembrança ao menos
Ficar-te-á do paterno afeto; e um dia,
Quando eu na terra descansar meus ossos,
Haverás doce bálsamo no seio
Da afeição juvenil... Sim; não te acuso;
Ama: é a lei da natureza, eterna!

Ama: um homem será da nossa raça...”

VI

Estas palavras tais ouvindo a moça,
Turbada os olhos descaiu na terra,
E algum tempo ficou calada e triste,
Como no azul do céu o astro da noite,
Se uma nuvem lhe empana a meio a face.
Súbito a voz e o rosto alevantando,
Com dissimulação, — pecado embora,
Mas inocente: — “Olhai, a noite é linda!
O vento encrespa molemente as ondas,
E o céu é todo azul e todo estrelas!
Formosa, oh! quão formosa a terra minha!
Dizei: além desses compridos serros,
Além daquele mar, à orla de outros,
Outras como esta vivem?”

VII

Fresca e pura

Era-lhe a voz, voz d’alma que sabia
Entrar no coração paterno. A fronte
Inclina o velho sobre o rosto amado
De Ângela. — Na cabeça ósculo santo
Imprime à filha; e suspirando, os olhos
Melancolicamente ao ar levanta,
Desce-os e assim murmura:
“Vaso é digno de ti, lírio dos vales,
Terra solene e bela. A natureza
Aqui pomposa, compassiva e grande,
No regaço recebe a alma que chora
E o coração que tímido suspira.
Contudo, a sombra pesarosa e errante
Do povo que acabou pranteia ainda
Ao longo das areias,
Onde o mar bate, ou no cerrado bosque
Inda povoado das relíquias suas,
Que o nome de Tupã confessar podem
No próprio templo agosto. Última e forte
Consolação é esta do vencido
Que viu tudo perder-se no passado,
E único salva do naufrágio imenso

O seu Deus. Pátria não. Uma há na terra
Que eu nunca vi... Hoje é ruína tudo,
E viuvez e morte. Um tempo, entanto,
Bela e forte ela foi; mas longe, longe
Os dias vão da fortaleza e glória
Escoados de todo como as águas
Que não voltam jamais. Óleo que a unge,
Finas telas que a vestem, atavios
De ouro e prata que o colo e os braços lhe ornem,
E a flor de trigo e mel de que se nutre,
Sonhos, são sonhos do profeta. É morta
Jerusalém! Oh! quem lhe dera os dias
Da passada grandeza, quando a planta
Da senhora das gentes sobre o peito
Pousava dos vencidos, quando o nome
Do que há salvo Israel, Moisés”.

“— Não! Cristo,
Filho de Deus! Só ele há salvo os homens!”
Isto dizendo, a delicada virgem
As mãos postas ergueu. Uma palavra
Não disse mais; no coração, entanto,
Murmurava uma prece silenciosa,
Ardente e viva, como a fé que a anima
Ou como a luz da lâmpada
A que não faltou óleo.

VIII

Taciturno

Esteve longo tempo o ancião. Aquela
Alma infeliz nem toda era de Cristo
Nem toda de Moisés; ouvia atento
A palavra da Lei, como nos dias
Do eleito povo; mas a doce nota
Do Evangelho não raro lhe batia
No alvoroçado peito,
Soleníssima e pura... Descambava
No entanto a lua. A noite era mais linda,
E mais augusta a solidão. Na alcova
Entre a pálida moça. Da parede
Um Cristo pende; ela os joelhos dobra,
Os dedos cruza e reza, — não serena,
Nem alegre também, como costuma,
Mas a tremer-lhe nos formosos olhos

Uma lágrima.

IX

A lâmpada acendida

Sobre a mesa do velho, as largas folhas
Alumia de um livro. O máximo era
Dos livros todos. A escolhida lauda
Era a do canto dos cativos que iam
Pelas ribas do Eufrates, lembrando
As desgraças da pátria. A sós, com eles,
Suspira o velho aquele salmo antigo:

Junto os rios da terra amaldiçoada
De Babilônia, um dia nos sentamos,
Com saudades de Sião amada.

As harpas nos salgueiros penduramos,
E ao lembrarmos os extintos dias
As lágrimas dos olhos desatamos.

Os que nos davam cruas agonias
De cativo, ali nos perguntavam
Pelas nossas antigas harmonias.

E dizíamos nós aos que falavam:
“Como em terra de exílio amargo e duro
Cantar os hinos que ao Senhor louvavam?”

Jerusalém, se inda num sol futuro,
Eu desviar de ti meu pensamento
E teu nome entregar a olvido escuro,

A minha destra a frio esquecimento
Votada seja; apegue-se à garganta
Esta língua infiel, se um só momento

Me não lembrar de ti, se a grande e santa
Jerusalém não for minha alegria
Melhor no meio de miséria tanta.

Oh! lembra-lhes, Senhor, aquele dia
Da abatida Sião, lembra-lho aos duros
Filhos de Edom, e à voz que ali dizia:

Arruinai-a, arruinai-a; os muros
Arrasemo-los todos; só lhe baste
Um montão de destroços mal seguros.”

Filha de Babilônia, que pecaste,
Abençoado o que se houver contigo
Com a mesma opressão que nos mostraste!

Abençoado o bárbaro inimigo
Que os tenros filhos teus às mãos tomando,
Os for, por teu justíssimo castigo,
Contra um duro penedo esmigalhando!

PARTE II

I

Era naquela doce e amável hora
Em que vem branqueando a alva celeste,
Quando parece que remoça a vida
E toda se espreguiça a natureza.
Alva neblina que espalhara a noite
Frouxamente nos ares se dissolve,
 Como de uns olhos tristes
Foge coo tempo a já ligeira sombra
De consoladas mágoas. Vida é tudo.
E pompa e graça natural da terra,
 Mas que não seja no ermo,
Onde seus olhos rútilos espraia
Livres a aurora, sem tocar vestígios
De obras caducas do homem, onde as águas
Do rio bebe a fugitiva corça,
Vivo aroma nos ares se difunde,
E aves, e aves de infinitas cores
Voando vão e revoando tornam,
Inda senhoras da amplidão que é sua.
Donde as há de fugir o homem um dia
Quando a agreste solidão entrar o passo
Criador que derruba. Já de todo
Nado era o sol; e à viva luz que inunda
Estes meus pátrios morros e estas praias,
 Sorrindo a terra moça
Noiva parece que o virgíneo seio

Entrega ao beijo nupcial do amado.
E há de os fúnebres véus lançar a morte
Na verdura do campo? A natureza
A nota vibrará da extrema angústia
Neste festivo cântico de graças
Ao sol que nasce, ao Criador que o envia,
Como renovação de juventude?

II

Coava o sol pela miúda e fina
Gelosia da alcova em que se apresta
A recente cristã. Singelas roupas
Traja da ingênua cor que a natureza
Pintou nas plumas que primeiro brota
O seu pátrio guará. Vínculo frouxo
Mal lhe segura a luzidia trança,
 Como ao desdém lançada
Sobre a espádua gentil. Jóia nenhuma,
Mais que seus olhos meigos, e essa doce
Modéstia natural, encanto, enlevo,
Casta flor que aborrece os mimos do horto,
E ama livre nascer no campo, à larga,
Rústica, mas formosa. Não lhe ensombram
As tristezas da véspera o semblante,
Nem da secreta lágrima na face
Ficou vestígio, — Descuidosa e alegre,
Ri-se, murmura uma cantiga, ou pensa,
E repete baixinho um nome... Oh! se ele
Espreitá-la pudesse ali risonha,
A sós consigo, entre o seu Cristo e as flores
Colhidas ao tombar da extinta noite,
E vicejantes inda!

III

 De repente,
Aos ouvidos da moça enamorada
Chega um surdo rumor de soltas vozes,
Que ora crescendo vai, ora se apaga,
Estranho, desusado. Eram... São eles,
Os franceses, que vêm de longes praias
A cobiçar a pérola mimosa,
Niterói, na alva-azul concha nascida

De suas águas recatadas. Rege
O atrevido Duclerc a flor dos nobres,
Cuja tez branca requeimara o fogo
Que o vivo sol dos trópicos dardeja,
E a lufada dos ventos do oceano.
Cobiçam-te eles, minha terra amada,
Como quando nas faixas sempre-verdes
Eras envolta; e rude, inda que belo,
O aspecto havias que poliu mais tarde
A clara mão do tempo. Inda repetem
Os ecos do recôncavo os suspiros
Dos que vieram a buscar a morte,
E a receberam dos varões possantes
Companheiros de Estácio. A todos eles,
Prole de Luso ou geração da Gália,
Cativara-os a náíade escondida,
E o sol os viu travados nessa longa
E sangrenta porfia, cujo prêmio
Era teu verde, cândido regaço.
Triunfara o trabuco lusitano
Naquele extinto século. Vencido,
O pavilhão francês vovera à pátria,
Pela água arrastando o longo crepe
De suas tristes, mortas esperanças,
Que vento novo o desfraldou nos ares?

IV

Ângela ouvira as vozes da cidade,
As vozes do furor. Já receosa,
Trêmula, foge à alcova e se encaminha
À câmara paterna. Ia transpondo
A franqueada porta... e pára. O peito
Rompe-lhe quase o coração, — tamanho
É o palpitar, um palpitar de gosto,
De surpresa e de susto. Aqueles olhos,
Aquele graça máscula do gesto,
Graça e olhos são dele, o amado noivo,
Que entre os mais homens elegeu sua alma
Para o vínculo eterno... Sim, que a morte
Pode arrancar ao seio humano o alento
Último e derradeiro; os que deveras
Unidos foram, volverão unidos
A mergulhar na eternidade. Estava

Junto do velho pai o gentil moço,
Ele todo agitado, o ancião sombrio,
Calados ambos. A atitude de ambos,
O misterioso, gélido silêncio,
Mais que tudo, a presença nunca usada
Daquele homem ali, que mal a espreita
De longe e a furto, nos instantes breves
Em que lhe é dado vê-la, tudo à moça
O ânimo abala e o coração enfia.

V

Mas o tropel de fora avulta e cresce
E os três acorda. A virgem, lentamente,
Rosto inclinado ao chão, transpõe o espaço
Que dos dois a separa... O tenro colo
Curva ante o pai, e na enrugada destra
O ósculo imprime, herdada usança antiga
De filial respeito. As mãos lhe toma
Enternecido o velho; olhos com olhos
Alguns instantes rápidos ficaram,
Até que ele, voltando o rosto ao moço:
“— Perdoai, — disse, — se o paterno afeto
Me atou a língua. Vacilar é justo
Quando à pobre ruína a flor lhe pedem
Que única lhe nasceu, — única adorna
A aridez melancólica do extremo,
Pálido sol... Não protesteis! Roubá-la,
Arrancá-la aos meus últimos instantes,
Não o fareis decerto. Pouco importa
Dês que a metade lhe levais da vida,
Dês que seu coração, convosco parte
Afeições minhas. — Ao demais, o sangue
Que lhe corre nas veias, condenado,
Nuno, será dos vossos...” Longo e frio
Olhar estas palavras acompanha,
Como a arrancar-lhe o pensamento interno.
A donzela estremece. Nuno o alento
Recobra e fala: “Puro sangue é ele,
Se lhe corre nas veias. Tão mimosa,
Cândida criatura, alma tão casta,
Inda nascida entre os incrêus da Arábia,
Deus a votara à conversão e à vida
Dos eleitos do céu. Águas sagradas

Que a lavaram no berço, já nas veias
O sangue velho e impuro lhe trocaram
Pelo sangue de Cristo...”

VI

Neste instante
Cresce o tumulto exterior. A virgem
Medrosa toda se conchega ao colo
Do velho pai. “Ouvís? Falai! é tempo!
Nuno prossegue. Este comum perigo
Chama os varões à ríspida batalha;
Com eles vou. Se um galardão, entanto,
Merecer de meus feitos, não à pátria
Irei pedi-lo; só de vós o espero,
Não o melhor, mas o único na terra,
Que a minha vida...” Rematar não pôde
Esta palavra. Ao escutar-lhe a nova
Da iminente peleja
E a decisão de combater por ela,
Inteiras sente as forças que se perdem
A donzela, e bem como ao rijo vento
Inclina o colo o arbusto
Nos braços desmaiou do pai. Volvida
A si, na palidez do rosto o velho
Atenta um pouco, e suspirando: “As armas
Empunhai; combatei; Ângela é vossa.
Não de mim a haveis: ela a si mesma
Toda nas vossas mãos se entrega. Morta
Ou feliz é a escolha; não vacilo:
Seja feliz, e folgarei com ela...”

VII

Sobre a fronte dos dois as mãos impondo,
Ao seio os conchegou, bem como a tenda
Do patriarca santo agasalhava
O moço Isaac e a delicada virgem
Que entre os rios nasceu. Delicioso
E solene era o quadro; mas solene
E delicioso embora, ia esvair-se
Qual celeste visão, que acende a espaços
O ânimo do infeliz. A guerra, a dura
Necessidade de imolar os homens,

Por salvar homens, a terrível guerra
Corta o amoroso vínculo que os prende
E à moça o riso lhe converte em lágrimas.
Mísera és tu, pálida flor; mas sofre
Que o calor deste sol te acurve o cálix,
Morta, não, nem já murcha, — mas apenas
Como cansada de queimor do estio.
Sofre; a tarde virá serena e branda
A reviver-te o alento; a fresca noite
Choverá sobre ti piedoso orvalho
E mais risonha surgirás à aurora.

VIII

Foge à estância da paz o ardido moço;
Esperança, fortuna, amor e pátria
A guerrear o levam. Já nas veias
O vivo sangue irrequieto pulsa,
Como ansioso de correr por ambas,
A bela terra e a suspirada noiva.
Triste quadro a seus olhos se apresenta;
Nos femininos rostos vê pintados
Incerteza e terror; lamentos, gritos
Soam de entorno. Voam pelas ruas
Homens de guerra; homens de paz se aprestam
Para a crua peleja; e, ou nobre estância,
Ou choupana rasteira, armado é tudo
Contra a forte invasão. Nem lá se deixa
Quieto, a sós com Deus, na estreita cela,
O solitário monge que às batalhas
Fugiu da vida. O patrimônio santo
Cumpra salvá-lo. Cruz e espada empunha,
Deixa a serena região da prece
E voa ao torvelinho do combate.

IX

Entre os fortes alunos que dirige
O ardido Bento, a perfilar-se corre
Nuno. Estes são os que o primeiro golpe
Descarregam no atônito inimigo.
Do militar ofício ignoram tudo,
De armas não sabem; mas o brio e a honra
E a lembrança da terra em que primeiro

Viram a luz, e onde o perdê-la é doce,
Essa a escola lhes foi. Pasma o inimigo
Do nobre esforço e galhardia rara,
Com que inda nos umbrais da vida que orna
Tanta esperança, tanto sonho de ouro,
Resolutos a morte encaram, prestes
 A retalhar nas dobras
Da vestidura fúnebre da pátria
O piedoso lençol que os leve à campa,
Ou com ela cingir o eterno louro.

X

Ó mocidade, ó baluarte vivo
Da cara pátria! Já perdida é ela,
Quando em teu peito entusiasmo santo
E puro amor se extingue, e àquele nobre,
Generoso despejo e ardor antigo
Sucede o frio calcular, e o torpe
Egoísmo, e quanto há hi no humano peito,
Que é fruto nosso e podre... Muitos caem
Mortos ali. Que importa? Vão seguindo
Avante os bravos, que a invasão caminha
Implacável e dura, como a morte,
A pelejar e a destruir. Tingidas
 Ruas de estranho sangue
E sangue nosso, lacerados membros,
Corpos de que há fugido a alma cansada,
E o denso fumo e os fúnebres lamentos,
Quem nessa confusão, miséria e glória
Conhecerá da juvenil cidade
O aspecto, a vida? Aqui da infância os dias
Nuno vivera, à vicejante sombra
Do seu pátrio arvoredado, ao som das vagas
Que inda batendo vão na amada areia;
Risos, jogos da verde meninice,
Esta praia lhe lembra, aquela pedra,
A mangueira do campo, a tosca cerca
De espinheiro e de flores enlaçadas,
A ave que voa, a brisa que suspira,
Que suspira como ele há suspirado,
Quando rompendo o coração do peito
la-lhe empós dessa visão divina,
Realidade agora... E há de perdê-las

Pátria e noiva? Esta idéia lhe esvoaça
Torva e surda no cérebro do moço,
E ao contraído espírito redobra
 Ímpeto e forças. Rompe
Por entre a multidão dos seus, e investe
Contra o duro inimigo; as balas voam,
E com elas a morte, que não sabe
Dos escolhidos seus a terra e o sangue,
E indistintos os toma; ele, no meio
Daquele horrível turbilhão, parece
Que a faísca do gênio o leva e anima,
Que a fortuna o votara à glória.

XI

Soam

Enfim os gritos de triunfo; e o peito
Do povo que lutou respira à larga,
Como ao que, após árdua subida, chega
Ao cimo da montanha, e ao longe os olhos
Estende pelo azul dos céus, e a vida
Bebe nesse ar mais puro. Farto sangue
A vitória custara; mas, se em meio
De tanta glória há lágrimas, soluços,
Gemidos de viuvez, quem os escuta,
Quem as vê essas lágrimas choradas
Na multidão da praça que troveja
E folga e ri? O sacro bronze que usa
Os fiéis convidar à prece, e a morte
Do homem pranteia lúgubre e solene,
 Ora festivo canta
O comum regozijo; e pela aberta
Porta dos templos entra a frouxo o povo
A agradecer com lágrimas e vozes
O triunfo, — piedoso instinto da alma,
Que a Deus levanta o pensamento e as graças.

XII

Tu, mancebo feliz, tu bravo e amado,
Voa nas asas rútilas e leves
Da fortuna e do amor. Como ao indiano,
Que, ao regressar das porfiadas lutas,
Por estas mesmas regiões entrava,

A encontrá-lo saía a meiga esposa,
— A recente cristã, entre assustada
E jubilosa coroará teus feitos
Coa melhor das capelas que hão pousado
Em fronte de varão, — um doce e longo
Olhar que inteiro encerra a alma que chora
De gosto e vida! Voa o moço à estância
Do ancião; e ao pôr na suspirada porta
Olhos que traz famintos de encontrá-la,
Frio terror lhe empece os membros. Frouxo
la o sol transmuntando; lenta a vaga
Melancolicamente ali gemia,
E todo o ar parecia arfar de morte.
Qual se pálida a vira, já cerrados
Os desmaiados olhos,
Frios os doces lábios
Cansados de pedir aos céus por ele,
Nuno estacara; e pelo rosto em fio
O suor lhe caiu da extrema angústia;
Longo tempo vacila;
Vence-se enfim, e entra a mansão da esposa.

XIII

Quatro vultos na câmara paterna
Eram. O pai sentado,
Calado e triste. Reclinada a fronte
No espaldar da cadeira, a filha os olhos
E o rosto esconde, mas tremor contínuo
De um abafado soluçar o esbelto
Corpo lhe agita. Nuno aos dois se chega;
la a falar, quando a formosa virgem,
Os lacrimosos olhos levantando,
Um grito solta do íntimo do peito
E se lhe prostra aos pés: “Oh! vivo, és vivo!
Inda bem... Mas o céu, que por nós vela,
Aqui te envia... Salva-o tu, se podes,
Salva meu pobre pai!” Estremecendo,
Nela e no velho fita Nuno os olhos,
E agitado pergunta: “Qual ousado
Braço lhe ameaça a vida?” Caverosa
Uma voz lhe responde: “O santo ofício!”
Volve o mancebo o rosto
E o merencório aspecto

De dois familiares todo o sangue
Nas veias lhe gelou.

XIV

Solene o velho
Com a voz, não frouxa, mas pausada, fala:
“Vês? Todo o brio, todo o amor no peito
Te emudeceu. Só lastimar-me podes,
Salvar-me, nunca. O cárcere me aguarda,
E a fogueira talvez; cumpri-la, é tempo,
A vontade de Deus. Tu, pai e esposo
Da desvalida filha que aí deixo,
Nuno, serás. A relembrar com ela
Meu pobre nome, aplacareis a imensa
Cólera do Senhor...” Sorrindo irônico,
Estas palavras últimas lhe caem
Dos lábios tristes. Ergue-se: “Partamos!
Adeus! Negou-me Aquele que no campo
Deixa a árvore anciã perder as folhas
No mesmo ponto em que as nutriu viçosas,
Negou-me ver por estas longas serras
Ir-se-me o último sol. Brando regaço
A filial piedade me daria
Em que eu dormisse o derradeiro sono,
E em braços de meu sangue transportado
Fora em horas de paz e de silêncio
Levado ao leito extremo e eterno. Vive
Ao menos tu...”

XV

Um familiar lhe corta
O adeus último: “Vamos: é já tempo!”
Resignado o infeliz, ao seio aperta
A filha, e todo o coração num beijo
Lhe transmitiu, e a caminhar começa.
Ângela os lindos braços sobre os ombros
Trava do austero pai; flores disséreis
De parasita, que enroscou seus ramos
Pelo cansado tronco, estéril, seco
De árvore antiga: “Nunca! Hão de primeiro
A alma arrancar-me! Ou se heis pecado, e a morte
Pena há de ser da cometida culpa,

Convosco descerei à campã fria,
Juntos a mergulhar na eternidade.
Israel tem vertido
Um mar de sangue. Embora! à tona dele
Verdeja a nossa fé, a fé que anima
O eleito povo, flor suave e bela
Que o medo não desfolha, nem já seca
Ao vento mau da cólera dos homens!”

XVI

Trêmula a voz do peito lhe saía.
Das mãos lhe trava um dos algozes. Ela
Entrega-se risonha,
Como se o cálix da amargura extrema
Pelos meles da vida lhe trocassem
Celeste e eterna. O coração do moço
Latejava de espanto e susto. Os olhos
Pousa na filha o desvairado velho.
Que ouviu? — Atenta nela; o lindo rosto
O céu não busca jubiloso e livre,
Antes, como travado de agra pena,
Pende-lhe agora ao chão. Dizia acaso
Entre si mesma uma oração, e o nome
De Jesus repetia, mas tão baixo,
Que o coração do pai mal pôde ouvir-lho.
Mas ouviu-lho; e tão forte amor, tamanho
Sacrifício da vida a alma lhe rasga
E deslumbra. Escoou-se um breve tempo
De silêncio; ele e ela, os tristes noivos,
Como se a eterna noite os recebera,
Gelados eram; levantar não ousam
Um para o outro os arrasados olhos
De mal contidas e teimosas lágrimas.

XVII

Nuno, enfim, lentamente e a custo arranca
Do coração estas palavras: “Fora
Misericórdia ao menos confessá-lo
Quando ao fogo do bárbaro inimigo
Me era fácil deixar o derradeiro
Sopro da vida. Prêmio é este acaso
De tamanho lidar? Que mal te hei feito,

Por que me dês tão bárbara e medonha
Morte, como esta, em que o cadáver guarda
Inteiro o pensamento, inteiro o aspecto
Da vida que fugiu?" Ângela os olhos
Magoados ergue; arfa-lhe o peito aflito,
Como o dorso da vaga que intumesce
A asa da tempestade. "Adeus!" suspira,
E a fronte abriga no paterno seio.

XVIII

O rebelde ancião, domado entanto,
Afracar-se-lhe sente dentro d'alma
O sentimento velho que bebera
Com o leite dos seus; e sem que o lábio
Transmita a ouvidos de homem
O duvidar do coração, murmura
Dentro de si: "Tão poderosa é essa
Ingênua fé, que inda negando o nome
Do seu Deus, confiada aceita a morte,
E guarda puro o sentimento interno
Com que o véu rasgará da eternidade?
Ó Nazareno, ó filho do mistério,
Se é tua lei a única da vida
Escreve-ma no peito; e dá que eu veja
Morrer comigo a filha de meus olhos
E unidos irmos, pela porta imensa
Do teu perdão, à eternidade tua!"

XIX

Mergulhara de todo o sol no ocaso,
E a noite, clara, deliciosa e bela,
A cidade cobriu, — não sossegada,
Como costuma, — porém leda e viva,
Cheia de luz, de cantos e rumores,
Vitoriosa enfim. Eles, calados,
Foram por entre a multidão alegre,
A penetrar o cárcere sombrio.
Donde ao mar passarão, que os leve às praias
Da anciã Europa. Carregado o rosto,
la o pai; ela, não. Serena e meiga,
Entra afoita o caminho da amargura,
A custo sofrendo internas mágoas

Da amarga vida, breve flor como ela,
Que inda mais breve a mente lhe afigura.
Anjo, descera da região celeste
A pairar sobre o abismo; anjo, subia
De novo à esfera luminosa e eterna,
Pátria sua. Levar-lhe-á Deus em conta
O muito amor e o padecer extremo,
Quando romper a túnica da vida
E o silêncio imortal fechar seus lábios.

José Bonifácio

De tantos olhos que o brilhante lume
Viram do sol amortecer no ocaso,
Quantos verão nas orlas do horizonte
Resplandecer a aurora?

Inúmeras, no mar da eternidade,
As gerações humanas vão caindo;
Sobre elas vai lançando o esquecimento
A pesada mortalha.

Da agitação estéril em que as forças
Consumiram da vida, raro apenas
Um eco chega aos séculos remotos,
E o mesmo tempo o apaga.

Vivos transmite a popular memória
O gênio criador e a sã virtude,
Os que o pátrio torrão honrar souberam,
E honrar a espécie humana.

Vivo irás tu, egrégio e nobre Andrada!
Tu, cujo nome, entre os que à pátria deram
O batismo da amada independência,
Perpetuamente fulge.

O engenho, as forças, o saber, a vida
Tu votaste à liberdade nossa,
Que a teus olhos nasceu, e que teus olhos
Inconcussa deixaram.

Nunca interesse vil manchou teu nome,

Nem abjetas paixões; teu peito ilustre
Na viva chama ardeu que os homens leva
Ao sacrifício honrado.

Se teus restos há muito que repousam
No pó comum das gerações extintas,
A pátria livre que legaste aos netos
E te venera e ama,

Nem a face mortal consente à morte
Que te roube, e no bronze redivivo
O austero vulto restitui aos olhos
Das vindouras idades.

“Vede (lhes diz) o cidadão que teve
Larga parte no largo monumento
Da liberdade, a cujo seio os povos
Do Brasil te acolheram.

Pode o tempo varrer, um dia, ao longe,
A fábrica robusta; mas os nomes
Dos que o fundaram viverão eternos,
E viverás, Andrada!”

A Visão de Jaciúca

Prestes de novo a batalhar, chegavam
Os valentes guerreiros. Mas onde ele,
O duro chefe da indomável tribo,
O senhor das montanhas? Afirmava
Tatupeba que o vira, antes da aurora,
Erguer-se, e ao longo do vizinho rio,
Por algum tempo caminhar calado,
Como se o abafara um pensamento
E lhe impedira o sono. Vão receio
De batalhar? Oh! não! Quase na infância,
A torva catadura viu da guerra,
Ofício de homens, que aprendeu brincando
Com seu pai, extremado entre os guerreiros,
E na bravura e na prudência; a frecha
Ninguém soubera menear como ele,
Nem mais veloz nem mais certa nunca.

A lentos passos caminhando chega,
Enfim, o bravo Jaciúca. Torvo
E merencório traz o duro aspecto.
“— Vamos (diz ele) a descansar na taba,
Entre festas e danças; penduremos
As armas nossas, que sobeja há sido
A glória, e a doce paz nos chama.”
Leve,
Surdo rumor entre os guerreiros soa;
Vai subindo, é rugido, é já tumulto,
Como o grunhir de traçados no mato,
Que se aproxima e cresce. Jaciúca
Olhos quietos pelo campo estende;
Seu feio rosto é como a rocha dura
Que o raio quebra, mas não lasca o vento.
Fecha os lábios e pensativo espera.

Tatueba, que a raiva a custo esconde,
Ergue-se então; crava-lhe os fulvos olhos,
Como a afiada ponta de uma frecha.
Seu porte, entre os irmãos, semelha à vista
Jequitibá robusto; mais que todos,
Terror inspira e universal respeito.
Ergue-se e fala: — “Longos sóis hei visto,
Pelejei muitas guerras; a meu lado
Vi cair mais valentes do que folhas
Arranca o furacão; mas nunca o ânimo
Dos lidadores abalou a palavra
Como essa tua; nunca os braços nossos
Ficar deixaram nos desertos campos
Os ossos não vingados dos guerreiros.
Que gênio mau te insinuou tal crime?”

Assim falando, Tatueba o solo
Com a planta feriu. Os olhos todos
Pendem da boca do sombrio chefe.
Silencioso Jaciúca ouvira
As falas do guerreiro; silencioso
E quieto ficou. Após instantes,
A fronte sacudiu, como expelindo
Idéias más que o cérebro lhe turvam,
E a voz lhe rompe do íntimo do peito.

“Ó guerreiros (diz ele), aqui deitados

Estivestes a noite, e toda inteira
A dormistes de certo; eu, não distante,
Do rio à margem a trabalhar comigo,
Afiava na mente atra vingança;
Até que os frouxos membros descaíram
Sobre a macia relva, e um tempo largo
Assim fiquei entre vigília e sono.
Viam meus olhos ondular as águas,
Mas no alheado pensamento os ecos
Sussurravam da infância. Um gênio amigo
Aos tempos me levava em que no rosto
De meu pai aprendi, com frio pasmo,
A rara intrepidez, válida herança,
Que tanto custa ao pérfido inimigo.

De repente, uma luz pálida e triste
Inunda o campo: transparente névoa
E luminosa aquilo parecia,
Ou baço refletir da branca lua
Que nuvens cobrem. Lívido e curvado,
Içaíba a meus olhos aparece.
Vi-o qual era antes da fria morte;
Só a expressão do rosto lhe mudara;
Enérgicas não tinha, mas serenas
As feições. “Vem comigo!” Assim me fala
O extinto bravo; e, súbito estreitando
Ao peito o corpo do saudoso amigo,
Juntos voamos à região das nuvens.
“Olha!” disse Içaíba, e o braço alonga
Para a terra. Ó guerreiros! largo espaço
Era presa de alheio senhorio.
Fitei os olhos mais; e pouco a pouco,
Como enche o rio e todo o campo alaga,
Umhas gentes estranhas se estendiam
De sertão em sertão. Presas do fogo
As matas vi, abrigo do guerreiro,
E ao torvo incêndio e às invasões da morte
Vi as tribos fugir, ceder a custo,
Com lágrimas alguns, todos com sangue,
A virgem terra ao bárbaro inimigo.
Mau vento os trouxe de remota praia
Aqueles homens novos, jamais vistos
De guerreiro ancião, a quem não coube
Sequer a glória de morrer contente

E todo reviver na ousada prole.
Era o termo da vida que chegara
Ao povo de Tupã! Grito de morte
Único enchia os ares, — um suspiro
De tristeza e terror, que reboava
Pelos recessos da floresta antiga
E talvez ameigava o peito às feras...
Surdos os manitós deixado haviam
Os seus fortes heróis; surdos se foram
Entre os gênios folgar da raça nova,
E rir talvez das lágrimas choradas
Pelos olhos das virgens... Oh! se ao menos
Fora pranto de livres! Era a morte
A menor das angústias; vi curvada
E cativa rojar no pó da terra
A frente do guerreiro, agora altiva,
Livre, como o condor que frecha as nuvens;
Não canitar a cinge, mas vergonha,
Melancólico adorno do vencido.

O rosto desviei do estranho quadro.
“Olha!” repete o pálido Içaíba.
Olhei de novo, e na saudosa taba,
Que os nossos arcos defender souberam,
Em vez da sombra do piaga santo,
Que, ao som do maracá, colhia as vozes
Do pensamento eterno, e as infundia
No seio do guerreiro, como o fumo
Do petum lhe dobrava ímpeto e força,
Um vulto descobri de vestes negras,
Nua quase a cabeça, e cor de espuma
Alguns cabelos raros. Tinha o rosto
Alvo e quieto. Em suas mãos sustinha
Extenso lenho com dois curtos braços.
Ia só; todo o campo era deserto.
Nem um guerreiro! um arco! — A tribo? “Extinta!”
“A tal palavra, uma pesada sombra
A vista me apagou, e pela face
Senti rolar a lágrima primeira.
O sinistro espetáculo mudara.
Ao dissipar-se a nuvem de meus olhos
Achei-me junto do vizinho rio,
Reclinado como antes, e defronte
A pálida figura de Içaíba.

“— Torna à taba, me disse o extinto moço;
Luas e luas volverão no espaço
Antes da morte, mas a morte é certa,
E terrível será. Nação bem outra,
Sobre as ruínas da valente raça
Virá sentar-se, e brilhará na terra
Gloriosa e rica. Uma chorada lágrima,
Talvez, talvez, no meio de triunfos.
Há de ser a tardia, escassa paga
Da morte nossa. Poupa ao menos essa
Derradeira esperança de guardá-lo
Todo o valor para o supremo dia
E com honra ceder a estranhas hostes;
Salva ao menos as últimas relíquias
Desta nação vencida; não se rasguem
Peitos que irmãos ao mesmo sol nasceram
E Anhangá fez contrários... Todos eles
Poucos serão para a tremenda luta,
Mas de sobra hão de ser para chorá-la.”

Assim falara o pálido Içaíba;
Alguns instantes contemplou meu rosto,
Calado e firme. A cachoeira ao longe
Interrompia apenas o silêncio;
E eu morto, eu mesmo me sentia morto.
Ele um triste suspiro magoado
Soltou do peito; os apagados olhos
Às estrelas ergueu, sereno e triste,
E de novo rompendo o vôo aos ares,
Como uma frecha penetrou nas nuvens.”

A Gonçalves Dias

*Ninguém virá, com titubeantes passos,
E os olhos lacrimosos, procurando
O meu jazigo...*

GONÇALVES DIAS. *Últimos Cantos.*

Tu vive e goza luz serena e pura.

J. BASÍLIO DA GAMA. *Uruguai, c. V.*

Assim vagou por alongados climas,
E do naufrágio os úmidos vestidos
Ao calor enxugou de estranhos lares
O lusitano vate. Acerbas penas
Curtiu naquelas regiões; e o Ganges,
Se o viu chorar, não viu pousar calada,
Como a harpa dos êxules profetas,
A heróica tuba. Ele a embocou, vencendo
Coa lembrança do ninho seu paterno,
Longas saudades e míseras tantas.
Que monta o padecer? Um só momento
As mágoas lhe pagou da vida; a pátria
Reviu, após a suspirar por ela;
 E a velha terra sua
O despojo mortal cobriu piedosa
E de sobejo o compensou de ingratos.

Mas tu, cantor da América, roubado
Tão cedo ao nosso orgulho, não te coube
Na terra em que primeiro houveste o lume
Do nosso sol, achar o último leite!
Não te coube dormir no chão amado,
Onde a luz frouxa da serena lua,
Por noite silenciosa, entre a folhagem
Coasse os raios úmidos e frios,
Com que ela chora os mortos... derradeiras
Lágrimas certas que terá na campa
O infeliz que não deixa sobre a terra
Um coração ao menos que o pranteie.

Vinha contudo o pálido poeta
Os desmaiados olhos estendendo
Pela azul extensão das grandes águas,
A pesquisar ao longe o esquivo fumo
Dos pátrios tetos. Na abatida fronte
Ave da morte as asas lhe roçara;
A vida não cobrou nos ares novos,
A vida, que em vigílias e trabalhos,
Em prol dos seus, gastou por longos anos,
Co'essa largueza de ânimo fadado
A entornar generoso a vital seiva.
Mas, que importava a morte, se era doce
Morrê-la à sombra deliciosa e amiga

Dos coqueiros da terra, ouvindo acaso
 No murmurar dos rios,
Ou nos suspiros do noturno vento,
Um eco melancólico dos cantos
Que ele outrora entoara? Traz do exílio
Um livro, monumento derradeiro
Que à pátria levantou; ali revive
Toda a memória do valente povo
Dos seus Timbiras...

 Súbito, nas ondas
Bate os pés, espumante e desabrido,
O corcel da tormenta; o horror da morte
Enfia o rosto aos nautas... Quem por ele,
Um momento hesitou quando na frágil
Tábua confiou a única esperança
Da existência? Mistério obscuro é esse
Que o mar não revelou. Ali sozinho,
Travou naquela solidão das águas
O duelo tremendo, em que a alma e corpo
As suas forças últimas despendem
Pela vida da terra e pela vida
Da eternidade. Quanta imagem torva,
Pelo turbado espírito batendo
As fuscas asas, lhe tornou mais triste
Aquele instante fúnebre! Suave
É o arranco final, quando o já frouxo
Olhar contempla as lágrimas do afeto,
E a cabeça repousa em seio amigo.
Nem afetos nem prantos; mas somente
A noite, o medo, a solidão e a morte.
A alma que ali morava, ingênua e meiga,
Naquele corpo exíguo, abandonou-o,
Sem ouvir os soluços da tristeza,
Nem o grave salmear que fecha aos mortos
O frio chão. Ela o deixou, bem como
Hóspede mal aceito e mal dormido,
Que prossegue a jornada, sem que leve
O ósculo da partida, sem que deixe
No rosto dos que ficam, — rara embora, —
Uma sombra de pálida saudade.

Oh! sobre a terra em que pousaste um dia,
Alma filha de Deus, ficou teu rasto
Como de estrela que perpétua fulge!

Não viste as nossas lágrimas; contudo
O coração da pátria as há vertido.
Tua glória as secou, bem como orvalho
Que a noite amiga derramou nas flores
E o raio enxuga da nascente aurora.
Na mansão a que foste, em que ora vives,
Hás de escutar um eco do concerto
Das vozes nossas. Ouvirás, entre elas,
Talvez, em lábios de indiana virgem!
Esta saudosa e suspirada nênia:

“Morto! é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirai comigo!

A grande água o levou como invejosa.
Nenhum pé trilhará seu derradeiro
Fúnebre leito; ele repousa eterno
Em sítio onde nem olhos de valentes,
Nem mãos de virgens poderão tocar-lhe
Os frios restos. Sabiá-da-praia
De longe o chamará saudoso e meigo,
Sem que ele venha repetir-lhe o canto.
Morto! é morto o cantor de meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirai comigo!

Ele houvera do Ibaque o dom supremo
De modular nas vozes a ternura,
A cólera, o valor, tristeza e mágoa,
E repetir aos namorados ecos
Quanto vive e reluz no pensamento.
Sobre a margem das águas escondidas,
Virgem nenhuma suspirou mais terna,
Nem mais válida a voz ergueu na taba,
Suas nobres ações cantando aos ventos,
O guerreiro tamoio. Doce e forte,
Brotava-lhe do peito a alma divina.
Morto! é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirai comigo!

Coema, a doce amada de Itajuba,
Coema não morreu; a folha agreste
Pode em ramas ornar-lhe a sepultura,
E triste o vento suspirar-lhe em torno;
Ela perdura a virgem dos Timbiras,

Ela vive entre nós. Airosa e linda,
Sua nobre figura adorna as festas
E enflora os sonhos dos valentes. Ele,
O famoso cantor, quebrou da morte
O eterno jugo; e a filha da floresta
Há de a história guardar das velhas tabas
Inda depois das últimas ruínas.
Morto! é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirai comigo!

O piaga, que foge a estranhos olhos,
E vive e morre na floresta escura,
Repita o nome do cantor; nas águas
Que o rio leva ao mar, mande-lhe ao menos
Uma sentida lágrima, arrancada
Do coração que ele tocara outrora,
Quando o ouviu palpitar sereno e puro,
E na voz celebrou de eternos carmes.
Morto! é morto o cantor dos meus guerreiros!
Virgens da mata, suspirai comigo!

Os Semeadores

(Século XVI)

...Eis aí saiu o que semeia a semear...

MAT., XIII, 3.

Vós os que hoje colheis, por esses campos largos,
O doce fruto e a flor,
Acaso esqueceréis os ásperos e amargos
Tempos do semeador?

Rude era o chão; agreste e longo aquele dia;
Contudo, esses heróis
Souberam resistir na afanosa porfia
Aos temporais e aos sóis.

Poucos; mas a vontade os poucos multiplica,
E a fé, e as orações
Fizeram transformar a terra pobre em rica
E os centos em milhões.

Nem somente o labor, mas o perigo, a fome,
O frio, a descalcez,
O morrer cada dia uma morte sem nome,
O Morrê-la, talvez,

Entre bárbaras mãos, como se fora crime,
Como se fora réu
Quem lhe ensinara aquela ação pura e sublime
De as levantar ao céu!

Ó Paulos do sertão! Que dia e que batalha!
Venceste-la; e podeis
Entre as dobras dormir da secular mortalha;
Vivereis, vivereis!

A Flor do Embiruçu

Noite, melhor que o dia, quem não te ama?

FIL. ELIS.

Quando a noturna sombra envolve a terra
E à paz convida o lavrador cansado,
À fresca brisa o seio delicado
A branca flor do embiruçu descerra.

E das límpidas lágrimas que chora
A noite amiga, ela recolhe alguma;
A vida bebe na ligeira bruma,
Até que rompe no horizonte a aurora.

Então, à luz nascente, a flor modesta,
Quando tudo o que vive alma recobra,
Languidamente as suas folhas dobra,
E busca o sono quando tudo é festa.

Suave imagem da alma que suspira
E odeia a turba vã! da alma que sente
Agitar-se-lhe a asa impaciente
E a novos mundos transportar-se aspira!

Também ela ama as horas silenciosas,
E quando a vida as lutas interrompe,

Ela da carne os duros elos rompe,
E entrega o seio às ilusões viçosas.

É tudo seu, — tempo, fortuna, espaço,
E o céu azul e os seus milhões de estrelas;
Abrasada de amor, palpita ao vê-las,
E a todas cinge no ideal abraço.

O rosto não encara indiferente,
Nem a traidora mão cândida aberta;
Das mentiras da vida se liberta
E entra no mundo que jamais não mente.

Noite, melhor que o dia, quem não te ama?
Labor ingrato, agitação, fadiga,
Tudo faz esquecer tua asa amiga
Que a alma nos leva onde a ventura a chama.

Ama-te a flor que desabrocha à hora
Em que o último olhar o sol lhe estende,
Vive, embala-se, orvalha-se, recende,
E as folhas cerra quando rompe a aurora.

Lua Nova

Mãe dos frutos, Jaci, no alto espaço
Ei-la assoma serena e indecisa:
Sopro é dela esta lânguida brisa
Que sussurra na terra e no mar.
Não se mira nas águas do rio,
Nem as ervas do campo branqueia;
Vaga e incerta ela vem, como a idéia
Que inda apenas começa a esportar.

E iam todos; guerreiros, donzelas,
Velhos, moços, as redes deixavam;
Rudes gritos na aldeia soavam,
Vivos olhos fugiam p'ra o céu:
Iam vê-la, Jaci, mãe dos frutos,
Que, entre um grupo de brancas estrelas,
Mal cintila: nem pôde vencê-las,
Que inda o rosto lhe cobre amplo véu.

E um guerreiro: “Jaci, doce amada,
Retempera-me as forças; não veja
Olho adverso, na dura peleja,
Este braço já frouxo cair.
Vibre a seta, que ao longe derruba
Tajaçu, que roncando caminha;
Nem lhe escape serpente daninha,
Nem lhe fuja pesado tapir.”

E uma virgem: “Jaci, doce amada,
Dobra os galhos, carrega esses ramos
Do arvoredado coas frutas que damos
Aos valentes guerreiros, que eu vou
A buscá-los na mata sombria,
Por trazê-los ao moço prudente,
Que venceu tanta guerra valente,
E estes olhos consigo levou.”

E um ancião, que a saudara já muitos,
Muitos dias: “Jaci, doce amada,
Dá que seja mais longa a jornada,
Dá que eu possa saudar-te o nascer,
Quando o filho do filho, que hei visto
Triunfar de inimigo execrando,
Possa as pontas de um arco dobrando
Contra os arcos contrários vencer.”

E eles riam os fortes guerreiros,
E as donzelas e esposas cantavam,
E eram risos que d’alma brotavam,
E eram cantos de paz e de amor.
Rude peito criado nas brenhas,
— Rude embora, — terreno é propício;
Que onde o gérmen lançou benefício
Brotava, enfolha, verdeja, abre em flor.

Sabina

Sabina era mucama da fazenda;
Vinte anos tinha; e na província toda
Não havia mestiça mais à moda,
Com suas roupas de cambraia e renda.

Cativa, não entrava na senzala,
Nem tinha mãos para trabalho rude;
Desbrochava-lhe a sua juventude
Entre carinhos e afeições de sala.

Era cria da casa. A sinhá-moça,
Que com ela brincou sendo menina,
Sobre todas amava esta Sabina,
Com esse ingênuo e puro amor da roça.

Dizem que à noite, a suspirar na cama,
Pensa nela o feitor; dizem que, um dia,
Um hóspede que ali passado havia,
Pôs um cordão no colo da mucama.

Mas que vale uma jóia no pescoço?
Não pôde haver o coração da bela.
Se alguém lhe acende os olhos de gazela,
É pessoa maior: é o senhor moço.

Ora, Otávio cursava a Academia.
Era um lindo rapaz; a mesma idade
Coas passageiras flores o adornava
De cujo extinto aroma inda a memória
Vive na tarde pálida do outono.
Oh! vinte anos! Ó pombas fugitivas
Da primeira estação, porque tão cedo
Voais de nós? Pudesse ao menos a alma
Guardar consigo as ilusões primeiras,
Virgindade sem preço, que não paga
Essa descolorida, árida e seca
Experiência do homem!

Vinte anos

Tinha Otávio, e a beleza e um ar de corte,
E o gesto nobre, e sedutor o aspecto;
Um vero Adônis, como aqui diria
Algum poeta clássico, daquela
Poesia que foi nobre, airosa e grande
Em tempos idos, que ainda bem se foram...

Cursava a Academia o moço Otávio;
Ia no ano terceiro, não remoto
Via desenrolar-se o pergaminho,

Prêmio de seus labores e fadigas;
E uma vez bacharel, via mais longe
Os curvos braços da feliz cadeira
Donde o legislador a rédea empunha
Dos lépidos frisões do Estado. Entanto,
Sobre os livros de estudo, gota a gota
As horas despendia, e trabalhava
Por meter na cabeça o jus romano
E o pátrio jus. Nas suspiradas férias
Volvia ao lar paterno; ali no dorso
De brioso corcel corria os campos,
Ou, arma ao ombro, polvorinho ao lado,
À caça dos veados e cutias,
Ia matando o tempo. Algumas vezes
Com o padre vigário se entretinha
Em desfiar um ponto de intrincada
Filosofia, que o senhor de engenho,
Feliz pai, escutava glorioso,
Como a rever-se no brilhante aspecto
De suas ricas esperanças.

Era

Manhã de estio; erguera-se do leito
Otávio; em quatro sorvos toda esgota
A taça de café. Chapéu de palha,
E arma ao ombro, lá foi terreiro fora,
Passarilhar no mato. Ia costeando
O arvoredado que além beirava o rio,
A passo curto, e o pensamento à larga,
Como leve andorinha que saísse
Do ninho, a respirar o hausto primeiro
Da manhã. Pela aberta da folhagem,
Que ainda não doura o sol, uma figura
Deliciosa, um busto sobre as ondas
Suspende o caçador. Mãe d'água fora,
Talvez, se a cor de seus quebrados olhos
Imitasse a do céu; se a tez morena,
Morena como a esposa dos Cantares,
Alva tivesse; e raios de ouro fossem
Os cabelos da cor da noite escura,
Que ali soltos e úmidos lhe caem,
Como um véu sobre o colo. Trigueirinha,
Cabelo negro, os largos olhos brandos
Cor de jabuticaba, quem seria,

Quem, senão a mucama da fazenda,
Sabina, enfim? Logo a conhece Otávio,
E nela os olhos espantados fita
Que desejos acendem. — Mal cuidando
Daquele estranho curioso, a virgem
Com os ligeiros braços rompe as águas,
E ora toda se esconde, ora ergue o busto,
Talhado pela mão da natureza
Sobre o modelo clássico. Na oposta
Riba suspira um passarinho; e o canto
E a meia luz, e o sussurrar das águas,
E aquela fada ali, tão doce vida
Davam ao quadro, que o ardente aluno
Trocara por aquilo, uma hora ao menos,
A Faculdade, o pergaminho e o resto.

Súbito erige o corpo a ingênua virgem.
Com as mãos, os cabelos sobre a espádua
Deita, e rasgando lentamente as ondas,
Para a margem caminha, tão serena,
Tão livre como quem de estranhos olhos
Não suspeita a cobiça... Véu da noite,
Se lhos cobrira, dissipara acaso
Uma história de lágrimas. Não pode
Furtar-se Otávio à comoção que o toma;
A clavina que a esquerda mal sustenta
No chão lhe cai; e o baque surdo acorda
A descuidada nadadora. Às ondas
A virgem torna. Rompe Otávio o espaço
Que os divide; e de pé, na fina areia,
Que o mole rio lambe, ereto e firme,
Todo se lhe descobre. Um grito apenas
Um só grito, mas único, lhe rompe
Do coração; terror, vergonha... e acaso
Prazer, prazer misterioso e vivo
De cativa que amou silenciosa,
E que ama e vê o objeto de seus sonhos,
Ali com ela, a suspirar por ela.

“Flor da roça nascida ao pé do rio,
Otávio começou — talvez mais bela
Que essas belezas cultas da cidade,
Tão cobertas de jóias e de sedas,
Oh! não me negues teu suave aroma!

Fez-te cativa o berço; a lei somente
Os grilhões te lançou; no livre peito
De teus senhores tens a liberdade,
A melhor liberdade, o puro afeto
Que te elegeu entre as demais cativas,
E de afagos te cobre! Flor do mato,
Mais viçosa do que essas outras flores
Nas estufas criadas e nas salas,
Rosa agreste nascida ao pé do rio,
Oh! não me negues teu suave aroma!”

Disse, e da riba os cobiçosos olhos
Pelas águas estende, enquanto os dela,
Cobertos pelas pálpebras medrosas
Choram, — de gosto e de vergonha a um tempo, —
Duas únicas lágrimas. O rio
No seio as recebeu; consigo as leva,
Como gotas de chuva, indiferente
Ao mal ou bem que lhe povoa a margem;
Que assim a natureza, ingênua e dócil
Às leis do Criador, perpétua segue
Em seu mesmo caminho, e deixa ao homem
Padecer e saber que sente e morre.

Pela azulada esfera inda três vezes
A aurora as flores derramou, e a noite
Veze três a mantilha escura e larga
Misteriosa cingiu. Na quarta aurora,
Anjo das virgens, anjo de asas brancas,
Pudor, onde te foste? A alva capela
Murcha e desfeita pelo chão lançada,
Coberta a face do rubor do pejo,
Os olhos com as mãos velando, alçaste
Para a Eterna Pureza o eterno vôo.
Quem ao tempo cortar pudera as asas
Se deleitoso voa? Quem pudera
Suster a hora abençoada e curta
Da ventura que foge, e sobre a terra
O gozo transportar da eternidade?
Sabina viu correr tecidos de ouro
Aqueles dias únicos na vida
Toda enlevo e paixão, sincera e ardente
Nesse primeiro amor d’alma que nasce
E os olhos abre ao sol. Tu lhe dormias,

Consciência; razão, tu lhe fechavas
A vista interior; e ela seguia
Ao sabor dessas horas mal furtadas
Ao cativeiro e à solidão, sem vê-lo
O fundo abismo tenebroso e largo
Que a separa do eleito de seus sonhos,
Nem pressentir a brevidade e a morte!

E com que olhos de pena e de saudade
Viu ir-se um dia pela estrada fora
Otávio! Aos livros torna o moço aluno,
Não cabisbaixo e triste, mas sereno
E lépido. Com ela a alma não fica
De seu jovem senhor. Lágrima pura,
Muito embora de escrava, pela face
Lentamente lhe rola, e lentamente
Toda se esvai num pálido sorriso
De mãe.

Sabina é mãe; o sangue livre
Gira e palpita no cativo seio
E lhe paga de sobra as dores cruas
Da longa ausência. Uma por uma, as horas
Na solidão do campo há de contá-las,
E suspirar pelo remoto dia
Em que o veja de novo... Pouco importa,
Se o materno sentir compensa os males.

Riem-se dela as outras; é seu nome
O assunto do terreiro. Uma invejosa
Acha-lhe uns certos modos singulares
De senhora de engenho; um pajem moço,
De cobiça e ciúme devorado,
Desfaz nas graças que em silêncio adora
E consigo medita uma vingança.
Entre os parceiros, desfiando a palha
Com que entrança um chapéu, solenemente
Um Caçanje ancião refere aos outros
Alguns casos que viu na mocidade
De cativas amadas e orgulhosas
Castigadas do céu por seus pecados,
Mortas entre os grilhões do cativeiro.

Assim falavam eles; tal o aresto

Da opinião. Quem evitá-lo pode
Entre os seus, por mais baixo que a fortuna
Haja tecido o berço? Assim falavam
Os cativos do engenho; e porventura
Sabina o soube e o perdoou.

Volveram

Após os dias da saudade os dias
Da esperança. Ora, quis fortuna adversa
Que o coração do moço, tão volúvel
Como a brisa que passa ou como as ondas,
Nos cabelos castanhos se prendesse
De donzela gentil, com quem atara
O laço conjugal: uma beleza
Pura, como o primeiro olhar da vida,
Uma flor desbrochada em seus quinze anos,
Que o moço viu num dos serões da corte
E cativo adorou. Que há de fazer-lhes
Agora o pai? Abençoar os noivos
E ao regaço trazê-los da família.

Oh! longa foi, longa e ruidosa a festa
Da fazenda, por onde alegre entrara
O moço Otávio conduzindo a esposa.
Viu-os chegar Sabina, os olhos secos,
Atônita e pasmada. Breve o instante
Da vista foi. Rápido foge. A noite
A seu trêmulo pé não tolhe a marcha;
Voa, não corre, ao malfadado rio,
Onde a voz escutou do amado moço.
Ali chegando: “Morrerá comigo.
O fruto de meu seio; a luz da terra
Seus olhos não verão; nem ar da vida
Há de aspirar...”

la a cair nas águas,
Quando súbito horror lhe toma o corpo;
Gelado o sangue e trêmula recua,
Vacila e tomba sobre a relva. A morte
Em vão a chama e lhe fascina a vista;
Vence o instinto de mãe. Erma e calada
Ali ficou. Viu-a jazer a lua
Largo espaço da noite ao pé das águas,
E ouviu-lhe o vento os trêmulos suspiros;

Nenhum deles, contudo, o disse à aurora.

Última Jornada

I

E ela se foi nesse clarão primeiro,
Aquela esposa mísera e ditosa;
E ele se foi o pérfido guerreiro.

Ela serena ia subindo e airosa,
Ele à força de incógnitos pesares
Dobra a cerviz rebelde e lutuosa.

Iam assim, iam cortando os ares,
Deixando embaixo as férteis campinas,
E as florestas, e os rios e os palmares.

Oh! cândidas lembranças infantinas!
Oh! vida alegre da primeira taba;
Que aurora vos tomou, aves divinas?

Como um tronco do mato que desaba,
Tudo caiu; lei bárbara e funesta:
O mesmo instante cria e o mesmo acaba.

De esperanças tamanhas o que resta?
Uma história, uma lágrima chorada
Sobre as últimas ramas da floresta.

A flor do ipê a viu brotar magoada,
E talvez a guardou no seio amigo,
Como lembrança da estação passada.

Agora os dois, deixando o bosque antigo,
E as campinas, e os rios e os palmares,
Para subir ao derradeiro abrigo,
Iam cortando lentamente os ares.

II

E ele clamava à moça que ascendia;
“— Oh! tu que a doce luz eterna levas,

E vais viver na região do dia,

Vê como rasgam bárbaras e sevas
As tristezas mortais ao que se afunda
Quase na fria região das trevas!

Olha esse sol que a criação inunda!
Oh quanta luz, oh! quanta doce vida
Deixar-me vai na escuridão profunda!

Tu ao menos perdoa-me, querida!
Suave esposa, que eu ganhei roubando,
Perdida agora para mim, perdida!

Ao maldito na morte, ao miserando,
Que mais lhe resta em sua noite impura?
Sequer alívio ao coração nefando.

Nos olhos trago a tua morte escura.
Foi meu ódio cruel que há decepado,
Ainda em flor, a tua formosura.

Mensageiro de paz, era enviado
Um dia à taba de teus pais, um dia
Que melhor fora se não fora nado.

Ali te vi; ali, entre a alegria
De teus fortes guerreiros e donzelas,
Teu doce rosto para mim sorria.

A mais bela eras tu entre as mais belas,
Como no céu a criadora lua
Vence na luz as vívidas estrelas.

Gentil nasceste por desgraça tua;
Eu covarde nasci; tu me seguiste;
E ardeu a guerra desabrida e crua.

Um dia o rosto carregado e triste
À taba de teus pais volveste, o rosto
Com que alegre e feliz dali fugiste.

Tinha expirado o passageiro gosto,
Ou o sangue dos teus, correndo a fio,

Em teu seio outro afeto havia posto.

Mas, ou fosse remorso, ou já fastio,
las-te agora leve e descuidada,
Como folha que o vento entrega ao rio.

Oh! corça minha fugitiva e amada!
Anhangá te guiou por mau caminho,
E a morte pôs na minha mão fechada.

Feriu-me da vingança agudo espinho;
E fiz-te padecer tão cruas penas,
Que inda me dói o coração mesquinho.

Ao contemplar aquelas tristes cenas
As aves, de piedosas e sentidas,
Chorando foram sacudindo as penas.

Não viu o cedro ali correr perdidas
Lágrimas de materno amado seio;
Viu somente morrer a flor das vidas.

O que mais houve da floresta em meio
O sinistro espetáculo, decerto
Nenhum estranho contemplá-lo veio.

Mas, se alguém penetrasse no deserto,
Vira cair pesadamente a massa
Do corpo do guerreiro; e o crânio aberto,

Como se fora derramada taça
Pela terra jazer, ali chamando
O feio grasno do urubu que passa.

Em vão a arma do golpe irão buscando,
Nenhuma houve; nem guerreiro ousado
A tua morte ali foi castigando.

Talvez, talvez Tupã, desconsolado,
A pena contemplou maior do que era
O delito; e de cólera tomado,

Ao mais alto dos Andes estendera
O forte braço, e da árvore mais forte

A seta e o arco vingador colhera;

As pontas lhe dobrou, da mesma sorte
Que o junco dobra, sussurrando o vento,
E de um só tiro lhe enviou a morte.”

la assim suspirando este lamento,
Quando subitamente a voz lhe cala,
Como se a dor lhe sufocara o alento.

No ar se perdera a lastimosa fala,
E o infeliz, condenado à noite escura,
Os dentes range e treme de encontrá-la.

Leva os olhos na viva aurora pura
Em que vê penetrar, já longe, aquela
Doce, mimosa, virginal figura.

Assim no campo a tímida gazela
Foge e se perde; assim no azul dos mares
Some-se e morre fugidia vela.

E nada mais se viu flutuar nos ares;
Que ele, bebendo as lágrimas que chora,
Na noite entrou dos imortais pesares,
E ela de todo mergulhou na aurora.

Os Orizes (Fragmento)

I

Nunca as armas cristãs, nem do Evangelho
O lume criador, nem frecha estranha
O vale penetraram dos guerreiros
Que, entre serros altíssimos sentado,
Orgulhoso descansa. Único o vento,
Quando as asas desprega impetuoso,
Os campos varre e as selvas estremece,
Um pouco leva, ao recatado asilo,
Da poeira da terra. Acaso o raio
Alguma vez nos ásperos penedos,
Com fogo escreve a assolação e o susto.

Mas olhos de homem, não; mas braço afeito
A pleitear na guerra, a abrir ousado
Caminho entre a espessura da floresta,
Não afrontara nunca os atrevidos
Muros que a natureza a pino erguera
Como eterna atalaia.

II

Um povo indócil
Nessas brenhas achou ditosa pátria,
Livre, como o rebelde pensamento
Que ímpia força não doma, e airoso volve
Inteiro à eternidade. Guerra longa
E porfiosa os adestrou nas armas;
Rudes são nos costumes mais que quantos
Há criado este sol, quantos na guerra
O tacape meneiam vigoroso.
Só nas festas de plumas se atavam
Ou na pele do tigre o corpo envolvem,
Que o sol queimou, que a rispidez do inverno
Endureceu como os robustos troncos
Que só verga o tufão. Tecer não usam
A preguiçosa rede em que se embale
O corpo fatigado do guerreiro,
Nem as tabas erguer como outros povos;
Mas à sombra das árvores antigas,
Ou nas medonhas cavas dos rochedos,
No duro chão, sobre mofinas ervas,
Acham sono de paz, jamais tolhido
De ambições, de remorsos. Indomável
Essa terra não é; pronto lhes volve
O semeado pão; vicejam flores
Com que a rudez tempera a extensa mata,
E o fruto pende dos curvados ramos
Do arvoredos. Harta messe do homem rude,
Que tem na ponta da farpada seta
O pesado tapir, que lhes não foge,
Nhandu, que à flor de terra inquieto voa,
Sobejo pasto, e deleitoso e puro
Da selvagem nação. Nunca vaidade
De seu nome souberam, mas a força,
Mas a destreza do provado braço
Os foros são do império a que hão sujeito

Todo aquele sertão. Murmuram longe,
Contra eles, as gentes debeladas
Vingança e ódio. Os ecos repetiram
Muita vez a pocema de combate;
Nuvens e nuvens de afiadas setas
Todo o ar cobriram; mas o extremo grito
Da vitória final só deles fora.

III

Despem armas de guerra; a paz os chama
E o seu bárbaro rito. Alveja perto
O dia em que primeiro a voz levante
A ave sagrada, o nume de seus bosques,
Que de agouro chamamos, Cupuaba
Melancólica e feia, mas ditosa
E benéfica entre eles. Não se curvam [24]
Ao nome de Tupã, que a noite e o dia
No céu reparte, e ao ríspido guerreiro
Guarda os sonhos do Ibaque e eternas danças.
Seu deus único é ela, a benfazeja
Ave amada, que os campos despoeva
Das venenosas serpes, — viva imagem
Do tempo vingador, lento e seguro,
Que as calúnias, a inveja e o ódio apagam,
E ao conspurcado nome o alvor primeiro
Restitui. Uso é deles celebrar-lhe
Com festas o primeiro e o extremo canto.

IV

Terminara o cruento sacrifício.
Ensopa o chão da dilatada selva
Sangue de caititus, que o pio intento
Largos meses cevou; bárbara usança
Também de alheios climas. As donzelas,
Mal saídas da infância, inda embebidas
Nos ledos jogos de primeira idade,
Ao brutal sacrifício... Oh! cala, esconde,
Lábio cristão, mais bárbaro costume.

V

Agora a dança, agora alegres vinhos,

Três dias há que de inimigos povos
Esquecidos os trazem. Sobre um tronco
Sentado o chefe, carregado o rosto,
Inquieto o olhar, o gesto pensativo,
Como alheio ao prazer, de quando em quando
À multidão dos seus a vista alonga,
E um rugido no peito lhe murmura.
Quem a fronte enrugara do guerreiro?
Inimigo não foi, que o medo nunca
O sangue lhe esfriou, nem vão receio
Da batalha futura o desenlace
Lhe fez incerto. Intrépidos como ele
Poucos vira este céu. Seu forte braço,
Quando vibra o tacape nas pelejas,
De rasgados cadáveres o campo
Inteiro alastra, e ao peito do inimigo,
Como um grito de morte a voz lhe soa.
Nem só nas gentes o terror infunde;
É fama que em seus olhos cor da noite,
Inda criança, um gênio lhe deixara
Misteriosa luz, que as forças quebra
Da onça e do jaguar. Certo é que um dia
(A tribo o conta, e seus pajés o juram)
Um dia em que, do filho acompanhado,
la costeando a orla da floresta,
Um possante jaguar, escancarando
A boca, em frente do famoso chefe
Estacara. De longe um grito surdo
Solta o jovem guerreiro; logo a seta
Embebe no arco, e o tiro sibilante
Ia já disparar, quando de assombro
A mão lhe afrouxa a distendida corda.
A fera o colo tímida abatera,
Sem ousar despregar os fulvos olhos
Dos olhos do inimigo. Urete ousado
Arco e frechas atira para longe,
A maça empunha, e lento, e lento avança;
Três vezes volteando a arma terrível,
Enfim despede o golpe; um grito apenas
Único atroa o solitário campo,
E a fera jaz, e o vencedor sobre ela.

Cantiga do Rosto Branco

Rico era o rosto branco; armas trazia,
E o licor que devora e as finas telas;
Na gentil Tibeíma os olhos pousa,
E amou a flor das belas.

“Quero-te!” disse à cortesã da aldeia;
“Quando, junto de ti, teus olhos miro,
A vista se me turva, as forças perco,
E quase, e quase expiro.”

E responde a morena requebrando
Um olhar doce, de cobiça cheio:
“Deixa em teus lábios imprimir meu nome;
Aperta-me em teu seio!”

Uma cabana levantaram ambos,
O rosto branco e a amada flor das belas...
Mas as riquezas foram-se coo tempo,
E as ilusões com elas.

Quando ele empobreceu, a amada moça
Noutros lábios pousou seus lábios frios,
E foi ouvir de coração estranho
Alheios desvarios.

Desta infidelidade o rosto branco
Triste nova colheu; mas ele amava,
Inda infiéis, aqueles lábios doces,
E tudo perdoava.

Perdoava-lhe tudo, e inda corria
A mendigar o grão de porta em porta,
Com que a moça nutrisse, em cujo peito
Jazia a afeição morta.

E para si, para afogar a mágoa,
Se um pouco havia do licor ardente,
A dor que o devorava e renascia
Matava lentamente.

Sempre traído, mas amando sempre,
Ele a razão perdeu; foge à cabana,
E vai correr na solidão do bosque

Uma carreira insana.

O famoso Sachém, ancião da tribo,
Vendo aquela traição e aquela pena,
À ingrata filha duramente fala,
E ríspido a condena.

Em vão! É duro o fruto da papaia,
Que o lábio do homem acha doce e puro;
Coração de mulher que já não ama
Esse é inda mais duro.

Nu, qual saíra do materno ventre,
Olhos cavos, a barba emaranhada,
O mísero tornou, e ao próprio teto
Veio pedir pousada.

Volvido se cuidava à flor da infância
(Tão escuro trazia o pensamento).
“Mãe!” exclamava contemplando a moça,
“Acolhe-me um momento!”

Vinha faminto. Tibeíma, entanto,
Que já de outro guerreiro os dons houvera,
Sentiu asco daquele que outro tempo
As riquezas lhe dera.

Fora o lançou; e ele expirou gemendo
Sobre folhas deitado junto à porta;
Anos volveram; coos volvidos anos,
Tibeíma era morta.

Quem ali passa, contemplando os restos
Da cabana, que a erva toda esconde:
“Que ruínas são essas?”, interroga.
E ninguém lhe responde.

NOTAS DE AUTOR

POTIRA

Simão de Vasconcelos não declara o nome da índia, cuja ação refere em sua *Crônica*.

Achei que não foi o caso desta tamoia o único em que tão galhardamente se manifestou a fidelidade conjugal e cristã. O padre Anchieta, na carta escrita ao padre-mestre Laynes, a 16 de abril de 1563, menciona o exemplo de uma índia, mulher de um colono, a qual, depois de lho matarem os índios, caiu em poder destes, cujo Principal a quis violentar. Ela resistiu e desapareceu. Os índios fizeram correr a voz de que se matara; Anchieta supõe que lês mesmos lhe tiraram a vida. Caso análogo é referido pelo padre João Daniel (*Tesouro descoberto no Amazonas*, p. II, cap. III); essa chama-se Esperança e era da aldeia de Cabu.

A nascente cidade brasileira

A vila de são Vicente.

Que renegou Tupã, e as rudes crenças

“Conduz nos braços trêmulos a moça
Que renegou Tupã...”

Tinham os índios a religião monoteísta que a tradição lhes atribui? Nega-o positivamente o Sr. Dr. Couto de Magalhães em seu excelente estudo acerca dos selvagens, asseverando nunca ter encontrado a palavra *Tupã* nas tribos que freqüentou, e ser inadmissível a idéia de tal deus, no estado rudimentário dos nossos aborígenes.

O Sr. Dr. Magalhães restituiu aos selvagens a teogonia verdadeira. Não integralmente, mas só em relação ao sol e à lua (*Coaraci e Jaci*), acho notícia dela no *Tesouro* do padre João Daniel; e o que então faziam os índios, quando aparecia a lua nova, me serviu à composição que vai incluída neste livro.

Sem embargo das razões alegadas pelo Sr. Dr. Magalhães, que todas são de incontestável procedência, conservei Tupã nos versos que ora dou a lume; fi-lo por ir com as tradições literárias que achei, tradições que nada valem no terreno da investigação científica, mas que têm por si o serem aceitas e haverem adquirido um como direito de cidade.

Quando ferve o cauim, e o ar atroa

“Quando ferve o cauim...”

É ocioso explicar em notas o sentido desta palavra e de outras, como *pocema*, *muçurana*, *tangapema*, *canitar*, com as quais todo leitor brasileiro está

familiarizado, graças ao uso que delas têm feito poetas e prosadores. É também desnecessário fundamentar com trechos das crônicas a cena do sacrifício do prisioneiro, na estância XI; são coisas mezinhas.

Até que volte uma estação de flores

“As asas colhe
Guanumbi, e o aguçado bico embebe
No tronco, onde repousa adormecido
Até que volte uma estação de flores...”

Simão de Vasconcelos (Not. do Bras., livro 2º), citando Marcgraff e outro autores, conta, como verdadeira, a fábula a que aludem estes versos. Aproveitou-se dali uma comparação poética: nada mais.

Da terra, mãe comum, no seio aberta,

“Cova funda
Da terra, mãe comum...”

Veja G. Dias, Últ. Cant., pág. 159:
...Quando o meu corpo
À terra, mãe comum...

Inútil foges; gavião te espreita,

“Inútil foges; gavião te espreita...”

Anajê, na língua geral, quer dizer gavião.

NIÂNI

Panenioxe é guerreiro

“Panenioxe é guerreiro
Da velha, dura nação...”

Tratando de descobrir a significação de *Panenioxe*, conforme escreve Rodrigues Prado, apenas achei no escasso vocabulário guaicuru, que vem em Aires do Casal, a palavra *nioxe* traduzida por jacaré. Não pude acertar com a significação do primeiro membro da palavra, *pane*; há talvez relação entre ele e o nome do rio Ipané.

A sua lança e facão.

“Estas duas armas (lança e facão) têm sido tomadas aos portugueses e espanhóis, e algumas compradas a estes, que inadvertidamente lhas têm vendido.” (RODR. PRADO, *Hist. dos Índ. Cav.*)

Niâni ao melhor deles

“Niâni ao melhor deles

Não dera o seu coração...”

Niâni é o nome transcrito na *Hist. dos Índ. Cav.* Na língua geral temos *niâni*, que Martius traduz por *infans*. Esta forma pareceu mais graciosa; e não duvidei adotá-la, desde que o meu distinto amigo, Dr. Escragnolle Taunay, me asseverou que, dialeto guaicuru, de que ela há feito estudos, *niâni* exprime a idéia de *moça franzina, delicada*, não lhe parecendo que existia a forma empregada na monografia de Rodrigues Prado.

Que é filho de capitão.

Os Guaicurus dividem-se em nobres, plebeus ou soldados, e cativos. Do próprio texto que me serviu esta composição se vê a que ponto repugna aos nobres toda a aliança com pessoas de condição inferior.

A este propósito direi a anedota que me foi referida por um distinto oficial da nossa armada, o capitão-de-fragata Sr. Henrique Batista, que em 1857 esteve no Paraguai comandando o *Japorá*, entre o forte Coimbra e o estabelecimento Sebastopol. Ia muita vez a bordo do *Japorá* um chefe guaicuru, Capitãozinho, muito amigo da nossa oficialidade. Tinha ele uma irmã, que outro chefe guaicuru, Lapagata, cortejava e desejava receber por esposa. Lapagata recebera o título de capitão das mãos do presidente de Mato-Grosso. Opunha-se com todas as forças ao enlace o Capitãozinho. Um dia, perguntando-lhe o Sr. H. Batista por que motivo não consentia no casamento da irmã com Lapagata, respondeu altivo e Guaicuru: — Oponho-me, porque eu sou capitão por herança de meu pai, que já o era por herança do pai dele. Lapagata é capitão de papel.

“— A bocaiúva três vezes

As bocaiúvas servem de alimento aos Guaicurus; nas proximidades de sazouarem os cocos fazem eles grandes festas. (Veja CASAL E PRADO).

Todas as veio a romper.

“Colar de prata não usa,

Como usava de trazer;

Pulseiras de finas contas

Todas as veio a romper...”

Tais eram os adornos das mulheres guaicurus. (Veja PRADO e D’AZARA).

Pintam-na de vivas cores,

“As moças ricas vão enfeitadas, como se ornariam para o próprio noivado.”
(AIRES DO CASAL, Coroa., 280).

A CRISTÃ-NOVA

Sonhos, são sonhos do profeta. É morta

“Óleo que a unge,
Finas telas que a vestem, atavios
De ouro e prata que o colo e os braços lhe ornem,
E a flor de trigo e mel de que se nutre,
Sonhos, são sonhos do profeta...”

Alude a um trecho do profeta Daniel:

“9 — E lavei-te na água, e alimpei-te do teu sangue; e te ungi com um óleo;
“13 — E foste enfeitada de ouro e prata, e vestida de linho e de roupas bordadas, e de diversas cores; nutriste-te da farinha e de mel e de azeite, e foste mui aformoseada em extremo.” — (DANIEL, XV)

O moço Isaac e a delicada virgem

“...a delicada virgem
Que entre os rios nasceu...”

Rebeca, filha da Mesopotâmia.

O ardido Bento, a perfilar-se corre

Bento do Amaral Gurgel, que dirigiu a companhia de estudantes por ocasião daquela e da seguinte invasão, em 1711.

Verdeja a nossa fé, a fé que anima

“Israel tem vertido
Um mar de sangue. Embora! à tona dele
Verdeja a nossa fé...”

Ângela pratica o inverso daquele conselho atribuído aos rabinos de Constantinopla, respondendo aos judeus de Espanha que batizassem os corpos, conservando as almas firmes na Lei. Ângela conserva o batismo da alma, e entrega o corpo ao suplício como se fosse verdadeiramente judeu. Nega a fé com os lábios, confessando-a no coração: maneira de conciliar o sentimento cristão e a piedade filial.

A VISÃO DE JACIÚCA

E Anhangá fez contrários... Todos eles

A verdadeira pronúncia desta palavra é *an-hanga*. É outro caso em que fui antes com a maneira corrente e comum na poesia.

OS SEMEADORES

Il y aurait une fort grande injustice à juger jésuites au seizième siècle et leurs travaux, d'après les idées que peut inspirer le système suivi dans missions. Là on peut voir dès projets ambitieux s'allier à dès vues habiles: dans lês premiers travaux executés par les pères de la compagnie, au Brésil, tout fut désintéressé; et au besoin, Le récit de leurs souffrances pourrait le prouver. (F. DENIS, Le Brésil).

LUA NOVA

“... E na verdade tem ocasiões em que festejam muito a lua, como quando aparece nova; porque então saem de suas choupanas, dão saltos de prazer, saúdam-na e dão-lhe as boas vindas. (JOÃO DANIEL, Tes. descob. no Amaz., part. II, cap. X).

ÚLTIMA JORNADA

Não me recordo de haver lido nos velhos escritos sobre os nossos aborígenes a crença que Montaigne lhes atribui acerca das almas boas e más. Este grande moralista tinha informações certamente exatas a respeito dos índios; e aquela crença traz certamente um ar de verossimilhança. Não foi só isso o que me induziu a fazer tais versos; mas também o que achei poético e gracioso na abusão.

OS ORIZES

Tinha planeado uma composição de dimensões maiores, e não a levei a cabo, por intervirem outros trabalhos, que de todo me divertiram a atenção. Foi o nosso iminente poeta e literato Porto Alegre, hoje barão de Santo Ângelo, que há cerca de quatro anos, me chamou a atenção para a relação de Monterroyo Mascarenhas, *Os Orizes conquistados*, que vem na *Rev. Inst. Hist., t. VIII*.

A aspereza dos costumes daquele povo, habitante do sertão da Bahia, cerca de duzentas léguas da capital, sua rara energia, as circunstâncias singulares da conquista e conversão da tribo, eram certamente um quadro excelente para uma composição poética. Ficou em fragmento, que ainda assim não quis excluir do livro.

CANTIGA DO ROSTO BRANCO

“A ave sagrada, o nume de seus bosques,
Que de agouro chamamos, Cupuaba
Melancólica e feia, mas ditosa
E benéfica entre eles...”

“Lastimosamente cegos de discurso, reconhecem e adoram por deus a coruja, chamando na sua linguagem *Oitipó-cupuaba*; e o motivo de sua adoração consiste na benefício que recebem desta ave, que, naturalmente inimiga das

cobras, numerosíssimas naquele país, as espia nos matos, e lhes tira a vida.” (J. F. MONTERROYO MASCARENHAS, *Os Orizes conquistados*).

CANTIGA DO ROSTO BRANCO

Não é original esta composição; o original é propriamente indígena. Pertence à tribo dos Molcogulges, e foi traduzida da língua deles por Chateaubriand (*Voy. dans d'Amér*). Tinham aqueles selvagens fama de músicos, como os nossos Tamoios. “Na terceira noite da festa do milho (lê-se no livro de Chateaubriand) reúnem-se no lugar do conselho e disputam a prêmio do canto. O prêmio é conferido pelo chefe verde. Concorrem as mulheres também, e algumas têm saído vencedoras; uma de suas odes ficou célebre.”

A ode célebre é a composição que transladei para a nossa língua. O título na tradução em prosa de Chateaubriand é — *Chanson de La chair blanche*.

Sobre o talento das mulheres para a poesia, também o tivemos em tribos nossas. Veja-se FERNÃO CARDIM, *Narrativa de uma viagem e missão*.

GAZETA DE HOLANDA

(1886-88)

N.º 1

1.º DE NOVEMBRO DE 1886.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Um doutor da mula ruça,
Caolho, coxo e maneta,
É o homem que se embuça
No papel desta gazeta.

Gazeta que, se tivesse
Outra forma, outro formato,
Pode ser que merecesse
Vir com melhor aparato.

Mas é modesta, não passa
De uma folha de parreira,
Que dá uva, que dá passa,
Que dá vinho e borracheira.

Traz programa definido,
Para entrar no grande prélio;
Nem bemol, nem sustenido,
Nem Caim, nem Marco-Aurélio.

Não traz idéias modernas,
Nem antigas; não traz nada.
Traz as suas duas pernas,
Uma sã, outra quebrada.

E vem, como é de ciência,
Entre muletas segura,
A muleta da inocência,
E a muleta da loucura.

Se uma não pega, outra pega,
E fica o corpo amparado;
Se para um lado escorrega,
Fica-lhe sempre outro lado.

De modo que, quanto diga,
Seja ou não o que a lei manda,
Há de achar entrada amiga
Esta Gazeta de Holanda.

Que traga idéias a folha
Liberal que se anuncia,
Que as espalhe, que as escolha,
Como a Reforma fazia.

Vá que seja — posto seja
Tarefa das mais reversas,
Fazer uma só igreja,
De tantas seitas diversas.

A prova é que, ainda agora,
Já pronta a bagagem sua,
Somente esperando a hora
De sair a folha à rua,

Feito um capítulo apenas,
De tão diversos capítulos,
E, contando boas penas,
Já traz a folha dois títulos.

Voz da Nação, ou — *Gazeta*
Nacional; só falta a escolha.
Já principia a marreta,
Antes de sair a folha.

Eu cá, perfeita unidade.
Ora aprovo, ora contesto,
Sem que haja necessidade
De ouvir protesto e protesto...

Exemplo: ao ler que se trata
De fazer um edifício
Para o júri: — colunata,
Vasto e grego frontispício,

E que esta idéia bizarra
Nasceu mesmo agora, agora,
Quando foi ali à barra

Uma distinta senhora;

Quando a afluência de gente
Era tal, que o magistrado
Teve de ir incontinente
Pedir sabão emprestado;

Comigo disse: — Bem feito
Que a Joaquina expirasse
De uma moléstia do peito,
E que a Eduarda cegasse.

Só assim tínhamos prédio
Para um tribunal sem nada;
Não foi morte, foi remédio;
Foi vida, não foi pancada.

Pangloss, o doutor profundo,
Mostra que há grande harmonia
Entre as cousas deste mundo,
Entre um dia e outro dia;

Que os narizes foram dados
Para os óculos; portanto,
Trazem óculos pousados...
Pangloss é o meu padre-santo.

Logo, se uma e outra escrava
Brigaram sem sentimento,
A razão de ação tão brava
Foi termos um monumento.

Neste ponto o ponto pingo,
E despeço-me no ponto
Em que cada novo pingo,
Já não é ponto, é posponto.

N.º 2

5 DE NOVEMBRO DE 1886.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Muito custa uma notícia!
Que ofício! E nada aparece,
Que canseira e que perícia!
Que andar desde que amanhece!

E tu, leitor sem entranhas,
Exiges mais, e não vês
Como perdemos as banhas
Em te dar tudo o que lê.

És assim como um janota
De maneiras superfinas,
Que não sabe o preço à bota
Com que cativa as meninas.

Agora mesmo, buscando
Saber de associação
Que se deu ao venerando
Ofício de proteção

Aos animais — não sabia
Onde achasse os documentos
Dessa obra de simpatia,
Para transmiti-la aos ventos.

Achei quatrocentas atas
De reuniões semanais,
Ofícios, notas e datas,
Tudo espalhado em jornais.

Mas das ações praticadas
Em favor da bicharia,
E das vitórias ganhadas,
Nada disso conhecia.

Então lembrei-me de um burro,
Sujeito de algum valor,
Nem grosseiro nem casmurro,
Menos burro que o senhor.

E pensei: “Naturalmente
Traz toda a historia sabida;
É burro, há de ter presente
A proteção recebida”

Lá fui. O animal estava
Em pé, com os olhos no chão,
Tinha um ar de quem cismava
Cousas de ponderação.

Que cousas, porém, que assunto
Tão grave, tão demorado,
Ocupava o seu bestunto,
Nada lhe foi perguntado.

Talvez, ao ver-se assim magro,
Cativo como um nagô,
Pensasse no velho onagro,
Que foi seu décimo avô.

Entrei, dizendo-lhe a causa
Daquela minha visita;
Ele, depois de uma pausa,
Como gente que medita,

Respondeu-me: — Em frases toscas
Mas verdadeiras, direi,
Enquanto sacudo as moscas,
Tudo o que sobre isto sei.

Juro-te que a sociedade,
Contra os nossos sofrimentos,
Tem obras de caridade,
Tem leis, tem regulamentos.

Tem um asilo, obra sua,
Belo, forte, amplo e capaz;
Já se não morre na rua,
Dá-se ali velhice e paz.

Gozam dessa benta esmola,
Em seus quartos separados,
Mais de uma onça espanhola,
E muitos gatos-pingados.

Todos os galos na testa
Acham lá milho e afeição;
Lá vive tudo o que resta

Da burra de Balaão.

Mora ali a vaca fria.
E mais a cabra Amaltéia,
Única e só companhia
Do pobre leão de Neméia.

Não posso fazer elipse
Dos bichos caretas, nem
Da besta do Apocalipse,
Que ali seu abrigo têm.

E o cisne de Leda, e um bode
Expiatório, e o cavalo
De Tróia, escapar não pode;
Mas há outros que inda calo.

Peguei no papel, e a lápis
Escrevi tudo, e escrevi
Mais o nome do boi Ápis,
Que ele inda me disse ali.

E perguntei: — Meu amigo,
Por que é que a tantos amaina
O tempo, naquele abrigo,
E você anda na faina?

Ele, burro circunspecto,
Asno de boa feição,
Tirou de fino intelecto
Esta profunda razão:

— Se eu estivesse ali junto
Com outros da minha banda,
Você não tinha este assunto
Para a “Gazeta de Holanda”.

Vá consolado: que importa
Que eu viva cá fora ou lá?
Qualquer porta há de ser porta,
Para sair; vá, vá, vá.

E enquanto assim me dizia
frases que chamava toscas,

Chagas de pancadaria
Iam convidando as moscas.

Lá o deixei como estava,
Em pé, com os olhos no chão,
Parecendo que cismava
Cousas de ponderação.

N.º 3

12 DE NOVEMBRO DE 1886.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Aqui está, em folhas várias,
Uma cousa que se presta
A notas e luminárias.
Aqui vai a cousa, é esta:

— Na rua Larga se aluga,
Em bom estado, uma beca. —
Parece uma simples nuga,
E é mais que uma biblioteca.

Eis aqui o que eu diria:
Há nesta beca alugada
Uma idéia que devia,
Há muito andar publicada.

Primeiramente, repare
Que esta beca não se vende
Por preço barato ou caro;
É que, alugada, mais rende.

Comprá-la, era possuí-la;
Alugá-la, é só trazê-la,
Usá-la e restituí-la,
Sem rompê-la ou descosê-la.

Não haverá neste caso
Um sintoma? Não parece
Que a beca tomada a prazo
Uma lição oferece?

Que, sem correr Seca e Meca,
Muita gente delicada,
Assim como traz a beca,
Traz a ciência alugada?

Que, sendo esta leve e pouca,
Apenas meia tigela
Não chega a entornar da boca,
E pouco pedem por ela?

Que, inda mesmo sendo um quarto
De tal tigela, e não meia,
Parece falar de fato
Quem fala de boca cheia?

E que esse pouco, bastando
A que o locatário almoce,
É tolice andar estando
Ciência de sobreposse?

Nada sei; mas ofereço
A toda a pessoa séria
Este problema de preço
E passo a outra matéria.

Escreve um correspondente
Cholera-Morbus chamado:
“Conto que proximamente,
Malvólio, estou ao teu lado.

“Aqui nesta Buenos-Aires,
Terra de belas meninas...
Que salero e que donaires!
Que formosas Argentinas!

“Aqui, por mais que me esbofe,
Levo uma vida vadia;
Esperava um rega-bofe
E vou de pança vazia.

“Quando mato uma pessoa,
Surge-me logo uma junta,
Que a declara viva e boa,

Por mais que a deixo defunta.

“Negam-me tudo; o meu ato,
O nome, e até a existência;
Chamam-me simples boato
Sem razão nem consistência,

“Aborrecido com isto,
Determinei ir-me embora
Por esse mundo de Cristo;
Estou aqui, estou lá fora.

“Aí me vou, *caro mio*,
Só não sei de que maneira,
Se diretamente ao Rio,
Se atravessando a fronteira.

“Ir por água é arriscado
A dar com o nariz na porta;
Se achar o porto trancado,
Eu fico de cara torta.

“Enfim, veremos... Espero
Que, de um modo ou de outro modo,
Lá, entre; e aqui te assevero
Que com pouco me acomodo.

“Saudade, tenho saudade
De outr'ora. Há mais de trinta anos
Que andei por essa cidade
Com grandes passos ufanos.

“Mudou tudo? Existe ainda
O teatro Provisório?
Onde está Lagrua, a linda
Que teve um lapso amatório?

“O gordo Tatti? O magano
Ferrari? A Charton divina?
Vive ainda o João Caetano?
Vive ainda a Ludovina?

“A Loja do Paula Brito
Mudou de dono ou de praça?

Paranhos, grave e bonito,
Vive ainda? Vive o Graça?

“Mora ainda no Rocio
Muita família? O teatro
Tem inda o mesmo feitio?
São ainda os mesmos quatro?

“Publica-se inda o elegante
Mercantil? Que faz? Que escreve
Maneco? e o Muzzio? e o brilhante
Alencar de estilo leve?

“Vou vê-los todos, e juro
Em honra aos dias passados,
Que ao meu golpe áspero e duro
Serão poupados, poupados...”

N.º 4
17 DE NOVEMBRO DE 1886.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Que será do novo banco?
Interroga toda a gente;
Respondem uns que um barranco,
Outros dizem que uma enchente.

Certo é que andaram milhares
De contos, contos e contos,
Uns por terra, outros por mares
Contos de todos os pontos.

Caíam como sardinhas,
Pulavam como baleias;
Aí belas ambições minhas!
Ai sonho, que me incendeias!

E o Holman, o forte e ledó
Inglês abrasileirado,
Contemplava o Figueiredo,
Que olhava, grave e barbado.

Supunha que muita gente
Viesse; mas gente tanta
Não cuidavam certamente...
Obra abençoada e santa!

Da empresa, ora começada,
Há quem diga maravilhas;
Muita idéia cogitada;
Ouro a granel, ouro em pilhas.

Circulação recolhida,
Câmbio a vinte e seis ou sete,
Mudança da antiga vida,
Outra cara, outro topete.

Ai, sonho! ai, diva quimera!
Pudesse eu entrar na dança!
Ai viçosa primavera!
Ai verde flor da esperança!

Nem eu, nem o meu compadre
Eusébio Vaz Quintanilha,
Que, por mais que corra e ladre,
Nenhum grande emprego pilha.

Que, para matar a fome,
Vem matá-la em minha casa,
Sem poder dizer que come,
Mas que destrói, mata, arrasa.

Pobre Quintanilha! Um anjo!
Coitado! Afinal parece
Que lá teve algum arranjo
Que lhe dá certo interesse.

Há já dias que o não via;
Onde iria o desgraçado?
Quem sabe se morreria,
Faminto, desesperado?

Eis que ontem, quando passava
Pela rua da Quitanda,
E nos negócios cismava

Desta *Gazeta de Holanda*,

Lá no outro lado da rua
Uma figurinha pára;
Trazia a cabeça nua,
Bacia, opa e uma vara.

Era o pobre... Deu comigo
E veio, em quatro passadas,
Ao seu delicado amigo
Apertar as mãos pasmadas.

— “És andador de irmandade?
Aprovo os teus sentimentos
De devoção, de piedade...
Toma um níquel de duzentos”.

— “Não, Malvólio, não, não ando
Como um andador professo...”
— “Andador de contrabando?”
— “Também não; ouve, eu t’o peço.

“Esta opa, esta bacia
Alugo a alguma Irmandade:
Dou cinco mil réis por dia,
E corro toda a cidade.

“Varia o lucro, segundo
Dou mais ou menos às pernas;
Não escandalizo o mundo
E mato as fomes eternas.

“Rende-me oito ou nove, e há dias
De dez mil réis, dez e tanto.
Crês? Já faço economias,
Já deito algum cobre ao canto.

“É este o meu banco. O fundo
É variável, mas certo;
Deus dá banco a todo o mundo;
Uns vão longe, outros vão perto.

“Eu cá não ando com listas
De ações, nem faço rateio;

Todos são meus acionistas,
Gordo ou magro, lindo ou feio.

“Que um só vintém esmolado
Vale no céu muitos contos;
E há muito vintém cobrado...
Vinténs de todos os pontos!”

N.º 5

21 DE NOVEMBRO DE 1886.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Com franqueza, esta Bulgária
Vai-me esgotando a paciência;
Lembra a ilha Baratária,
Onde, após uma audiência,

Sancho, que naquele dia
Começara a governá-la,
Foi, com muita cortesia,
Levado a uma grande sala.

Tinha uma fome de rato
O governador recente,
E viu prato, e prato, e prato,
Prato de atolar o dente.

Quanto manjar, quanto molho,
Não direi, por mais que diga;
Só a vista enchia o olho...
Restava encher a barriga.

Mas tão depressa acudia
Algum servo respeitoso,
Trazendo-lhe uma iguaria
De cheirinho apetitoso,

Um doutor, que se postara
Ao lado, sem mais demora
Fazia um gesto co'a vara,
E ia-se a iguaria embora.

Afinal, pergunta o Sancho
Que era aquela caçoada.
Responde o doutor, *mui ancho*,
Que nada, não era nada.

Que, como ele tinha a cargo
A sua saúde e vida,
Cabia-lhe pôr embargo
A uma ou outra comida.

— “Bem, então dê-me essas belas,
Maravilhosas perdizes”.

— “Livre-o Deus de tocar nelas,
Nem de chegar-lhe os narizes”.

— “Mas, aquele gordo coelho
Espero que me não negue”.

— “Senhor, o melhor conselho
É que nem sequer lhe pegue”.

— “Naquele prato travesso
Cuido que há olha-podrida”.

— “Não coma, por Deus lh'o peço!
Aquilo espatifa a vida.

“Deixe Vossa Senhoria
A cônegos e a reitores
Essa péssima iguaria
Que tanto estraga os humores”.

E o pobre Sancho com fome,
Por mais que lhe dê na gana,
Tudo pede e nada come,
Até que se desengana.

Assim anda a tal Bulgária;
Elege, mas não elege,
Pois, como na Baratária,
Há um doutor que a protege.

“Este príncipe!” — “Não presta;
Faz-lhe mal aos intestinos”.

— “Est'outro?” — “Escolha funesta”.

— “Aquel'outro?” — “Um valdevinos.

“Para os seus humores basta
Este da Mingrélia; é moço,
Boa cara e boa casta;
Demais, pertence ao colosso”.

E a Bulgária, se há de os braços
Estender e recebê-lo,
Fazendo assim com abraços,
Em vez de a murros fazê-lo,

*Timeos Danaos, et dona
Ferentes, pensa consigo;
E com ar de valentona,
Recusa o presente amigo.*

Bulgária dos meus pecados,
Imita o meu pobre Sancho,
Que, vendo os pratos negados,
Agarrou um pão a gancho.

Um pão seco e frescas uvas,
Acaba essas longas bodas.
Já tens véu, grinalda e luvas,
Escolhe uma vez por todas.

E, tomando a liberdade
De te chamar D. Amélia
(Ó rima! Ó necessidade!)
Bulgária, escolhe o Mingrélia!

N.º 6
28 DE NOVEMBRO DE 1886.

*Voilà ce que l'on dit moi
Dans la “Gazette de Hollande”.*

“Tu és Cólera, e sobre esta
Doença amiga edifico
A minha igreja, e uma sesta
Perpétua, em ficando rico”.

Assim me dizia o Bento
Da Silva Luz, boticário,
Inventor de um cozimento,
Inócuo e pecuniário.

E, vendo que eu o escutara,
Cheio de alegria e riso,
Como alguém que se prepara
A ter igual paraíso,

Quis saber qual fosse a causa
Daquela expressão ridente;
Eu, depois de certa pausa,
Disse-lhe naturalmente:

— “Quando cogito em que a peste
Pode entrar por nossa casa,
Cuido no favor celeste
Que trará pendente na asa.

Deu ela entre alienados
De Buenos-Aires, matando
Metade dos atacados,
E nova gente atacando.

Cada telegrama conta
Dois, três, cinco, oito, dez loucos,
Que ficam de mala pronta
E vão deixando isto aos poucos.

Não tarda que o derradeiro
Hóspede saia do asilo
E fique o edifício inteiro
Despovoado e tranqüilo.

E calcule agora a soma
De palácios encantados,
Feitos de nácar e goma,
Telhados e destelhados;

Calcule os pássaros feios
De asas longas, longas pernas,
Que enchem por todos os meios
As frias noites eternas;

Calcule as meias idéias
Feitas de meias lembranças,
E a meia luz das candeias,
E a meia flor de esperanças;

E as gargalhadas sem boca,
Ouvidas perpetuamente,
Ora claras, ora roucas,
E as conversações sem gente.

Farrapos de consciência,
Cozidos pelo delírio,
E uma enorme concorrência
De patuscada e martírio;

Calcule agora essa vida
De doidos enclausurados,
De repente interrompida,
E os corpos amortalhados.

Nem sempre a peste é moléstia,
Sacramentos e ataúde;
Aos doidos vale uma réstia
De inesperada saúde.

Por isso é que, quando penso
Naquele monstro terrível,
Acho um benefício imenso,
Que o torna bom e aprazível.

E digo: Oh! abençoado
Destino que tal prescreve!
Que haja ao pé do alienado
A epidemia que o leve!”

N.º 7

6 DE DEZEMBRO DE 1886.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

A lei darwínica é certa

Inda em acontecimentos...
Não fiquem de boca aberta,
Vão vê-lo em poucos momentos.

Há nelas a mesma luta
Pela vida, e de tal arte
A crua lei se executa,
Que é a mesma em toda a parte.

Há seleção, persistência
Do mais capaz ou mais forte,
Que continua a existência,
E os outros baixam à morte.

Demonstro: — O famoso caso
Da escola e pancadaria,
Caso que pôs tudo raso,
Tudo, até a epidemia.

Tal foi ele que, tomando
Todo ou quase todo o espaço,
Foi de um trago devorando
Quanto lhe embargava o passo.

Escapou a Cantagalo,
Por trazer comprido bico,
Unha capaz de matá-lo,
Peito largo e sangue rico.

Mas, por um só que resiste,
Quantos passaram calados
Na penumbra vaga e triste
Dos seres mal conformados!

Cito dois — um pequenino,
Um telegrama celeste,
Oficial e argentino
Sobre os destroços da peste.

Dava os óbitos do dia,
De modo tão encoberto,
Que o duvidoso morria
E só escapava o certo.

— “Rua tal: um duvidoso,
Outro duvidoso ao lado...”
Pois, com ser tão engenhoso,
Foi lido e não foi guardado.

Segundo caso: o de Arantes,
Arantes, a testemunha,
Que os juízes implicantes
Cuidam de pegar à unha.

Porquanto há necessidade
De ouvir-lhe a palavra de ouro,
Para saber a verdade
Do que houve no Matadouro.

Seja pró ou seja contra
Essa testemunha rara,
Onde é, onde é que se encontra?
Onde vive? Onde é que pára?

Mandou-se às partes remotas
Da cidade, e logo ao centro;
Foram ao fundo das botas
E não o acharam lá dentro.

Em Minas? Vá precatório,
Rápido, para intimá-lo ...
Esforço inútil e inglório!
Voltou sem lograr achá-lo.

Não sendo encontrado em Minas
Nem pelas matas cerradas,
Foram às ilhas Malvinas,
Ao Congo e ao reino das Fadas.

E bradaram-lhe: — “Ó Arantes,
Chamado como quem sabe
O nome aos bois pleiteantes,
E o mais que no caso cabe;

“Arantes, onde respiras?
Onde estás? Onde te escondes?
Na trama das casimiras?
Chamo-te e não me respondes.

“Talvez no centro da Arábia,
Talvez na rua da Ajuda,
Talvez estudando a Fábria,
Talvez adorando a Buda.

“Donde quer que estejas, corre,
Acode ao nosso chamado:
Vem, que, se não corres, morre
O processo começado”.

E passou esse episódio
Sem fazer maior barulho
Do que as saúdes de um bródio
Na Gávea ou no Pedregulho.

Porque nos próprios eventos
A lei darwínica é certa.
Provei-o em poucos momentos,
Não fiquem de boca aberta.

N. 8

14 DE DEZEMBRO DE 1886.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande"*

E disse o Diabo: — “Fala,
Que queres ser nesta vida?
Antonino ou Caracala?
Capucho ou jardins de Armida?

“Escolhe, e verás, Malvólio,
Tudo o que quiseres; pede
Um sólio, e terás um sólio,
Pede um culto, e és Mafamede”.

E eu, respondendo-lhe, disse
Que nem tronos nem altares;
Que, na minha mandriice,
Tinha sonhos singulares.

Ou antes, um sonho apenas,

Um só desejo, um só, único,
Mais velho que a velha Atenas,
Mais velho que um vintém púnico.

Não era ter a coroa
Do Egito nem da Bulgária,
Nem ver as moças de Goa,
Nem ter os beijos da Icária,

Nem dormir o dia inteiro
Em tapetes persianos,
Sentindo o vento fagueiro
De numerosos abanos.

Digo abanos meneados
Por muitas damas formosas,
Feitos de fios delgados
De palma, e plumas, e rosas.

Nem comer em pratos de ouro
Figs secos da Turquia,
Acompanhados do louro
Néctar que há na Andaluzia.

Nem possuir as estrelas
Que são tão minhas amigas,
Para um dia convertê-las
Em meias-dobras antigas.

Pois tudo isso, e o mais que pode
Entrar no mesmo cortejo
Duvido que se acomode
Ao meu íntimo desejo.

Sabes tu o que eu quisera?
Quisera ser cartomante,
Dizer que espere ao que espera,
E dizer que ame ao amante.

Saber de cousas perdidas,
Saber de cousas futuras,
De verdades não sabidas,
De verdades não maduras.

Se uma senhora é amada,
Saber de cousas futuras,
De verdades não sabidas,
De verdades não maduras.

Se uma senhora é amada,
Ou se há lá na costa mouras;
Se a costureira — casada —
Chega a depor as tesouras.

Quem é certo moço que anda
De chapéu branco e luneta,
E algumas vezes lhe manda
Lembranças por uma preta.

Se a mulher de um diplomata
Vive enredando as pessoas...
Se há de esperar certa data...
Se as filhas hão de ser boas...

Onde pára uma pulseira,
Um recibo, um cachorrinho...
Se a neta da lavadeira
Bifou algum colarinho...

Se há de morrer de um inchaço
Que traz na perna direita...
Ou se a luxação de um braço
Pode deixá-la imperfeita...

Tudo isso, e o mais que não cabe
Em verso rápido e breve,
E que a cartomante sabe,
Sabe, conta, e não escreve.

É o meu desejo. E tenho
Que, se essa cousa me ensinas,
Serei, com o meu engenho,
O doutor destas meninas,

Que a nós outros coube em sorte
Política e loteria,
Cousas que têm, como a morte,
Mistério e melancolia.

Mas que hão de fazer as damas
Com a alma incendiada
Das mesmas secretas flamas
E ao mesmo abismo inclinada?

Procuram timidzinhas
Aquelas claras vivendas
E crescem as adivinhas,
Não dão para as encomendas.

Pois se tu, Diabo amigo,
Me pões capelo de mestre,
Juro-te que dás comigo
No paraíso terrestre.

Cá virão as Evas novas,
Inquietas, desordenadas,
Pedir-me, com ou sem provas,
As verdades mascaradas.

E olha que farei no ofício
Notáveis melhoramentos,
Tapetes, largo edifício,
E o preço — mil e quinhentos.

N.º 9
21 DE DEZEMBRO DE 1886.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

À Carmen Silva, à rainha
Da Rumânia, à delicada,
Egrégia colega minha,
Pelas musas laureada,

Pobre trovador do Rio,
Cantor da pálida lua,
Esta breve carta envio,
E aguardo a resposta sua.

Note bem que lhe não falo

Das suas lindas novelas,
Nem do plácido regalo
Que nos dá com todas elas.

Não, Augusta e bela moça,
Não é prosa nem poesia
O meu assunto ... Ouça, ouça,
Verá que é sensaboria.

Cá se soube que um partido,
Que há muito não dava cacho,
Após combate renhido,
Tomou ao outro o penacho.

Fez-se isso eleitoralmente;
A gente que não queria
O partido então vigente,
Mudou de cenografia.

Se fez bem ou mal, lá isso
É com ela; a culpa inteira
Pertence-lhe de o feitiço
Virar contra a feiticeira.

Mas, como aqui neste canto,
Não há tal eleitorado,
Que faça nunca outro tanto,
E pense em cousas do Estado;

E também porque isto, às vezes,
Está em qualquer cousa (adágio,
Que herdamos dos portugueses,
E tem o nosso sufrágio),

Lembrou-me que poderia
Obter, por seu intermédio,
Para uma tal embolia
O apropriado remédio.

Serão pastilhas? xarope?
Pílulas de qualquer cousa?
Um cozimento de hissope?
Fricções de madeira e lousa?

Seja isto ou seja aquilo,
Peço a Vossa Majestade
Uma amostra, um frasco, um quilo
Para ensaiar na cidade.

Porque, como ora se trata
De uma operação sabida,
Que a gente que se maltrata
Torna a pôr amada e unida,

Operação que dissolve
Os grupos mais separados,
E rapidamente absolve
Todos os ódios passados;

Quisera, logo que esteja
Toda a obra recomposta,
E esta liberal igreja
De novo aos fiéis exposta,

Quisera ver se, tomando
A droga rumaica um dia,
Chegaríamos ao mando
Pela mesma e larga via.

De outro modo ficaremos
Nestas náuticas singelas
De largar o leme e os remos
E abrir à fortuna as velas.

Eia, pois, augusta musa,
Mande-me o remédio santo,
E não vos concedo escusa;
Quero tirar o quebranto.

Quero ver se, finalmente,
Depois de tão longa espera,
A nossa eleitoral gente
É gente, não é quimera.

Para que depois se queixe
De si e das culpas suas,
E por uma vez se deixe
De murmurar pelas ruas.

Vede, flor das maravilhas,
Como esta alma pede e roga:
Mandai-me as vossas pastilhas,
Pílulas ou qualquer droga.

N.º 10
10 DE JANEIRO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Depois de férias tão longas;
Tão docemente cumpridas,
Ó musa, minhas candongas,
Voltemos às nossas lidas.

Assim faz a *Pátria*, às vezes,
E é certo que não estoura;
Descansa um mês ou dois meses
O nosso C. B. de Moura.

E a *Pátria*, meia enfadada
Daquelas extensas férias,
Volta mais fortificada
Aos combates e às pilhérias.

Eia, pois, minha gorducha,
Vê que recomeça a aurora,
Puxa daqui, puxa, puxa,
Vamos trabalhar lá fora.

E antes de tudo, inclinando
O gesto a todos os lados,
Vai a todos desejando
Plácidos dias folgados.

Desejarás uma boa
Vereança aos cariocas,
Que se não esgote à toa,
Em longas brigas e mocas;

Que eleja pacatamente,

Sem atos tumultuários,
O seu vice-presidente
E os restantes comissários.

Pouco calor, pouca chuva,
Nenhuma peste que assole,
Algum vinho feito de uva,
E menos gente que amole.

Grandes bailes mascarados
E passeatas nas ruas,
Câmaras de deputados
Sem as discussões tão cruas.

Boatos, sobre boatos,
De modo que quem passeie
Por esses bonds ingratos
Tenha cousa que recreie.

E mais que tudo, meu anjo;
Anjo meu do meu sacrário,
Desejo um bonito arranjo
Ao nosso estafado erário.

Não sei se leste a mensagem
De Cleveland, um documento
De americana homenagem
Lá, para o seu parlamento.

Pois conta-se aí (por esta
Luz do céu minh'alma jura
Que não é peta funesta,
Mas pura verdade, pura);

Conta-se que a renda é tanta
Que urge cortar-lhe os babados,
Que é demasiada a manta
Para tão vastos Estados.

Que, se vão nessa carreira,
Pagam aqueles senhores
Em breve a dívida inteira,
E ficarão sem credores.

Depois vem maior excesso
De renda, e será tamanho
Que não haverá processo
De o dar a melhor amanhã,

Porque ou fica no tesouro,
Inútil, mudo e parado,
Ou saem carradas de ouro
Para os delírios do Estado.

Ora bem, estes fenômenos
Dados como desastrosos,
Terríveis paralipômenos
De grandes livros lustrosos,

Hás de pedi-los, amiga,
Mas pedi-los de maneira
Que uma segunda barriga
Coma sem dor da primeira.

Es decir, que aquela caixa
Que ronca de tanta altura,
Se quiser ficar mais baixa
Tem receita mais segura:

Pegue em si, tire metade
E verá como lhe pego,
Pego-lhe com ansiedade,
Com ansiedade de cego.

E digo ao Tesouro nosso
— Amigo, aqui tens dinheiro;
Precisas deles, aqui posso
Dá-lo às tuas mãos inteiro.

Vê tu que singular obra
A deste mundo peralta,
Geme um — pelo que lhe sobra,
E outro — pelo que lhe falta.

N.º 11
20 DE JANEIRO DE 1887

*Voilà ce que l'on dit moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Cousas que cá nos trouxeram
De outros remotos lugares,
Tão facilmente se deram
Com a terra e com os ares,

Que foram logo mui nossas
Como é nosso o Corcovado,
Como são nossas as roças,
Como é nosso o bom-bocado.

Dizem até que, não tendo
Firme a personalidade,
Vamos tudo recebendo
Alto e malo, na verdade.

Que é obra daquela musa
Da imitação, que nos guia,
E muita vez nos recusa
Toda a original porfia.

Ao que eu contesto, porquanto
A tudo damos um cunho
Local, nosso; e a cada canto
Acho disso testemunho.

Já não falo do quiosque,
Onde um rapagão barbado
Vive... não digo num bosque,
Que é consoante forçado,

Mas no meio de um enxame
(É menos mau) de cigarros,
Fósforos, não sei se arame;
Parati para os pigarros;

Café, charutos, bilhetes
Do Pará, das Alagoas,
Verdadeiros diabretes,
E outras muitas cousas boas.

Mas a polca? A polca veio

De longas terras estranhas,
Galgando o que achou permeio,
Mares, cidades, montanhas.

Aqui ficou, aqui mora;
Mas de feições tão mudadas,
Que até discute ou memora
Cousas velhas e intrincadas.

Pusemos-lhe a melhor graça,
No título, que é dengoso,
Já requebro, já chalaça,
Ou lépido ou langoroso.

Vem a polca: *Tire as patas,*
Nhonhô! — Vem a polca: *Ó gentes!*
Outra é: — *Bife com batatas!*
Outra: *Que bonitos dentes!*

— *Ai, não me pegue, que morro!*
— *Nhonhô, seja menos seco!*
— *Você me adora? — Olhe, eu corro!*
— *Que graça! — Caia no beco!*

E como se não bastara
Isto, já de casa, veio
Cousa muito mais que rara,
Cousa nova e de recreio.

Veio a polca de pergunta
Sobre qualquer coisa posta
Impressa, vendida e junta
Com a polca de resposta.

Exemplo: Já se sabia
Que esta câmara apurada,
Inda acabaria um dia
Numa grande trapalhada.

Chega a polca, e, sem detença,
Vendo a discussão, engancha-se,
E resolve: — *Há diferença?*
— *Se há diferença, desmancha-se.*

Digam-me se há ministério,
Juiz, conselho de Estado,
Que resolva este mistério
De modo mais modulado.

É simples, quatro compassos,
E muito saracoteio,
Cinturas presas nos braços,
Gravatas cheirando o seio.

— *Há diferença?* diz ela.
Logo ele: — *Se há diferença,*
Desmancha-se; e o belo e a bela
Voltam à primeira avença.

E polcam de novo: — Ai, morro!
— Nhonhô, seja menos seco!
— Você me adora? — Olhe, eu corro!
— Que graça! Caia no beco!

Desmancha, desmancha tudo,
Desmancha, se a vida empaca.
Desmancha, flor de veludo,
Desmancha, aba de casaca!

N.º 12
5 DE FEVEREIRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".

Quem diria que o Cassino,
Onde a fina flor se ajunta,
Ficaria tão mofino,
Que é quase cousa defunta?

Aqueles lustres brilhantes,
Que viram colos e braços,
Pares e pares dançantes,
E os ardores e os cansaços;

Que viram andar em valsas,
Quadrilhas, polcas, mazurcas,

Moças finas como as alças,
Moças gordas como as turcas;

Que escutaram tanta cousa
Falada por tanta gente,
Que eternamente repousa,
Ou geme velha e doente;

Que viram ir tanta moda
De toucados e vestidos,
Vestidos de grande roda,
E vestidos escorridos;

Ministros e diplomatas,
E outros hóspedes ilustres,
E sábios e pataratas...
Ó vós, históricos lustres,

Que direis vós desse estado,
Cassino a beira de um pego;
Melhor direi pendurado
De um prego, lustres, de um prego?

Deve até o gás, aquele
Gás que encheu os vossos bicos,
Que deu vida, em tanta pele,
A tantos colares ricos.

Deve ordenados, impostos,
E gastos tão incorretos,
Que até não foram expostos
Por diretores discretos.

E vede mais que há ruínas
No edifício, e é necessário
Colher muitas esterlinas
Para torná-lo ao primário.

E há mais, há a idéia nova
De alguns acrescentamentos,
É pôr o Cassino à prova
Com outros divertimentos.

Oxalá que a cousa saia

Como se deseja. Entanto
Posto que a reforma atraia,
Acho outro melhor encanto.

Não basta que haja bilhares,
Conversações e leituras
Partidas familiares,
E algumas outras funduras.

Preciso é cousa mais certa,
Cousa que dê gente e cobres,
Disso que chama e que esperta
Vontades ricas e pobres!

Não digo elefante branco,
Nem galo de cinco pernas,
Nem a ossada de um rei franco,
Nem luminárias eternas.

Mas há cousa que isso tudo
Vale, e vale mais ainda,
Cousa de mira e de estudo,
Cousa finda e nunca finda.

Que seja? Um homem. E que homem?
Um homem de Deus, um Santos,
Que entre as dores que o consomem
Não esquece os seus encantos.

Esse general que estava
Há pouco em Paris, e voa
Quando apenas se curava.
Voa por mais que lhe doa,

Voa à pátria, onde uns pelintras,
A quem confiara o Estado,
Para ir ver as suas Cintras,
E tratar-se descansado,

Entenderam que podiam
Passos de pouco préstimo
Governar, e que o fariam,
Como seu, o que era empréstimo.

Homem tal, que mais não sente
Que a sede do eterno mando,
Que, inda prostrado e doente,
Quer morrer, mas governando,

Olhe o Cassino, valia
Algum esforço em pegá-lo
No dia, no próprio dia
Em que passasse, e guardá-lo.

Pois tão depressa a Assembléia
Oriental e aterrada
Soubesse disso — uma idéia
Seria logo votada.

Vejam que idéia e que tino:
Que anualmente o seu tesouro
Pagasse ao nosso Cassino
Trezentos mil pesos de ouro,

Quando à velha sociedade
Particular encomenda
De guardar nesta cidade
Aquela famosa prenda.

Com isso, e mais o cobrado
Às pessoas curiosas,
Passavas de endividado,
Cassino, a maré de rosas.

N.º 13
24 DE FEVEREIRO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande"*

Há tanto tempo calado...
E sabem por quê? Por isto:
Pelo número fadado
Da ceia de Jesus Cristo.

Número treze. Com esta
São treze as minhas Gazetas.

Numeração mui funesta,
Cheira a cova e a calças pretas.

Há, porém, quem afiance
Que treze é dúzia de frade.
É opinião de alcance,
Que anima e que persuade.

Contudo, em uma pessoa
Sendo supersticiosa,
Antes que na cousa boa,
Crê na cousa perigosa.

Daí veio esta comprida
Vadiação; era medo,
Medo de perder a vida
Cedo, mais que nunca cedo.

Lembra-me inda certo dia,
Quando eu tinha treze anos;
Jantamos em companhia
Treze rapazes maganos.

Um acabou reprovado
Na Escola de medicina;
Outro está bem mal casado;
Outro teve pior sina.

Pior, digo, e em muitos pontos;
Geria a casa dos Bentos;
Fugiu, levando dez contos,
Em vez de levar quinhentos.

Outro é político, e anda,
Ora triste, ora sinistro;
Dizem-me que ele tresanda
Vontade de ser ministro.

Em dia de crise, voa
A meter-se em casa, à espera
De alguma notícia boa;
Espera que desespera.

Só sai quando o gabinete

Fica de todo formado,
E jura pelo cacete
Que há de pô-lo derreado.

Bufa, espuma. Abrem-se as câmaras,
E o meu companheiro e amigo
Aguarda o tempo das tâmaras,
E torna ao seu voto antigo.

Outro daqueles rapazes
Procura sinceramente
Entre os meios mais capazes
De encher a barriga à gente.

Um que seja imediato
E de graúdas prebendas,
Ou testamento, ou barato...
Já não há pr'as encomendas!

Cá por mim, tive um inchaço
Na perna esquerda; diziam
Que essa doença era andaço,
E até que muitos morriam.

Sarei; mas foi sobre queda
Couce. A morte tão sombria.
Que tantas casas depreda,
Poupou-me para este dia.

Pois, minha dona, aqui fico,
Já daqui me não arranco,
Achei um recurso rico:
Deixo este número em branco.

Não dou Gazeta nem nada;
Não falo em cousa nenhuma,
Gouvea, moção, espada;
Em suma, de nada, em suma.

E tanto mais ganho nisto
Que, como se fala em rolo,
Podia um lance imprevisto
Tirar-me o melhor consolo.

Que é este: olhar para a rua
Cheia de cousas chibantes,
E dizer — Feliz a lua...
Se é que não tem habitantes.

N.º 14
7 DE MARCO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Se eu fosse aquele Custódio
Gomes ou Bíblia chamado,
Que não deu esmola ou bródio,
Nem mimos por batizado,

Pela luz que me alumia,
Juro, e mais que nunca, juro,
Que pesaroso olharia
Para este processo escuro.

Daria grandes palmadas,
Ao ler tantas testemunhas,
Tantas cousas encontradas,
Tantas mãos e tantas unhas.

Pesquisas de parte a parte,
E um testamento que é tudo:
Ora forjado com arte,
Para uso e para estudo,

Ora verdadeiro e filho
Do próprio autor sepultado,
Que ajuntara tanto milho
Para não vê-lo espalhado.

Audiências e audiências,
Nomes, nomes, nomes, nomes,
Pendências sobre pendências;
Fosse eu o Custodio Gomes,

Suspiraria: —"Bem tolo
Que fui eu em prepará-lo,

Esse rico e imenso bolo,
Se não tinha de papá-lo.

“Que ajuntei, dia por dia,
Vintém a vintém suado,
Para deixar tal quantia
De dinheiro amontoado;

“Que, quando havia desmancho
Na casa de um inquilino,
Em vez de dar esse gancho;
Sabia intrépido e fino,

“Armado de cal, tijolo,
Colher e as cousas restantes,
E lograva recompô-lo,
Melhor do que estava dantes.

“Que, se vagava algum prédio
Dos meus, ia ver se tinha
Uma taboa p’ra remédio,
Talha ou taco de cozinha,

“Qualquer coisa que algum dia
Valesse às necessidades...
Com pouco e pouco (dizia)
Fazem-se as grandes cidades.

“Comi o pão que o Diabo
Amassou; fui parco e ativo,
Trazia as botas no cabo,
Mas a mão firme, o olho vivo.

“E no fim de tanta lida,
Não sei se boa ou má sorte,
Saí do rumor da vida,
Sem olhar a paz da morte.

“Todos os dias cá leio
Impresso o meu triste nome;
Vejo escrito que fui meio
Maluco e unhas de fome.

“A minha vida sem ócios,

Gente de casa e costumes,
E todos os meus negócios...
Já dá para encher volumes!

“Ah! se em vez de andar c'o a sela
Na barriga a vida inteira,
Vida de meio tigela,
De poupança e de canseira,

“Vivesse à larga, comesse
Deliciosas viandas,
E cauteloso bebesse
Vinho de todas as bandas;

“Roupa fina, o meu teatro,
Uma ou outra vez berlinda;
Moças, o diabo a quatro
Até a existência finda;

“Quem se lembraria agora
De mim? Dormia esquecido,
Sem chegar a voz sonora
Dos prelos ao meu ouvido.

“Convivas e devedores,
Pode ser que se lembrassem
Das ceias e dos favores,
E alguma vez me louvassem;

“Mas tão baixinho e tão pouco
Que a voz não me chegaria,
E eu, que acabei meio louco,
Surdo e mudo acabaria”.

N.º 15
20 DE MARCO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la “Gazette de Hollande”.*

“Câmara Municipal
Sem ter regimento interno!”
Exclamou, com ar paterno

Vereador pontual.

“Sem um acordo fraterno,
Um papel, um manual,
Certo, acabaremos mal,
Faremos disto um inferno.

“Digo-vos que é usual,
Em qualquer lugar externo
Haver regimento interno
Para evitar todo o mal.”

Em tom sossegado e terno
Diz outro municipal
Que o pau (físico ou moral)
É regime mais superno.

— “Há de haver algum sinal
Aqui, pelo lado interno,
Do efeito vivo e fraterno
Desse estatuto formal.

“Palavras (é dito eterno)
Às sopas não trazem sal;
Quero ação, ação real,
Venha do céu ou do averno.

“E que outra menos verbal
Que a ação do cacete alterno,
Não como um vento galerno,
Porém, como um vendaval?

Se, assim amparado, externo
Meu parecer cordial,
Para que me serve o tal
Regimento de caderno?

“Saiba a câmara atual
Que, se eu aqui não governo,
Tenho este dever paterno
De a não fazer trivial.

“Paterno disse? Materno;
Quero outro tom pessoal.

Fique-lhe o tom paternal
Ao colega mais moderno.

“Sim, o pau, é pau real
Venha do céu ou do averno,
E palavras (dito eterno)
Às sopas não trazem sal “.

Não sei que disse o paterno
Vereador pontual;
Eu, por mim, prefiro a tal
Um copo do meu falerno.

Não que seja um casual,
Ruim, triste e subalterno
Modo de encontrar em *erno*
O consoante final,

É falerno e bom falerno
Sorrir da municipal
Que vive *tant bien que mal*,
Sem ter regimento interno.

Ou esse escrito legal
Que o outro chamou caderno,
Para o bom viver paterno
Vale tudo ou nada val.

Se não, por que é que o superno
Parlamento nacional
Conserva um trambolho igual,
Quer de verão, quer de inverno?

Se sim, como é curial,
Que não tenha esse uso interno,
Corpo tal, que vive alterno,
Conservador, liberal?

Relevem se um subalterno
Entrou nesse cipoal...
Olha a taça de cristal,
Leitor, vamos ao falerno!

N.º 16
27 DE MARÇO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Cousa má ou cousa boa
Traz vantagem boa ou má;
O incêndio da Gamboa
Neste aforismo entrará.

Não fosse aquele medonho
Desastre que ali se deu,
E do qual nada aqui ponho,
Pois que o leitor tudo leu,

Não saberia eu agora,
Pelas narrações que vi,
Uma notícia que chora,
E que — essa, sim — ponho aqui.

Foi quando a água, correndo
Pela rua e para o mar,
Ia ardendo, ardendo, ardendo,
Ardendo de amedrontar.

Então li que os habitantes
De um beco, com tal horror
Viram as águas flamantes,
Arrastando a morte e a dor,

Que pensaram em deixá-lo,
O beco em que há muito estão,
Onde a morte, a fogo e a estalo,
Punha em gelo o coração.

Esse beco, o beco escuso,
O beco que nunca vi,
Beco de tão pouco uso,
Que nunca o nome lhe li,

Chama-se do conselheiro
Zacharias; leiam bem.
E vá, reflitam primeiro,

Como eu refleti também

Ó meu douto Zacharias!
Meu velho parlamentar!
Ó mestre das ironias?
Ó chefe ilustre e exemplar!

Quantas e quantas batalhas,
Deste contra iguais varões!
E de quantas, quantas gralhas,
Tiraste o ar de pavões!

Sólido, agudo, brilhante,
Sincero, que vale mais,
Depois da carreira ovante,
Depois de glórias reais,

Deram-te um beco... Olha, um beco...
De tantas cousas que dar,
Coube-te a ti, homem seco,
Triste beco ao pé do mar.

Não digas que são mofinas
Estas nossas distinções
Pintadas pelas esquinas;
Esquinas fazem barões.

Não cuides que, nesta lida
Em que andamos, tem de ser
Viva ainda a tua vida,
Escrita ou por escrever.

Logo, era uma honrosa graça
Se entrasses no grande rol
Com uma rua, uma praça,
Bem à vista, bem ao sol.

Mas, não. De quanto valias,
Agora nada valeis.
Há o beco Zacharias,
E a rua Malvino Reis.

Daqui, amigo, derivo
Esta antiga e estranha flor:

“Mais vale *súdito* vivo
Que enterrado imperador”.

N.º 17

6 DE ABRIL DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la “Gazette de Hollande”.*

Temos nova passarola,
De grandes asas escuras,
Mexidas por certa mola
Que dá sono às criaturas.

Chama-se — não sei maneira
De pôr este nome em verso...
Palavra, é grande canseira,
Tão duro é ele e reverso.

Deito sílabas de lado,
De outro sílabas arranco,
Trabalho desesperado
E fica o papel em branco.

Vá lá: medicina hipnótica,
Custou, mas saiu... Parece
A cousa um tanto estrambótica,
E mais se a gente adocece.

Notem bem — é medicina,
Posto a sugestão opere;
Cá o meu bestunto opina
Que um nome de outro difere.

Há em *sugestão* um jeito
Teórico feio, enigmático;
Mas *medicina* é perfeito,
Perfeito, rápido e prático.

Quando aqui há poucos anos,
Já me não lembra em que dia,
Deu entrada entre os humanos
A exata dosimetria,

Disse eu: “Invenção potente!
Perfeição do formulário!
Consolação do doente!
Fortuna do boticário!”

Mas daí a pouco ouvia
(Outro inimigo da métrica)
Em vez de dosimetria,
Medicina dosimétrica.

E isso que cuidava que era
Farmácia, era uma doutrina.
Uma escola em primavera
Contra a velha medicina.

Não digo que o sugestivo
Hipnotismo também seja
Ária sobre outro motivo,
Nem igreja contra igreja.

Digo... Não sei como diga...
Não sei como diga... Ai, musa
Do diabo e de uma figa!
Você ri! você abusa!

Digo (vá) digo que, quando
Cuidava que esta matéria,
Da qual não estou mofando,
Que é séria, três vezes séria,

Não pelas razões do grave
Apóstolo, que cogita
Não fazer dela uma chave
P'ra prender moça bonita;

Como se amor não tivesse
Outra sugestão nativa,
Que, quando menos parece,
Faz arder o esquivo e a esquiva.

Quando (como ia dizendo)
Supunha que a academia,
Por sua vez, lendo e vendo,

la explicar a teoria;

Que visse os graves problemas
Envoltos na descoberta,
E como antigos sistemas
Passam a questão aberta;

Que, como órgão da ciência,
Examinasse, estudasse
A vontade e a consciência
Pela novíssima face;

Que visse como a pessoa
Humana se multiplica,
Vai a Túnis e a Lisboa,
E cá reside, e cá fica;

Em vez disso, a academia
Dá-lhe duas passadelas
De escova, e manda a teoria
Curar as nossas mazelas.

Isto é que me põe os braços
Caídos, e a boca aberta...
E já daqui vejo os passos
Desta nova descoberta.

Atrás dos homens sabidos
Virão os que nada sabem,
E gritarão desabridos
Até que os astros desabem.

Chegaremos aos cartazes
E aos anúncios de vinhetas,
Pílulas Holloway capazes
De dar beleza às caretas.

Ora, há trinta anos havia
Xarope que se chamava
Do Bosque, e tanto valia,
Que tudo e algo mais curava.

Hoje, esse licor exótico
Não tem uso, interno ou externo ...

Receio que o sono hipnótico
Chegue a tudo... e ao sono eterno.

N.º 18
13 DE MAIO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Não neguei Bahia ou Minas,
Nem nunca fora capaz
De negar Crato ou Campinas...
Neguei, é certo, Goiás.

Pois que Goiás eu supunha
Uma simples convenção,
Sem existência nenhuma,
Menos inda que ilusão.

E achava uma prova disto
Naquele caso sem par,
Nunca dantes, nunca visto,
Nem por terra nem por mar:

O caso do presidente
Que por dez anos ficou
Presidenciando... Ó gente!
Dez anos! Quem tal sonhou?

Dez meses, vá; é costume,
E ninguém pode exigir
Que um homem perca o chorume
A trabalhar e a delir...

Ou, se é lícito em matéria
De tanta ponderação
Tão avessa ao chasco e à léria,
Ter alguma opinião,

Digo que nem dez semanas...
Dez dias podia ser.
Traduziria em bananas
O chegar, ver e vencer.

Não se impõe aos nossos climas
Ars longa... É abreviar,
Como eu abrevio as rimas;
Não coser, alinhar.

Quem podia, em nossa terra,
A não ser entre galés,
Como os comuns de Inglaterra?
Trabalhar dez horas, dez?

Os nossos comuns gastaram
Três dias em eleger
Mesa e comissões; e andaram
Perfeitamente, a meu ver.

Não vamos crer, porque temos
Sistema parlamentar,
Que só copiar devemos
Os costumes de além-mar,

Mas, voltando à vaca fria...
Que vaca? Onde íamos nós?
Que diabo é que eu dizia?
A digressão, vício atroz.

Não era a dívida, creio,
Lamberti chamada, uns mil
Contos de papo e recheio,
Contos ou contões com til.

Também não era o desfalque
Do Recife... ai, uma flor
De esperanças... ai, não calque,
Não calque nisso, leitor!

Eu, que tinha o meu bilhete,
Pronto para enriquecer,
Estou como se um cacete
Me houvesse dado a valer.

Mas, com todos os diabos,
Que era então? Não eras tu,
Nariz dos grandes nababos;

Nem tu, céu de Honolulu.

Ah! Goiás... Goiás existe;
E tanto que, a vinte e dois
De março, saiu um triste
E longo bando de grous,

Como os de que fala o Dante,
Que *van cantando lor lai*;
Mas cá o pio ora ovante,
Era só: quebrai, quebrai!

Um dos grous é delegado,
Outros dizem que juiz;
E tudo foi arrasado,
Ou ficou só por um triz.

Defuntos, lavras do Abade,
Mulheres, que ora gemeis
De dor e necessidade,
Justiça esperar deveis.

Mas eu daquela ocorrência
Tiro uma lição vivaz:
Goiás tem certa a existência,
Goiás existe, Goiás.

N.º 19

12 DE JUNHO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Parece que há divergências
Entre câmara e senado;
Comparam-se as influências,
Fala-se em patriciado.

Soube disso ultimamente
Pelas folhas... Pelas folhas
Sabe tudo toda a gente,
Votos, lãs, óbitos, rolhas.

E, antes de ir ao parlamento,
Direi que soube por elas
Negócio de algum momento,
De varões e moças belas.

Li que uma sociedade,
Sociedade Protetora
Dos Animais da cidade
(Ó minha Nossa Senhora!)

la dissolver-se, e dava
A razão do ato; era, em suma,
Que nenhum esteio achava
Nas leis nem em parte alguma.

Ora, eu que me ri, há meses,
De vê-la, toda capricho,
Falar de si muitas vezes
E mui rara vez de um bicho,

Injusto fui. Ora o vejo,
E confesso os meus remorsos.
Não fiz justiça ao desejo
Dela nem aos seus esforços,

Nem também principalmente
À sua audácia provada
De falar do bruto à gente,
Sem ser para bordoadada.

Cuidar de cães... Ter piedade
De um triste e magro orelhudo,
Que arrasta pela cidade
Carroça, este mundo e tudo;

Isto a sério, isto sem medo
Do riso de outras pessoas;
Fazer disto ofício ledado,
Pôr isto entre as ações boas;

Quando é certo que cachorro,
Nem burro, cavalo ou gato,
Não sabem de tal socorro,
Nem dão charanga ou retrato;

Trabalhar sem recompensa
Imediata e tangível,
Não é de gente que pensa,
É maluquice visível.

Entretanto, a sociedade,
Depois de pensar uns dias,
Fica, e não se persuade
Que entra em baldadas porfias.

Baldadas e generosas...
Fique-lhe este prêmio, ao menos:
Espalha as mãos dadivosas
Aos pequenos mais pequenos.

Mas, voltando à vaca fria:
Li que a câmara conhece
No senado a primazia,
E se dói, e se aborrece.

Não tédio em dar, a ponto
De brigar abertamente;
Faz com tristeza o confronto
Sem magoar a outra gente.

Quando muito, ouve calada,
Alguma palavra nua,
E confessa encalistrada
Que ou cede ou vai para a rua.

Busca-se agora um remédio,
Alguma cousa que faça
Cessar esse amargo tédio...
Aqui lh'o trago de graça.

Deu-m'o um espírito agudo,
Que também é deputado,
Varão conspícuo e sisudo,
Não sei se desanimado.

Droga fácil e sumária,
Que não traz dor, mas delícia;
É fazer da temporária

Uma cousa vitalícia.

Então, sim; iguais as damas,
Serão iguais os vestidos,
Iguais as perpétuas chamadas
Nos peitos endurecidos.

Não respondi à pessoa
Que isto me dizia, nada;
Se a idéia é ruim ou boa,
Aí a deixo estampada.

N.º 20
18 DE JUNHO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Rosa de Malherbe, ó rosa
Velha como as botas velhas,
Que foste grata e cheirosa,
E ora desprezada engelhas;

Rosa de todos os vasos,
De todas as mãos humanas,
Trazida a todos os casos,
Com lírios e com bananas;

Rosa trivial e chocha,
Pior que as mal fabricadas,
Menos que rosa, uma trouxa
De folhas esfarrapadas,

Não por má, não que não prestes,
Não que não sejas ainda
A mesma rosa que deste
Vida e cor à estrofe linda,

Mas porque é nosso costume,
Se achamos um dito a jeito
Tirar-lhe todo o chorume
Até deixá-lo desfeito.

Às vezes, menos que um dito,
Uma locução somente,
Um verbo novo ou bonito,
Pelintra ou cousa decente...

Vagabundo é que não anda;
Terá tanto e tanto emprego
De salão ou de quitanda
Que nunca achará sossego;

Até que lá vem um dia,
Em que o infeliz surrado,
Gasto, podre, sem valia,
Ao lixo é abandonado.

Lá vou eu buscar-te, ó rosa
De Malherbe; é necessário
Fazer citação dengosa
Num caso extraordinário.

Não o caso pavoroso
Do sindicato, alta e baixa.
Negocio tão ponderoso
Que acabou quebrando a caixa.

Demais, ouço tais notícias,
Tantas cousas segredadas,
Que só pegando em milícias
Para rimar com pancadas.

Posto que essa rosa bela
Viveu, como as outras rosas,
Um dia, e sem mais aquela
Perdeu as folhas viçosas.

Não trato dessa, mas trato
Da rosa legislativa,
Nascida sem aparato,
Morta quando apenas viva.

Foi o senador Uchoa
Que lhe deu vida e nascença,
Pareceu-lhe a idéia boa,
Propô-la sem mais detença.

Em verdade, não contava
Ninguém com tal aditivo;
Foi como uma vaca brava
Ao pé de um par pensativo.

De mais a mais, sem discurso,
Modesto, calado e manso;
Mal comparando, era um urso
Metido em pernas de ganso.

Urso, embora parecesse
Ao golpe das mãos humanas,
Podia ser que vivesse
Uma, duas, três semanas.

Era vir, tambor à frente,
Polcando ao som de rabeca,
Lançando ao ar, como gente,
Foguete, bomba ou peteca.

Menos de um mês viveria;
Mas, surgindo assim calado,
Viveu apenas um dia,
Foi morto e foi sepultado.

Lá que mais tarde apareça
Em forma de idéia nova,
E que outrem se desvaneça
De o passar por outra prova,

De maneira que essa rosa,
Que foi rosa e que foi urso,
Ganso e vaca furiosa,
Passe a sol nalgum discurso,

Não me espantará. Comigo
Uma só cousa há que espante:
Se desta vez a não digo
É falta de consoante.

N.º 21
4 DE JULHO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Meu Octaviano amigo,
Que idéia foi essa vossa
De deixar que o inimigo
Inda uma vez ganhar possa?

Ruim verso, mas aí fica;
Pior que fosse, ficara;
Não há rima bela ou rica;
Brilhante, sólida ou rara,

Quando o espírito, pasmado,
Mal sabe o que vai dizendo...
E eu sinto-me apatetado
Ante esse conselho horrendo.

Sim, eu penso com Malvino
Que as abstenções são fatais.
É este o melhor ensino
Em cousas eleitorais.

Pois não há aí três pessoas...
Digo mal, duas somente,
Sinceras, válidas, boas,
Que lutem proximamente?

Que é a vida? Uma batalha,
Tiro ao longe, espada à cinta;
Para os barbeiros, navalha;
Para os escritores, tinta;

Para os candidatos, cédula.
Quantas vezes tenho visto
Confessar a gente incrédula
Que não soube atentar nisto!

Sim, eu penso com Malvino
Que as abstenções são fatais;
É esse o melhor ensino
Em cousas eleitorais.

Eu, em rapaz, era dado
Às moças! Lembra-me que uma
Tinha o corpo bem talhado
E olhos feito verruma.

Olhos tais que penetravam
Na gente, em reviradela;
E muitos moços sangravam
Da marcenaria dela.

Quis ver se era amado. Um tio,
Fazendo por dissuadir-me,
Andava num corrupio,
E eu firme, três vezes firme.

Sempre entendi com Malvino
Que as abstenções são fatais.
É esse o melhor ensino
Em cousas eleitorais.

E notem a coincidência;
Essa moça, esse pecado
Tinha a sua residência
Mesmo à rua do Senado.

E notem mais que não era
Uma cadeira, mas duas...
Camões, que falou da hera,
Meta aí palavras suas.

Confesso que, ao recordá-la,
Sinto em mim tais pensamentos,
Que era capaz de arrancá-la
A cinco ou seis regimentos.

Nisto entendo, com Malvino,
Que as abstenções são fatais.
É esse o melhor ensino
Em cousas eleitorais.

Lutei muito. Ela fechava
Muitas vezes a janela,
Quando eu por ali passava
Para ver o rosto dela.

Outras vezes devolvia
Cartas escritas com sangue...
Lembra-me uma, que dizia:
“Anjinho meu, não se zangue,

“Se passo por sua casa;
Menos ainda, se temo
Em alimentar a brasa
Deste fogo em que me queimo.

“Que eu penso, como Malvino,
Que as abstenções são fatais;
É esse o melhor ensino
Em cousas eleitorais”.

E o certo é que fiz tanto,
Tanto andei por essa rua,
Gemi, gemi tanto canto,
Sem lua, e ainda mais com lua,

Que a moça, de compassiva,
Escutou meus ais tristonhos
E pegou da pena esquiva,
Para responder-me aos sonhos.

“Sei que és coração perfeito,
Que me amas e que não cansas.
Mando-te aqui do meu peito,
Não amor, mas esperanças...

“Crê, amigo, com Malvino,
Que as abstenções são fatais.
E' esse o melhor ensino
Em cousas eleitorais.

N.º 22
1.º DE AGOSTO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la “Gazette de Hollande”.*

Anda agora toda a imprensa,

Ou quase toda, cuidando
De alcançar que, sem detença,
Acabe um vício nefando.

Na brasileira linguagem,
Essa nacional usança
Chama-se capoeiragem;
É uma espécie de dança,

Obrigada a cabeçadas,
Rasteiras e desafios,
Facadas e punhaladas,
Tudo o que desperte os brios.

Há formados dois partidos,
Dizem, cada qual mais forte,
De tais rancores nutridos,
Que o melhor desforço é morte.

Ora, os jornais que desejam
Ver a boa paz nas ruas,
Reclamam, pedem, forcejam
Contra as duas nações cruas.

Referem casos horrendos,
Já tão vulgares que soam
Como simples dividendos
De bancos que se esboroam.

E zangam-se as tais gazetas,
Enchem-se todas de tédio,
Fazem caras e caretas
Por não ver ao mal remédio.

Vou consolá-las. É uso
Das alminhas bem nascidas
Dar, contra o pesar intruso
Consolações repetidas.

Eu (em tão boa hora o diga,
Que me não minta esta pena!)
Tenho aquela corda amiga
Que, em pena, dá eco à pena.

Inda quando a rima saia,
Como essa, um pouquinho dura,
(Ou esta da mesma laia)
É rima que dói, mas cura.

As consolações — ou antes
A consolação é uma;
Trepá tu pelas estantes,
Busca, arruma, desarruma:

E, se tens livros contendo
Decisões de Vinte e Quatro
(Há sessenta anos!) vai lendo
Um aviso áspero e atro.

Lê isto: “Para que cessem
De uma vez os capoeiras,
Que as ruas entenebreçam,
Com insolentes canseiras,

“Manda o imperador, que sabe
E quer pôr a isto cobro,
Dar a pena a que lhes cabe,
E se for preciso, em dobro.

“Recomenda neste caso
Que haja a major energia,
Para que em estreito prazo
Acabe a patifaria;

“E seja restituída
A paz aos bons habitantes,
De modo que tenham vida
Igual à que tinham dantes”.

Ora, se este aviso expresso
(Que é de vinte e oito de maio)
Teve tão ruim sucesso
Que inda fulge o mesmo raio,

Concluo que o capoeira
Nasceu com a liberdade,
Ou deu a nota primeira

Se tem mais que a mesma idade.

Valha-nos isto, que ao menos
Consola a gente medrosa,
E faz de alguns agarenos
Cristã gente gloriosa.

Sete de abril, a Regência,
Depois a Maioridade,
Partidos em divergência,
Barulhos pela cidade,

Guerras cruas e compridas,
Exposições, grandes festas,
Paradas apetecidas,
Tudo viu a faca e a testa...

N.º 23
20 DE AGOSTO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Ouvi que algumas pessoas
Entendidas e capazes
De distribuir coroas,
Andam estudando as bases

Da festa que comemore
Uma grave ação recente:
Jantar que a pança devore,
Doce de atolar o dente,

Ou retrato a óleo, e banda,
Com algum palavreado,
Uso desta velha Holanda,
Antigo e repinicado.

Há quem pense em monumento,
Obra fina que reúna
Bronze, mármore e cimento,
Ou busto ou simples coluna.

Em suma, nada que cheire
A inquérito ou a devassa,
Ou cousa que se lhe abeire...
Grande obra e de grande traça.

Porquanto, se aquela preta,
Que ia sendo sepultada,
Não chega a fazer mareta,
E desce tranqüila ao nada,

Se já no caixão metida
E levada ao necrotério,
Não suspira pela vida,
Mistério contra mistério,

Não tinha havido barulho,
É certo, nem artiguinhos;
Tudo acabava no entulho,
Bichinho entre mil bichinhos;

Mas também nem a vitória
Ao inspetor caberia,
Que mandou a preta à gloria,
Aonde ela ir não queria.

Pois no rosto da sujeita,
Que ressurgiu com malícia,
Talvez porque em sua seita
Ninguém morre de polícia,

Tu, sagaz, tu descobriste
Que a morte era cousa certa,
E — vendo quanto era triste
Viver de ferida aberta

No meio desta cidade,
Por mais algum magro dia —
Encheste-te de piedade,
Vibraste de inspetoria.

E perdoando à coitada
O resto da vida horrenda,
Mandaste dar-lhe pousada
Debaixo da eterna tenda.

Ela, que tornou ao mundo,
Entre as cantatas da imprensa,
Torna ao bátraco profundo,
Morre sem pedir licença.

Triunfa, inspetor, triunfa
Neste voltarete, filho,
Trunfa, trunfa, trunfa, trunfa,
Que a todos deste um codilho.

Imagina tu se abrissem
Inquérito sobre o caso,
E que afinal concluíssem
Que o teu ato era um desazo;

E que isto de meter gente
Viva em caixão de finado,
Sem exame competente,
Devia ser castigado,

Que cara com que ficávamos,
Agora que a preta é morta!
Seguramente tomávamos
Novas da nossa avó torta.

N.º 24
23 DE AGOSTO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Anda-se isto a desfiar:
Quem será o responsável
Dos atos que praticar
O poder irresponsável?

Há várias opiniões
Sobre esta questão pendente;
Contradizem-se as razões,
Um afirma, outro desmente.

Vão aos livros e aos Anais

Buscar uma extensa lista
De palavras textuais
Deste ou daquele estadista.

Nem só nacionais, também
Surgem nomes estrangeiros,
Nomes ilustres, que têm
Merecidos pregoeiros.

Um deles foi o senhor
Benjamin Constant, pessoa
Que o poder moderado
Criou e deu à coroa.

Foi ele, em escrito seu,
Que à constituição Brasília,
Sem saber, o artigo deu
Que pôs a toda família

Dos poderes, um poder
Que a regesse e moderasse...
Outros porfiam em ver
O caso por outra face.

E tu, Benjamin, fatal,
Grande amador de pequenas,
Tu, morto, tu, imortal,
Lá das regiões serenas,

Que pensas, que pensas tu
Nesta questão, obra tua?
Tira do espírito nu
Opinião crua e nua,

Põe-lhe sobrescrito a mim,
Se achas melhor escrevê-la;
Ou brada-m'a, Benjamin,
Que eu poderei entendê-la.

E logo uma bela voz
Me entrou pelo gabinete,
Fininha como um retrós,
Viva como um diabrete.

E disse: — “Queres saber
O que nesta causa penso?
Qual o meu modo de ver?
A que partido pertença?”

“Se acho que o moderador,
Nos atos em que modera,
Tem ou não algum senhor
Que responde e o desonera?”

“Se o poder, a quem chamei
Neutro, pode, irresponsável,
Ter por isso mesmo em lei
Um ministro responsável?...”

“ — Sim, despacha, respondi
Já zangado e impaciente.
— “Di-lo-ei a ti, a ti;
Se queres, di-lo a mais gente.

“Não verás em mim a flor
Da modéstia, planta rara,
Responderei com rigor,
Certeza e palavra clara.

“Digo que gostei de ouvir
Idéias finas e tantas,
Gostei de as ver discutir
Leão, Cotegipe e Dantas.

“Mas, com franqueza, eu deitei
Tudo ao mar, nesta viagem.
Só uma cousa guardei
E trago-a cá na bagagem.

“Não que julgue sem valor
Outras páginas escritas
Ou faladas, não, senhor;
São puras e são bonitas.

“Foram feitas ao buril,
Pensadas e bem pensadas.
Deixei-as às mil e às mil,
Por esse mundo espalhadas.

“Mas agora que aqui estou,
Livre de ruins cuidados,
Digo: o melhor que ficou
Dos escritos lá deixados

“Foi... palavra que não sei,
Não sei bem como me exprima:
Foi um livrinho de lei,
Uma jóia, uma obra-prima,

Um livro, um livrinho só,
Que entre os escritos passados,
Resiste ao mórbido pó —
Dos anos empoeirados.

“Custa-me dizê-lo, crê:
Um romance, e pequenino;
Relê, amigo, relê
O meu Adolpho; é divino.

“Do mais tanto cuidado aqui
Como daquela camisa,
A primeira que vesti...
Diz a rima que era lisa”.

N.º 25
30 DE AGOSTO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Eu, pecador, me confesso
Ao leitor onipotente,
E a grã bondade lhe peço
De ouvir pacientemente

Uma lengalenga longa,
Uma longa lengalenga,
Áspera, como a araponga,
E tarda como um capenga.

Saiba Sua Senhoria

Que, em cousas parlamentares,
A minha sabedoria
Vale a de um ou dois muares.

Não? Isso é bondade sua...
Modéstia minha? Qual nada!
Digo-lhe a verdade crua,
Nua e desavergonhada.

Não entendo patavina,
Eu, que entendo a lei mosaica,
Humana, embora divina,
Límpida, conquanto ataica.

“E disse o Senhor: Faze isto,
Moisés, faze aquilo, ordena,
Eu, c'o meu poder te assisto;
Põe esta pena e esta pena”.

Eram assim leis sem voto,
Sem consulta, sem mais nada.
Deus falava ao grão devoto,
E vinha a lei promulgada.

Mas por que é que tanta gente,
Reunida numa sala,
Examina a lei pendente
Escuta, cogita e fala?

E por que vota? pergunto ...
Nisto abro uma folha, e leio
Bem explicado este assunto:
Era um discurso alto e cheio.

O orador, um deputado
Do Ceará, respondia
A um que o tinha acusado
De manter a escravaria.

Defendia-se, mostrando
Que, desde anos longos, fora
Dos que viveram chamando
A aurora libertadora.

Que a obra da liberdade
Era também obra sua,
Fê-la com alacridade,
Sem proclamá-lo na rua.

Votou, é certo, em contrário
Ao projeto com que o Dantas
Criou o sexagenário
E umas outras cousas tantas.

Mas não foi porque o julgasse
Oposto ao que entende justo,
Nem porque ele lhe vibrasse
Qualquer sensação de susto.

Foi só porque o gabinete
Para o Ceará mandara
Um presidente e um cacete,
Ambos de muito má cara.

Ele, vendo os seus amigos
Perseguidos, destinados,
Depois de grandes perigos,
A serem exterminados.

Votou contra a lei; e a prova
De que lhe não era oposto,
É que, vindo gente nova,
Votou a lei, de bom rosto.

E conclui assim: “Senhores,
Qualquer outro que se achasse,
Cheio de iguais amargores
E injúrias da mesma classe,

Faria o que fiz”. Pasmado,
De tudo o que não sabia,
Vim confessá-lo humilhado
Ante Vossa Senhoria.

N.º 26

6 DE SETEMBRO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Eustáquio Primo de Seixas,
Morador em Santo Amaro
(Bahia), fez umas queixas
Sobre um caso duro e amaro.

Parece que um tal Francisco
De Paula Aragão e Souza,
Para reduzi-lo a cisco
E pôr-lhe em cima uma lousa,

Pegou de um revólver, obra
Bem feita, acabada,
Pior que dente de cobra,
Melhor que fio de espada;

E, indo ao sobredito Seixas,
Despejou-lhe, não a arma
Nem precisamente endechas,
Nem violetas de Parma,

Mas uma descompostura,
Como se diz vulgarmente,
Porque quando a gente cura
De falar mais finamente,

Diz torrentes de impropérios;
Tal foi o modo limado
Que, em seus artigos tão sérios,
Empregou este agravado.

Eustáquio estava na rua
Da Matriz — tão concorrida
De gente, que viu a sua
Pessoa assim ofendida.

De tais injúrias e acintes
Ouviu metade calado,
Até que, em tantos ouvintes,
Um houve, mais animado,

Que pôde dar escapula
Ao que ouvia tanta cousa,
Mas o diabo que açula
A alma a Aragão e Souza,

Faz com que lhe não estaque
A torrente de impropérios,
Sotaque sobre sotaque,
Ditérios sobre ditérios.

Já que em casa recolhido
Eustáquio, vai muita gente
Pôr-se ao lado do ofendido
Contra aquele ato insolente.

Vai mais; vai gente inimiga;
Vai mais; vai o próprio Souza
Pedir-lhe que o não persiga;
Que lhe perdoe tanta cousa.

Responde-lhe Seixas: “Pronto
Estou a dar-lhe o que pede,
Mas só quero um ponto, um ponto,
E cederei se me cede.

“Peço-lhe que se retrate
Das injúrias que me há dito...”
Aragão, dado ao combate,
Repete, e repete escrito

Todas as injúrias feitas...
Aqui, meu leitor amigo,
Tu que buscas, tu que espreitas
Achar sentido ao que digo,

Não decifrando a charada,
Perguntas naturalmente:
“Que tenho eu com isso?” — “Nada,
Respondo-te eu; e a Regente?”

Porque o mais rico da cousa
E' que o tal Eustáquio Seixas,
Contra o Aragão e Souza,
Trouxe à imprensa as suas queixas,

Escrevendo: “À Sereníssima
Princesa Regente”. Ó dura
Condição triste e tristíssima,
Que mal sei como se atura!

Governar para ler estas
E outras ridiculezas...
Ó sorte das régias testas!
Ó destino de princesas!

Que um homem em Santo Amaro,
Ouvindo duas graçolas
(Caso antes comum que raro)
Toque no chapéu de molas,

Enfie a casaca, e calce
As botas envernizadas,
E, todo flor e realce,
Suba as imperiais escadas,

Para contar uma cousa
Que se conta ao delegado
Isto é, que Aragão e Souza
É pouco morigerado,

Palavra que desanima
De ocupar na terra um sólio:
Antes governar a rima,
Bem ou mal como o Malvólio.

N.º 27
13 DE SETEMBRO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la “Gazette de Hollande”.*

Se Deus me dissesse um dia:
— Que desejas tu, Malvólio?
Castelos na Normandia?
Uma biblioteca in-fólio?

“Um punhado de brilhantes,

Grandes como ovos de pomba?
Um batalhão de elefantes,
Marfim puro e extensa tromba?

“Moças, com as quais cantasses
A vida, e pelo estio,
Cantigas velhas que achasses,
Como esta, no peito frio:

“Cajueiro pequenino,
“Carregadinho de flores
“Eu também sou pequenino,
“Carregadinho de amores.

“Ou tendo espíritos altos,
Ir correr desejarias
Perigos e sobressaltos
De Rússias e de Turquias,

“Pegando, com alma icária
E braços impacientes
A coroa da Bulgária,
E defendê-la das gentes?”

Responder-lhe-ia eu, contrito:
— Não desejo, ó verdadeiro
Deus grande, Deus infinito,
Ser castelão nem livreiro,

Nem ter pedras preciosas,
Nem legiões de tamanhas
Alimárias pavorosas,
Vindas de terras estranhas,

Nem bonitas raparigas
Com quem eu cantar pudera
Algumas velhas cantigas,
Cantigas de primavera,

Menos inda, muito menos,
Correr sem mais nada, à toa,
Pequeno entre os mais pequenos,
A apanhar uma coroa.

Não, o que eu quisera, ó divo
Senhor, que mandais a tudo,
O meu desejo mais vivo,
Que me corrói, longo e mudo,

Era entrar pela janela
Do senado... Olhai, não digo
Pela porta. A porta é bela,
Porém já não vai comigo.

A porta, traz como agora,
Obrigações superfinas;
Li-as em prosa canora,
Sobre as eleições de Minas.

A primeira é que resida
O candidato na terra,
Pois se acaso a própria vida
A outra terra o desterra,

Perca as tristes esperanças
De conservar eleitores.
Se há exemplos, são carranças,
Outra quadra, outros amores.

Olindas, Celsos, Correias,
Nabucos e Zacharias,
São estragadas candeias,
De outros homens e outros dias.

Agora, quanto à segunda
Obrigação do diabo,
É igualmente profunda...
Não se quer nenhum nababo,

Que ande assim, como um tesouro,
Em carruagens de prata,
Cavalos ferrados de ouro,
Um jantar em cada pata;

Mas se o candidato é pobre
E passa a vida lidada,
Não entra em funduras. Dobre,

Amigo, dobre a parada.

Ora, eu que há muito suspiro
Pelo senado, e aqui moro,
Lidando, que mal respiro,
Sem o vil metal que adoro,

Uma noite adormecia
Lendo alguma velha história
De Veneza ou da Turquia,
E acordava em plena glória,

Diante do presidente
Aparecia sentado.
Ai, Deus justo, ai, Deus clemente...
Janela... curul... senado...

N.º 28
20 DE SETEMBRO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Quando tudo em paz corria
Cai uma nuvem prenhada
De chuva e de ventania,
De saraiva e trovoada.

E cai lá naquela banda
Do paço dos senadores,
O melhor paço da Holanda,
Boa pedra, arminho e flores.

Inda se fosse no paço
Dos deputados, vá feito;
Embora sendo embaraço,
Caía no próprio leito.

Pois se este paço figura
Ao pé do velho senado,
Que afigura e transfigura,
Como ele, o que lhe é levado,

Certo é que é mais dada a zona
Aos temporais desabridos;
Quem lá vai mete-se em lona,
Oleado e outros tecidos.

Mas, no senado, em verdade,
Posto não seja o primeiro
Exemplo de tempestade,
Nem talvez o derradeiro,

Causa espanto, porque tudo
Parecia que ia andando,
Não inteiramente mudo,
Mas lentamente calando.

Vai então, como eu buscasse
Saber por algum amigo,
Maneira com que explicasse
Este singular perigo,

Achei um vizinho, um magro,
Um que não tem este olho;
Chamá-lo-ia Meleagro,
Di-lo-ia autor de algum molho,

Se não parecesse abuso
Esse recurso mofino,
Mofino, mas não escuso...
Os versos têm seu destino!

Tenho sido belo, às vezes,
Só por exigi-lo a rima;
Chama-se a um homem Menezes
Quando não passa de um Lima.

Mas, qualquer que seja o nome
Do vizinho consultado,
Fui lá p'ra matar a fome
E saí esfomeado.

Procurei-o, como disse,
E no meio da palestra
Aconteceu que surgisse

Uma questão grave e mestra:

Se o senado é que governa
Ou a câmara. O sujeito,
Querendo passar-me a perna,
Tira estas vozes do peito:

“— Dizem que a câmara baixa,
Conforme a prática inglesa,
Assim como tem a caixa
Da receita e da despesa,

“Rege a política, e forma
Os homens à sua imagem,
Que é essa a única norma
Da parlamentar viagem.

“Sendo, porém, cousa certa
Que os ingleses querem antes
Achar sempre a porta aberta.
Dos comuns representantes.

E comuns há que padecem,
Se a boa sorte lhes falta,
E após os pais que falecem
Vão para a câmara alta,

“Onde é menor o trabalho,
Sessões curtas, pouca vida,
Galho do poder, mas galho
De folha amarelecida;

“Cá buscamos o senado;
E se o que há mais forte e fino
Tem ali lugar marcado
É que ali mora o Destino”.

N.º 29
27 DE SETEMBRO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la “Gazette de Hollande”.*

A semana que há passado...
Deixe leitor que me escuse,
E de um falar tão usado
Abuse também, abuse.

Há passado, hãõ carcomido...
Hãõ, hãõ, hãõ, hãõ posto em tudo,
Hãõ, hãõ, hãõ, hãõ recolhido...
Estilo de tartamudo.

Ai, gosto! ai, cultura! ai, gosto!
Demos um jeito e outro jeito:
Venha *dispor e há disposto*
Venha *dispor e há desfeito*.

Mas usar de uma maneira
Até reduzi-la ao fio,
Não é estilo, é canseira;
Não dá sabor, dá fastio.

Porém... Já me não recordo
Do que ia dizer. Diabo!
Naveguei para bombordo,
E fui esbarrar a um cabo.

Outro rumo... Ah! sim; falava
Da outra semana. Cheia
Esteve de gente escrava,
Desde o almoço até a ceia.

Projetos e mais projetos,
Planos atrás de outros planos,
Indiretos e diretos,
Dois anos ou cinco anos.

Fundo, depreciação,
Liberdade nua e crua;
Era o assunto do momento,
No *bond*, em casa, na rua.

Pois se os próprios advogados
(E quem mais que eles?) tiveram
Debates acalorados
No Instituto, em que nos deram

Uma questão — se, fundado
Este regime presente,
Pode ser considerado
O escravo inda escravo ou gente.

Digo mal: — inda é cativo
Ou *statu liber*? Qual seja
Correu lá debate vivo,
Melhor dizemos peleja.

Mas peleja de armas finas,
Sem deixar ninguém molesto:
Nem facas, nem colubrinas,
Digesto contra Digesto.

Uns acham que é este o caso
Do *statu liber*. Havendo
Condição marcada ou prazo,
Não há mais o nome horrendo.

Outros, que não são sujeitos
Ferozes nem sanguinários,
Combatem esses efeitos
Com argumentos contrários.

Eu, que suponho acertado,
Sempre nos casos como esses,
Indagar do interessado
Onde acha os seus interesses,

Chamei cá do meu poleiro
Um preto que ia passando,
Carregando um tabuleiro,
Carregando e apregoando.

E disse-lhe: “Pai Silvério,
Guarda as alfaces e as couves;
Tenho negócio mais sério,
Quero que m'o explique. Ouves?”

Contei-lhe em palavras lisas,
Quais as teses do Instituto,
Opiniões e divisas.

Que há de responder-me o bruto?

— “Meu senhor, eu, entra ano,
Sai ano, trabalho nisto;
Há muito senhor humano,
Mas o meu é nunca visto.

“Pancada, quando não vendo,
Pancada que dói, que arde;
Se vendo o que ando vendendo,
Pancada, por chegar tarde.

“Dia santo nem domingo
Não tenho. Comida pouca:
Pires de feijão, e um pingo
De café, que molha a boca.

“Por isso, digo ao perfeito
Instituto, grande e bravo:
Tu falou muito direito,
Tu tá livre, eu fico escravo “.

N.º 30
4 DE OUTUBRO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la “Gazette de Hollande”.*

Há muito inglês já defunto,
Canning, Peel e consortes,
Que são o perpétuo assunto
Da eloqüência e seus transportes.

Cada ano que passa, deixa
Nos anais parlamentares,
Entre um ataque e uma queixa,
Esses nomes singulares.

Assim, posto que vivamos
À moda francesa, é certo
Que todos imaginamos
Estar dos ingleses perto.

Vede, por exemplo, os nomes
Dos que escrevem de política;
Não são Barros, não são Gomes,
Nomes de fama somítica.

Entre um Guizot e um Horácio,
Quantos Walpoles facundos!
Pobre Gália! Pobre Lácio!
Britânia é mundo entre mundos.

E, na verdade, a Inglaterra
Tem de sobra exemplos grandes
Para ensinar toda a terra,
Do Cáucaso até os Andes.

Hão de dizer, com justiça,
Que até aqui tenho usado
O latim da velha missa,
Já sabido e decorado.

Que sou vulgar como um bule
De botequim, — como um homem
Que, perdendo ontem na pule,
Narra as dores que o consomem;

Vulgar como um par de botas
Rotas e desengraxadas,
Vulgar como as quatro sotas,
Copas, ouro, paus e espadas.

Muito bem; mas, tendo em vista
Embora a vulgaridade
Procurar alguma pista,
Por onde ache a realidade,

Li agora um documento,
Circular de candidato,
Feita com discernimento,
Bom estilo, ameno e grato.

Tão grato, que pede o voto
Como *um favor*, e confessa
Que, vencido o terremoto,

Fará que jamais o esqueça.

Que seja novo não digo,
Nem novo, nem menos raro;
É costume um pouco antigo,
Vulgar, sem ofensa e caro.

Pois o eleitor, de outro lado,
Não faz favores à toa,
Quer ser mui cumprimentado
Em palavras e em pessoa.

Há tal que o votinho nega
A gente que o não visite,
Não que queira ver se emprega
Bem a cédula que emite,

Perguntando ao candidato
Qual a escola que mais usa,
Se a de um governo barato,
Se a do que gaste e produza;

Não, senhor; mas tão somente
Para ouvir cousinhas finas,
E mostrar a sua gente,
A esposa, a sogra e as meninas.

Ouvir que a filha terceira
Há de ser uma figura
Como a segunda e a primeira,
Modelos de formosura,

Ouvir um bom elogio
À laranjinha da casa;
Dar notícia de algum tio,
Que perdeu na ilha Rasa.

Ver que o candidato mira
De quando em quando a poltrona,
Em que se alarga e se estira,
Gesto de louvor que a abona.

Se há tais entre os eleitores,
E pedes, ó candidato,

Como o favor dos favores,
O voto, e lhes ficas grato,

Para que tantos ingleses,
Que dormem nas sepulturas,
Virem bailar tantas vezes
Nas nossas legislaturas?

Nacionalizemos isto.
Queres citar? Cita, cita
Nome cá nascido e visto.
Deixe o Pitt; cita o Pitta!

N.º 31
11 DE OUTUBRO DE 1887

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Na semana que lá foi,
Houve cousas do diabo,
Já de vaca, não de boi,
Já com rabo, já sem rabo.

Sem rabo o que apareceu,
Foi a grande tartaruga,
Que naufragou e morreu
Em praia onde o mar se aluga.

Espécie nada comum,
Foi logo classificada,
Sem nenhum erro, nenhum,
E está no Museu guardada.

Ora, é muito de saber
Que a bicha, ao pousar na praia,
Sorriu consigo de ver
Tanta senhora sem saia.

E consigo murmurou,
Porque é animal sabido,
Tanto que Deus lhe botou
Nome latino e comprido:

— “Mostra a gente ao pé do mar
O que numa sala esconde.
Tudo é conforme o lugar,
Preciso é saber aonde.

“E tais encantos em flor,
Que ninguém arrastaria
Pela rua do Ouvidor
De noite, e menos de dia,

“Aqui publicados são
Sem bulha, nem matinada,
Aos olhos do camarão
Que nada, e do que não nada.

“Pascal é que disse bem
Quando da justiça ria:
“Verdade aqui, erro além “.
Cabe o dito à rouparia.”

Com rabo, houve o edital
Da câmara, um documento
Que apareceu no *Jornal*
No mesmo dia e momento

Em que deviam abrir
As propostas que acudissem ...
Aos que ficaram a rir,
Bradaram que se não rissem.

Que o tenente-coronel
Presidente é que mandara
Compor aquele papel
Que a folha não publicara,

Conquanto a tempo o doutor
Secretário o remetesse...
Não sei se o comendador
Tesoureiro andou com esse.

Pode ser que o general
Procurador da fazenda,
Como é muito bom fiscal,

Não gostasse da encomenda.

Pode ser; mas pode ser
Também que o protonotário
Escrivão, em vez de ler
O Jornal, lesse o *Diário*.

Ora, em verdade, foi bom
O caso: fico inteirado
Que é de rigor e bom tom
Cargo com título ao lado.

E não escrever papel
Em que venha o presidente
Sem tenente-coronel,
Seria pouco e insolente.

Quanto ao que houve, não de boi,
Mas só de vaca, naquela
Semana que lá se foi,
Certo não foi bagatela.

Foi um projeto que quer
População vacinada,
Seja homem ou mulher,
Gente grande ou criançada.

E não mais se casará
Sem se provar que a menina
E o noivo tiveram já
Ultimamente vacina.

Mas, como falasse alguém
Na câmara contra isto,
Dizendo que a cousa tem
Pecha contra a lei de Cristo,

Responderam-lhe que sim,
Que os noivos terão dispensa
Bastará ao grande fim
Toda a mais lei, que é extensa.

Pois manda revacinar,
Além dos tenros infantes,

Soldados de terra e mar,
Funcionários e estudantes.

Mas por que se há de excluir
Desse dever mal cruento
Quem vai à gente pedir
Um lugar no parlamento?

Quero crer que as ambições
Hão de vir em grande malta,
Suprindo as vacinações
O mérito que lhes falta.

Dir-se-á de um legislador
Morto, que era homem honrado,
Bom caráter, bom senhor,
Modesto e revacinado.

E, pois que um caso esqueci
Da outra semana, digo
Muito à puridade aqui,
Que falta à lei outro artigo.

Falta artigo, pelo qual,
Em caso de desafio,
Pudesse um homem mortal
cortar à pendenga o fio.

Corta deste modo: ouvir
O outro, em lances extremos,
E responder-lhe a sorrir:
“Vacine-se e falaremos”.

N.º 32
18 DE OUTUBRO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Tudo foge; fogem autos,
Fogem onças, foge tudo.
Ó guardas moles e incautos!
Ó corações de veludo!

Uma onça, que vivia
Em casa de uma senhora,
Viu aberta a porta um dia
Da gaiola, e foi-se embora.

Na roça? Não; na cidade.
Que cidade? É boa! a tua.
Dou mais esta claridade:
Era na rua... na rua...

Rua da América... Pronto!
Mas, se não leste a notícia,
Cuidarás que é isto um conto,
É talvez conto e malícia.

Não, amigo. Era uma onça,
Tinha aos três anos chegado;
Vivia discreta e sonsa
Em casa, num gradeado.

Vai senão quando, — um descuido —
Deixaram-lhe aberta a porta,
E a onça sentiu um fluido
Que não sente onça já morta.

Sentiu passar-lhe no lombo
O fluido da liberdade,
E, ligeira como um pombo,
Deixou a casa da grade.

Nenhum liberal, que o seja
Como deve, achará livro
De tantos da sua igreja
Que condene este carnívoro.

Pois se foge o papagaio,
O macaco, a patativa,
Seja outubro, seja maio,
Tenha ou não tenha mãe viva,

Que muito é lá que uma nobre
Onça das brasílias matas,

Logo que possa, recobre
O uso das sua patas?

Lá por viver entre gente
E canapés delicados,
Não acho suficiente
Para condená-la a brados.

Certo é que fugiu. Bem perto,
Duas casas logo abaixo,
Achou como que um deserto,
E resolveu: "Lá me encaixo".

Era casa em obras. Passa
Todo o sábado e domingo,
Sem comer sombra de caça,
Sem beber de sangue um pingo.

Na segunda-feira, cedo
Sobe ali um operário,
Despido de qualquer medo:
Vai ganhar o seu salário.

Casualmente (bendito
Seja Deus!) o desgraçado
Vê o olhar da onça fito
De dentro de um tabuado.

Foge; muita gente acode
Armada, e com laço e rede,
A ver se apanhá-la pode;
Ela, com fome e com sede,

Fere o pé a um bom valente,
Mas é já laçada, e morre
Á faca da demais gente,
Que ali bravamente corre.

E porque não era grave
A ferida recebida,
Fechou-se com dura chave
A história, e mais a ferida.

E disse alguém, que não erra

Ocasião de uma vasa:
— “Que há mais natural na terra
Que criar onças em casa?

“Quando muito, demos graças
Aos deuses, que esta podia
Matar duas ou três praças,
E toda um inspetoria.

“Não há onças espanholas?
Não há onças desgraçadas
Estas não rugem nas solas
Das botas acalcanhadas?

“Virá tempo em que não ande
Pessoa que se respeite
Sem uma onça já grande,
Ou, pelo menos, de leite.

“Que toda a senhora fina,
De passeio ou de passagem,
Tenha uma onça menina
Ao lado, na carruagem.

“Que algumas fujam, que trinquem
O pé a qualquer pessoa,
Ou por mal, ou porque brinquem
Pode acontecer, é boa!

“Mas quem já viu neste mundo
Progresso sem sacrifício?
Sangue que corre é fecundo,
E há virtude que foi vício.

“Cavalo que anda direito
Já foi bravio e inquieto,
Onça que morde um sujeito,
Talvez não lhe morda o neto.

“Vamos, pois, encomendemos
Onças, muitas onçazinhas,
E nos quintais as criemos,
Como se criam galinhas”.

N.º 33

29 DE OUTUBRO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Alá! por Alá! Cá tenho
Inda nos tristes ouvidos
O som duro, o som ferrenho,
Destes termos desabridos:

"Os liberais padecemos
Como os cristãos da Bulgária
Padecem duros extremos
Da turca espada nefária".

E porque tenho uma veia
Com sangue de Mafamede,
Cousa que não acho feia,
Que não desdoura, nem fede;

Juro que andei azoinado
Com o dito do estadista,
Azoinado e envergonhado,
Sem voz, sem sabor, sem vista.

Mas (Alá é grande!) agora,
Agora, neste momento,
Chegam notícias de fora,
Da Bulgária e de espavento...

Vejo que o governo novo
Daquele povo inquieto,
Para aquietar o povo,
Achou um meio discreto.

Convidou madre Censura
Para rever os diários,
Enterrando a unha dura
Por modos crespos e vários,

Nos trechos em que apareça
Opinião tão à toa,

Que em tudo, se mostre avessa
Ao que ela entender que é boa.

Assim podem os censores
Riscando uma parte ou tudo,
Fazer dos espinhos flores,
Fazer do rudo veludo.

É pouco. Um dos jornalistas
Tantas fez que foi pegado,
E teve, de mãos artistas,
Não pouco, nem moderado,

Castigo de tal volume
Que era de ver... Cem açoites!
Quase lhe levam o lume,
Quase lhe dão boas noites.

E disseram-lhe ao soltá-lo.
Que se voltasse à escritura,
Haviam de castigá-lo,
De outra forma inda mais dura.

Ora, o que me espanta nisto
É que a gente que maltrata
Os pobres filhos de Cristo
São cristãos de pura nata.

Lá que impeçam tais diários,
Acho até bom, não somente
Nos dias incendiários,
Mas nos de vida corrente.

Nunca veio mal de um mudo,
E imprimir o que se pensa,
Tudo, tudo, ou quase tudo,
É desastre, não imprensa.

Assim, acho grão perigo
Que, em obséquio ao Ramalho
Ortigão, meu grande amigo,
Honra do engenho e trabalho,

Desse a *Gazeta*, uma festa,

De autores e jornalistas,
Cerrada e longa floresta
De opiniões e de vistas.

Conservadores sentados,
Em frente a republicanos,
E liberais afamados
Ao lado de ultramontanos.

Gente ruim, gente feia,
Merecia nessa noite,
Não festa, porém, cadeia,
Não Borgonha, mas açoite.

País de tal liberdade
E tolerância tamanha,
Vai com toda a alacridade
Ao lodo, ao delírio, à sanha.

Olhemos para a Bulgária;
Arruma, cristão amigo,
Simples pancada ordinária,
Cem açoites por artigo.

N.º 34
2 DE NOVEMBRO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Que fará, estando junto
Sócrates a um hotentote?
Falo de varão defunto,
Pode sair livre o mote...

E, antes de mais nada, digo
Que essa junção de pessoas
Vi hoje mesmo em artigo
Repleto de cousas boas.

O artigo é de sociedade
Espírita e brasileira;
Trata só da humanidade,

É divisa sua e inteira.

Que eu já sou meio espírita,
Não há negá-lo. Costumo
Pôr na cabeça uma fita,
Em vez do chapéu a prumo.

Chamo à vida uma grã bota
Calçada pelo diabo;
Quando escrevo alguma nota,
Principio e não acabo.

Dou o João, velho amigo,
Nascido em cinqüenta e sete;
E ele, quando isto lhe digo,
Todo se alegra e derrete.

E proclamam em recompensa,
Que sou de cinqüenta e cinco;
Rimo-nos em boa avença,
Do meu brinco e do seu brinco.

Aqui há poucas semanas,
Puxei fieira na rua,
E comi sete bananas
Com pimenta e linha crua.

José Telha, que no sótão
Sustenta os seus macaquinhos,
Crê que alguns deles se botam
Para a casa dos vizinhos.

Mas eu respondo-lhe a cada
Palavra com heroísmo,
Que o que parece *pancada*,
É simples espiritismo.

E, voltando à vaca fria,
Sócrates era um sujeito
De grande filosofia,
Alta mente, heróico peito.

O hotentote, — conquanto
Lembre uma Vênus famosa

Pelo volumoso encanto,
Mas tão pouco volumosa,

Comparada àquela raça,
Tão pouco, como seria
Uma uva a uma taça,
A laranja à melancia;

O hotentote, em bestunto,
É pouco mais que um cavalo,
Dê-se-lhe um simples assunto,
Mal poderá penetrá-lo.

Mas, sendo um e outro feitos
Pela mesma mão divina,
Força é que sejam perfeitos,
Di-lo a grande Espiritina.

Daí a necessidade
De andar a gente em charola,
Não de cidade em cidade,
Mas de uma bola a outra bola.

Morre aqui algum peralta,
Que furtou grandes dinheiros,
Ressurge em bola mais alta,
Entre os simples caloteiros.

Vai a outra, e paga em dia
Todas as dívidas suas;
Vai a outra, e principia
A dar esmolas nas ruas.

Vai a outra, e já suprime
As ruas; chega à perfeita
Máxima pura e sublime
De só saber a direita.

Sobe finalmente à esfera
Onde uma sociedade
De arcanjos lindos o espera,
E o conduz à eternidade.

Ali Sócrates jocundo

Receberá o hotentote,
E falarão deste mundo,
E glosarão este mote:

— Para que há de haver juízes
Em Berlim, ou em outra parte?
Têm aqui iguais narizes
O inocente e Malazarte.

N.º 35
8 DE NOVEMBRO DE 1877.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Vem cá, Gemma Cuniberti,
Dize-me aqui a esta gente
Quanto se deve ao Lamberti,
Exata, precisamente.

Que não és vereadora,
Escrivã, nem magistrada,
Bem o sei, minha senhora,
A mim não me escapa nada.

Nem é preciso que digas
Cousa alguma, não sabendo
As somas novas e antigas
Deste negócio estupendo.

Basta que me tenhas dado
Rima para o italiano.
Agora que está rimado,
Volta à paz de todo o ano.

Pois saber exato, exato,
Quanto é que lhe deve a gente,
Não é só trabalho ingrato,
É pôr um homem demente.

Uns dizem que cento e trinta
Contos — outros, mil e tantos;
Que isto se afirme ou desminta

Enche o coração de espantos.

Esperta logo o desejo
De não dar mais que um cruzado,
Ou perder de todo o pejo
E ir a um milhão quadrado.

Que, assim como nós quadramos
As léguas, quadrar podemos
O dinheiro que pagamos,
Jamais o que recebemos.

Explico-me: a vereança
Paga tarde e paga em dobro,
Porque o credor, quando cansa,
Não põe aos ímpetos cobro.

Mas para que o miserável
Contribuinte não gema,
Faz-se-lhe grata e afável;
Não é assim, minha Gemma?

Não põe aumento na taxa,
Mormente se é baratinha;
A taxa quanto mais baixa
Parece mais bonitinha.

Desta maneira a fazenda
Municipal, acusada,
Não de torva, nem de horrenda,
Mas só de desbarrigada,

Perde inteiramente o resto
Da pele que traz nos ossos;
Fica-lhe o corpo mais lesto,
Já sem casca, só caroços.

Então é que é ver o ufano
E gracioso esqueleto
(Falemos italiano)
Dançar o seu minuetto.

Dançar não paga comida,
Nem vestido, nem calçado,

Mas alegre um tanto a vida,
E o gozo é tão pouco usado!

O pior é se, na faina
Do ofício, os vereadores
Arranjarem uma andaina
De caixas e borradores.

Pois não há maior desgraça,
Nem pior melancolia,
Do que ter ostras na praça
E a escrituração em dia.

Ao menos, tudo confuso
Faz crer que inda poderemos
Guardar um traste em bom uso...
E então, evoé! bailemos!

N.º 36
15 DE NOVEMBRO DE 1887.

*Voilà, ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Ora, mal sabe a pessoa
Que lê estas linhas toscas,
Compostas assim à toa,
Entregues ao prelo e às moscas,

Mal sabe o susto que tive
Nas eleições da semana:
Vi Cartago, vi Ninive,
Vi além da Taprobana:

Por isso darei ao verso
Certo tom grave e pausado,
Diverso, muito diverso
Do meu tom acostumado,

E, se não, amigo, veja:
Batendo a hora do voto,
Vesti-me e fui para a igreja
Como um eleitor devoto.

Tinha comigo o diploma,
E a lista dos meus eleitos,
Fechada com boa goma,
Juntinha, agarrada aos peitos.

Começou pela chamada ...
Sei que sabe que ainda estamos
Nesta usança desusada
De só votar quem chamamos.

Dizia o mesário: — Antônio
Vaz de Souza, e repetia,
Depois: — Arlindo Theotônio
De Vasconcellos Faria.

E Arlindo, que era presente,
Levava o diploma aberto
Aos olhos do presidente,
Votava, e rápido, e certo,

Escrevia o nome: — Arlindo
Theotônio de Vasconcellos
Faria. — Trabalho findo,
Ia ao bife e ao Carcavelhos.

Mas o curioso, o incrível,
O trágico, o inopinado,
O que parece impossível
E entanto foi praticado,

É que entre os nomes dos vivos
Tinha nomes de defuntos,
De tantos que ora, entre os divos,
Gozam o descanso juntos.

E não defuntos de agora,
Mas de alguns anos passados,
Alguns que a pátria inda chora,
Outros pouco ou mal chorados.

Essa chamada de mortos
Trouxe-me um sono profundo,
Fui sentindo os olhos tortos,

E o mundo ao pé do outro mundo.

Primeiro vi Duque-Estrada
Teixeira — chegar sombrio
Para acudir à chamada
Feita no seu pátrio Rio.

Vi depois o Azevedo
Peçanha, vi a figura
Do Buarque de Macedo,
Labor, honradez, cordura.

Vi outros muitos, vi tudo,
E, continuando o mistério,
Vi, com gesto carrancudo,
A história e o seu cemitério.

Numerar os esqueletos
Que entrar vi na sacristia,
Já bolorentos ou pretos,
É obra que excede a um dia.

Vi César e mais as suas
Válidas tropas, vi Galba,
Maomé e as meias luas
E os três Curiácios de Alba.

Nino vi, Giges, e aquela
Semíramis, graça e fama,
Cleópatra, e a donzela
D'Orleans, Vasco da Gama,

Pedro o Grande, Henrique Oitavo,
Amílcar, os comerciantes
Cartagineses, Gandavo,
Napoleão e Cervantes.

E vinham todos trazendo
Uma cédula entre os ossos
Ao mesário, que ia lendo,
Os nomes desses destroços.

Sonho foi... Quando desperto,
Não achei mais que o sacrista,

A mesa vazia perto,
Nem mais eleitor nem lista,

Tonto do meu pesadelo,
Contei-o ao sacrista, e o moço
Facilitou-me entendê-lo,
Ambos à mesa do almoço:

— “Nada lhe aconteceria
Se a lista dos eleitores
Pudesse ter algum dia
Revisão e revisores.

“Se fosse oportunamente
Cada morto eliminado,
Nenhum seria presente
E muito menos chamado.

“Mas, como a preguiça é grande
E os trabalhos são massudos...
E não há quem nisto mande...
E os tempos andam bicudos...

N.º 37
22 DE NOVEMBRO DE 1887

*Voilà, ce que l'on dit de moi
Dans la “Gazette de Hollande”.*

Pessoas há... Por exemplo,
Que vale um desfalque triste
Cuja notícia contemplo?
Acho que já nem existe.

Pois, entrados os cobritos,
Desmancha-se a *diferença*,
E o que eram terríveis gritos
Chega a pura *indiferença*.

Pessoas há que detestam
Rimas daquele feitio;
São cadeias que molestam
A inspiração, mais o brio.

Eu cá sendo, necessário
Ir andando, vou andando;
Rimo *Corsário* e corsário,
E bando com contrabando,

Sem saber se o leitor gosta,
Ou não dessa rima rica.
Se eu quero a obra composta,
Menos que fazer me fica.

Se não sair boa a quadra,
Que saia, ao menos, completa;
Lá, se lhe quadra ou não quadra,
É queixar-se do poeta;

Não do triste gazeteiro,
Que rói o tempo e trabalha
Sem encontrar no tinteiro
Qualquer assunto que calha.

Ninguém me dirá que as notas
Falsas e germanizadas
Valem nunca um par de botas,
Novas ou acalcanhadas.

Pois que já tratara delas
O cronista do costume,
E ora são como painéis
A que não resta chorume.

Nem elas, nem os debates
Do Jockey-Club, e os palpites,
Nem os terríveis combates
De agudas encefalites.

De encefalites agudas,
Das quais não escrevo nada;
As rimas devem ser mudas,
Quando a matéria é pancada.

E brigar por dois cavalos,
Gastar suor, sangue e murros,
Defendê-los, levantá-los,

Para um amador de burros,

É completa maluquice.

Eu amo os burros, capazes,
Sem ardor nem casquilhice,
Maduros desde rapazes.

Barulhos entre campistas?
Cadeira de Torres Homem?
São matérias de altas vistas,
Que aos fracos olhos se somem.

Sobretudo, em medicina,
Basta-me um só documento,
Cousa séria, não mofina,
Obra séria e de momento,

A autópsia de um tal Garrido,
Que foi achado enforcado,
Sem ficar bem definido
Se era ou não um suicidado.

Se sim ou se não — responde
O auto que é impossível
Achar por onde se sonde
Esse problema terrível.

Mas, continuando a pena
Naquele labor ingrato,
De toda a descrita cena
Conclui que houve assassinato.

É por isso que os problemas
Nunca me meteram susto;
São simples estratégias
Que a gente desfaz sem custo.

Assim desfizesse o dano
E a funda melancolia
De não ser pernambucano!
Teria visto, de dia,

Vênus, o astro, no Recife,
Onde apareceu agora...

Ah! tu rimas com patife,
Tu, Recife de má hora!

Lembra a notícia que Enéias,
Indo da troiana parte,
Viu assim a flor de idéias,
E assim a viu Bonaparte.

Foi o que li e acredito;
Que eu creio em tudo o que leio,
E como sigo um só rito
Só leio aquilo em que creio.

Faça o leitor outro tanto;
Se não crê nesta *Gazeta*
De Holanda, ponha-a num canto;
E rimará com *Gazeta*.

N.º 38
29 DE NOVEMBRO DE 1887.

Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".

Nascimento cura, cura,
Curandeiro Nascimento;
Curandeiro fura, fura,
Fura-vida e fura-vento;

Pois que tens a liberdade
De curar tantas mazelas
Que devastam a cidade,
Curar e viver por elas;

Tudo isso com quatro passes
De evocação de defuntos,
Que, sem que mostrem as faces,
Todos ali falam juntos;

Espíritos diferentes;
Um cura barriga da água,
Outro arranca um ou dois dentes,
Sem deixar sangue nem mágoa:

E mais que tudo, são grandes
Em ler, como as adivinhas,
Para o que, basta que mandes,
Com tais e tais palavrinhas;

Nascimento (apre! que custa
Desfiar um pensamento
Verso abaixo! Custa e assusta).
Dize-me cá, Nascimento,

Dize o que virá de Minas,
Se queijo, tabaco, ou lombo,
Se cousas mais superfinas,
Quem dá pulo e quem dá tombo.

Antes que tudo nos venha,
Veio muita porcaria,
Muita rixa e muita lenha,
Pulso de gente bravia.

Palavreada sem estilo...
Ao menos, se os escritores
Nos fizessem ler aquilo
Com alguns poucos labores,

Dariam à pobre gente
Que vive de outros negócios
Um recreio de patente
Para entreter os seus ócios.

Então, padecesse o Veiga,
Calmon, Santa Helena e o resto,
Para uma pessoa leiga
Era um gosto puro e honesto.

Lia em boa e sã linguagem
Que o vizinho era um modelo
De ignorância e parolagem,
Um papagaio e um camelo.

E, vice-versa, diria
O vizinho assim tratado,
Que a maior patifaria

Tinha no outro o grão-mestrado.

Eram certamente afrontas,
Mas rendilhadas, cobertas
De corais e finas contas,
Menos que afrontas, ofertas.

Ah! mas justamente é isso
O que faria à polêmica
Perder o melhor feitiço,
E pô-la inválida e anêmica.

E por que tanto barulho?
Para ter lugar marcado
Na casa, que é nosso orgulho,
E a que chamamos senado.

Que vale a pena, isso vale!
Ponham-me ali já eleito
Pela serra ou pelo vale,
E verão se não aceito.

Aceito, fico e sustento,
Com alma, com heroísmo,
Esse forte monumento,
Flor do parlamentarismo.

Uma só condição, uma,
Para pleitear aquilo
Descompostura nenhuma,
Ou nenhuma, ou com estilo.

N.º 39
6 DE DEZEMBRO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Peguei da mais rica pena,
Molhei-a na melhor tinta,
E fiz uma cantilena:
"Tinta que repinta e pinta".

Que haja nisso algum sentido,
Livre-me Deus de escrevê-lo;
Sentido, bem entendido,
No sentido de entendê-lo.

Mas que há nessa linha escura
Uma íntima harmonia
Com tudo o mais que se apura
De tantos casos do dia,

Isso é que não há negá-lo,
Exceto se uma pessoa
Quiser fazer de cavalo,
Assim, sem mais nada, à toa.

Pois não andou toda a gente
Com a imaginação acesa,
Em busca do presidente
Da República Francesa?

Havia apostas. Um era
Ferry, outro — homem de espada,
Outro Freycinet quisera,
Outro — Floquet, outro — nada.

E de tanta gente oposta
Sai um que a ninguém havia
Feito cuidar em aposta,
Se seria ou não seria...

Já sei... Não me explique, amigo;
Não seja de uns desfrutáveis
Que juram sempre consigo
Explicar os explicáveis.

Por exemplo, não me explique
O Ney, nem a delicada
Ação que faz com que fique
Toda a idade pasmada.

Essa jóia, esses quinhentos
Mil réis dados de pronto,
Como quem espalha aos ventos
Palavras leves de um conto,

Ação foi de grande siso;
Ter-se entre duas pilhérias
Ney, o marechal do riso,
Consolador de misérias.

E muitos pasmados ficam,
Por não crer que alguém possua
Cobres que se multiplicam
E os lance estéreis à rua.

Depois disto vem aquilo
Que a nenhum de nós consola,
Nem deixa a ninguém tranqüilo,
Nem traz figura de esmola.

Refiro-me às ameaças
Da Amazônia, que deseja,
Resguardar as suas graças
Do nosso amor, salvo seja.

Tudo porque há um sujeito,
Cardoso, ou cousa que o valha,
Que, não sei por que respeito,
Na tarefa em que trabalha,

Brigou com outra pessoa,
E os dois, que podiam juntos
Fazer muito cousa boa,
Em variados assuntos,

Agora não fazem nada;
Pregam-me até esta peça
De pôr a quadra acabada
Pendente da que começa.

Depois, daquilo, aquil'outro,
Expressão que ficaria,
Não rimando (e mal) com potro,
Sozinha, sem companhia.

Aquil'outro é a abundância
De roubos eclesiásticos,

Feitos com a petulância
Dos grandes dedos elásticos.

Sacrílegas limpaduras
Da casa de Deus — dos ouros,
Das pratas sacras e puras...
Naturalmente, só mouros.

Mouros — sejam da Mourama,
Ou mouros da Cristandade,
Que os há de uma e de outra rama
Por toda essa humanidade.

Não foram seguramente
Os capoeiras da rua
Que matam e francamente
Pela forte gente sua.

Adeus, versos duros, frouxos,
Sem inspiração nem graça,
Obra destes dias coxos,
Furtados e sem chalaça.

Por isso peguei da pena,
Por isso a molhei na tinta,
E fiz esta cantilena:
“Tinta que repinta e pinta!”

N.º 40
14 DE DEZEMBRO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la “Gazette de Hollande”.*

Por Júpiter! Cobre o rosto.
Risonha Hélade amiga,
Cobre-o de pejo e desgosto;
Chora a tua graça antiga.

Lembras-te daqueles tempos,
— Da galante mocidade,
Em que eram teus passatempos
Grave e fina agilidade?

Em que as tuas formas belas
Mostravam-se aos olhos puros,
Tempos quase sem mazelas,
Quase sem dias escuros?

Então floresciam jogos
De toda casta e destino,
E coros cheios de rogos
Ao céu e ao povo divino.

Já não falo dos famosos
Jogos de corridas — quando
Voavam carros briosos
Pelo solo venerando.

Falo (e serve ao que ora trato)
Falo daquelas usanças
Em que vinha o pugilato
Entre cantigas e danças.

Seguramente que havia
Pancada — porém pancada
De valor e bizzarria
Por uma cousa sagrada.

Eram modos e maneiras
De lutar de língua e punho,
Traziam tantas canseiras,
Grécia, o teu amável cunho.

E agora, ai, chora pitanga!
Pitanga é fruta moderna,
Mas a qualquer mágoa ou zanga
Qualquer fruta é fruta eterna.

Contudo, se não te agrada,
Chora aquele mel do Himeto,
Que inda agora a abelha amada
Verte ao comum e ao seleteo.

Chora o que for, chora, chora...
Vês este grego, chamado
Manuel Rottas, que aqui mora?

Foi há pouco encarcerado.

Que pensas tu que fazia
Este filho tão malandro,
Em cujas veias podia
Correr sangue de Lisandro?

Ouve... fecha os olhos... Cobre
O belo rosto, faceira;
Não há cautela que sobre...
Rotas era capoeira.

Sim, capoeira, repito.
E cometia na praça
Das Marinhas o delito
De dar aos colegas caça.

Chamavam-lhe por gracejo
O *grego das ostras*, nome
Que em si mesmo não dá pejo,
Antes creio que dá fome.

Grego e capoeira! Ó manes
Dos seus avós acabados!
Ó recordações inanes
De outros tempos e outros lados!

Bem conheço que, assim como
Cada roca tem seu fuso,
Cada macieira seu pomo,
Tem cada terra seu uso.

Nem é o uso que me espanta
Espanta-me esse contraste
Da terra e da sua planta,
Da habitação e do traste.

Bem sei que a Grécia recente
É outra da Grécia antiga,
Mas no coração da gente
És a mesma, Hélade amiga.

E por mais que a razão pura
Mostres que ora estás mudada,

Espanta-me esta figura:
Rasteira, grego e facada.

N.º 41
20 DE DEZEMBRO DE 1887.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Nos quoque gens sumus, digo
Sem nenhum acanhamento;
Se é moda, eu a moda sigo;
Se é vento, acompanho o vento.

Não somente ao literato
Cabe descobrir mistérios;
Eu sou curioso nato,
Tão sério como os mais sérios.

*Et quoque cavalgare
Sabemus, como ia expondo;
Lá se acaso errar, errare
Humanum est, respondo.*

Eu, — não é porque me gabe,
Mas acho que o elogio
De um tio muito mais cabe
Na boca do próprio tio.

Esperar que outras pessoas
Descubram seus pensamentos
E cantem honrosas loas
Aos nossos merecimentos,

Palavra que me parece
Negócio muito arriscado;
Este cala, aquele esquece,
Nada fica publicado.

Vamos ao caso. Há dois dias
Recebi este bilhete
Do meu amigo Mathias,
Residente no Catete:

“Pois que já fomos colegas,
Manda-me a razão bastante
Por que se diz: “cá o degas”.
Não corri à minha estante,

Corri à pena e ao tinteiro,
Porque trazia comigo
O histórico verdadeiro
Do que me pede este amigo.

E aqui lhe conto, — deixando
Que riam maus e praguentos:
Ouço o riso e vou andando
Cá com os meus bolorentos.

Ora bem, ninguém ignora,
(Menos que ninguém, Mathias)
Que houve um grande Egas outrora,
Varão de alias bizarras.

Afonso, meio enteadado,
De um tal Peres, se encastela
Em Guimarães já cercado
Pelas forças de Castela;

Vai então Egas, pensando
Em livrar o rei, caminha
Para o castelhano infando
E segreda-lhe ao que vinha.

Vinha prometer que o moço
Afonso obedeceria,
Sem mais sangue nem destroço.
Castela creu no que ouvia

Mas logo que os castelhanos
Daquele sítio abalaram,
Afonso e os seus lusitanos
Entregar-se recusaram.

Que faz o grão Egas? Vendo
Que faltara ao prometido,
Faz sacrifício horrendo,

Ele, pai, ele, marido.

Vai com a família, e dá-se
Ao inimigo. Ação única!
Outra não há que a ultrapasse,
Ou esta fé, ou fé púnica.

Tempos vindos, tempos idos,
Entrou no povo esta fala,
Quando alguém os ofendidos
Brios punha em grande gala:

*“Cá o Dom Egas não há de
Deixar de cumprir a jura”.*
Depois a celeridade
Do tempo, que tudo apura,

Foi diminuindo o adágio,
Perdeu-se o *jura* primeiro
E foi crescendo o naufrágio
Do primeiro ao derradeiro.

Já no século passado
Ia em tais e tantas penas
Que ficou — do que era usado,
Cá o Dom Egas” — apenas.

Mas o Dom tanto se escreve
Na forma acima apontada,
Como por outra mais breve,
Um D, um ponto e mais nada.

Daí resultou que o povo,
Lendo, como lê, às cegas,
Faz um dito inda mais novo
E ficou só: — “Cá o degas”.

N.º 42
28 DE DEZEMBRO DE 1877.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la “Gazette de Hollande”.*

Eu cá, quando toda a gente
Chora ou treme de assustada,
Tenho um desejo veemente
De dar uma gargalhada.

E a razão, — se há razão nisto,
Não é senão porque é útil
Fazer deste mundo um misto
De terrífico e de fútil.

Outrora o teatro dava,
Ao riso afrouxando a rédea,
Depois de uma peça brava,
Uma farsa, uma comédia.

Acabado o *Aristodemo*,
Vinha uma ária do Martinho;
Ao fel que chorava o demo,
Ao fel que sucedia o vinho.

Eu não, eu misturo tudo,
De modo que cada grito,
Angustioso ou sanhudo,
Não nos traga um faniquito.

Ou então uso o contrário;
Quando é geral alegria
Solto o verbo funerário
E misturo a noite e o dia.

Para não irmos mais longe,
Ninguém dirá que passamos
Uma existência de monge,
Que rezamos, que choramos.

Antes vejo anunciados
Bailes de vários feitios,
Teatros abarrotados
De cristãos e de gentios.

Malgrado o sol e a poeira,
Corridas de bons cavalos;
Toda uma cidade inteira
Brincando sem intervalos.

Pois é justamente agora
Que eu, por integrar a vida,
Deito a vista para fora,
Desordenada, insofrida.

E, ao ver do lado do norte
Aquele pobre diabo
Que encontrou comprida morte
Onde torce a porca o rabo;

Que foi com rara presteza,
Agarrado, arrebatado,
E com toda a ira acesa,
Crucificado e esfolado;

Vingando a sorte, vingando
Aquele porca mesquinha
Que, em suas roças entrando,
Foi morta e não foi rainha;

E, ao lado do sul, a dama
Que à preta engolir fazia,
Não garoupa sem escama,
Nem doce, nem malvasia;

Mas comidas singulares,
Não feitas por encomenda,
E a beber com tais manjares
Vinho de outra pipa horrenda;

E se a boca recusava
O petisco enjoativo,
Tição aceso lhe dava
Novo e forte aperitivo;

Sem contar a bordoadada,
Que as rijas carnes alanha,
E era a música obrigada
Daquela ceziata estranha;

Às pressas trago estas duras
Histórias com que tempero
As folias e aventuras,

E ato ao jovial o fero,

Para que, quando tomarmos
No Pascoal alguma cousa,
Ou algum colar mirarmos
Na loja do V. de Souza.

Digamos: — P'ra lá, menina,
Menina in-oitavo, in-fólio,
Dá cá tua mão divina
Ao teu amador Malvólio.

N.º 43

3 DE JANEIRO DE 1888.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Deus lhes dê muitos bons dias,
Deus lhes dê muitos bons anos,
Lençóis para as noites frias,
Para as de calor, abanos.

Se é certo que os novos planos
Melhoram as loterias,
Convém evitar enganos,
Devaneios e utopias.

Exemplo: as áreas vazias
Estão dos tais soberanos
Com que se pagam folias,
Prazeres e desenganos.

Logo os ímpetos insanos
De curar academias
Com os tais calomelanos
Das modernas francesias,

São custosas fantasias
Para a arte e seus arcanos;
Mil vezes as ferrovias
E os carros americanos.

Façamos com que dois manos,
Saindo às ave-marias
De Ubá ou Curitibanos,
Vão almoçar a Caxias.

Mas gastar novas quantias,
Para ter alguns maganos
Que pintem quatro Marias
E as bodas de dois ciganos;

Ou meia dúzia de ulanos
Entre bélicas porfias,
Ou revoltas de oceanos...
Sou seu criado Mathias!

Lá para ver agonias
De um mártir, de dois tiranos,
Conheço melhores vias:
É ler casos mexicanos.

Se os Zeferinos ufanos
Podem ser seguros guias
Digam lá os paduanos;
Não sou dessas freguesias.

São talvez cerrancerias,
Chamam-me a flor dos marcianos,
Cá vou pelas simpatias
Cá dos meus paroquianos.

Neste tempo de pianos,
Lembra-me ainda as poesias
Em que falavam Albanos
Com as pastoras Armias.

Então quando as minhas tias,
Casadas com dois baianos,
Tinham as peles macias,
Inda sem rugas nem panos;

E nos meses marianos,
Cantavam as melodias,
Que os nossos peitos humanos
Enchem de melancolias;

Enquanto duras harpias
Com a guerra dos Cabanos,
Tiravam sangue às bacias,
Além de outros muitos danos;

E as velhas tinham bichanos,
Que eram as suas manias,
E os primos Salustianos
Iam às alcomanias;

Então as mesmas teorias
Tinha a arte e seus fulanos:
Tudo o que agora copias
Copiaram veteranos.

E os fulanos e sicranos,
Batizados noutras pias,
Podiam ser Ticianos,
Sem novas filosofias.

Concluo que as velharias,
Como os tabacos havanos,
Podem trazer alegrias
A nós, como aos turcomanos.

Que mais? Bahias? Tucanos?
São rimas de melodias...
Deus lhes dê muito bons anos,
Deus lhes dê muito bons dias.

N.º 44
18 DE JANEIRO DE 1888.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Para quem gosta de sangue...
Peço à leitora querida
Não desmaie nem se zangue;
Não venho arrancar-lhe a vida.

A gente pode, em conversa,

Dizer alguns nomes duros,
Não por índole perversa,
Nem maus costumes impuros.

Se achar algum dito horrendo,
Não desmaie nem se zangue...
Porém, como ia dizendo,
Para quem gosta de sangue,

Houve-o em Moura, S. Fidélis,
Grajaú, Piracicaba;
Esfriam muitas peles
Na própria grave Uberaba.

Ali, fogueira queimando,
Muito antes de Santo Antônio,
Cará de gosto execrando
Para a boca do demônio.

Mais longe, uma catequese;
Mais perto, uns tiros trocados...
Quem souber rezar que reze
Por alma de tais finados.

Eu, de todas essas cenas
Que acaso coincidiram,
E que outras melhores penas,
Em prosa, já referiram,

Confesso que a de Uberaba
Vale mais que outra nenhuma;
Tem luz que se não acaba,
Ensina e conforta, em suma.

Note-se que lá não houve
Sangue propriamente dito,
Omissão que é bom se louve
Em vista de outro conflito.

E por quê? Porque um Sampaio
Que, pelo nome não perca,
Para copiar o raio,
Que voa, mas não alterca,

Logo que viu a gente armada
Vociferando nas ruas,
Disposta, pronta, assentando
A ir a cenas mais cruas,

Bradar que ou lhe tiraria,
Sem compaixão a existência,
Ou ele a favorecia
Nada mais que com a ausência,

Ele, coronel e cabo
De partido, achou cabido
Não afrontar o diabo
Na gente do outro partido.

Saiu; logo a gente amiga
Para trazê-lo de novo,
Cuidou de uma vasta liga
E andou ajuntando povo.

De modo que, se lá volta,
Havia provavelmente
Nova e sangrenta revolta,
Em que morreria gente.

Poupou-se uma cena crua;
Sampaio ficou de fora.
Tem casa ali, casa sua;
Morava; já lá não mora.

Porém onde a luz do caso?
Que há aí que conforto e ensine?
Escute, ou vai tudo raso,
Depois de escutar, opine.

A luz é que tem Sampaio,
Com a maior segurança,
Nas mãos um futuro ensaio
De desforra e de vingança.

Ponha-se de lá à espreita
De ocasião valiosa,
E vá com a sua seita
Contra o Borges, contra a Rosa,

Contra o Marques e os capangas
Ponha-os fora da cidade,
E entre vivas e charangas
Fique em paz e em liberdade.

Virá dia em que eles troquem
As bolas contra Sampaio,
E a toque de caixa o toquem
Nas asas de novo raio.

Fuja então; de novo espreite,
E a murro e a tiro os disperse,
Tranqüilamente se deite
E alegremente converse.

E assim, aumentando a soma
Das proscricções alternadas,
Uberaba será Roma,
Ambas imortalizadas.

Ora Mário, agora Sila,
Um de dentro, outro de fora,
Ante-fila ou serra-fila,
Ora Sila, Mário agora.

E não haverá na vida,
Na vida em que tudo acaba,
Cousa mais apetecida
Que ir viver para Uberaba.

N.º 45
4 DE FEVEREIRO DE 1888.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Não, senhor, por mais que possa
Achar censura, confesso
Que não tenho medo à troça,
Referindo este sucesso.

Há muito que me pejava

Da botoeira que tenho,
Cava, inteiramente cava;
Sem qualquer sinal de engenho.

De serviço ou caridade,
Cousa que haja merecido
A particularidade
De me fazer distinguido.

Não é que imitar quisesse
O José Telha, que corre
Por fita que não merece,
E se lh'a não derem, morre.

Não quis hábito da Rosa,
Cristo nem Pedro Primeiro,
Avis ou mesmo a famosa
Fita do grave Cruzeiro.

São moedas da coroa,
E eu, democrata, não devo
Expor a minha pessoa
A ser contrária ao que escrevo.

Mas então, de que maneira
Preencheria o vazio
Desta minha botoeira
Sem diminuir o brio?

O que desde logo acode
É por uma flor bonita,
Ou Rosa ou cravo, que pode
Suprir muito bem a fita.

Porém, dêis que a alma nossa
Tem casaca e bem talhada,
Preciso é fita que possa
Encher-lhe a casa sem nada.

Mas que fita? em que armarinho
Recente podia havê-la?
Encontrei logo o caminho:
Corri a Venezuela.

Venezuela tem uma
Ordem muito bem disposta,
Com que premiar costuma,
Costuma, procura e gosta.

Tem grã-cruzes, tem comenda,
Tem dignitárias e o resto.
Há para todas as prendas
Um sinal brilhante e honesto.

Ordem é mui bem fundada
Sobre a liberdade amiga,
Grave como a Anunciada,
Como o Banho, como a Liga.

Simão Bolívar se chama,
Grande nome e livre nome;
Coroou-o eterna fama
Do louro que se não some.

A venera é justamente
Como são outras veneras,
Usa-se ao colo pendente,
Ao peito, em forma de esferas.

A fita é de chamalote,
Como são as outras fitas,
Não é certo que desbote
E tem as cores bonitas.

Quanto ao efeito no rosto
Da multidão é perfeito;
Dá o mesmo grande gosto
E o mesmíssimo despeito.

Corri a Venezuela,
Venezuela escutou-me,
Pude logo convencê-la,
Ouviu-me, condecorou-me.

Não é só a monarquia
Que tem plantas reverendas;
Vento da democracia
Também faz brotar comendas.

N.º 46
10 DE FEVEREIRO DE 1888.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Eu, acionista do Banco
Do Brasil, que nunca saio,
Que nunca daqui me arranco,
Inda que me caia um raio,

Para saber como passa
O Banco em sua saúde,
Se alguma cousa o ameaça,
Se ganha ou perde em virtude.

Li (confesso) alegremente,
Li com estas minhas vistas,
O anúncio do presidente
Convocando os acionistas.

Para quê? Para o debate
Do reformado estatuto,
Obra em que há de haver combate,
Que traz gozo, que traz luto.

Pois nesse anúncio, à maneira
De censura, escreve o homem
Que é já esta a vez terceira
Que chama e que eles se somem.

Minto: sumiram-se duas.
Não tem culpa o anunciante,
Se há necessidades cruas
Do metro e de consoante.

Pela vez terceira os chama,
E agora é definitivo,
Muitos que fiquem na cama,
Um só punhado é preciso.

Mas eu pergunto, e comigo

Perguntam muitos colegas,
Que, indo pelo vezo antigo,
Não vão certamente às cegas;

— O acionista de um banco,
Só por ser triste acionista,
É algum escravo branco?
Não tem foro que lhe assista?

Não pode comer quieto
O seu costumado almoço,
Debaixo do próprio teto,
Velho já, maduro ou moço?

Barriga cheia, não pode
Dormitar o seu bocado,
Para que o não incomode
O que tiver almoçado?

Pois então a liberdade
Que tem toda a outra gente
Cidadã, meu Deus, não há de
Tê-la esta pobre inocente?

É certo que os diretores
Do Banco são reduzidos
A quatro, e que outros senhores
Vão a menos: suprimidos.

Em tal caso, é razão boa
Para que, firmes, valentes,
Compareçam em pessoas
Diretores e gerentes.

Res vestra agitur. Justo.
Mas que temos nós com isto?
Para que me metam susto
Só outra cousa, está visto.

Sim, o que algum susto mete,
Transtorna, escurece, arrasa,
Não é que eles sejam sete
Ou quatro os chefes da casa.

Sejam sete ou quatro, ou nove,
Disponham disto ou daquilo,
É cousa que me não move,
Posso digerir tranqüilo.

Porquanto, digo, em havendo
Nas unhas dos pagadores
Um bonito dividendo,
Que nos importam divisores.

Tenham estes cara longa,
Cabelo amarelo ou preto,
Nasceram em Covadonga,
Em Tânger, em Orvieto;

Usem de barbas postiças,
Ou naturais, ou nenhuma;
Creiam em sermões, em missas,
Ou na sibila de Cumas;

Para mim é tudo mestre,
Contanto que haja, certinho,
No fim de cada semestre
O meu dividendozinho.

N.º 47
16 DE FEVEREIRO DE 1888.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Talvez o leitor não visse,
Entre editais publicados,
Uma boa gulodice?
Abra esses beijos amados.

Vamos, não tenha vergonha,
Estenda agora a lingüinha,
Para que esta mão lhe ponha
Sobre ela esta cocadinha.

Disse nesse documento
A câmara que é vedado

Usar o divertimento
Entrudo, como é chamado.

Impôs as palavras duras
Do parágrafo e artigo
Do código de posturas,
Código já meio antigo.

A mim disse que a pessoa
Que outras pessoas molhasse,
Fosse a água má ou boa
Que das seringas jorrasse,

Incorreria na multa
De uns tantos mil-réis taxados,
E não ficaria inulta,
Se os não desse ali contados.

Porque iria nesse caso
Pagar suas tropelias
Na cadeia, por um prazo
De (no mínimo) dois dias.

E as laranjas, que se achassem
Na rua ou na estrada à venda,
Mandava que se quebrassem,
Como execrável fazenda.

Laranja, bem entendido,
Laranja, própria de entrudo,
Um globo de cera, enchido
Com água... às vezes, com tudo.

Ora, se o leitor compara
A exemplar compostura
Do povo (exemplar e rara)
Com o dizer da postura;

Se adverte que uma só pinga
De água não caiu na gente,
Que não houve uma seringa
Para acudir a um doente;

Que o belo colo das damas

Não viu o gesto brejeiro
De apagar-lhe internas chamas
Quebrando um limão de cheiro;

Conclui logo que a cidade
Obedece, antes de tudo,
A si (porque a edilidade
É ela) e deixou o entrudo.

Porém eu, que vi, em todos
Os anos, isto na imprensa,
Já desde o tempo dos godos
(João, com tua licença!);

E que, apesar de postura,
Vi seringas respeitáveis
De água cheirosa e água pura,
Terríveis e inopináveis;

Crioulas e molequinhos
Carregando em tabuleiros
Prontinhos e arrumadinhos
Infintos limões de cheiro;

Eu diversamente opino,
E digo que a lei se engana,
Se cuida ter no destino
Alguma ação soberana.

Recorda a mosca pousada
Na carroça, diz a fama,
Que, ao vê-la desatolada,
Cuidou tirá-la da lama.

Não, amiga lei. O entrudo
Desapareceu um dia
Entre calções de veludo,
Carnavalesca folia.

Reapareceu mais tarde;
Vingou por bastantes anos,
Com estrondo, com alarde,
Triunfos grandes e ufanos.

Chega a polícia de novo
E desterra o velho entrudo;
Troca de brinquedo o povo,
Fica somente veludo.

Mas quando houverem passado
O tempo e a polícia, a ponta
Da orelha do desterrado
Entre bisnagas aponta.

E porque *legem habemus*,
Seja branda ou seja dura,
Anualmente veremos
A mesma inútil postura.

N.º 48
24 DE FEVEREIRO DE 1888.

*Voilà ce que l'on dit de moi
Dans la "Gazette de Hollande".*

Juro-lhe, meu caro amigo
Leitor, pelo que há sagrado,
Que eu, que a triste regra sigo
De viver apoquentado;

Que suporte as sanguessugas
Humanas e desumanas,
Que não ganhei estas rugas
Em redes e tranquitanas;

Que aturo todo o importuno,
Que me refere a maneira
Por que o demo de um gatuno
Lhe foi levando a carteira;

Ou me conta tudo, tudo
(Mas tudo!) o que há padecido,
Para que, após longo estudo,
Ver que foi indeferido;

Que com ânimo quieto,
Leio, depois de almoçado,

Tudo o que sobre o arquiteto
Magalhães se há publicado;

Juro-lhe, leitor, repito,
Que cometer não quisera
O mais pequeno delito
Que este mundo haver pudera.

Furtar um par de galinhas,
Dizer algum nome feio,
Chegar mesmo às facadinhas,
Dar dois cachações e meio.

Não porque a moral condene
Tais atos; condena, é certo,
De um modo grave e solene,
Determinativo e aberto;

Nem também porque, somadas
As contas, mais ganha a gente
Passando as horas caladas
No belo sono inocente.

Não, senhor; outra é a causa,
É outra, uma certa lista,
Que é preciso ler com pausa,
Mente clara e clara vista.

Do rol dos processos digo
Que ao tribunal dos jurados
Foram, para seu castigo,
Inda agora apresentados.

Que traz esse rol? Descubro
Entre outros muitos nomes
Que em oitenta e seis, outubro,
Foi preso um Antônio Gomes.

Pronunciado em janeiro
De oitenta e sete, entra agora
No julgamento primeiro
Do que fez em tão má hora!

Mais três, um Afonso Rosa,

Um Coelho, uma tal Francisca
Xavier, trempe graciosa,
Ao parecer, pouco arisca.

Visto que foi agarrada
Logo em março, dezessete,
Em março pronunciada,
Em março de oitenta e sete!

Há também na lista um certo
Francisco Peres Soares,
Já em abril descoberto
E mandado a tomar ares;

O qual logo em maio teve
Pronúncia do seu delito;
Fez um ferimento leve,
Foi preso ao som de um apito.

Ora, com franqueza, vale,
Ser criminoso em tal era?
Uma peça de percale
Paga tão comprida espera?

Um tabefe, uma rasteira,
Mesmo uma canivetada,
Pagou de alguma maneira
A espera desesperada;

Portanto, e vistos os autos,
Dou de conselho prudência,
E digo aos homens incautos
Que inda o melhor é a inocência.

OCIDENTAIS

(1901)

ÍNDICE

O DESFECHO
CÍRCULO VICIOSO
UMA CRIATURA
A ARTUR DE OLIVEIRA, ENFERMO
MUNDO INTERIOR
O CORVO
PERGUNTAS SEM RESPOSTA
TO BE OR NOT TO BE
LINDÓIA
SUAVE MARI MAGNO
A MOSCA AZUL
ANTONIO JOSÉ
ESPINOSA
GONÇALVES CRESPO
ALENCAR
CAMÕES
JOSÉ DE ANCHIETA
SONETO DE NATAL
OS ANIMAIS ISCADOS DA PESTE
DANTE
A FELÍCIO DOS SANTOS
MARIA
A UMA SENHORA QUE ME PEDIU VERSOS
CLÓDIA
NO ALTO

O Desfecho

Prometeu sacudiu os braços manietados
E súplice pediu a eterna compaixão,
Ao ver o desfilar dos séculos que vão
Pausadamente, como um dobre de finados.

Mais dez, mais cem, mais mil e mais um bilião,
Uns cingidos de luz, outros ensangüentados...
Súbito, sacudindo as asas de tufão,
Fita-lhe a água em cima os olhos espantados.

Pela primeira vez a víscera do herói,
Que a imensa ave do céu perpetuamente rói,
Deixou de renascer às raivas que a consomem.

Uma invisível mão as cadeias dilui;
Frio, inerte, ao abismo um corpo morto rui;
Acabara o suplício e acabara o homem.

Círculo Vicioso

Bailando no ar, gemia inquieto vaga-lume:
— "Quem me dera que fosse aquela loura estrela,
Que arde no eterno azul, como uma eterna vela!"
Mas a estrela, fitando a lua, com ciúme:

— "Pudesse eu copiar o transparente lume,
Que, da grega coluna à gótica janela,
Contemplou, suspirosa, a fronte amada e bela!"
Mas a lua, fitando o sol, com azedume:

— "Mísera! tivesse eu aquela enorme, àquela
Claridade imortal, que toda a luz resume!"
Mas o sol, inclinando a rútila capela:

— "Pesa-me esta brilhante auréola de nume...
Enfara-me esta azul e desmedida umbela...
Por que não nasci eu um simples vaga-lume?"

Uma Criatura

Sei de uma criatura antiga e formidável,
Que a si mesma devora os membros e as entranhas
Com a sofreguidão da fome insaciável.

Habita juntamente os vales e as montanhas;
E no mar, que se rasga, à maneira de abismo,
Espreguiça-se toda em convulsões estranhas.

Traz impresso na fronte o obscuro despotismo;
Cada olhar que despede, acerbo e mavioso,
Parece uma expansão de amor e de egoísmo.

Friamente contempla o desespero e o gozo,
Gosta do colibri, como gosta do verme,
E cinge ao coração o belo e o monstruoso.

Para ela o chacal é, como a rola, inerme;
E caminha na terra imperturbável, como
Pelo vasto areal um vasto paquiderme.

Na árvore que rebenta o seu primeiro gomo
Vem a folha, que lento e lento se desdobra,
Depois a flor, depois o suspirado pomo.

Pois essa criatura está em toda a obra:
Cresta o seio da flor e corrompe-lhe o fruto;
E é nesse destruir que as suas forças dobra.

Ama de igual amor o poluto e o impoluto;
Começa e recomeça uma perpétua lida,
E sorrindo obedece ao divino estatuto.
Tu dirás que é a Morte; eu direi que é a Vida.

A Artur de Oliveira, Enfermo

Sabes tu de um poeta enorme
Que andar não usa
No chão, e cuja estranha musa,
Que nunca dorme,

Calça o pé, melindroso e leve,
Como uma pluma,
De folha e flor, de sol e neve,

Cristal e espuma;

E mergulha, como Leandro,
A forma rara
No Pó, no Sena, em Guanabara
E no Escamandro;

Ouve a Tupã e escuta a Momo,
Sem controvérsia,
E tanto ama o trabalho, como
Adora a inércia;

Ora do fuste, ora da ogiva,
Sair parece;
Ora o Deus do ocidente esquece
Pelo deus Siva;

Gosta do estrépito infinito,
Gosta das longas
Solidões em que se ouve o grito
Das arapongas;

E, se ama o lépido besouro,
Que zumbe, zumbe,
E a mariposa que sucumbe
Na flama de ouro,

Vaga-lumes e borboletas,
Da cor da chama,
Roxas, brancas, rajadas, pretas,
Não menos ama

Os hipopótamos tranqüilos,
E os elefantes,
E mais os búfalos nadantes
E os crocodilos,

Como as girafas e as panteras,
Onças, condores,
Toda a casta de bestas-feras
E voadores.

Se não sabes quem ele seja
Trepá de um salto,

Azul acima, onde mais alto
A águia negreja;

Onde morre o clamor iníquo
Dos violentos,
Onde não chega o riso oblíquo
Dos fraudulentos;

Então, olha de cima posto
Para o oceano,
Verás num longo rosto humano
Teu próprio rosto.

E hás de rir, não do riso antigo,
Potente e largo,
Riso de eterno moço amigo,
Mas de outro amargo,

Como o riso de um deus enfermo
Que se aborrece
Da divindade, e que apetece
Também um termo...

Mundo Interior

Ouço que a Natureza é uma lauda eterna
De pompa, de fulgor, de movimento e lida,
Uma escala de luz, uma escala de vida
De sol à ínfima luzerna.

Ouço que a natureza, — a natureza externa, —
Tem o olhar que namora, e o gesto que intimida
Feiticeira que ceva uma hidra de Lerna
Entre as flores da bela Armida.

E contudo, se fecho os olhos, e mergulho
Dentro em mim, vejo à luz de outro sol, outro abismo
Em que um mundo mais vasto, armado de outro orgulho,

Rola a vida imortal e o eterno cataclismo,
E, como o outro, guarda em seu âmbito enorme,
Um segredo que atrai, que desafia — e dorme.

O Corvo

(EDGAR POE)

Em certo dia, à hora, à hora
Da meia-noite que apavora,
Eu, caindo de sono e exausto de fadiga,
Ao pé de muita lauda antiga,
De uma velha doutrina, agora morta,
la pensando, quando ouvi à porta
Do meu quarto um soar devagarinho,
E disse estas palavras tais:
"É alguém que me bate à porta de mansinho;
Há de ser isso e nada mais."

Ah! bem me lembro! bem me lembro!
Era no glacial dezembro;
Cada brasa do lar sobre o chão refletia
A sua última agonia.
Eu, ansioso pelo sol, buscava
Sacar daqueles livros que estudava
Repouso (em vão!) à dor esmagadora
Destas saudades imortais
Pela que ora nos céus anjos chamam Lenora.
E que ninguém chamará mais.

E o rumor triste, vago, brando
Das cortinas ia acordando
Dentro em meu coração um rumor não sabido,
Nunca por ele padecido.
Enfim, por aplacá-lo aqui no peito,
Levantei-me de pronto, e: "Com efeito,
(Disse) é visita amiga e retardada
Que bate a estas horas tais.
É visita que pede à minha porta entrada:
Há de ser isso e nada mais."

Minh'alma então sentiu-se forte;
Não mais vacilo e desta sorte
Falo: "Imploro de vós, — ou senhor ou senhora,
Me desculpeis tanta demora.
Mas como eu, precisando de descanso,
Já cochilava, e tão de manso e manso

Batestes, não fui logo, prestemente,
Certificar-me que aí estais."
Disse; a porta escancarou, acho a noite somente,
Somente a noite, e nada mais.

Com longo olhar escruto a sombra,
Que me amedronta, que me assombra,
E sonho o que nenhum mortal há já sonhado,
Mas o silêncio amplo e calado,
Calado fica; a quietação quieta;
Só tu, palavra única e diletta,
Lenora, tu, como um suspiro escasso,
Da minha triste boca saís;
E o eco, que te ouviu, murmurou-te no espaço;
Foi isso apenas, nada mais.

Entro coa alma incendiada.
Logo depois outra pancada
Soa um pouco mais forte; eu, voltando-me a ela:
"Seguramente, há na janela
Alguma coisa que sussurra. Abramos,
Eia, fora o temor, eia, vejamos
A explicação do caso misterioso
Dessas duas pancadas tais.
Devolvamos a paz ao coração medroso,
Obra do vento e nada mais."

Abro a janela, e de repente,
Vejo tumultuosamente
Um nobre corvo entrar, digno de antigos dias.
Não despendeu em cortesias
Um minuto, um instante. Tinha o aspecto
De um lord ou de uma lady. E pronto e reto,
Movendo no ar as suas negras alas,
Acima voa dos portais,
Trepou, no alto da porta, em um busto de Palas;
Trepado fica, e nada mais.

Diante da ave feia e escura,
Naquela rígida postura,
Com o gesto severo, — o triste pensamento
Sorriu-me ali por um momento,
E eu disse: "O tu que das noturnas plagas
Vens, embora a cabeça nua tragas,

Sem topete, não és ave medrosa,
Dize os teus nomes senhoriais;
Como te chamas tu na grande noite umbrosa?"
E o corvo disse: "Nunca mais".

Vendo que o pássaro entendia
A pergunta que lhe eu fazia,
Fico atônito, embora a resposta que dera
Difícilmente lha entendera.
Na verdade, jamais homem há visto
Cousa na terra semelhante a isto:
Uma ave negra, friamente posta
Num busto, acima dos portais,
Ouvir uma pergunta e dizer em resposta
Que este é seu nome: "Nunca mais".

No entanto, o corvo solitário
Não teve outro vocabulário,
Como se essa palavra escassa que ali disse
Toda a sua alma resumisse.
Nenhuma outra proferiu, nenhuma,
Não chegou a mexer uma só pluma,
Até que eu murmurei: "Perdi outrora
Tantos amigos tão leais!
Perderei também este em regressando a aurora."
E o corvo disse: "Nunca mais!"

Estremeço. A resposta ouvida
É tão exata! é tão cabida!
"Certamente, digo eu, essa é toda a ciência
Que ele trouxe da convivência
De algum mestre infeliz e acabrunhado
Que o implacável destino há castigado
Tão tenaz, tão sem pausa, nem fadiga,
Que dos seus cantos usuais
Só lhe ficou, na amarga e última cantiga,
Esse estribilho: "Nunca mais".

Segunda vez, nesse momento,
Sorriu-me o triste pensamento;
Vou sentar-me defronte ao corvo magro e rudo;
E mergulhando no veludo
Da poltrona que eu mesmo ali trouxera
Achar procuro a lúgubre quimera,

A alma, o sentido, o pávido segredo
Daquelas sílabas fatais,
Entender o que quis dizer a ave do medo
Grasnando a frase: "Nunca mais".

Assim posto, devaneando,
Meditando, conjeturando,
Não lhe falava mais; mas, se lhe não falava,
Sentia o olhar que me abrasava.
Conjeturando fui, tranqüilo a gosto,
Com a cabeça no macio encosto
Onde os raios da lâmpada caíam,
Onde as tranças angelicais
De outra cabeça outrora ali se desparziam,
E agora não se esparzem mais.

Supus então que o ar, mais denso,
Todo se enchia de um incenso,
Obra de serafins que, pelo chão roçando
Do quarto, estavam meneando
Um ligeiro turíbulo invisível;
E eu exclamei então: "Um Deus sensível
Manda repouso à dor que te devora
Destas saudades imortais.
Eia, esquece, eia, olvida essa extinta Lenora."
E o corvo disse: "Nunca mais".

"Profeta, ou o que quer que sejas!
Ave ou demônio que negrejas!
Profeta sempre, escuta: Ou venhas tu do inferno
Onde reside o mal eterno,
Ou simplesmente naufrago escapado
Venhas do temporal que te há lançado
Nesta casa onde o Horror, o Horror profundo
Tem os seus lares triunfais,
Dize-me: existe acaso um bálsamo no mundo?"
E o corvo disse: "Nunca mais".

"Profeta, ou o que quer que sejas!
Ave ou demônio que negrejas!
Profeta sempre, escuta, atende, escuta, atende!
Por esse céu que além se estende,
Pelo Deus que ambos adoramos, fala,
Dize a esta alma se é dado inda escutá-la

No éden celeste a virgem que ela chora
Nestes retiros sepulcrais,
Essa que ora nos céus anjos chamam Lenora!"
E o corvo disse: "Nunca mais".

"Ave ou demônio que negrejas!
Profeta, ou o que quer que sejas!
Cessa, ai, cessa! clamei, levantando-me, cessa!
Regressa ao temporal, regressa
À tua noite, deixa-me comigo.
Vai-te, não fique no meu casto abrigo
Pluma que lembre essa mentira tua.
Tira-me ao peito essas fatais
Garras que abrindo vão a minha dor já crua."
E o corvo disse: "Nunca mais".

E o corvo aí fica; ei-lo trepado
No branco mármore lavrado
Da antiga Palas; ei-lo imutável, ferrenho.
Parece, ao ver-lhe o duro cenho,
Um demônio sonhando. A luz caída
Do lampião sobre a ave aborrecida
No chão espraia a triste sombra; e, fora
Daquelas linhas funerais
Que flutuam no chão, a minha alma que chora
Não sai mais, nunca, nunca mais!

Perguntas sem Resposta

Vênus Formosa, Vênus fulgurava
No azul do céu da tarde que morria,
Quando à janela os braços encostava
Pálida Maria.

Ao ver o noivo pela rua umbrosa,
Os longos olhos ávidos enfia,
E fica de repente cor-de-rosa
Pálida Maria.

Correndo vinha no cavalo baio,
Que ela de longe apenas distinguia,
Correndo vinha o noivo, como um raio...
Pálida Maria!

Três dias são, três dias são apenas,
Antes que chegue o suspirado dia,
Em que eles porão termo às longas penas...
Pálida Maria!

De confusa, naquele sobressalto,
Que a presença do amado lhe trazia,
Olhos acesos levantou ao alto
Pálida Maria.

E foi subindo, foi subindo acima
No azul do céu da tarde que morria,
A ver se achava uma sonora rima...
Pálida Maria!

Rima de amor, ou rima de ventura,
As mesmas são na escala da harmonia.
Pousa os olhos em Vênus que fulgura
Pálida Maria.

E o coração, que de prazer lhe bate,
Acha no astro a fraterna melodia
Que à natureza inteira dá rebate...
Pálida Maria!

Maria pensa: "Também tu, decerto,
Esperas ver, neste final do dia,
Um noivo amado que cavalga perto,
Pálida Maria?"

Isto dizendo, súbito escutava
Um estrépito, um grito e vozeria,
E logo a frente em ânsias inclinava
Pálida Maria.

Era o cavalo, rábido, arrastando
Pelas pedras o noivo que morria;
Maria o viu e desmaiou gritando...
Pálida Maria!

Sobem o corpo, vestem-lhe a mortalha,
E a mesma noiva, semimorta e fria,
Sobre ele as folhas do noivado espalha.

Pálida Maria!

Cruzam-se as mãos, na derradeira prece
Muda que o homem para cima envia,
Antes que desça à terra em que apodrece.

Pálida Maria!

Seis homens tomam do caixão fechado
E vão levá-lo à cova que se abria;
Terra e cal e um responso recitado...

Pálida Maria!

Quando, três sóis passados, rutilava
A mesma Vênus, no morrer do dia,
Tristes olhos ao alto levantava

Pálida Maria.

E murmurou: "Tens a expressão do goivo,
Tens a mesma roaz melancolia;
Certamente perdeste o amor e o noivo,

Pálida Maria?"

Vênus, porém, Vênus brilhante e bela,
Que nada ouvia, nada respondia,
Deixa rir ou chorar numa janela

Pálida Maria.

To be or not to be

(SHAKESPEARE)

Ser ou não ser, eis a questão. Acaso
É mais nobre a cerviz curvar aos golpes
Da ultrajosa fortuna, ou já lutando
Extenso mar vencer de acerbos males?
Morrer, dormir, não mais. E um sono apenas,
Que as angústias extingue e à carne a herança
Da nossa dor eternamente acaba,
Sim, cabe ao homem suspirar por ele.
Morrer, dormir. Dormir? Sonhar, quem sabe!
Ai, eis a dúvida. Ao perpétuo sono,
Quando o lodo mortal despido houvermos,
Que sonhos hão de vir? Pesá-lo cumpre.

Essa a razão que os lutosos dias
Alonga do infortúnio. Quem do tempo
Sofrer quisera ultrajes e castigos,
Injúrias da opressão, baldões do orgulho,
Do mal prezado amor choradas mágoas,
Das leis a inércia, dos mandões a afronta,
E o vão desdém que de rasteiras almas
O paciente mérito recebe,
Quem, se na ponta da despida lâmina
Lhe acenara o descanso? Quem ao peso
De uma vida de enfados e misérias
Queria gemer, se não sentira
Terror de alguma não sabida cousa
Que aguarda o homem para lá da morte,
Esse eterno país misterioso
Donde um viajor sequer há regressado?
Este só pensamento enleia o homem;
Este nos leva a suportar as dores
Já sabidas de nós, em vez de abirmos
Caminho aos males que o futuro esconde,
E a todos acovarda a consciência.
Assim da reflexão à luz mortiça
A viva cor da decisão desmaia;
E o firme, essencial cometimento,
Que esta idéia abalou, desvia o curso,
Perde-se, até de ação perder o nome.

Lindóia

Vem, vem das águas, mísera Moema,
Senta-te aqui. As vozes lastimosas
Troca pelas cantigas deleitosas,
Ao pé da doce e pálida Coema.

Vós, sombras de Iguaçu e de Iracema,
Trazei nas mãos, trazei no colo as rosas
Que o amor desabrochou e fez viçosas
Nas laudas de um poema e outro poema.

Chegai, folgai, cantai. É esta, é esta
De Lindóia, que a voz suave e forte
Do vate celebrou, a alegre festa.

Além do amável, gracioso porte,
Vede o mimo, a ternura que lhe resta.
Tanto inda é bela no seu rosto a morte!

Suave Mari Magno

Lembra-me que, em certo dia,
Na rua, ao sol de verão,
Envenenado morria
Um pobre cão.

Arfava, espumava e ria,
De um riso espúrio e bufão,
Ventre e pernas sacudia
Na convulsão.

Nenhum, nenhum curioso
Passava, sem se deter,
Silencioso,

Junto ao cão que ia morrer,
Como se lhe desse gozo
Ver padecer.

A Mosca Azul

Era uma mosca azul, asas de ouro e granada,
Filha da China ou do Indostão,
Que entre as folhas brotou de uma rosa encarnada,
Em certa noite de verão.

E zumbia, e voava, e voava, e zumbia
Refulgindo ao clarão do sol
E da lua, — melhor do que refulgiria
Um brilhante do Grão-Mogol.

Um poleá que a viu, espantado e tristonho,
Um poleá lhe perguntou:
"Mosca, esse refulgir, que mais parece um sonho,
Dize, quem foi que to ensinou?"

Então ela, voando, e revoando, disse:

— "Eu sou a vida, eu sou a flor
Das graças, o padrão da eterna meninice,
E mais a glória, e mais o amor".

E ele deixou-se estar a contemplá-la, mudo,
E tranqüilo, como um faquir,
Como alguém que ficou deslembado de tudo,
Sem comparar, nem refletir.

Entre as asas do inseto, a voltear no espaço,
Uma cousa lhe pareceu
Que surdia, com todo o resplendor de um paço
E viu um rosto, que era o seu.

Era ele, era um rei, o rei de Cachemira,
Que tinha sobre o colo nu
Um imenso colar de opala, e uma safira
Tirada do corpo de Vichnu.

Cem mulheres em flor, cem nairas superfinas,
Aos pés dele, no liso chão,
Espreguiçam sorrindo as suas graças finas,
E todo o amor que têm lhe dão.

Mudos, graves, de pé, cem etíopes feios,
Com grandes leques de avestruz,
Refrescam-lhes de manso os aromados seios,
Voluptuosamente nus.

Vinha a glória depois; — quatorze reis vencidos,
E enfim as páreas triunfais
De trezentas nações, e os parabéns unidos
Das coroas ocidentais.

Mas o melhor de tudo é que no rosto aberto
Das mulheres e dos varões,
Como em água que deixa o fundo descoberto,
Via limpos os corações.

Então ele, estende a mão calosa e tosca,
Afeita a só carpintejar,
Com um gesto pegou na fulgurante mosca,
Curioso de a examinar.

Quis vê-la, quis saber a causa do mistério.
E, fechando-a na mão, sorriu
De contente, ao pensar que ali tinha um império,
E para casa se partiu.

Alvorçado chega, examina, e parece
Que se houve nessa ocupação
Miudamente, como um homem que quisesse
Dissecar a sua ilusão.

Dissecou-a, a tal ponto, e com tal arte, que ela,
Rota, baça, nojenta, vil,
Sucumbiu; e com isto esvaiu-se-lhe aquela
Visão fantástica e sutil.

Hoje, quando ele aí vai, de aloé e cardamomo
Na cabeça, com ar teful,
Dizem que ensandeceu, e que não sabe como
Perdeu a sua mosca azul.

Antônio José

(21 de outubro de 1739)

Antônio, a sapiência da Escritura
Clama que há para a humana criatura
Tempo de rir e tempo de chorar,
Como há um sol no ocaso, e outro na aurora.
Tu, sangue de Efraim e de Issacar,
Pois que já riste, chora.

Espinosa

Gosto de ver-te, grave e solitário,
Sob o fumo de esqualida candeia,
Nas mãos a ferramenta de operário,
E na cabeça a coruscante idéia.

E enquanto o pensamento delineia
Uma filosofia, o pão diário
A tua mão a labutar granjeia
E achas na independência o teu salário.

Soem cá fora agitações e lutas,
Sibile o bafo aspérrimo do inverno,
Tu trabalhas, tu pensas, e executas

Sóbrio, tranqüilo, desvelado e terno,
A lei comum, e morres, e transmutas
O suado labor no prêmio eterno.

Gonçalves Crespo

Esta musa da pátria, esta saudosa
Niobe dolorida,
Esquece acaso a vida,
Mas não esquece a morte gloriosa.

E pálida, e chorosa,
Ao Tejo voa, onde no chão caída
Jaz aquela evadida
Lira da nossa América viçosa.

Com ela torna, e, dividindo os ares,
Trépido, mole, doce movimento
Sente nas frouxas cordas singulares.

Não é a asa do vento,
Mas a sombra do filho, no momento
De entrar perpetuamente os pátrios lares.

Alencar

Hão de anos volver, — não como as neves
De alheios climas, de geladas cores;
Hão de os anos volver, mas como as flores,
Sobre o teu nome, vívidos e leves...

Tu, cearense musa, que os amores
Meigos e tristes, rústicos e breves,
Da indiana escreveste, — ora os escreves
No volume dos pátrios esplendores.

E ao tornar este sol, que te há levado,

Já não acha a tristeza. Extinto é o dia
Da nossa dor, do nosso amargo espanto.

Porque o tempo implacável e pausado,
Que o homem consumiu na terra fria,
Não consumiu o engenho, a flor, o encanto...

Camões

I

Tu quem és? Sou o século que passa.
Quem somos nós? A multidão fremente.
Que cantamos? A glória resplendente.
De quem? De quem mais soube a força e a graça.

Que cantou ele? A vossa mesma raça.
De que modo? Na lira alta e potente.
A quem amou? A sua forte gente.
Que lhe deram? Penúria, ermo, desgraça.

Nobrememente sofreu? Como homem forte.
Esta imensa oblação?... É-lhe devida.
Paga?... Paga-lhe toda a adversa sorte.

Chama-se a isto? A glória apeteçada.
Nós, que o cantamos?... Volvereis à morte.
Ele, que é morto?... Vive a eterna vida.

II

Quando, transposta a lúgubre morada
Dos castigos, ascende o florentino
À região onde o clarão divino
Enche de intensa luz a alma nublada,

A saudosa Beatriz, a antiga amada,
A mão lhe estende e guia o peregrino,
E aquele olhar etéreo e cristalino
Rompe agora da pálpebra sagrada.

Tu, que também o Purgatório andaste,
Tu, que rompeste os círculos do Inferno,

Camões, se o teu amor fugir deixaste,

Ora o tens, como um guia alto e superno
Que a Natércia da vida que choraste
Chama-se Glória e tem o amor eterno.

III

Quando, torcendo a chave misteriosa
Que os cancelos fechava do Oriente,
O Gama abriu a nova terra ardente
Aos olhos da companha valorosa,

Talvez uma visão resplandecente
Lhe amostrou no futuro a sonora
Tuba, que cantaria a ação famosa
Aos ouvidos da própria e estranha gente.

E disse: "Se já noutra, antiga idade,
Tróia bastou aos homens, ora quero
Mostrar que é mais humana a humanidade.

Pois não serás herói de um canto fero,
Mas vencerás o tempo e a imensidade
Na voz de outro moderno e brando Homero."

IV

Um dia, junto à foz de brando e amigo
Rio de estranhas gentes habitado,
Pelos mares aspérrimos levado,
Salvaste o livro que viveu contigo.

E esse que foi às ondas arrancado,
Já livre agora do mortal perigo,
Serve de arca imortal, de eterno abrigo,
Não só a ti, mas ao teu berço amado.

Assim, um homem só, naquele dia,
Naquele escasso ponto do universo,
Língua, história, nação, armas, poesia,

Salva das frias mãos do tempo adverso.
E tudo aquilo agora o desafia.

E tão sublime preço cabe em verso.

1802-1885

Um dia, celebrando o gênio e a eterna vida,
Victor Hugo escreveu numa página forte
Estes nomes que vão galgando a eterna morte,
Isaías, a voz de bronze, alma saída
Da coxa de Davi; Ésquilo que a Orestes
E a Prometeu, que sofre as vinganças celestes
Deu a nota imortal que abala e persuade,
E transmite o terror, como excita a piedade.
Homero, que cantou a cólera potente
De Aquiles, e colheu as lágrimas troianas
Para glória maior da sua amada gente,
E com ele Virgílio e as graças virgilianas;
Juvenal que marcou com ferro em brasa o ombro
Dos tiranos, e o velho e grave florentino,
Que mergulha no abismo, e caminha no assombro,
Baixa humano ao inferno e regressa divino;
Logo após Calderón, e logo após Cervantes;
Voltaire, que mofava, e Rabelais que ria;
E, para coroar esses nomes vibrantes,
Shakespeare, que resume a universal poesia.

E agora que ele aí vai, galgando a eterna morte,
Pega a História da pena e na página forte,
Para continuar a série interrompida,
Escreve o nome dele, e dá-lhe a eterna vida.

José de Anchieta

Esse que as vestes ásperas cingia,
E a viva flor da ardente juventude
Dentro do peito a todos escondia;

Que em páginas de areia vasta e rude
Os versos escrevia e encomendava
À mente, como esforço de virtude;

Esse nos rios de Babel achava,
Jerusalém, os cantos primitivos,

E novamente aos ares os cantava.

Não procedia então como os cativos
De Sião, consumidos de saudade,
Velados de tristeza, e pensativos.

Os cantos de outro clima e de outra idade
Ensinava sorrindo às novas gentes,
Pela língua do amor e da piedade.

E iam caindo os versos excelentes
No abençoado chão, e iam caindo
Do mesmo modo as místicas sementes.

Nas florestas os pássaros, ouvindo
O nome de Jesus e os seus louvores,
Iam cantando o mesmo canto lindo.

Eram as notas como alheias flores
Que verdejam no meio de verduras
De diversas origens e primores.

Anchieta, soltando as vozes puras,
Achas outra Sião neste hemisfério,
E a mesma fé e igual amor apuras.

Certo, ferindo as cordas do saltério,
Unicamente contas divulgá-la
A palavra cristã e o seu mistério.

Trepar não cuidas a luzente escala
Que os heróis cabe e leva à clara esfera
Onde eterna se faz a humana fala.

Onde os tempos não são esta quimera
Que apenas brilha e logo se esvaece,
Como folhas de escassa primavera.

Onde nada se perde nem se esquece,
E no dorso dos séculos trazido
O nome de Anchieta resplandece
Ao vivo nome do Brasil unido.

Soneto de Natal

Um homem, — era aquela noite amiga,
Noite cristã, berço do Nazareno, —
Ao lembrar os dias de pequeno,
E a viva dança, e a lépida cantiga,

Quis transportar ao verso doce e ameno
As sensações da sua idade antiga,
Naquela mesma velha noite amiga,
Noite cristã, berço do Nazareno.

Escolheu o soneto... A folha branca
Pede-lhe a inspiração; mas, frouxa e manca.
A pena não acode ao gesto seu.

E, em vão lutando contra o metro adverso,
Só lhe saiu este pequeno verso:
"Mudaria o Natal ou mudei eu?"

Os Animais Iscados da Peste

(LA FONTAINE)

Mal que espalha o terror e que a ira celeste
Inventou para castigar
Os pecados do mundo, a peste, em suma, a peste,
Capaz de abastecer o Aqueronte num dia,
Veio entre os animais lavar;
E, se nem tudo sucumbia,
Certo é que tudo adoecia.
Já nenhum, por dar mate ao moribundo alento,
Catava mais nenhum sustento.
Não havia manjar que o apetite abrisse,
Raposa ou lobo que saísse
Contra a presa inocente e mansa,
Rola que à rola não fugisse,
E onde amor falta, adeus, folgança!
O leão convocou uma assembléia e disse:
"Sócios meus, certamente este infortúnio veio
A castigar-nos de pecados.
Que o mais culpado entre os culpados
Morra por aplacar a cólera divina.

Para a comum saúde esse é, talvez, o meio.
Em casos tais é de uso haver sacrificados;
Assim a história no-lo ensina.
Sem nenhuma ilusão, sem nenhuma indulgência,
Pesquisemos a consciência.
Quanto a mim, por dar mate ao ímpeto glutão,
Devorei muita carneirada.
Em que é que me ofendera? em nada.
E tive mesmo ocasião
De comer igualmente o guarda da manada.
Portanto, se é mister sacrificar-me, pronto.
Mas, assim como me acusei,
Bom é que cada um se acuse, de tal sorte
Que (devemos querê-lo, e é de todo ponto
Justo) caiba ao maior dos culpados a morte."
"— Meu senhor, acudiu a raposa, é ser rei
Bom demais; é provar melindre exagerado.
Pois então devorar carneiros,
Raça lorpa e vilã, pode lá ser pecado?
Não. Vós fizestes-lhes, senhor,
Em os comer, muito favor.
E no que toca aos pegureiros,
Toda a calamidade era bem merecida,
Pois são daquelas gentes tais
Que imaginaram ter posição mais subida
Que a de nós outros animais".
Disse a raposa, e a corte aplaudiu-lhe o discurso.
Ninguém do tigre nem do urso,
Ninguém de outras iguais senhorias do mato,
Inda entre os atos mais daninhos,
Ousava esmerilhar um ato;
E até os últimos rafeiros,
Todos os bichos rezingueiros,
Não eram, no entender geral, mais que uns santinhos.
Eis chega o burro: — "Tenho idéia que no prado
De um convento, indo eu a passar, e picado
Da ocasião, da fome e do capim viçoso,
E pode ser que do tihoso,
Um bocadinho lambisquei
Da plantação. Foi um abuso, isso é verdade."
Mal o ouviu, a assembléia exclama: "Aqui del-rei!"
Um lobo, algo letrado, arenga e persuade
Que era força imolar esse bicho nefando,
Empesteado autor de tal calamidade;

E o pecadilho foi julgado
Um atentado.
Pois comer erva alheia! ó crime abominando!
Era visto que só a morte
Poderia purgar um pecado tão duro.
E o burro foi ao reino escuro.

Segundo sejas tu miserável ou forte
Áulicos te farão detestável ou puro.

Dante

(INFERNO, canto XXV)

Acabara o ladrão, e, ao ar erguendo
As mãos em figas, deste modo brada:
"Olha, Deus, para ti o estou fazendo!"

E desde então me foi a serpe amada,
Pois uma vi que o colo lhe prendia,
Como a dizer: "não falarás mais nada!"

Outra os braços na frente lhe cingia
Com tantas voltas e de tal maneira
Que ele fazer um gesto não podia.

Ah! Pistóia, por que numa fogueira
Não ardes tu, se a mais e mais impuros,
Teus filhos vão nessa mortal carreira?

Eu, em todos os círculos escuros
Do inferno, alma não vi tão rebelada.
Nem a que em Tebas resvalou dos muros.

E ele fugiu sem proferir mais nada.
Logo um centauro furioso assoma
A bradar: "Onde, aonde a alma danada?"

Marema não terá tamanha soma
De reptis quanta vi que lhe ouriçava
O dorso inteiro desde a humana coma.

Junto à nuca do monstro se elevava

De asas abertas um dragão que enchia
De fogo a quanto ali se aproximava.

"Aquele é Caco, — o Mestre me dizia, —
Que, sob as rochas do Aventino, ousado
Lagos de sangue tanta vez abria.

Não vai de seus irmãos acompanhado
Porque roubou malicioso o armento
Que ali pascia na campanha ao lado.

Hércules com a maça e golpes cento,
Sem lhe doer um décimo ao nefando,
Pôs remate a tamanho atrevimento."

Ele falava, e o outro foi andando.
No entanto embaixo vinham para nós
Três espíritos que só vimos quando

Atroara este grito: "Quem sois vós?"
Nisto a conversa nossa interrompendo
Ele, como eu, no grupo os olhos pôs.

Eu não os conheci, mas sucedendo,
Como outras vezes suceder é certo,
Que o nome de um estava outro dizendo,

"Cianfa aonde ficou?" Eu, por que esperto
E atento fosse o Mestre em escutá-lo,
Pus sobre a minha boca o dedo aberto.

Leitor, não maravilha que aceitá-lo
Ora te custe o que vais ter presente,
Pois eu, que o vi, mal ousou acreditá-lo.

Eu contemplava, quando uma serpente
De seis pés temerosa se lhe atira
A um dos três e o colhe de repente.

Com os pés do meio o ventre lhe cingira,
Com os da frente os braços lhe peava,
E ambas as faces lhe mordeu com ira.

Os outros dous às coxas lhe alongava,

E entre elas insinua a cauda que ia
Tocar-lhes os rins e dura os apertava.

A hera não se enrosca nem se enfia
Pela árvore, como a horrível fera
Ao pecador os membros envolvia.

Como se fossem derretida cera,
Um só vulto, uma cor iam tomando,
Quais tinham sido nenhum deles era.

Tal o papel, se o fogo o vai queimando,
Antes de negro estar, e já depois
Que o branco perde, fusco vai ficando.

Os outros dous bradavam: "Ora pois,
Agnel, ai triste, que mudança é essa?
Olha que já não és nem um nem dous!"

Faziam ambas uma só cabeça,
E na única face um rosto misto,
Onde eram dous, a aparecer começa.

Dos quatro braços dous restavam, e isto,
Pernas, coxas e o mais ia mudado
Num tal composto que jamais foi visto.

Todo o primeiro aspecto era acabado;
Dous e nenhum era a cruel figura,
E tal se foi a passo demorado.

Qual camaleão, que variar procura
De sebe às horas em que o sol esquenta,
E correndo parece que fulgura,

Tal uma curta serpe se apresenta,
Para o ventre dos dous corre acendida,
Lívica e cor de um bago de pimenta.

E essa parte por onde foi nutrida
Tenra criança antes que à luz saísse,
Num deles morde, e cai toda estendida.

O ferido a encarou, mas nada disse;

Firme nos pés, apenas bocejava,
Qual se de febre ou sono ali caísse.

Frente a frente, um ao outro contemplava,
E à chaga de um, e à boca de outro, forte
Fumo saía e no ar se misturava.

Cale agora Lucano a triste morte
De Sabelo e Nasídio, e atento esteja
Que o que lhe vou dizer é de outra sorte.

Cale-se Ovídio e neste quadro veja
Que, se Aretusa em fonte nos há posto
E Cadmo em serpe, não lhe tenho inveja.

Pois duas naturezas rosto a rosto
Não transmudou, com que elas de repente
Trocassem a matéria e o ser oposto.

Tal era o acordo entre ambas que a serpente
A cauda em duas caudas fez partidas,
E a alma os pés ajuntava estreitamente.

Pernas e coxas vi-as tão unidas
Que nem leve sinal dava a juntura
De que tivessem sido divididas.

Imita a cauda bífida a figura
Que ali se perde, e a pele abranda, ao passo
Que a pele do homem se tornava dura.

Em cada axila vi entrar um braço,
A tempo que iam esticando à fera
Os dous pés que eram de tamanho escasso.

Os pés de trás a serpe os retorcera
Até formarem-lhe a encoberta parte,
Que no infeliz em pés se convertera.

Enquanto o fumo os cobre, e de tal arte
A cor lhes muda e põe à serpe o velo
Que já da pele do homem se lhe parte,

Um caiu, o outro ergueu-se, sem torcê-lo

Aquele torvo olhar com que ambos iam
A trocar entre si o rosto e a vê-lo.

Ao que era em pé as carnes lhe fugiam
Para as fontes, e ali do que abundava
Duas orelhas de homem lhe saíam.

E o que de sobra ainda lhe ficava
O nariz lhe compõe e lhe perfaz
E o lábio lhe engrossou quanto bastava.

A boca estende o que por terra jaz
E as orelhas recolhe na cabeça,
Bem como o caracol às pontas faz.

A língua, que era então de uma só peça,
E prestes a falar, fendida vi-a,
Enquanto a do outro se une, e o fumo cessa.

A alma, que assim tornado em serpe havia,
Pelo vale fugiu assobiando,
E esta lhe ia falando e lhe cuspia.

Logo a recente espádua lhe foi dando
E à outra disse: "Ora com Buoso mudo,
Rasteje, como eu vinha rastejando!"

Assim na cova sétima vi tudo
Mudar e transmudar; a novidade
Me absolve o estilo desornado e rudo.

Mas que um tanto perdesse a claridade
Dos olhos meus, e turva a mente houvesse,
Não fugiram com tanta brevidade,

Nem tão ocultos, que eu não conhecesse
Puccio Sciancato, única ali vinda
Alma que a forma própria não perdesse;
O outro chorá-lo tu, Gaville, ainda.

A Felício dos Santos

Felício amigo, se eu disser que os anos

Passam correndo ou passam vagarosos,
Segundo são alegres ou penosos,
Tecidos de afeições ou desenganos,

"Filosofia é esta de rançosos!"
Dirás. Mas não há outra entre os humanos.
Não se contam sorrisos pelos danos,
Nem das tristezas desabrocham gozos.

Banal, confesso. O precioso e o raro
É, seja o céu nublado ou seja claro,
Tragam os tempos amargura ou gosto,

Não desdizer do mesmo velho amigo,
Ser com os teus o que eles são contigo,
Ter um só coração, ter um só rosto.

Maria

Maria, há no seu gesto airoso e nobre,
Nos olhos meigos e no andar tão brando,
Um não sei quê suave que descobre,
Que lembra um grande pássaro marchando.

Quero, às vezes, pedir-lhe que desdobre
As asas, mas não peço, reparando
Que, desdobradas, podem ir voando
Levá-la ao teto azul que a terra cobre.

E penso então, e digo então comigo:
"Ao céu, que vê passar todas as gentes
Bastem outros primores de valia.

Pássaro ou moça, fique o olhar amigo,
O nobre gesto e as graças excelentes
Da nossa cara e lépida Maria."

A uma Senhora que me pediu versos

Pensa em ti mesma, acharás
Melhor poesia,
Viveza, graça, alegria,

Doçura e paz.

Se já dei flores um dia,
Quando rapaz,
As que ora dou têm assaz
Melancolia.

Uma só das horas tuas
Valem um mês
Das almas já ressequidas.

Os sóis e as luas
Creio bem que Deus os fez
Para outras vidas.

Clódia

Era Clódia a vergôntea ilustre e rara
De uma família antiga. Tez morena,
Como a casca do pêssego, deixava
Transparecer o sangue e a juventude.
Era a romana ardente e imperiosa
Que os ecos fatigou de Roma inteira
Coa narração das longas aventuras.
Nunca mais gentil fronte o sol da Itália
Amoroso beijou, nem mais gracioso
Corpo envolveram túnicas de Tiro.
Sombrios, como a morte, os olhos eram.
A vermelha botina em si guardava
Breve, divino pé. Úmida boca,
Como a rosa que os zéfiros convida,
Os beijos convidava. Era o modelo
Da luxuosa Lâmia, — aquela moça
Que o marido esqueceu, e amou sem pejo
O músico Polião. De mais, fazia
A ilustre Clódia trabalhados versos;
A cabeça curvava pensativa
Sobre as tabelas nuas; invocava
Do clássico Parnaso as musas belas,
E, se não mente linguaruda fama,
Davam-lhe inspiração vadias musas.
O ideal da matrona austera e fria,
Caseira e nada mais, esse acabava.

Bem hajas tu, patrícia desligada
De preconceitos vãos, tu que presides
Ao festim dos rapazes, tu que estendes
Sobre verdes coxins airoas formas,
Enquanto o esposo, consultando os dados,
Perde risonho válidos sestércios...
E tu, viúva mísera, deixada
Na flor dos anos, merencória e triste,
Que seria de ti, se o gozo e o luxo
Não te alegrassem a alma? Cedo esquece
A memória de um óbito. E bem hajas,
Discreto esposo, que morreste a tempo.
Perdes, bem sei, dos teus rivais sem conta
Os custosos presentes, as ceatas,
Os jantares opíparos. Contudo,
Não verás cheia a casa de crianças
Loiras obras de artífices estranhos.

Baias recebe a celebrada moça
Entre festins e júbilos. Faltava
Ao pomposo jardim das lácias flores
Esta rosa de Paestum. Chega; é ela,
É ela, a amável dona. O céu ostenta
A larga face azul, que o sol no ocaso
Coos frouxos raios desmaiado tinge.
Terno e brando abre o mar o espúmeo seio;
Moles respiram virações do golfo.
Clódia chega. Tremei, moças amadas;
Ovelhinhas dos plácidos idílios,
Roma vos manda esta faminta loba.
Prendei, prendei com vínculos de ferro,
Os volúveis amantes, que os não veja
Esta formosa Páris. Inventai-lhes
Um filtro protetor, um filtro ardente,
Que o fogo leve aos corações rendidos,
E aos vossos pés eternamente os prenda;
Clódia... Mas, quem pudera, a frio e a salvo,
Um requebro afrontar daqueles olhos
Ver-lhe o túrgido seio, as mãos, o talhe,
O andar, a voz, ficar mármore frio
Ante as súplices graças? Menor pasmo
Fora, se ao gladiador, em pleno circo,
A pantera africana os pés lambesse,
Ou se, à cauda de indômito cavalo,

Ovantes hostes arrastassem César.

Coroados de rosas os convivas
Entram. Trajam com graça vestes novas
Tafuis de Itália, finos e galhardos
Patrícios da república expirante,
E madamas faceiras. Vem entre eles
Célio, a flor dos vadios, nobre moço,
E opulento, o que é mais. Ambicioso
Quer triunfar na clássica tribuna
E honras aspira até do consulado.
Mais custoso labor não vestem damas,
Nem aroma melhor do seio exalam.
Tem na altivez do olhar sincero orgulho,
E certo que o merece. Entre os rapazes
Que à noite correm solitárias ruas,
Ou nos jardins de Roma o luxo ostentam,
Nenhum como ele, com mais ternas falas,
Galanteou, vencendo, as raparigas.

Entra: pregam-se nele cobiçosos
Olhos que amor venceu, que amor domina,
Olhos fiéis ao férvido Catulo.
O poeta estremece. Brando e frio,
O marido de Clódia os olhos lança
Ao mancebo, e um sorriso complacente
A boca lhe abre. Imparcial na luta,
Vença Catulo ou Célio, ou vençam ambos.
Não se lhe opõe o dono: o aresto aceita.

Vistes já como as ondas tumultuosas,
Uma após outra, vêm morrer à praia,
E mal se rompe o espúmeo seio àquela.
Já esta corre e expira? Tal no peito
Da calorosa Lésbia nascem, morrem
As volúveis paixões. Vestal do crime,
Dos amores vigia a chama eterna,
Não a deixa apagar; pronto lhe lança
Óleo com que a alimente. Enrubescido
De ternura e desejo o rosto volve
Ao mancebo gentil. Baldado empenho!
Indiferente aos mágicos encantos,
Célio contempla a moça. Olhar mais frio,
Ninguém deitou jamais a graças tantas.

Ela insiste; ele foge-lhe. Vexada,
A moça inclina lânguida a cabeça...
Tu nada vês, desapegado esposo,
Mas o amante vê tudo.

Clódia arranca
Uma rosa da frente, e as folhas deita
Na taça que enche generoso vinho.
"Célio, um brinde aos amores!" diz, e entrega-lha.
O cortejado moço os olhos lança,
Não à Clódia, que a taça lhe oferece,
Mas a outra não menos afamada,
Dama de igual prosápia e iguais campanhas,
E taça igual lhe aceita. Afronta é esta
Que à moça faz subir o sangue às faces,
Aquele sangue antigo, e raro, e ilustre,
Que atravessou puríssimo e sem mescla
A corrente dos tempos... Uma Clódia!
Tamanha injúria! Ai, não! mais que a vaidade,
Mais que o orgulho de raça, o que te pesa,
O que te faz doer, viciosa dama,
É ver que um rival merece o zelo
Deste pimpão de amores e aventuras.
Pega na taça o néscio esposo e bebe,
Com o vinho, a vergonha. Sombra triste,
Sombra de ocultas e profundas mágoas,
Tolda a frente ao poeta.

Os mais, alegres,
Vão ruminando a saborosa ceia;
Circula o dito equívoco e chistoso,
Comentam-se os decretos do Senado,
O molho mais da moda, os versos últimos
De Catulo, os leões mandados de África
E as vitórias de César. O epigrama
Rasga a pele ao caudilho triunfante;
Chama-lhe este: "O larápio endividado",
Aquele: "Vênus calva", outro: "O bitínio..."
Oposição de ceias e jantares,
Que a marcha não impede ao crime e à glória.

Sem liteira, nem líbicos escravos,
Clódia vai consultar armênio arúspice.
Quer saber se há de Célio amá-la um dia

Ou desprezá-la sempre. O armênio estava
Meditabundo, à luz escassa e incerta
De uma candeia etrusca; aos ombros dele
Decrépita coruja os olhos abre.
"Velho, aqui tens dinheiro (a moça fala),
Se à tua inspiração é dado agora
Adivinhar as cousas do futuro,
Conta-me..." O resto expõe. Ergue-se o velho
Súbito. Os olhos lança cobiçosos
À fulgente moeda. — "Saber queres
Se te há de amar esse mancebo esquivo?"
— "Sim". — Cochilava a um canto descuidada
A avezinha de Vênus, branca pomba.
Lança mão dela o arúspice, e de um golpe
Das entranhas lhe arranca o sangue e a vida.
Olhos fitos no velho a moça aguarda
A sentença da sorte; empalidece
Ou ri, conforme do ancião no rosto
Ocultas impressões vem debuxar-se.
"Bem haja Vênus! a vitória é tua!
O coração da vítima palpita
Inda que morto já..."

Não eram ditas.

Estas palavras, entra um vulto... É ele?
És tu, cioso amante!

A voz lhes falta

Aos dous (contemplam-se ambos, interrogam-se);
Rompe afinal o lúgubre silêncio...

Quando o vate acabou, tinha nos braços
A namorada moça. Lacrimosa,
Tudo confessa. Tudo lhe perdoa
O desvairado amante. "Nuvem leve
Isto foi; deixa lá memórias tristes,
Erros que te perdô; amemos, Léssia;
A vida é nossa; é nossa a juventude."
"Oh! tu és bom!" — "Não sei; amo e mais nada.
Foge o mal donde amor plantou seus lares.
Amar é ser do céu". Súplices olhos
Que a dor umedecera e que umedecem
Lágrimas de ternura, os olhos buscam
Do poeta; um sorriso lhes responde,
E um beijo sela esta aliança nova.

Quem jamais construiu sólida torre
Sobre a areia volúvel? Poucos dias
Decorreram; viçosas esperanças
Súbito renascidas, folha a folha,
Alastraram a terra. Ingrata e fria,
Lésbia esqueceu Catulo. Outro lhe pede
Prêmio à recente, abrasadora chama;
Faz-se agora importuno o que era esquivo.
Vitória é dela; o arúspice acertara.

No Alto

O poeta chegara ao alto da montanha,
E quando ia a descer a vertente do oeste,
 Viu uma cousa estranha,
 Uma figura má.

Então, volvendo o olhar ao sutil, ao celeste,
Ao gracioso Ariel, que de baixo o acompanha,
 Num tom medroso e agreste
 Pergunta o que será.

Como se perde no ar um som festivo e doce,
 Ou bem como se fosse
 Um pensamento vão,

Ariel se desfez sem lhe dar mais resposta.
 Para descer a encosta
 O outro estendeu-lhe a mão.

O ALMADA

(1908)

ÍNDICE

ADVERTÊNCIA
CANTO PRIMEIRO
CANTO II
CANTO III
CANTO IV
CANTO V
CANTO VI
CANTO VII
CANTO VIII

O Almada

Poema herói-cômico em 8 cantos

(Fragmentos)

ADVERTÊNCIA

O assunto deste poema é rigorosamente histórico. Em 1659, era prelado administrador do Rio de Janeiro o Dr. Manuel de Sousa Almada, presbítero do hábito de São Pedro. Um tabelião, por nome Sebastião Ferreira Freire, foi vítima de uma assuada, em certa noite, na ocasião em que se recolhia para casa. Queixando-se ao ouvidor-geral Pedro de Mustre Portugal, abriu este devassa, vindo a saber-se que eram autores do delito alguns fâmulos do prelado. O prelado, apenas teve notícia do procedimento do ouvidor, mandou intimá-lo para que lhe fizesse entrega da devassa no prazo de três dias, sob pena de excomunhão. Não obedecendo o ouvidor, foi excomungado na ocasião em que embarcava para a capitania do Espírito Santo. Pedro de Mustre suspendeu a viagem e foi à Câmara apresentar um protesto em nome do rei. Os vereadores comunicaram a notícia do caso ao governador da cidade, Tomé de Alvarenga; por ordem deste foram convocados alguns teólogos, licenciados, o reitor do Colégio, o dom Abade, o prior dos Carmelitas, o guardião dos Franciscanos, e todos unanimemente resolveram suspender a excomunhão do ouvidor e remeter todo o processo ao rei.

Tal é o episódio histórico que me propus celebrar e que os leitores podem ver no tomo III dos Anais do Rio de Janeiro, de Baltasar da Silva Lisboa.

No poema estão os principais elementos da história, com as modificações e acréscimos que é de regra e direito fazer numa obra de imaginação. Busquei o cômico onde ele estava: no contraste da causa com os seus efeitos, tão graves, tão solenes, tão fora de proporção. Dos personagens que entram no poema, uns achei-os na crônica (Almada, o tabelião, o ouvidor, o Padre Cardoso e o Vigário Vilalobos), outros são de pura invenção. Aos primeiros (excetuo Almada) não encontrando vestígios de seus caracteres e feições morais, forçoso me foi dar-lhes a fisionomia mais adequada ao gênero e à ação. Os outros foram desenhados conforme me pareceram necessários e interessantes.

Não é exagerada a pintura que faço do prelado administrador. Era ele, na verdade, homem irritadiço e violento, conquanto Monsenhor Pizarro no-lo dê por vítima de perseguição. Inimigos teria, decerto, e de tais entranhas, que uma noite lhe dispararam contra a casa uma peça de artilharia. Verdade é que da devassa que então se fez resultou ter sido aquele ataque noturno preparado por ele mesmo com o fim de se dar por vítima do ódio popular. O juiz assim o

entendeu e sentenciou, e o prelado foi compelido a pagar as custas da alçada e do processo. Monsenhor Pizarro pensa que isto foi ainda um lance feliz dos seus perseguidores. Pode ser; mas capaz de grandes coisas era certamente o Almada. Não tardou que recebesse ordem da corte para desistir do cargo, como se colhe de um documento do tempo citado nas Memórias Históricas, tomo VII.

Observei quanto pude o estatuto do gênero, que é parodiar o tom, o jeito e as proporções da poesia épica. No canto IV atrevi-me a imitar uma das mais belas páginas da antiguidade, o episódio de Heitor e Andrômaca, na Ilíada. Homero e Virgílio têm servido mais de uma vez aos poetas herói-cômicos. Não falemos agora de Ariosto e Tassoni. Parodiou Boileau, no Lutrin, o episódio de Dido e Enéias; Dinis seguiu-lhe as pisadas no diálogo do escrivão Gonçalves e sua esposa, e ambos o fizeram em situação análoga ao do episódio em que imitei a imortal cena de Homero.

Não se limitou Dinis à única imitação citada. Muitas fez ele da Ilíada, as quais não vi até hoje apontadas por ninguém, talvez por se não ter advertido nelas. Indicá-las-ei sumariamente.

Um dos mais engraçados episódios do Hissope, o da cerca dos capuchos, parece-me discretamente imitado do diálogo de Helena e Príamo, quando este, no alto de seus paços, interroga a esposa de Menelau a respeito dos guerreiros gregos que vê diante de Tróia. O vaticínio do galo assado é nada menos que o vaticínio Xanto. A pintura do escudo de Aquiles inspirou certamente a do machete do Vidigal. Dinis faz a resenha dos convidados do deão, como Homero a dos guerreiros de Agamenon. No último canto do Hissope o gênio das Bagatelas pesa na balança as razões do deão e do bispo, como Júpiter pesa os destinos de Aquiles e Heitor.

Com tais exemplos, e outros que a instrução do leitor me dispensa apontar, e, porque é foro deste ramo da poesia, fiz a imitação indicada acima.

Agora direi que não é sem acanhamento que publico este livro. Do gênero dele há principalmente duas composições célebres que me serviram de modelo, mas que são verdadeiramente inimitáveis, o Lutrin e o Hissope. Um pouco de ambição me levou, contudo, a meter mãos à obra e perseverar nela. Não foi a de competir com Dinis e Boileau; tão presunçoso não sou eu. Foi a ambição de dar às letras pátrias um primeiro ensaio neste gênero difícil. Primeiro digo, porque os raros escritos que com a mesma designação se conhecem são apenas sátiras de ocasião, sem nenhuma intenção literárias. As deste são exclusivamente literárias.

Posto que o assunto entenda com pessoas da Igreja, nada há neste livro que de perto ou de longe falte ao respeito devido ao clero e às coisas da religião. Sem

dúvida, os personagens que aqui figuram não são dignos de imitação; mas além de que o assunto pedia que eles fossem assim, é sabido que o clero do tempo, salvas as devidas exceções, não podia ser tomado por modelo. São do Padre Manuel da Nóbrega, da Companhia de Jesus, estas palavras textuais: "Os clérigos desta terra têm mais ofício de demônios que de clérigos; porque, além do seu mau exemplo e costumes, querem contrariar a doutrina de Cristo e dizem publicamente aos homens que lhes é lícito estar em pecado... e outras coisas semelhantes por escusar seus pecados e abominações. De maneira que nenhum demônio temos agora que nos persiga senão estes. Querem-nos mal porque lhes somos contrários aos seus maus costumes, e não podem sofrer que digamos as missas de graça em detrimento de seu interesse".

Numa obra deste gênero pode-se e deve-se alterar a realidade dos fatos, quando assim convenha ao plano da composição; mas as feições gerais do tempo e da sociedade, a essas é necessária a fidelidade histórica. Foi o que eu fiz neste livro, convindo dizer que tudo aqui se refere ao clero do lugar e do tempo; nada generalizei, como Boileau, nos dois versos do seu Lutrin:

*La déesse, en entrant, qui voit la nappe mise,
Admire un si bel ordre, et reconnaît l'Eglise.*

Por causa destes e outros versos, um comentador aplicou ao poeta aquilo que ele mesmo dissera do presidente de Lamoignon, que o convidara a escrever o Lutrin: *Comme sa piété était sincère, aussi elle était fort gaie et n'avait rien d'embarrassant.*

Dada esta explicação, necessária para uns, ociosa para outros, deposito o meu livro nas mãos da crítica, pedindo-lhe que francamente me aponte o que merecer correção.

CANTO PRIMEIRO

I

Musa, celebra a cólera do Almada
Que a fluminense igreja encheu de assombro.
E se ao douto Boileau, se ao grave Elpino
Os cantos inspiraste, e lhes teceste
Com dóceis mãos as imortais capelas,
Perdoa se me atrevo de afrontá-la
Esta empresa tamanha. Tu me ensina
A magna causa e a temerosa guerra
Que viu desatinado um povo inteiro,

Homens do foro, almotacés, Senado,
Oficiais do exército e do fisco,
Provinciais, abades e priores,
E quantos mais, à uma, defendiam
O povo, a Igreja e a régia autoridade.
.....

II

E tu, cidade minha, airosa e grata,
Que ufana miras o faceiro gesto
Nessas águas tranqüilas, namorada
De remotos, magníficos destinos,
Deixa que o véu dos séculos rompendo
A minha voz ressurja a infância tua.
Viveremos um dia aquele tempo
De original rudez, quando a primeira
Cor que se te mudou do muito afago
De mãos estranhas e de alheias tintas,
A tosca, ingênua fronte te adornava,
Não de jóias pesada, mas viçosa
De folhagens agrestes. Quão mudada
Minha volúvel terra! Que da infância
Te poliu a rudez pura e singela?
Obra do tempo foi que tudo acaba,
Que as cidades transforma como os homens.
Agora a flor da juventude o seio,
Que as mantilhas despira de outra idade,
Graciosa enfeitada; cresceras com ela
Até que vejas descambar no espaço
O último sol, e ao desmaiado lume
Alvejarem-te as cãs. Então, sentada
Sobre as ruínas últimas da vida,
Velha embora, ouvirás nas longas noites
A teus pés os soluços amorosos
Destas perpétuas águas, sempre moças,
Que o tamoio escutou bárbaro e livre...
Mas, quão longe o crepúsculo branqueia
Desse sol derradeiro! A asa dos séculos
Muita vez roçará teu seio amado
Sem desbotar-lhe a cor. Inda esses ecos
Das montanhas, que invade o passo do homem,
Hão de contar aos sucessivos tempos
Muito feito de glória. Estrênua, grande,

Guanabara serás... Oh! não encubras
O gesto de ambição e de vaidade,
De travessa, agitada garridice,
Tão amável, decerto, mas tão outro
Do acolhimento, do roceiro modo
Dos teus dias de infância. Justo é ele;
Varia com a idade o gosto; és moça,
E moça do teu século.

III

Reinava

Afonso VI. Da coroa em nome
Governava Alvarenga, incorruptível
No serviço do rei, astuto e manso,
Alcaide-mor e protetor das armas;
No mais, amigo deste povo infante,
Em cujo seio plácido vivia,
Até que uma revolta misteriosa
Na cadeia o meteu. O douto Mustre
A vara de ouvidor nas mãos sustinha.

.....
Do forte e grande Almada que regia
A infante igreja.

.....
.....
Tal o vate cristão que os heróis mártires
Cantou piedoso, passeando um dia
Na velha terra grega, alar-se em bando
As mesmas aves contemplou, que outrora,
Rasgando como então o azul espaço,
Iam do Ilisso às ribas africanas.

.....

CANTO II

I
.....

II

Em doce paz agora refazendo
Tantas forças há pouco despendidas
Na crua guerra contra o vão Senado
Que, sobre ser desprimoroso e bronco,
Era um grande atrevido, e imaginava
Atar-lhe as bentas mãos, vedar-lhe o passo,
Se da antiga capela à várzea humilde
(Para poupar às reverendas plantas
A subida da íngreme ladeira)
O mártir Sebastião mudar quisesse,
Às sombras se acolheu da casa sua
O regedor da fluminense igreja.
Não de outra sorte o ríspido pampeiro,
Depois que os campos e revoltos mares
Desabrido varreu, as asas frouxas
De novo enrola, o ímpeto refreia
E à morada dos Andes se recolhe.

III

Então a Gula, que jamais lograra
De todo triunfar na infante igreja,
A vil Preguiça revoando busca
E vai achá-la cochilando à porta
De um amável garção, que os bens houvera
E o nome dos avós, à custa ganhos
De muita cutilada e muita lança
Em África metida. Ali com ela
Descem Indigestões e Apoplexias,
Sua querida e diligente prole;
Umás pálidas são, outras vermelhas,
E todas ofegantes e cansadas,
De esvaziar boticas sem descanso
E encher continuamente os cemitérios.
Com a pesada planta a Gula toca
O peito da Preguiça, que estremece,
Abre os olhos a custo, a custo a língua
A mastigar começa alguma frase;
Quando a Irmã, nestas vozes prorrompendo,
A palavra lhe corta: "Será crível
Que do nosso poder sempre mofando
Só a Ira governe há tanto tempo

A fluminense igreja, e que o prelado,
Das nossas armas em desdouro eterno,
Num perpétuo lidar empregue os dias,
Que nem ócios, nem jogos, nem banquetes
A raiva lhe moderem? Mana amiga,
Dentro em breve prostradas ficaremos.
Que o poder usurpando a pouco e pouco
Ela só reinará no mundo inteiro".

IV

Deste jeito falando a voraz Gula,
Os brios da Preguiça abala e acorda,
E a lembrança lhe traz desconsolada
De quantas vezes a terrível Ira
As obras malogrou das artes suas.
"Vamos (lhe diz) a cercear-lhe o gosto
Do triunfo. Propício ensejo é este
Mais que nenhum; esse revoltado oceano
Que dous mundos divide, a acender guerras,
A rebelar o coração dos homens
A bárbara transpôs". Isto dizendo,
Toma nos braços a Preguiça e voa,
Com certa frouxidão cortando os ares,
E a Guanabara descem. Entre a ermida
Que ao nazareno artífice votara
A piedade cristã, e esse edifício
Que albergue foi de míseros culpados,
E onde hoje troa o popular Congresso,
A casa do prelado aos olhos surge.
Ali descendo a Gula e a Preguiça
Invisíveis penetram, e nos braços
O feros pastor e seus amigos
Sem muito esforço ao coração apertam.

V

Adeus, guerras! Adeus férvidas brigas!
Os banquetes agora e as fofas camas,
Os sonos regalados e compridos,
As merendas, as ceias, os licores
De toda a casta, as frutas, as compotas

Com intervalos de palestra e jogo,
A vida são do jovial prelado.
Ele a queda não vê do grande nome,
Inda há pouco temido; nem as chufas
Lhe dão abalo no abatido peito.
Em vão algum adulador sacristã
Os ditos da cidade lhe levava,
As dentadas anônimas da gente
Maliciosa e vadia; o grande Almada
Às denúncias do amigo vigilante
Os nédios ombros encolhia apenas,
Fleumático sorria, e um bocejo
E cum arroto respondia a tudo.

VI

Com ele os dias docemente passam
Dez ou doze ilustríssimos amigos,
Entre os quais a figura majestosa
Campeava do profundo Vilalobos,
Que era a flor dos doutores da cidade,
Vigário do prelado, e a mais robusta
Das colunas da igreja fluminense.
O pregador Veloso ali brilhava
Pelas risadas com que ouvia as chufas
Do ínclito prelado, de quem era
Convencido capacho, e que esperava
A posição haver de Vilalobos
Que a tribo lhe empregou dos seus parentes.
Esse era o pregador das grandes festas,
De tal quilate e tão profunda vista,
Que quando orava em dias de quaresma
Analisava os textos, e exprimia
A doutrina evangélica de modo
Que a não reconheceria o próprio Cristo.

VII

Segue-se o impávido escrivão Cardoso,
Que mede nove palmos de estatura,
E tem força no pulso como gente,
E inda é mais destemido que forçoso.

O Lucas, com quem foi ingrata e avara,
Ao dar-lhe entendimento, a natureza,
Também ali com eles palestrava.
E, sem nada entender, de tudo ria;
Mas, sendo sempre igual, a madre nossa
Em estômago o cérebro compensa
Ao gordo comilão, que não contente
De devastar as nobres iguarias
Quando na casa do prelado come,
Com os olhos devora, inda faminto,
A tamina dos pretos da cozinha.
Vinha depois o Nunes, o Duarte,
E quatro ou cinco mais; porém faltava
Meia dúzia de padres venerandos,
Em quem poder não teve a Gula nunca,
Nem a mole Preguiça, e que enjoados
Da vida solta que viviam esses,
As sandálias à porta sacudindo,
Da aborrecível casa se alongaram
Levando n'alma a austeridade antiga
E a pureza imortal da santa igreja.

VIII

Os mais deles em frívola conversa,
Os sucessos do dia comentavam.
Ali o alcaide-mor e o seu governo,
Entre contínuas mofas e risadas,
Dos amáveis ferrões picados eram,
E bem assim o temerário Mustre
Que de si mesmo cheio, presumia
Ter o rei na barriga, e na cabeça
Toda a ciência humana concentrada.
Vinha depois algum picante caso
De monacal discórdia, ou de profana
Namoração que o Nunes abelhudo,
Para o baço espriaiar do grande Almada,
E fazer jus às boas graças dele,
Pelas ruas colhia, e temperava
De combinadas pausas e trejeitos.

IX

Finalmente falavam da aventura
Do almotacé Fagundes, que, dançando
Na Rua do Alecrim com suma graça,
Tão derretido contemplava as moças
Que de ventas caiu no pó da sala.
Ao vê-lo na ridícula postura,
Desataram a rir as cruéis damas,
Os gemidos cessaram das rebecas
E pôs-se toda a casa em rebuliço;
Até que o triste e pálido gamenho,
O corpo levantando e mais o ramo
De flores que no peito atado havia,
Foi na cama chorar o seu desastre.

X

Iam assim as horas desfiando
Os mandriões sagrados quando a nova
Da vitória das duas gordas culpas
Troa às orelhas da terrível Ira.
Sobre um campo voando de batalha
Ela os olhos pascia; ela no sangue
Satisfeita mirava o duro rosto;
Súbito estaca; as ríspidas melenas
Impetuosa sacode; e sufocando
Um rugido feroz dentro do peito,
Rompe, como um tufão, da terra às nuvens,
Os ares corta e à bela terra desce
Que houve de Santa Cruz a lei e o nome.
Enfim assoma ao áspero penedo
Que a jovem Niterói, como atalaia,
Eternamente guarda. Alguns instantes
Dali contempla os tetos da cidade,
E, outra vez devolvendo impetuosa
As rubras asas, atravessa o golfo,
E firma os pés na desejada praia.

XI

Tudo jazia em paz. Eis que um barbeiro
Que de um vizinho escanhoava o rosto,

De mil alheios casos discursando,
Irrita-se de súbito, e de um golpe
Acaba no freguês a barba e a vida.
Não distante, no célebre Colégio,
Dous enxadristas de primeira plana
Uma grave batalha pelejavam
Assentados na cerca. O Doutor Lopes,
Não sei se com razão, se por descuido,
Come um cavalo ou torre ao Padre Inácio.
Este reclama; aquele encolhe os ombros;
Encaram-se com gesto de desprezo,
Passam do gesto à voz, da voz ao pulso,
Engalfinham-se, rolam pela terra,
Bufam, rasgam-se, mordem-se, desunham-se,
E assim mordidos e rasgados ambos
No chão sem vida longo tempo jazem.

XII

E também ela à fresca sombra posta
Do copado arvoredado, reclinada
Sobre a urna gentil das águas suas,
A Carioca estremeceu. Nas veias
Sente pular-lhe o sangue. Rubras flores
De cajueiro e parasitas que ela,
Para tocar-se, co'os mimosos dedos
Entretecia, desparzidas todas
As lançou na corrente. Qual outrora
Quando por essas praias ressoava
O som da inúbia, palpitar-lhe sente
Mais forte o coração. Súbito irada
Os negros fios ásperos sacode
Que ao longo da trigueira espádua caem,
E veloz arrojando-se nas ondas,
Sublevá-las intenta; encher com elas
Campos e montes... Infeliz! Cansada,
Arquejante e chorosa se recolhe;
Não ficou Natureza de seus braços
Tamanha empresa; e a linfa que murmura,
Como sentida dos maternos males,
Lânguida volve as preguiçosas ondas.

XIII

De tais sucessos desdenhando a Ira
À casa se encaminha do prelado.
Já não arde o furor nos olhos dela;
Pensativos os leva; um meio busca,
Um decisivo golpe com que abale
A adormecida igreja, quando a tunda
Ocorre do tabelião pacato
Freire, amador de moças e aventuras.
Quem as armas brandiu daquele crime?
As mãos dos servos do prelado foram.
Este caso em seu íntimo revolve
A fera culpa; os olhos fita; pensa...
Repentino sorriso os lábios lhe abre;
Arreganho disséreis de faminto
Jaguaruçu; achado é o grande golpe.
As asas bate a Ira e revoando
À casa vai do esmorecido Freire.

CANTO III

I

.....
.....

II

Que lance há hi nessa comédia humana,
Em que não entrem moças? Descorada,
Como heroína de romance de hoje,
Alva, como as mais alvas deste mundo,
Tal, que disseras lhe negara o sangue
A madre natureza, Margarida
Tinha o suave, delicado aspecto
De uma santa de cera, antes que a tinta
O matiz beatífico lhe ponha.
Era alta e fina, senhoril e bela.
Olhos, tinha-os da cor incerta e vaga
Que não é puro azul nem alvo puro,
Antes combinação de ambas as cores.

Mas tão sutil no entanto e tão perfeita
Que não há decidir. Garços lhes chamam,
E, se não mentem fábulas gentias,
Minerva os tinha assim. Nunca mais vivo
Transparecera em rosto de donzela
Vergonhoso pudor, agreste e rude,
Que até de uns simples olhos se ofendia,
E chegava a corar, se o pensamento
Lhe adivinhava anônimo suspiro
Ou remota ambição de amante ousado.
Era vê-la, ao domingo, caminhando
À missa, co'os parentes e os escravos,
A um de fundo, em grave e compassada
Procissão; era ver-lhe a compostura,
A devoção com que escutava o padre,
E no *agnus dei* levava a mão ao peito,
Mão que enchia de fogos e desejos
Dez ou doze amadores respeitosos
De suas graças, vários na figura,
Na posição, na idade e no juízo,
E que ali mesmo, à luz dos bentos círios,
(Tão de longe vêm já os maus costumes!)
Ousavam inda suspirar por ela.

III

Entre esses figurava o moço Vasco.
Vasco, a flor dos vadios da cidade,
Namorador dos adros das igrejas,
Taful de cavalhadas, consumado
Nas hípicas façanhas, era o nome
Que mais na baila andava. Moça havia
Que por ele trocara (erro de moça!)
O seu lugar no céu; e este pecado,
Inda que todo interior e mudo,
Dous terços lhe custou de penitência
Que o confessor lhe impôs. Era sabido
Que nas salas da casa do governo,
Certa noite, de mágoa desmaiaram
Duas damas rivais, porque o magano
As cartas confundira do namoro.
Estas proezas tais, que o fértil vulgo
Com aumentos de casa encarecia,

E a bem lançada perna, e o luzidio
Dos sapatos, e as sedas e os veludos,
E o franco aplauso de uns, e a inveja de outros,
O cetro lhe doaram dos peraltas.

IV

E contudo, era em vão que à ingênua dama
A flor do esquivo coração pedia;
Inúteis os suspiros lhe brotavam
Do íntimo do peito; nem da esperta
Mucama, — natural cúmplice amiga
Desta sorte de crimes, lhe valiam
Os recados de boca; — nem as longas,
Maviosas letras em papel bordado,
Atadas com a simbólica fitinha
Cor de esperança, — e olhares derretidos,
Se a topava à janela, — raro evento,
Que o pai, varão de bolsa e qualidade,
Que repousava das fadigas longas
Havidas no mercado de africanos,
Era um tipo de sólidas virtudes
E muita experiência. Poucas vezes
Ia à rua. Nas horas de fastio,
A jogar o gamão, ou recostado,
Com um vizinho, a tasquinhar nos outros,
Sem trabalho maior, passava o tempo.

V

Ora, em certo domingo, houve luzida
Festa de cavalhadas e argolinhas,
Com danças ao ar livre e outros folgares,
Recreios do bom tempo, infância d'arte,
Que o progresso apagou, e nós trocamos
Por brincos mais da nossa juventude
E melhores decerto; tão ingênuos,
Tão simples, não. Vão longe aquelas festas,
Usos, costumes são que se perderam,
Como se hão de perder os nossos de hoje,
Nesse rio caudal que tudo leva
Impetuoso ao vasto mar dos séculos.

VI

Abalada a cidade quase tanto
Como nos dias de solene festa
Da grande aclamação, de que inda falam
Com saudade os muchachos de outro tempo,
Varões agora de medida e peso,
Todo o povo deixara as casas suas.
Grato ensejo era aquele. Resoluto
A correr desta vez uma argolinha,
O intrépido mancebo empunha a lança
Dos combates, na frente um capacete
De longa, verde, flutuante pluma,
Escancha-se no dorso de um cavalo
E armado vai para a festiva guerra.

VII

Ia a passo o corcel, como ia a passo
Seu pensamento, certo da conquista,
Se ela visse o brilhante cavaleiro
Que, por amor daqueles belos olhos,
Derrotar prometia na estacada
Um cento de rivais. Subitamente
Vê apontar a ríspida figura
Do ríspido negreiro; a esposa o segue
E logo atrás a suspirada moça,
Que lentamente e plácida caminha
Com os olhos no chão. Corpilho a veste
De azul veludo; a manga arregaçada
Até à doce curva, o braço amostra
Delicioso e nu. A indiana seda
Que a linha mão da moça arregaçava,
Com aquela sagaz indiferença,
Que o demo ensina às mais singelas damas,
A furto lhe mostrou, breve e apertado
No sapatinho fino, o mais gracioso,
O mais galante pé que inda há nascido
Nestas terras: — tacão alto e forrado
De cetim rubro lhe alteava o corpo,
E airoso modo lhe imprimia ao passo...

VIII

Ao brioso corcel encurta as rédeas
Vasco, e detém-se. A bela ia caminho
E iam com ela seus perdidos olhos,
Quando (visão terrível!) a figura
Pálida e comovida lhe aparece
Do Freire, que, como ele namorado,
Contempla a dama, a suspirar por ela.
Era um varão distinto o honrado Freire,
Tabelião da terra, não metido
Nas arengas do bairro. Pouco amante
Dessa glória que tantas vezes fulge
Quando os mortais merecedores dela
Jazem no eterno pó, não se ilustrara
Com atos de bravura ou de grandeza,
Nem cobiçara as distinções do mando.
Confidente supremo dos que à vida
Dizem o último adeus, só lhe importava
Deitar em amplo *in folio* as derradeiras
Vontades do homem, repartir co'a pena
Pingue ou magra fazenda, já cercada
De farejantes corvos, — grato emprego
A um coração filósofo, e remédio
Para matar as ilusões no peito.
Certo, ver o usuário, que a riqueza
Obteve à custa dos vinténs do próximo,
Comprar a eterna paz na eterna vida
Com biocos de póstumias virtudes;
Em torno dele contemplar ansiados
Os que, durante longo-áridos anos,
De lisonjas e afagos o cercaram;
Depois alegres uns, sombrios outros,
Conforme foi silencioso ou grato
O abastado defunto, — emprego é esse
Pouco adequado a jovens e a poetas.

IX

Jovem não era nem poeta o Freire;
Tinha oito lustros e falava em prosa;

Mas que és tu, mocidade? e tu, poesia?
Um auto de batismo? quatro versos?
Ou brancas asas da sensível pomba
Que arrulha em peito humano?

Único as perde,
Quem o lume do amor nos seios d'alma
Apagar-se-lhe sente. A névoa pode
Qual turbante mourisco, a cumeada
Das montanhas cingir da nossa terra,
Que muito, se ao redor viceja ainda
Primavera imortal?

Um dia, ao vê-la
De tantos requestada a esquiva moça,
Sente o Freire bater-lhe as adormidas
Asas o coração. Que não desdoura,
Antes lhe dá realce e lhe desvinca
A nobre fronte a um homem da justiça,
Como os outros mortais, morrer de amores;
E amar e ser amado é, neste mundo,
A tarefa melhor da nossa espécie,
Tão cheia de outras que não valem nada.

X

Margarida no entanto ia caminho.
E, ou fosse intenção, ou fosse acaso,
A linda moça um ramo que trazia
De alvas saudades entre os lindo dedos,
Deixa-lho aos pés cair. Quem vos pudera
Pintar o regozijo, o espanto, a glória
Que transluziu de súbito no rosto
..... Já trêmulo se curva,
A apanhar satisfeito a odiosa prenda...

.....
Quando rubro de cólera e despeito
Pica as esporas, galga de um só lance
O pequeno intervalo, e mais depressa
Do que cruza um fuzil nos turvos ares,
Ou muda de lugar vadia estrela,
Co'a pata do ginete o ramo abafa
E estas palavras furiosas solta:
"Vilão! suspende ou morres!" Amarelo
Como lauda de pública escritura

Que envelheceu, e trêmulo de medo,
O Freire recuou. Desmonta e apanha
As pobres flores; respeitoso as beija,
E com elas adorna as plumas do elmo.
Depois fitando com desprezo o triste
Tabelião, lhe brada: "Se inda ousares
Os olhos levantar àquela dama,
O castigo hás de ter da audácia tua;
Não bárbaro, decerto, que não vale
Tua pessoa a pena de um delito;
Mas ridículo, sim; um tal castigo
Que na memória fique da cidade,
Que as mães contem às filhas casadeiras,
E de eterna irrisão teu nome cubra".
Disse, e montando no corcel que estava
Impaciente de voar à liça,
Dali se foi a largo trote, enquanto
Oposto rumo furioso segue
O abatido rival.

X

Ora, uma noite, após conversa longa,
Freire encostado ao muro, ela à janela,
Naquele doce olvido de si mesmos
Em que toda se envolve a alma encantada,
Após ardentes e trocados beijos,
Trocados... mas de longe, — a bela moça:
"Adeus! (murmura) É tarde; vai-te embora.
Se papai nos descobre, estou perdida.
Foge, meu doce amor; olha, não percas,
Por um instante mais, toda a ventura
Que nos aguarda em breve. Tanta gente
Tem inveja de ti! Não sei, receio;
Fala-me o coração..." — Com voz macia,
Replica o namorado: "Importa pouco,
Ó minha bela Margarida, a inveja
De tão frouxos rivais. Se for preciso,
Eu, que sou tão pacato, a todos eles
Darei uma lição de tanto peso
Que inda depois de mortos e enterrados,
Lhes doerá nas abatidas costas.
Que queres? Minha força és tu; teus olhos

Para mim valem mais que cem espadas.
Com eles na memória, amada minha,
Nada temo na terra; um regimento,
Um touro bravo, cem medonhas cobras,
Uma horda guerreira de tapuias,
Tranqüilo afrontarei, se a tua vida,
Se o nosso amor, de os afrontar dependem".

XII

Assim falou o Freire; e despedidos
Um do outro com juras e protestos,
Depois de muitas e bonitas cousas,
Desapareceu a bela Margarida,
Enquanto o resoluto namorado
Para os lares inclina a ousada proa.
Não cuides tu, taful do tempo de hoje,
Que ao toque da alvorada à casa tornas,
Cantarolando uma ária que a Lagrange
Nos desvãos da memória te há deixado,
Que era fácil então, nas horas mortas,
Andar desertas ruas. Treva espessa
O caminho escondia. Gás nem óleo
Os passos alumiaava ao caminhante
Que não trouxesse a clássica lanterna.
E lanterna traria um namorado
Que andava às aventuras? Bom piloto
Da cidade natal, lá ia o Freire
Sem muito tropeçar buscando os lares.
Cem quimeras, batendo as asas leves,
Lhe revoam na mente. Ele imagina
Que o velho pai da moça, perdoando
A secreta paixão, lhe entrega a filha
E seu genro o nomeia; que a cidade
De outro assunto não fala uma semana.
Já o casto véu de noiva lhe arrancava
Com as sôfregas mãos...

XIII

Confusas vozes

Ouve subitamente a poucos passos;
Dez vultos surgem, vinte braços se erguem,

E dez golpes de junco lhe desdouram
A descuidada espádua. O pobre Freire,
Para ameigar ou convencer os bárbaros,
Um discurso começa; mas sentindo
A cada frase dez protestos juntos,
A tangente procura das canelas,
E a correr deita pelas ruas fora.
Então, começa a tenebrosa e longa
Odisséia de voltas e revoltas,
Que em suas vastas regiões etéreas
As lúcidas estrelas contemplaram
A rir à solta, a rir de tal maneira
Que todo o espaço foi sulcado logo
De lágrimas brilhantes, — meteoros
Lhes chama a veneranda astronomia.
Ei-lo que volta rápido as esquinas,
Os passos negaceia, aqui descansa,
Ali tenta ameaçar os seus algozes,
Vinte vezes tropeça e cai por terra,
Vinte vezes ligeiro se levanta,
Grita, voa, murmura, implora e geme,
Té que, ofegante de cansaço e medo,
Na lagoa parou da Sentinela.

XIV

Com os ossos moídos, e vexado
Da triste posição em que se vira,
O miserável amador na cama
Foi lastimar os brios e as costelas;
E já nas mãos de um benfazejo sono
O espírito entregava, quando a Ira
Com asas de cor de fogo, lhe aparece,
E deste modo fala: “Que sossego,
Que covardia é essa que te embarga
A voz para punir tamanha injúria
De um rival?... Sim, rival, que em seu desforço,
Dez homens apostou? Pois sabe, ó mísero,
Que o teu futuro do castigo pende;
A sentença que houver punido o infame,
Caminho te abrirá para as venturas
Íntimas, conjugais. Fortuna é dama
Que os corações medrosos aborrece.

Despe a modéstia que te peia os braços;
Vai ao Mustre falar; expõe-lhe a queixa,
E vinga de um só lance o amor e o brio!”

XV

Disse, o teto rompeu, voou no espaço.
Era sonho ou visão? Por largo tempo,
Entre um grupo de pálidas estrelas,
A figura agitara as rubras asas,
Té que se ouviu um singular estrondo
Remoto e prolongado. Ninguém soube
A causa disto, mas afirma um cabo
De ordenanças ter visto alguns minutos
Sobre a Gávea chover enxofre e cinzas.

CANTO IV

I

Já sobre os tetos da cidade infante
Novembro as asas cálidas abria,
Que mil ásperos ventos intumescem
E outras tantas famosas trovoadas
Clássicas, infalíveis dos bons tempos,
Quando o leito buscando o forte Almada
A sesta foi dormir como costuma.
Cheio ainda dos gabos do Veloso,
Que num longo sermão daquele dia,
Com arte e jeito o nome seu alçara
Muito acima das nítidas estrelas;
Estende-se na cama; e a fantasia,
Naquele bruxulear em que não vela
Nem dorme ainda a humanidade nossa,
Começa de pintar-lhe um vasto quadro
De grandezas futuras. Vê as águas
De Niterói rasgando a nau famosa
Que o levaria às águas da Ulisséia,
Para o bago empunhar do arcebispo.
Nem só isso, que o papa, desejando
De tal sujeito coroar os méritos,
Cede à insinuação da Companhia,

E lhe manda o chapéu cardinalício
Com mais duas fivelas de esmeralda.

II

Já mais dormido que acordado estava,
E na região das lúcidas quimeras
Todo se lhe engolfava o ânimo ardente,
Quando uma voz subitamente o acorda.
Era a terrível Ira, que tomando
A figura de Vasco, seu sobrinho,
Na alcova entrou bradando desta sorte:
“Oh que afronta, meu tio! que desonra!
Quem tal dissera? O tresloucado Mustre,
O ouvidor atreveu-se...” Isto dizendo
Numa cadeira cai; salta da cama
Aturdido o prelado e lhe pergunta
Que afronta, que ousadia, que mistério
Anunciar-lhe vem daquele modo.
Então a Ira, revolvendo os olhos,
Com voz surda lhe diz que o fero Mustre
Atrevera-se a abrir uma devassa
Entre os servos da Sua Senhoria.

III

Como a galinha, que travesso infante
De alguns queridos pintos despojara,
Na defesa da prole irada avança,
Tal rugindo de cólera descreve
Em quatro passos a comprida alcova
O grande Almada. Súbito estacando,
A vista crava no vazio espaço.
Ali (milagre só da roaz cólera!)
Vê a figura do atrevido Mustre;
E com olhos, com gestos, com palavras
O ameaça de morte e lhe anuncia
Que há de eterna vergonha os ossos dele
Insepulto levar de idade a idade.
“Tão incrível (diz ele), enorme audácia
De vir meter as mãos no que pertence
À minha eminentíssima pessoa

Um castigo há de ter, — exemplo raro,
Que servirá de público escarmento,
E de algum pasmo aos séculos futuros!”

IV

Disse; e, tomado de furor estranho,
Gesticulando sai; e enquanto a tarde
Pela morena espádua o véu devolve
Com que baixa a montanha e à várzea desce,
Concentrado vagou de sala em sala.

V

Longa a noite lhe foi; áspero catre
Os macios colchões lhe pareciam
Ao pastor fluminense, que cem vezes,
Que cem vezes fechara os tristes olhos,
Sem conseguir dormir a noite inteira.
No cérebro agitado lhe traçava
A mão da Ira mil diversos planos
Contra o fero ouvidor. Ora imagina,
Em saco estreito atado na cintura,
Mandar deitá-lo aos peixes; longos anos
Encerrá-lo em medonho, escuro cárcere;
Ou já numa fogueira, concertava
Pelas discretas mãos do Santo Ofício,
Esmero d'arte e punição de hereges,
Como um simples judeu, torrâ-lo aos poucos.

VI

Mas, de baldados sonhos fatigado,
O prelado da cama se levanta.
Enfia as cuecas, os pantufos calça
E manda ali chamar o seu copeiro.
Corre Anselmo trazendo respeitoso
De alvo grosso mingau ampla tigela
Com que o prelado consolar costuma,
Antes de se voltar para outro lado,
O laborioso estômago, e ao vê-lo

De pé, meio vestido e tão esperto,
Os olhos espantados arregala
E exclama: "Santo Deus! a estas horas!
Que milagre, senhor, ou que promessa
Fez Vossa Senhoria que o obrigue
A tão cedo deixar sua cama?"
— "Anselmo, nem milagre, nem promessa
(Responde o grande e valoroso Almada).
Se eu fiz hoje uma cousa nunca vista,
Se eu precedi o sol nesta cidade,
Causa única foi um grave assunto
Que o sono me tolheu a noite inteira.
Ao cozinheiro vai da minha parte,
Dize-lhe que um jantar de dez talheres,
Sem olhar a despesas me prepare,
Que hoje quero brindar por certa causa
Alguns amigos meus. Do teu antigo
Zelo confio, como sempre, a mesa;
Deita os cristais abaixo; na de Holanda
Toalha que mais fina houver na casa,
Com arte me dispõe, com simetria,
A baixela melhor."

VII

Isto dizendo,
A matutina refeição despacha;
Murmurando de cólera se veste,
E roxo como a renascente aurora,
Chama um lacaio e um bilheteinho manda
Às colunas da igreja fluminense.
Tal o prudente capitão, se as armas,
Que até ali defendeu, vexadas foram,
A conselho convoca os demais cabos,
E do ousado inimigo prontamente
Decretam juntos a vergonha e a morte.

VIII

Quando veio o jantar, sombrio e mudo,
Sentou-se o grande Almada e, mastigando,
Com distraído gesto, alguns bocados,

Nenhuma frase de seus lábios solta.
Debalde o Vilalobos, seu vigário,
Todo se remexia na cadeira;
Debalde o médio Lucas consultava
Os seus colegas, desejosos todos
De irem dormir a costumada sesta;
A misteriosa causa do silêncio
Em que o prelado jaz ninguém descobre.
Enfim, o grande Almada se levanta,
E para a ceia diferindo o caso
(Tanto nele inda a cólera rugia!)
Sem a bênção e as rezas de costume
Tornou da mesa extinta ao fofo leito;
Doce exemplo que os outros imitaram,
E em desconto de algum perdido tempo,
Dormiram muito além de ave-marias.

IX

Mas o Veloso, adulator e astuto,
Não conseguiu dormir. Em vão na cama
As posições mudava; o pensamento
Velava inteiro e afugentava o sono.
Maravilha era essa, e grande, e rara,
Pois entre os dorminhocos desse tempo
Tinha lugar conspícuo; antes das nove,
Sem embargo da sesta, era defunto,
E nunca ouvira o despertar do galo.

X

Quando, ao sinal da ceia, aparelhados
Correram todos à pejada mesa,
Antes de se sentar, silêncio pede
O Veloso e, três vezes a cabeça
Curvando, fala: “Se partis conosco
Magnânimo prelado, as alegrias,
Por que as mágoas furtais aos nossos olhos?
Ah! dissei que importuna, estranha causa
Melancólico véu no amado rosto
Desde o jantar vos pôs! Debalde busco
A razão descobrir de tal mudança.

Dar-se-á que, por descuido da cozinha,
Na sopa entrasse o fumo? Eu, se não erro,
Vestígios dele achei, posto que a pressa
Com que a sopa comi me disfarçasse
De algum modo o sabor. Ou, no trajeto
Daqui à Sé, algum clérigo novo
Vos faltou co' a devida reverência?
Contai, senhor, contai a amigos velhos
Males que deles são!”

XI

A tais palavras,
Com o punho cerrado sobre a mesa,
O prelado despede um grande golpe
Que faz tremer terrinas e garrafas
E apaga a cor nos lábios do Veloso.
Logo mais sossegado, e perpassando
Pela douta assembléia um olhar grave,
Encara o pregador; e dando à fala
Menos rude expressão, assim responde:
“— Não, amigo, a razão da minha cólera
Nenhuma dessas foi. A baixa inveja
Do presumido Mustre, a quem basbaques
Tecem descompassados elogios
E cujo nome nas tabernas brilha,
Isto só me acendeu dentro do peito
Desusado furor. Vós do meu cargo
Companheiros fiéis, que com diurna,
Noturna mão versais minha alma inteira,
Uma parte tomai da funda mágoa
E ajudai-me a punir tamanha afronta!”

XII

Aqui refere o caso da devassa
Que aos figadais, solícitos amigos,
Lhes arrepiam as carnes e o cabelo,
E desta sorte acaba o seu discurso:
"Eu merecera arder no eterno fogo
Que o cão tihoso aos pecadores guarda,
Viver de bacalhau toda a quaresma,

Dormir três horas numa noite inteira,
Se esse infame ouvidor, parto do inferno,
Triunfasse de mim, e ao riso e às chufas
Me expusesse da plebe e dos lacaios.
Que diriam de mim nesses conventos,
Focos de luz, onde o meu nome há muito
De tão ilustre ofusca os outros nomes,
Qual a um raio se vê do sol brilhante
Da noite os claros lumes desmaiarem?
Eia! a afronta comum igual esforço
De todos nós exige. As vossas luzes
Me ajudarão neste difícil caso,
E se inda o mundo não perdeu de todo
O lume da justiça, aquele biltre,
Que tão cheio de si anda na terra,
Tamanho tombo levará do cargo
Que estalará de espanto e de vergonha.”

XIII

Assim falou Almada, e toda a mesa
Lhe aprovou o discurso. O Vilalobos,
Em quem os olhos fita o grão prelado,
Algum tempo medita um bom alvitre,
E ia já começar a sua arenga
Quando o astuto Veloso a vez lhe toma:
“Minha idéia, senhor, é que esse infame
Nem alma, nem vigor, nem bizzarria
Houve do céu, e que abater-lhe a proa
O mesmo vale que esmagar brincando
Uma pulga, um mosquito, uma formiga.
Mas porque seja bom tapar a boca
Aos vadios da terra, e porque vale,
Em certos casos, afetar nas formas
Tal ou qual mansidão, que não existe,
Cuido que em lhe mandando uma embaixada
A exigir-lhe a devassa...”

XIV

“Nunca! Nunca!
(Interrompe o vigário). Uma embaixada!

Tratar de igual a igual a um bigorrilhas!
E tal cousa, senhor, nascer-lhe pôde
No claro entendimento? Todo o lustre,
Valor e autoridade a igreja perde
Se não falar de cima ao tal pedante,
Com desprezo, com asco. Em boa regra,
Cortesia demanda cortesia;
Mas um vilão que a processar se atreve
Os criados da casa do prelado,
Em vez de uma embaixada, merecia
Nas costas uma dose de cacete.
Não, senhor; é meu voto que se mande
Uma singela, e seca, e rasa, e nua
Citação para a entrega da devassa
No prazo de três dias. Desta sorte
Não se abate o prelado, nem as nobres
Insígnias enlameia do seu cargo,
Que eles e nós todos conservar devemos
Puras de vil contato”.

XV

— “Mas a pena?
(Triunfante o Veloso lhe pergunta).
Uma pena há de haver com que se obrigue
A cumprir o mandado? Suponhamos
Que entregar a devassa ele recuse,
Que recurso nos dais para sairmos
Deste apertado lance? Há de o prelado
Ver mofar do poder que lhe compete?
A derrota assistir da causa sua?
Humilhar-se? Eu jamais aprovaria
Tão singular idéia. Uma embaixada,
Sem da igreja abater os sacros foros,
Com jeito e mancha alcançaria tudo,
E se nada alcançasse, é tão brilhante
A fama do prelado, que bastava
A causa remeter para Lisboa,
Que em seu favor viria o régio voto.”

XVI

Acabou de falar. Então a Gula,
Que presente ali estava, enquanto a Ira
O belicoso espírito lhes sopra
Aos duros capitães, lhes vai roendo
As famintas entranhas, qual nos contam
Do filho de Climene, que primeiro
Ao céu roubara o lume, antes que o tempo,
Longo volvendo séculos e séculos,
Real tornasse a fábula do homens
E nos desse o teu gênio, imortal Franklin.

XVII

E depois que a discreta companhia,
Por não perder o precioso tempo,
Foi comendo e falando sobre o caso,
Fazendo a língua dous ofícios juntos,
Esta sentença lavra o grande Almada:
“Acho muito cabida e boa a idéia
Do pregador Veloso; mas não menos
Razoável a idéia me parece
Do profundo vigário. Aceito-as ambas
E praticá-las vou. Desta maneira
Ostento mansidão, e com mais força
O golpe lhe darei se me recusa
A devassa entregar. Ao mesmo tempo
Alterada não vejo a paz gostosa
Em que de outras fadigas descansamos.
Entretanto convém que armado e pronto
Vá logo o embaixador. A vós incumbo
(O forte Almada ao Vilalobos disse)
Da solene feitura de um mandado
Co’o prazo de três dias, e com pena
De... excomunhão!”

XVIII

Aqui um alto grito
De espanto, de terror, de entusiasmo
Rompe do peito aos veneráveis sócios.
Como nas horas da calada noite
Uma pêndula bate solitária,

Depois outra, mais outra, e muitas outras
Monótonas o mesmo som repetem,
Assim de boca em boca os reverendos
“Excomunhão! excomunhão!” murmuram,
Porventura algum deles duvidoso
Se aquela vencedora espada antiga
Que as heresias combateu da Igreja
Empregar-se num caso deveria
De tão pequena monta; mas, guardando
Essa idéia consigo, que não rende
Os risos do prelado nem os fartos
Jantares que amiúde lhe oferece,
Com todo o gosto a excomunhão aplaude
Do insolente juiz.

XIX

Então o Lucas

Que, desde que estreara a lauta mesa,
Come com quantos dentes tem na boca,
Que uma assada cutia despachara,
Quatro pombos, e de uma grande torta
Ia já caminhando em mais de meio,
A boca levantou do eterno pasto
E falou desta sorte: “Bem humilde
É meu braço, senhor; mas se a defesa
Dos sacros foros meu esforço pede,
Contar podeis comigo neste lance,
E certo estou que em decisão e zelo
Ninguém me há de exceder. Proponho agora
Que nesta ocasião grave e solene
Juramento façamos de puni-lo
Ao ouvidor, e não deixar o campo
Sem a honra lavar do nobre Almada”.
Isto dizendo, da cadeira a custo
A barriga levanta o reverendo;
Todos o imitam logo, e sobre a mesa
Alçam as mãos e juram de vingar-se
Do presumido Mustre; e porque a empresa
Novos brios pedia, em pouco tempo,
Com raro esforço, toda a mesa varrem.

XX

Entretanto, afiando à porta o ouvido,
Longo tempo escutara o moço Vasco
As deliberações do grão conselho,
E receoso da tremenda guerra
Que dali certamente nasceria,
Pondo em risco talvez sua pessoa,
Entra pálido e trêmulo na sala.

XXI

Ao vê-lo demudado, os circunstantes
Estremecem de susto. Qual receia
Que o Mustre, sabedor do que se passa,
A suas Reverências um processo
Instaurara de pronto. Qual cogita
Que cem homens de tropa os têm cercados
E ouve já, na escaldada fantasia
Ranger nos gonzos a medonha porta
Do cárcere perpétuo. Tu somente,
Vilalobos, e tu, Cardoso forte,
O coração pacífico tivestes,
E a frieza imitastes do prelado.

XXII

“Ruins novas trazeis, ao que parece,
Vasco! (o tio lhe diz); e suspirando
O moço lhe responde: “Novas trago
E penosas, senhor. Sabei que o monstro,
A causa principal do triste opróbrio,
O autor de tantos e tamanhos males,
Único eu sou. Meu atrevido braço
Armou os vossos servos; é seu crime
Verdadeiro, e fui eu...” Calara o resto,
Algum tanto vexado, mas o tio,
Contraindo as grisalhas sobranceiras
Com que faz abalar toda a família,
Nestas ásperas vozes logo rompe:
“— Que! um crime! Houve um crime! E qual? e quando?
E por que causa?” “— A causa era a mais pura:

Amor...”

XXIII

A tais palavras o auditório
De boca aberta fica, mal ousando
Acreditar em tanto atrevimento
E curioso de saber o resto.
Mais que todos os outros, o Veloso
Interrogar quisera o moço Vasco;
Contudo nada diz, que é regra sua
Sondar primeiro ao ânimo ao prelado,
De quem copia sempre a catadura
E é turvo se ele é turvo; alegre, alegre.

XXIV

“Ora pois! fosse a causa amor ou ódio
(O tio diz) importa nada ao caso.
Nem por isso uma linha só recuo
Do meu procedimento. Desejara,
No entanto, a história ouvir do teu delito.
Esta grave assembléia certamente
Preferira entreter-se de outras cousas
Mais chegadas à nossa dignidade
E santa condição; mas não importa;
Um dia não são dias, e é de jeito
Que instruamos de todo este processo”.
Isto dizendo, a uma cadeira vaga
Que defronte lhe fica, estende o dedo.
Vasco obedece. A douta companhia,
Que ansiosa esperava aquele instante,
As cadeiras arrasta procurando
Idônea posição para escutá-lo.
Enche os copos Anselmo e se retira.

XXV

Prontos à escuta, emudeceram todos
E o moço começou: "Mandais-me, ó tio,
Que a lembrança renove do namoro

Infeliz, e a ridícula aventura
Em que fui grande parte. Ora vos conto
O misterioso caso da assuada.
Que essas estrelas curiosas viram,
Certa noite de amores encobertos
Em que um rival do amargo seu triunfo
A pena teve, e causa foi da afronta
Que hoje padece Vossa Senhoria.

.....

.....”

Neste ponto o prelado, desejoso
De disfarçar o natural vexame
Que a narração mundana lhe fazia,
Da profunda algibeira a caixa arranca
Do tabaco, abre-a, tosse, esfrega os dedos,
E uma grossa pitada apanha e funga.
O perspicaz conselho o imita logo;
Aventam-se as bocetas; os obséquios
Trocaram-se mutuamente os convidados;
Qual de uma vez na larga venta insere
O precioso pó; qual o divide
Benévolo entre as duas; e co’os lenços
Os reverendos... sacudidas,
Deste modo prossegue o moço Vasco:

.....

.....

.....

CANTO V

I

Já nas macias, preguiçosas camas
Santamente roncava o grão conclave,
Quando, em frente da mesa, carregada
De volumes, papel, e tinta e penas,
O douto Vilalobos se assentava.
Isto vendo, a Preguiça, que o mais dócil
Dos seus alunos no vigário tinha,
As formas adelgaça, o colo estica,
Afila os dedos, o nariz alonga,
E as feições copiando do escrevente,

Busca o vigário, e do âmago do peito
Molemente esta fala arranca e solta:
“Senhor, que grande novidade é esta?
Pela primeira vez, depois das nove,
Esquece-vos colchão e travesseiro,
Que essas valentes e cevadas formas
Com tanto amor criaram? Que motivo
Apartado vos traz da vossa cama?
Porventura esse cargo precioso
Que tão alto vos pôs nesta cidade
Não vos dá jus a regalar o corpo
Co’as delícias do sono? Que seria
Dos empregos mais altos deste mundo
Se não fossem razão de boa vida?
E que lucrais, senhor, com essa guerra?
A vaidade abater de um insensato,
Todo cheio de ventos e fanfúrrias?
Mais do que ele valia Mitridates
Que Lúculo bateu; mas quem se lembra
Do forte vencedor do rei do Ponto,
Quando nele contempla o mais conspícuo
Dos grandes mandriões da antiguidade,
Que mais soube comer que Roma inteira?
Deixai lá que se esbofe a inculta plebe
No vil trabalho com que compra a ceia;
Um homem como vós não se afadiga,
Come e ronca, senhor, que o mais é nada.”

II

“Não, amigo (responde-lhe o vigário
Com benévolo gesto, e todo cheio
Dos elogios); não, esta campanha
Tão mesquinha não é, nem tão mofino
O insolente rival. Tolo é, decerto,
E presunçoso; acresce-lhe mordê-lo
Uma inveja cruel do nosso Almada.
Débil não é quem vícios tais reúne.
Derrubá-lo é preciso. O grande nome,
O poder que me dá este meu cargo,
E do prelado a nobre confiança,
Exigem que ao trabalho hoje me entregue
Algum tempo sequer. Nem tu receies

Que eu desperdice as minhas bentas horas
De descanso. Uma só que nisto empenhe,
Tão fecunda há de ser, tão esticada,
Que dará quatro ou cinco em muitas noites,
E tudo se repõe no estado antigo.”

III

Insta a Preguiça; afrouxa, afrouxa quase
O vigário; na mente se lhe pinta
O alto, fofo colchão de fina pluma,
Em que as noites repousa, em que na sesta
A sua reverenda inércia espraia.
Os olhos com fastio aos livros lança;
A descair os membros lhe começam
De languidez; mas a cruel idéia
De ver perdida a posição brilhante
Que na igreja lhe cabe, o brio esperta
Ao grão doutor e lhe dissipa o sono.
Em vão tenta a Preguiça convidá-lo
Com palavras de mel; sacode o corpo,
Encolhe os ombros, os ouvidos cerra,
E ríspido a despede o reverendo.

IV

Apenas se achou só na grande sala,
Com o lenço o papel sacode e a mesa,
E num velho tinteiro mergulhando
A branca pena de um comido pato,
Lança as primeiras regras. Dez autores
Largamente consulta; um trecho saca
Dez tomos diversos e massudos
Com que as velas enfune ao seco estilo.
A cada rasgo da tardia pena,
Que a suada expressão goteja a custo,
A cabeça levanta o reverendo,
Todo o escrito relê com grande pausa,
As paredes consulta, e novamente
Ao trabalho com ânimo arremete.
Enfim, ao cabo de uma hora longa.
A tarefa acabou. Contento salta

Da cadeira, repete a torva prosa,
E vaidoso de si, como dos versos
Que primeiro compôs infantil vate,
As mãos esfrega, os olhos arregala,
Pela sala passeia, e de memória
Algum trecho repete, alguma frase
Que mais arrebicada lhe saíra.
O espanto do ouvidor, o entusiasmo
Do prelado, os pomposos elogios
Da cidade, na mente lhe descreve
Com destra mão e delicadas tintas
A fantasia... Mas aqui começam
De lhe pesar as pálpebras; a custo,
Trôpego e bocejando, deixa a sala,
Entra na alcova, a trancos se despede
Das roupas, e na cama continua
O delicioso sonho interrompido.

V

Lapidamente abrindo o alvo regaço,
E o chão juncando de purpúreas flores,
Do pastor fluminense à casa torna
A travessa alegria, e ao seu aspecto,
Pálida mágoa, lutuosa foges.
Sobre os moles colchões inda estendido,
O lóbrego papel ouve o prelado,
Que o douto Vilalobos lhe recita,
E com exclamações e com palmadas,
Lhe aplaude a erudição e o duro estilo,
E a infalível vitória lhe agradece.

VI

Um a um, vêm chegando os reverendos,
E a todos, um por um, de cabo a cabo,
A intimação lhes lê, que eles escutam,
Com muitos e rasgados elogios,
Maiormente os da boca do Veloso,
Que mal sofre ao rival este triunfo.
Mas como o fruto que seduz no rosto
E o verme esconde no corrupto seio,

Assim o pregador das grandes festas
Alegrar-se parece, enquanto a inveja
O punge, e mil idéias lhe insinua
De adular o prelado, e ao Vilalobos
Arrebatam os louros, que lhe impedem,
— O sono não, — mas o sossego d'alma.

VII

Ao ver-se tão cercado de zumbaias,
Em si mesmo não cabe de contente
O profundo doutor, em cujos lábios
A vaidade sorri, velada a meio
Dessas vãs cortesias de aparato,
E desse “Não, senhor! Oh! não! Oh! nunca!
Nunca esta prosa minha ambicionara
A tão alto subir como pretende
A bondade de Vossa Senhoria.
É um trabalhozinho feito à pressa
Só por obedecer às ordens suas”.
E outras tais mogigangas de modéstia,
De humildade, que são naqueles transes
Usual expressão.

VIII

Mas tu, Cardoso,
Êmulo foste do feliz vigário,
Quando para intimar o austero Mustre
Te ofereceste ousado. Havia fama,
Temerário escrivão, que a natureza
Para servo do altar te não fizera,
Que nasceras com balda de meirinho
Ou capitão-do-mato. — “Eu mesmo quero
(Diz o forte escrivão) dar-lhe este golpe,
E certo estou de que a fatal devassa
Das mãos virá do arrependido Mustre
A vossos pés cair”. Cheio de gosto,
Almada esta façanha lhe elogia,
E copiada a intimação famosa,
Rubricada e selada, prontamente
A recebe o Cardoso. Dous abraços

O prelado lhe dá, e mais a bênção
Que o livrará das tentações do diabo.
Dá-lhe inda mais. De uma gaveta saca
Um tremendo chapéu pomposo e feio,
Que lhe mandara um monge italiano,
E que ele a sete chaves escondia.
"Tomai (lhe diz) este chapéu, que há anos
De alheias vistas guardo; ele só vale
Mais que vinte orações; tomai-o, é vosso".

IX

Era um chapéu de três enormes bicos.
Respeitoso o escrivão lhe imprime um beijo
E na cabeça o põe, e assim de casa
Para intimar o Mustre se encaminha.
Vaidoso e cheio da missão que leva,
As ruas atravessa da cidade,
O pavor antevendo e os calafrios
Do mesquinho ouvidor, quando o mandado
De seus lábios ouvir, e na cabeça
Sentir descarregar o grande golpe.
A notícia entretanto ia correndo
Pela cidade toda, e a cada passo
Nas esquinas, nas lojas se detinha
A gente curiosa e os olhos punha
No famoso escrivão; mas, sobranceiro,
Impávido calcando a dura terra,
Sem fazer caso do miúdo povo,
No caminho prossegue. Já chegava
Aos edifícios últimos, e a planta
O despovoado chão pisava afoito,
Quando em frente lhe surge, lacrimosa,
Brígida, mocetona de mão cheia,
Caseira sem rival, mescla robusta
De áfrico sangue e sangue d'alva Europa.

X

Nos braços dela uma gentil criança
Dorme placidamente. Então sorrindo,
Ao ver o belo infante, e o brando sono

Que essa alma em flor, não machucada ainda
De ásperas mãos humanas, sobre as asas
À doce região dos anjos leva,
Pára o Cardoso. Brígida chegando
Da mão lhe trava, os olhos ergue a medo,
E estas palavras trêmula suspira:
“Revendo senhor, coragem tanta,
Cega destimidez, prendas tão raras
(Perdoai da caseira o atrevimento)
Fatais vos hão de ser. De boca em boca,
Corre que ides citar a toda a pressa
O bárbaro ouvidor. Ai, mais que nunca
A idéia de perder-vos me acobarda.
Que será desta mísera criança,
Se o padrinho lhe falta, e sem conforto,
Nem amparo, nem mão experiente
Houver de caminhar do berço à campa?
Convosco irão, senhor, os dias dela,
E os meus dias também, tão bafejados
Daquelas auras que a fortuna sopra
Por que seja maior nossa desdita.
Quem mais irei servir? Que mesa estranha
Me verá preparar toalha e copos,
Se esse monstro infernal, que a liberdade
E a vida guarda em suas mãos de ferro,
Ousar tirar-vos ambas? Não me resta
Pai nem mãe; tive irmãos; soldados foram,
Morreram todos na holandesa guerra.
Todos acho eu em vós; vós, meu amparo
Té hoje heis sido. Oh! por quem sois, vos peço,
Não me deixeis, senhor, sozinha e triste
Semear de amargas lágrimas a terra,
A dura terra em que pousar meu corpo,
Deslembrada, talvez escarnecida.
É tempo ainda; arremessai ao longe
O mandado fatal; à casa vinde,
Escondei-vos dos olhos do prelado,
Que em paz ficando vos comete o risco,
E duas vidas salvareis de um lance”.

XI

“Ó Brígida (o Cardoso lhe responde)

Justos receios são do teu afeto.
Mas se eu agora depusesse as armas,
Que seria da honra desta igreja?
Onde iria parar o nosso Almada?
Eu conheço o rancor do feroz Mustre,
Eu sei que o braço da justiça pode
Mil afrontas fazer aos nossos cargos,
E a cada passo encher-nos de vergonha.
Mas quão pior seria a raiva sua
Se levasse a melhor neste conflito,
Se castigando esta mortal injúria,
Não lográssemos nós ao mesmo tempo
Aterrá-lo, humilhá-lo, escangalhá-lo.
Vê que terríveis males, que desastres
Sobre nós cairão, se inda a vitória
Couber ao ímpio. O temerário braço
Quem poderá deter-lho? Quem, se um dia
Ousar da minha casa arrebatá-lo,
O golpe desviará do seu capricho?
Servi-lo irás então, mísera escrava!
Ao sol ardente cavarás a terra,
Sem gozar um minuto de descanso;
E se acaso na estrada, junto à cerca,
Um clérigo passar dos que me mordem,
Ao ver-te exclamará: “Lá serve ao Mustre
A famosa caseira do Cardoso!”
Triste suspiro de saudade e pena
Me mandarás em vão... Oh! antes, antes
(Se tal desgraça me prepara a sorte)
Num cárcere fechado à luz do dia
Viver perpetuamente, condenado
A perpétuo jejum de pão e água!”

XII

Disse, e do tenro infante os lindos braços
Docemente puxou. Logo desperta
Do sono a criancinha, os olhos volve
Ao heróico escrivão; porém, ao ver-lhe
O gigante chapéu de três pancadas,
Grita, recua e no roliço colo
Da mãe esconde o apavorado rosto.
Leve sorriso então assoma aos lábios

Da tenra mãe, do intrépido padrinho.
Descobre-se o Cardoso, e pondo em terra
O tremendo chapéu, toma nos braços
A criancinha, um ósculo lhe imprime,
E aos céus envia estas ardentes vozes:
“Céus que me ouvis, fazei que ilustre e grande
Este menino seja; igual audácia,
Igual força lhe dai, com que ele assombre
A raça toda de ouvidores novos.
Que diga o mundo ao vê-lo: “Ali renasce
Do valente padrinho o brio e o sangue!
E à doce mãe console esta homenagem”.

XIII

Cala, e nos nédios braços da caseira
A criança depôs; do chão levanta
O chapéu; na cabeça o põe de chofre.
“Vai da casa cuidar (lhe diz), eu parto;
Corro a citar o bárbaro inimigo.
Vencê-lo cumpre ou perecer com honra”.
Brígida comovida se despede
Do impávido Cardoso, e lentamente
Para casa dirige os passos trêmulos,
Não sem voltar de quando em quando o rosto,
Que o medo enfia e que umedecem lágrimas.

CANTO VI

I

Naquele tempo, a mão da arte engenhosa
Os elegantes bairros não abria,
Refúgio da abastança deste século,
E passeio obrigado dos peraltas.
Por essas praias ermas e saudosas
Inda guardava o eco o som terrível
Do falcão, do arcabuz que a vez primeira
Despertou Guanabara, e o silvo agudo
Da frecha do Tamoio. Ainda o eco
As rudes cantilenas repetia
Do trovador selvagem de outro tempo,

Que viu perdida a pátria, e viu com ela
Perdida a longa história de seus feitos
E os ritos de Tupã, perdida a raça
Que as férteis margens... Musa, onde me levas?
Filosofias vãs, quimeras, sonhos,
Flores, — apenas flores, — que não valem
Tantos gozos reais dos nossos dias,
Em paz os deixa, e do ouvidor famoso
À rústica morada me encaminha.

II

Não longe do tumulto da cidade,
Entre a verdura de copado bosque,
Tinha o Mustre uma casa de recreio.
Ali nos dias da estação calmosa,
Depois que à porta sacudia o tédio,
Tranqüilo descansava algumas horas
Da inércia do regaço. Ali gozando
Por olhos, boca, ouvidos e narizes,
Da fértil natureza os dons mais belos,
Correr deixava o mundo, sem que a fronte
O mínimo receio lha ensombrasse.

.....
.....
.....
.....

III

.....
.....
.....
.....
.....
.....
.....

O terrível Cardoso. Traz fechado
Na esquerda mão o singular decreto;
Com um gesto solene o desenrola,
Tosse, escarra, compõe a voz e o rosto,
E o venerando anátema lhe lança.

IV

Do longo espanto o fulminado Mustre
Enfim voltou; os olhos pela estrada
Desvairados estende; à casa torna
Apressado; braceja, grita, ordena
Que o padre chamem; quatro escravos correm
E voltam sem mais novas do Cardoso
Que veloz se tornara ao grande Almada
Da triunfante missão a dar-lhe conta.

V

Já trêmulo de raiva, já de susto,
O magistrado fica; ora, calado
Algum tempo ruma; ora, soltando
Descompassadas vozes e suspiros,
Atônito percorre a casa inteira.
Vagamente cogita uma vingança
Contra o duro rival; mas logo a triste
Realidade o coração lhe afrouxa.
A fantasia pinta-lhe o desprezo
Dos devotos sinceros, a medonha,
A dura solidão da vida sua,
O fugir dos amigos, os estranhos
Que por trás uma cruz fazendo nele,
Mais sozinho na terra vão deixá-lo
Do que em praia deserta ingrato dono
Deixa um triste cavalo moribundo.
Ora pensa em fugir; ora em prostrar-se
Do sagrado pastor aos pés, rendido...
Enleia-se, vacila, nada escolhe,
E nesta triste, miserável vida,
Entre sonhos, visões, medos e angústias,
Passa o duro ouvidor três horas longas.

VI

Enfim ceder a Almada determina,
A devassa entregar-lhe, assentar pazes,

Comprar com pouco a salvação eterna,
Uma esperança ao menos. Manda logo
À casa do escrivão que ali lhe traga
A famosa devassa, que enviada
De véspera lhe fora, e todo aflito
De sala em sala passeando espera.

VII

Mas a terrível Ira que perdia
Deste modo a campanha começada,
Pois no seio da paz de novo entrando,
Todo seria da Preguiça e Gula
O grão pastor da igreja fluminense,
Entra na pele do escrivão Ramalho
E à casa vai do esmorecido Mustre.
Este, apenas lobriga da janela
O fiel serventuário, e nenhum rolo
Lhe descobre nas mãos, trêmulo fica
E outra vez assustado ao portão desce;
A tempo que o Ramalho, mais risonho
Que um céu azul, que um dia de noivado,
Apressado chegava e lhe dizia:
— “Senhor, matai-me embora! Não vos trago
A devassa pedida, que acho injúria
Ao finíssimo sangue que vos corre
Nessas honradas veias, ao respeito
Em que há muito vos tem el-rei e a corte,
Abaixar-vos aos pés de um vão prelado,
E rojar-vos no pó da sacristia”.

VIII

Disse, e nas amplas ventas inserindo
Do recente rapé duas pitadas,
Foi por este teor desenrolando
Mil razões, mil inchados argumentos,
Com que em todas as eras deste mundo
Um naire ilustre convencer se deixa.

IX

“Eu bem sei (convencido lhe responde
O ouvidor), eu bem sei que fora triste
Que um preclaro varão da minha estofa,
Cujo nome não ouve o delinqüente
Sem desmaiar de susto, e que este povo
Respeitoso contempla, na baixeza
Caísse de ir ao pés de um vão prelado
E rojar-se no pó da sacristia.
Mas, meu caro Ramalho, que recurso
Nesta vida me resta? Tu não sabes
Que de mim vai fugir a gente toda?
Que eu vou ser o leproso da cidade?
Que meirinhos, beatas, algibebees,
E quem sabe se até os cães vadios,
Que à sumida barriga andam de noite
Pelas ruas catando algum sustento,
Tudo vai desprezar-me? Bom aviso
Quando falha a vitória na batalha,
É ceder às falanges do inimigo,
E preparar uma futura guerra”.

X

O mofino ouvidor assim falando,
Com apuro a vestir-se principia,
Uma arenga compondo de cabeça
Em que do seu pecado arrependido
Claramente se mostre, quando a Ira
Ao Ramalho sugere este conselho:
“Salvo, salvo senhor! é salvo tudo!
Conhecido vos é como o Senado,
Em luta com o pastor da nossa igreja,
Dele tem recebido tanta injúria,
E em risco está de semelhante pena.
Procurai-o, senhor, e com protesto,
Em nome da coroa e da justiça,
O negócio deponde. Deste modo
A muitos caberá toda essa afronta
E mais certa será nossa vitória”.

XI

Aceita foi a salvadora idéia.
Saem ambos os dous no mesmo instante,
Voam, chegam à casa do Senado,
E na sala penetram. Conversavam
Justamente do caso os camaristas.
E, na pele mordendo do prelado,
Receavam talvez igual destino
Ao do fero ouvidor, se no conflito,
Que há muito trazem com o grande Almada,
O jus do povo defender quiserem;
Quando na sala entrando furioso
A sua excomunhão refere o Mustre,
E lhes pede em defesa da coroa
O braço popular. Todo o congresso
Gelado fica. Súbito as cadeiras
Pela terra deitando, às portas correm
Os graves camaristas, e fugindo
Ao mísero ouvidor excomungado,
Para casa se lançam. Da pedreira,
Lançado o fogo à mina, a toda a pressa
Da mesma sorte os cavouqueiros fogem
Receosos de avulsos estilhaços.

XII

Em vão a Ira, com diversas formas,
A todos busca, e amaciando a fala,
A lembrança do afeto lhes desperta,
Os jantares comidos noutra tempo,
Os festivos saraus, cartas de empenho,
Mil finezas, em suma, sepultadas
No vasto cemitério da memória...
A filha do diabo então sacode
Irritada a cabeça, e do mais fundo
Das entranhas um grito de ameaça
E frio escárnio solta: "Homens! (exclama)
Lacaios da fortuna! Eu terei armas
Com que de ingratos corações triunfe!"

XIII

Isto dizendo, mais ligeira voa
Que o soberbo condor, quando do cimo
Dos Andes rompe o assustado espaço,
E vai surgir além das altas nuvens.
Voa, e chega aos domínios da Lisonja.
Os flóridos umbrais transpõe de um salto.
Logo em frente lhe surge extensa e bela
Uma alameda de árvores copadas,
Que, para a terra os galhos recurvando,
Com singular donaire e afável gesto
Cortejá-la parecem respeitosas.
Caminha, e fina relva os pés lhe afaga;
Respira, e um doce aroma o peito lhe enche.
A tão brando contato, a tais delícias,
Ó milagre! um sorriso prazenteiro
Logo vem desbrochar-lhe à flor dos lábios
Que eterna raiva aperta. Segue avante,
A branca e longa escadaria sobe,
A varanda atravessa alcatifada
De brancas flores e cheirosa murta.
Já rendida de gosto, entra na sala,
Dá dous passos, e a recebê-la chegam
Vinte ou trinta Zumbaias, que vergando
Pela cintura o corpo delicado,
Beijar o chão parecem; após delas,
Com dourados turíbulos acesos,
Vêm quatro Rapapés; fechando tudo
Extensa procissão de Cortesias.

XIV

De tais recebimentos namorada,
O primeiro salão transpõe a culpa,
Entra no camarim, forrado todo
De flores, de arabescos, laçarias,
Que enche contínuo, tépido perfume
De seis grandes caçoulas de alabastro.
Entra, e defronte de um pomposo espelho
A Lisonja descobre, que risonha
Mil cumprimentos novos ensaiava
E mil versos rasteiros repetia.
Ao ver a feroz culpa a dona amável
Uma grande medida em quatro tempos

Graciosa faz, e diz: “A que milagre
Devo eu esta visita? Acaso o orbe,
Que ao peso treme de tuas nobres armas,
Estreito campo é já para teus feitos?
Vens o peito acender da serva tua?
Bem cruel me há de ser esse desastre,
Mas se é teu gosto, sofrerei contente,
A terra beijarei que tu pisares
E acharei na desgraça a glória minha”.
A ardilosa Lisonja assim falando
Toda se curva, e a orla do vestido
Da culpa chega aos lábios; mas a Ira
Prontamente a levanta, e nos seus braços,
Com meneios benévolos, a aperta,
E logo fala: “A tua paz respeito:
Turvar não venho a deliciosa corte
Donde o mundo governas; mas auxílio
Do teu engenho quero”. Aqui lhe conta
A famosa aventura do prelado,
A angústia do ouvidor, e a covardia
Dos ingratos amigos de outro tempo,
E pede que a Lisonja as armas suas
Contra estes empregue. “Que mesquinho
Serviço exiges! (a Lisonja exclama);
Eu podia mandar quatro Zumbaias;
Tanto bastava por vencer o ânimo
Dos rebeldes; mas sendo a vez primeira
Que vens honrar estes quietos paços,
Abater-lhes o colo irei eu mesma
E levá-los de rojo aos pés do Mustre”.

XV

Com diligente mão os filtros busca,
E seguida da hóspede no espaço
Voa ligeira à plaga fluminense.
À casa dos rebeldes se encaminha,
E a todos, um por um, pela alma dentro,
O seu doce veneno lhes entorna.
De baixa adulação logo tomados,
Vestem-se a toda a pressa, e não podendo
Conter o intenso fogo que os devora,
Aos criados de casa e às quitandeiras

Vão fazendo profundas barretadas.
Tanto a Lisonja vã governa os homens!

XVI

Abre a sessão de novo o presidente,
E deste modo fala: “Grave caso
Este é, senhores; mas as vossas luzes
Tudo podem vencer. Em meu conceito
Recusar não podemos o protesto,
E muito embora formidável seja
O prelado, não creio que devamos
Sem amparo deixar as leis do Estado.
Nem poupar desta vez um grande golpe
No atrevido pastor”. Com todo o zelo
Examinado o singular assunto,
O Senado resolve em pouco tempo
Que ao regedor supremo da cidade
Os papéis se remetam com protesto
Do povo, e petição em nome dele
Por que anulada seja sem demora
A excomunhão, e feito este decreto
Voam dali aos paços do Alvarenga.

XVII

O alcaide-mor, que os meios estudava
De praticar no esmorecido povo,
Com a aguda lanceta do Senado,
Uma sangria nova, cortesmente
Os faz sentar e prazenteiro os ouve,
E depois de os ouvir com grande pausa,
A petição da Câmara recebe
Sem muita hesitação; mas porque seja
O caso novo, e caminhar convenha
Sem da igreja ferir os santos foros,
Manda o governador que se convidem
Os diversos teólogos da terra,
O reitor do Colégio, o Dom Abade,
O guardião dos filhos de Francisco,
Frei Basílio, prior dos Carmelitas,
E alguns licenciados de mão cheia,

Que o nó desfaçam deste ponto escuro.

CANTO VII

I

A Preguiça, no entanto, conduzira
Aos macios colchões o grande Almada,
E um sono amigo lhe fechara os olhos,
Enquanto os ilustríssimos amigos,
Todos em volta do escrivão Cardoso,
Pela décima vez, na sala próxima,
Da excomunhão a narrativa escutam,
E com ditos de mofa, e com risadas,
A vitória celebram, na esperança
De que o prelado os ouça e lhes aceite
Agradecido esta homenagem nova.

II

Eis que um sonho, agitando as asas brancas
Leve espalha no cérebro do Almada
Como gotas de chuva rara e fina,
Um só sutil de mágicas patranhas.
Sonha... Em que há de sonhar o grão prelado?
Vê no espaço um ginete alto e possante
À solta galopando, e logo nele,
Elmo de ouro, armadura de aço fino,
A briosa figura de um guerreiro.
Tenta irritado o indômito cavalo
O cavaleiro sacudir na terra,
Mastiga o freio, empina-se, escoiceia,
Voa de norte a sul, de leste a oeste,
Ora, a pata veloz roça nos mares,
Ora, igual ao tufão, descose as nuvens,
Mas o galhardo cavaleiro as rédeas
Co'as fortes mãos encurta, e pouco a pouco
O ríspido quadrúpede sossega
E pára no ar. No rosto do guerreiro
Vê as próprias feições o grande Almada,
Olhos, cabelos, boca, faces, tudo,
Tudo é dele. Ó prodígio! Voz solene

Do ponto mais recôndito do espaço,
Onde estrela não há, não há planeta,
Estas palavras singulares solta:
“O bravo cavaleiro és tu, prelado,
E o domado corcel é o teu rebanho,
Que embalde morde o freio e se rebela
Contra ti que hás vencido el-rei e o povo,
Tornando em cinzas o atrevido Mustre.”

III

Deste agradável sonho consolado,
Abre o pastor os olhos, vira o corpo,
E outra vez adormece. Novo quadro
E diverso lhe pinta a fantasia.
Vê-se diante de provida mesa,
À direita do papa, e come e bebe
De cem bispos servido. Entusiasmado
Com as finezas de Alexandre Sétimo,
O prelado um discurso principia
Depois de haver tossido quatro vezes.
Os olhos fita num painel que estava
Na fronteira parede; a mão do artista
O belo e forte arcanjo debuxara
Que a Satanás venceu; às plantas suas
Jaz o eterno rebelde. Entrava apenas
No magnífico exórdio do discurso
O valoroso Almada, quando a tela
A tremer começou; subitamente
O brilhante Miguel desaparece,
E o diabo que ali prostrado fora
Toma a figura do execrando Mustre,
Levanta-se do chão; e com desprezo,
E com gesto de escárnio e de ameaça,
Os turvos olhos no prelado fita
E a devassa fatal nas mãos sustenta.
Pasmam do caso os circunstantes todos,
Enquanto o forte Almada tropeçando
Nas cadeiras, nos vasos, nas cortinas,
Foge aterrado, uma janela busca,
Dela, sem ver a altura, se despenha,
E de abismo em abismo vai rolando
Até cair da própria cama abaixo.

IV

Ao som da triste queda acorrem todos.
O mísero pastor, aos pés do leito,
Vagos olhos estende aos seus amigos,
Como se inda na mente abraçada
As asas agitara o negro sonho.
A erguê-lo corre o pregador Veloso;
Traz-lhe o douto vigário um copo d'água;
Um as janelas abre, outro da cama
Os lençóis revolvidos lhe concerta,
Até que Almada, a fala recobrando,
Do sonho as peripécias e o desfecho,
Entre assustado e galhofeiro conta.

V

Ai, prelado infeliz! Verdade amarga,
Verdade, que não sonho passageiro,
Esbaforido o Lucas te anuncia.
Terrível golpe foi! Largos minutos
Atônito e caído sobre o leito
O prelado ficou, como se vira,
Por efeito de imenso terremoto,
A seus olhos cair toda a cidade.
Não era sonho então! Vencia a causa
O pérfido inimigo! Vai com ele
O imprudente Senado, e sem vergonha
Nem receio o governo ambos protege!
Tais idéias no cérebro do Almada
Confusamente rolam. Vinte vezes
Quer falar, vinte vezes abre a boca
Donde não saem mais que vãos suspiros

VI

Porém a Ira, a quem blasfêmias prazem,
A tempo chega e lhe desata a língua.
Qual da feia carranca de um céu negro,
De águas, coriscos, furacões pejado,

Se vê subitamente sobre a terra
Grossa chuva cair, e em pouco tempo
Encher amplas campinas, praças, ruas,
Tal da boca com ímpetos lhe saem
Injúrias, gritos, ameaças, mortes,
Em borbotões de coração subindo;
E as atentas orelhas alagando:
“Guerra declaro à gente do Senado!
Guerra ao governador! a todos guerra!
E se o céu não tem raios que os fulminem,
Nem abismos a terra que os engulam,
Eu cavo abismos, eu tempero raios,
E essa baixa ralé da espécie humana
Verá que, inda vencido, eu sou Almada!”

VII

Disse, e enfiando as mangas da batina
Que o cortesão Veloso lhe entregava,
Precipitadamente deixa a alcova,
E durante uma hora ou pouco menos
Meditou na desforra. Onça bravia
Numa jaula fechada não se move,
Não fareja com mais impaciência,
Mais aflita não busca uma saída,
Do que o grande prelado pela sala
Cogitando vagava. “Certamente
(Desta sorte o pastor consigo pensa)
O Senado, o Governo e o tolo Mustre
De mãos dadas estão; talvez o caso
Maquinado já fosse há muitos dias
Para me derrubar? Mas que outro golpe
Devo agora empregar naqueles biltres
A não ser enforcá-los? Que remédio,
Se a triunfar de mim eles alcançam,
A grande posição e o grande nome
Desta triste miséria hão de salvar-me?”

VIII

Nisto, o mísero Lucas, que não teve
Jamais o gosto de uma idéia sua,

Pela primeira vez sente brotar-lhe
Na solidão do cérebro vazio
Um alvitre. Ansioso corre a Almada,
Que ao ter notícia deste caso novo,
Com sincera alegria o cinge ao peito
E dos lábios lhe pende inquieto e sôfrego.
Assim no meio das revoltas águas
Do oceano que o vento sacudira,
Já sem forças um miserando náufrago
Olhos e mãos estende à derradeira
Tábua que lhe ficou. “Muito vos deve
(Diz o Lucas) a egrégia companhia
Dos padres de Jesus, e esse colégio
Que ali daquele outeiro vos contempla.
Uma mão lava outra, com finezas
As finezas se pagam. Se do voto
Depender do reitor a vossa causa
(Que é certamente voto de mão cheia
E trunfo superior aos demais trunfos)
Vá sem demora Vossa Senhoria
Dos favores cobrar-lhe o pagamento,
Que a vitória final é toda nossa.”

IX

A tais palavras o prelado sente
Pelas veias coar-lhe um sangue novo,
E toda reviver-lhe a derradeira
Quase extinta esperança. Então nos braços
O salvador amigo recolhendo,
Com lágrimas de gosto assim lhe fala:
“Oh! três e quatro vezes mais ditoso
Que o destemido Aquiles, que da boca
Do divino cavalo ouvia apenas
Anunciar-lhe a sua morte próxima,
Ouço da tua o próximo triunfo!”

X

Disse, e à pressa engolindo alguns bocados
Do já frio jantar que há muito o espera,
Das insígnias do cargo se reveste,

Entra na cadeirinha e aos pajens manda
Que ao colégio o conduzam sem demora.
Velozes partem, e suando em bica,
Vão trepando a ladeira, e à casa chegam
Que ali, no viso da colina, encerra
Em seu discreto seio um garfo ilustre
Da vasta, onipotente companhia.
Desce a certa distância o grande Almada,
Encara a porta, e trêmulo de susto
Alguns minutos fica; mas vencendo
O natural terror que lhe infundiam
A casa e seus famosos moradores,
Com ânimo atravessa o curto espaço
E vai bater à porta do convento.
Não de outra sorte o resoluto César,
Chegando à margem do vedado rio,
Algum tempo hesitou se contra a pátria,
Se contra si lançar devera a sorte;
Mas logo, ao gênio seu abrindo as asas,
O Rubicon transpõe, e afoitamente
Tudo fiando da propícia estrela,
Contra a pátria marchou e a liberdade.

XI

Vinham do refeitório, que era farto
E próprio de tão nobre companhia,
Os veneráveis padres, quando a nova
Correu de que chegara o grão prelado.
Com alvoroço desce logo a vê-lo
Toda a comunidade; as cortesias
Respeitosas lhe faz, os cumprimentos,
Os elogios vão com que lhe enfuna
De túmidas vaidades a cabeça.
Dali à livraria o levam logo
Com grandes cerimônias, e ao pedido
De falar co' o reitor secretamente,
Todos os padres dão aos calcanhares.

XII

Fechada a porta e junto da janela

Ambos os dous sentados gravemente,
Estende os olhos o prelado e abrange
Todo esse plaino de águas, não pejado
De tantíssimas velas, e bandeiras
Que hoje às brisas do mar de Guanabara
Molemente flutuam. Longa serra
Vê cortar o horizonte, e além galgando
Com os vôos da leve fantasia,
Campos descobre, caudalosos rios,
Matas que humano pé não profanara,
E cheio de um sincero entusiasmo
Faz um breve discurso, cujo tema
A bela terra foi e o seu futuro;
Discurso em que (por que melhor atasse
O seu entusiasmo à causa sua)
De alto louvar encheu a companhia,
“Em cujas reverendas mãos se acolhe
(Diz ele ao concluir) o miserando
Prelado contra quem governo e povo
Implacáveis as armas do ódio assestam”.

XIII

Com lastimosa voz logo refere
Miudamente o caso da devassa,
O perigo da igreja, a eterna mancha,
E ao reitor pede, cara a cara, o voto.
Sua Paternidade alguns minutos
Calado esteve, e o trêmulo prelado,
Sem os olhos tirar de cima dele,
Último e frouxo lume de esperança,
As unhas vai roendo impaciente
E vinte vezes na cadeira muda
A posição do corpo. Enfim, o grave
Regedor do colégio aos ares solta
Um profundo suspiro, e levantando
Os olhos para o teto, assim lhe fala:
“Vítima sois, não única, do torpe,
Estólido Senado; este colégio
Alvo há sido também das frechas suas
No conflito dos mangues, a que o povo
Quer ter antigo jus, e que há muito
Pertencem claramente à companhia.

Se eu vos narrasse esta comprida guerra,
As ciladas do pérfido inimigo,
Os golpes encobertos, toda a raiva
Com que ele afronta a paciência nossa,
Inteira gastaria uma semana.
Esperança não temos do triunfo.
Quem nos defenderá? Que braço forte
Às fúrias se oporá do vão Senado?
Quem as mãos cortará do inculto povo?”

XIV

Aqui o grande Almada da cadeira
Zeloso se levanta: “Não conhece
Vossa Paternidade um braço forte?
Vale pouco, senhor, este prelado,
Mas longe está de apodrecer na terra,
E enquanto um sopro lhe restar de vida,
Todo às ordens será da grande casa
De que é vossa pessoa ornato e lustre.
Descansai, descansai; eu tenho um meio
De os chamar à razão. Contra o Senado,
Se teimar em falar no jus do povo,
E contra o povo, se gritar com ele,
Excomunhão darei, se for preciso”.

XV

Tais palavras ouvindo, sobre o peito
Cruza as mãos o reitor e lhe agradece
Ao prelado este rasgo de pujança
E grandeza sem-par: “Eu não ousava
Tanto esperar de Vossa Senhoria,
A quem muito já deve a casa nossa,
E que tão espontâneo hoje me estende
A generosa mão. Na vossa causa
Sabeis que eu nunca deitaria um voto
Que contrário vos fosse. Ide tranqüilo,
Que a defender-vos sairei armado
Com as melhores peças. O conselho
Há de a voz escutar deste colégio,
E confirmar a excomunhão do Mustre,

E compeli-lo à entrega da devassa”.

XVI

Um doce abraço estas palavras fecha;
E mais alegre o ínclito prelado
Que o mancebo amoroso, se dos lábios
Colheu da amante o suspirado beijo,
Do reitor se despede, e velozmente
Na cadeira se encaixa em que viera
E alegrar vai os ânimos aflitos
Das colunas da igreja fluminense.

XVII

As roliças colunas, entretanto,
Sobre o caso fatal deliberavam,
Quando Almada chegou. Em volta dele
Ansiosos todos a conversa escutam
E as promessas do astuto jesuíta,
Em cuja honra o adulator Veloso
Um acróstico lembra, e lembraria
Iguamente um jantar, se o néscio Lucas,
Que outra cousa não tem nos ermos cascos,
Primeiro não lançasse a grande idéia.

CANTO VIII

I

Era alto dia, e todo alvoroçado
Corria o povo de uma banda a outra,
A sentença aguardando do conselho
Que ia da excomunhão julgar o caso.
A tranqüila cidade que inda há pouco
No regaço da paz adormecia,
Em dous opostos campos se divide,
Como os que a bela terra, em cuja fala
A musa antiga suspirar parece,
Um tempo viu terçar sangrentas armas
Em favor da tiara e da coroa.

II — III — IV — V

.....
.....

VI

.....
.....

Das doudas expressões com que alindara
O libelo da Câmara, nos olhos
Dos conselheiros curioso busca
O gosto interpretar que lhes deixara,
O pasmo, a admiração; e tantas vezes
No ânimo revolve o seu discurso,
Que o debate não ouve do Congresso,
E ali com gente solidário fica.

VII

Na sua sala, entanto, passeando
O prelado aguardava a boa nova,
E certo do triunfo, já na mente,
Em obséquio ao reitor, delineava
Um pomposo jantar. De quando em quando
À janela chegava; mas não vendo
O mensageiro seu, de impaciente
Mordia o lábio e a causa da demora
Entre si perguntava e respondia.
Conjeturava então que o Dom Abade,
Por afeição do Mustre, e desejoso
De dar no seu poder um grande golpe,
Um discurso fazia entremeado
De longas citações e perdigotos.
Mas o agudo reitor, que pelejava
Ao lado da justiça, e traz consigo
Autores que estudara a noite inteira,
Trovejando vermelho se levanta,
E com amplas razões, iradas vozes,
Entre o férvido aplauso do conselho,
Ponto por ponto lhe desfaz na cara

Toda a argumentação beneditina.

VIII

A tais cousas alheio, o sol brilhante,
Esse eterno filósofo que os raios
Com desdenhosa placidez desfere
Iguais sobre ouvidores e prelados,
Já do zênite ao rúbido ocidente
Inclinava a carreira. Examinados
A causa do conflito e os seus efeitos,
Pesadas as razões de parte a parte,
Unânime o conselho determina
A excomunhão sustar do austero Mustre
E a causa sujeitar ao régio voto.
Em vão na mente decorado tinha
O reitor um discurso em que provava
A justiça do Almada; mas a Ira,
Que tomando a figura de um porteiro,
Assiste à discussão, que o triunfo
Busca evitar do intrépido prelado,
De tais artes se serve, de tais manhas,
Que o cérebro transtorna ao jesuíta,
A opinião lhe muda, e o nome dele
Entre os nomes reluz do torvo acórdão.

IX

Copiada a sentença, ali se escolhe
Para a Almada levá-la prontamente
O escrivão do Senado; mas o triste,
Que do prelado conhecia a fama,
Um das dores alega na cabeça,
E, por que seja acreditado o caso,
A meter-se na cama logo corre.
Então, o alcaide-mor, que presidia
O governo da terra e o grão conselho,
Um franciscano elege e um carmelita,
E desta expedição confia o mando
Ao reitor do colégio. Bem quiseram
Aqueles atrevidos comissários
Antes do golpe manducar um pouco,

Mas o fino Alvarenga, que previa
Um estrago fatal à sua copa,
Que era de urgência o caso lhes declara,
E delicadamente os põe na rua.

X

Estavas, grande Almada, repousando
De um ligeiro jantar, comido à pressa,
E rodeado dos fiéis amigos,
Antegostavas o terror do Mustre
E a triste humilhação com que viria
De rojo às tuas veneráveis plantas
A remissão pedir dos seus pecados,
Quando à porta assomou da vasta sala
A grande comissão. Correram todos
A receber com muitas cortesias
Os não previstos hóspedes. Alegre,
Nas suas mãos aperta as mãos do Almada
O pérfido reitor, e olhando em roda
Levemente aos demais a frente inclina.
Depois, fitando no prelado os olhos,
Concertada a garganta, assim começa:
“Se entre os louros, senhor, com que a fortuna,
Não menos que o saber e que a piedade,
A tua frente majestosa adorna,
Inveja e desespero de almas baixas,
Que em vão se esforçam por lutar contigo,
Inda um louvor faltava, ensejo é este
De o colher vicejante, e de um só golpe
A turba confundir dos teus contrários.
Em que lhe pese ao venenoso dente
Que te morde na sombra, a história tua
Em lâminas escreve de ouro fino,
Com refulgentes letras de diamante,
A justiça do tempo. Eu vejo, eu vejo
Os séculos passando respeitosos
Ante o nome do herói, que resoluto
Os raios empenhou do seu ofício
Para o orgulho abater, a audácia, a inveja,
E entre as bênçãos de um povo amado e amante
Ir no seio pousar da eternidade”.

XI

Aqui chegando, o orador estaca;
E o v̄ão prelado, que escutara alegre
T̄o pomposas e amáveis esperanças,
Os braços, que já tinha levantados,
Ao orador estende; este os recebe,
E apertados os peitos contra os peitos,
Alguns minutos ficam; mas, cessando
Esta doce efusão de ambos os cabos,
O reitor do discurso o fio toma:
“Depois de um sério, dilatado exame
Do intrincado conflito, em que empenhaste
Contra um duro rival todas as forças
Que a natureza, que o saber te deram,
O congresso teológico resolve,
Para servir-te, uma sentença justa.
E por que tenhas o propício ensejo
De exercer a vitória mais brilhante
Que a um guerreiro cristão jamais foi dada,
Por que venças melhor o teu contrário
Lançando-lhe o perdão da culpa sua,
Suspende manda a excomunhão lançada
E a causa sujeitar ao régio voto”.

XII

A tal nova, o prelado empalidece,
A vista perde, as pernas lhe bambeiam,
No regelado lábio a voz lhe expira,
“E caiu como cai um corpo morto”.
Desenlace fatal! Ao vê-lo, um grito
Magoado foge dos amigos peitos;
E enquanto a comissão, entre o sussurro,
Sorradeira vai dando aos calcanhares,
A desferrar-se do perdido tempo
No tardio jantar, os reverendos
O prelado conduzem para a cama
E um físico chamar mandam à pressa.

XIII

Vê a Gula a vitória da inimiga,
E, a figura do físico tomando,
À casa voa do abatido Almada,
E depois de operar um breve exame,
Aos aflitos amigos afiança
A vida do prelado; e sem deter-se
Com escrever fantásticas receitas,
Nem pedir chochas drogas de botica,
Manda que o cozinheiro sem demora
Uma gorda galinha ponha ao fogo,
E a tempere, segundo as regras d'arte.
Prontamente obedece o fiel servo,
E pouco tarda que um guloso aroma
A casa toda invada, e sutilmente
Na atmosfera da alcova se derrame.
Prodígio foi! Nos lábios do doente,
Como alvejar costuma no horizonte
Dentre as sombras noturnas a alvorada,
Um sorriso desponta; e pouco a pouco
As pálpebras se vão arregaçando,
Quais as cortinas de nublado inverno
Que, à criadora luz do sol nascente,
A verdura da serra e da campanha,
E enfim o rosto da azulada esfera,
Lentamente esvaindo-se descobrem.

XIV

Neste ponto na alcova entra o copeiro
A galinha trazendo e o grosso caldo;
E o prelado sentando-se na cama,
A convite de todos logo bebe
O caldo em quatro goles, e trincava
O tenro peito da ave, quando a idéia
Do congresso fatal lhe sobe à mente;
Do peito arranca um lânguido suspiro,
E, reprimindo as lágrimas exclama:
“Ah! se eu de todos esperar devia
Tão cruel decisão, reitor ingrato,
Tu só me espantas, único me feres,
Que eu tinha o voto teu e o teu abraço,
E nisso confiado me entretinha

Em saborear a próxima vingança.
Agora, que mortal salvar-me pode
De tão grande vergonha? Oh! quem dissera
Que o destemido Almada, cujo nome
Nas asas voa da ligeira fama,
Os mares assustados atravessa,
Lisboa assombra e desnorteia o mundo,
A tamanha baixeza chegaria
Que os alheios esforços mendigasse?”

XV

Um profundo suspiro a voz lhe embarga;
E enfim rompendo dos fulmíneos olhos
Precipitadas lágrimas lhe banham,
Pela primeira vez, as faces pálidas,
Que inda nessa manhã vermelhas eram.
Correm todos ao leito a consolá-lo,
E ali lhe juram que a final vitória,
Ou eles morrerão naquela empresa,
Ou ela há de caber ao grande Almada.
Estavam neste ponto, quando a Ira
Invisível entrando, e vendo a Gula,
Tenta roubar-lhe o infeliz prelado,
Em cujo peito uma faísca lança.
Já vermelho, já trêmulo, no leito
Ele a agitar-se todo principia.
Mas a astuta rival da feroz culpa,
Para o golpe atalhar, subitamente
Do mísero prelado se aproxima
E toda a raiva lhe converte em fome.

XVI

As recatadas sombras, entretanto,
O espaço tomam, que o brilhante globo
De vida e luz encheu. Raros luziam
No firmamento os pregos de diamante
Com que a mão criadora do universo
Fixou a tela azul da larga tenda
Em que apenas um dia nos sentamos,
Os que viemos do nada, os que apressados

Vamos em busca da encoberta terra
Da eternidade. Nem acesa fora
A saudosa lâmpada da noite,
Tão buscada das musas que suspiram
Suas quimeras, seus afetos castos,
E amam dizer aos solitários ecos [
De que mágoas teceu ímpia fortuna
O viver que os afronta. Rijo vento
Empuxava de longe opacas nuvens
Que a tempestade próxima traziam,
Como se nessa tenebrosa noite
Em perturbar a doce paz da vida,
Co'os homens apostasse a natureza.

XVII

Livre do abalo grande que o prostrara,
O prelado cogita uma vingança.
Os amigos convoca, e todos juntos,
Com aquela energia e vivo empenho
Que aos seus alunos a Lisonja inspira,
Um meio buscam de vingar o Almada.
Com gênio de água, o douto Vilalobos
Os olhos deita a Roma, e quer que ao papa
Se faça apelação; mas o Cardoso,
De cuja intrepidez e sangue frio
Nem o próprio diabo se livrara,
A excomunhão propõe dos santos frades,
Governador, Senado e povo inteiro.
Timidamente o abelhudo Nunes
Insinua o perdão; assaz punido
Lhe parece o ouvidor; toda a cidade
A força do prelado conhecera
Indomável, terrível; era tempo
De regressar à santa paz antiga.
Tais idéias o adulator Veloso
Com escárnio refuta; d'almas fracas
Foi sempre a mole paz recosto amigo
Não das que o fogo endureceu na guerra,
Como a dele, que as iras arrostará
De todos os senados do universo
A exigir-lho o prelado. Convencido,
Estes conceitos tais escuta Almada

E tendo meditado longo tempo,
Um recurso lhe lembra decisivo,
A garganta concerta, e desta sorte
A falar principia: “Companheiros...”

XVIII

Neste ponto um trovão estala e troa;
E do conselho aos olhos aparece,
Sem do teto cair nem vir do solo,
Uma torva e magníssima figura
De longas barbas e encovados olhos,
Que a rigidez marmórea traz na face,
E o trêmulo Congresso encara e exclama:
“Basta já de lutar! Se tu, prelado,
E vós, teimosos servidores dele,
Na guerra prosseguirdes que ameaça
A doce paz quebrar deste bom povo,
Sabei que a mão severa do destino
Nos volumes de bronze uma sentença
Contra vós escreveu. Dos vossos cargos
Perdereis o exercício, e sem demora
Ireis pregar a fé entre os gentios,
As tribos afrontar e as frechas suas,
Fomes, sedes curtir, vigílias longas,
Que o castigo serão da vossa teima”.

XIX

Isto dizendo, desaparece o vulto
(Que era nem mais nem menos a Preguiça).
Então os reverendos assustados
Pela terra se lançam, e batendo
Nove vezes nos peitos, nove vezes
O duro chão, em lágrimas, beijando,
Pedem ao céu que dos eternos livros
Riscado seja o bárbaro decreto.

NOTAS DO AUTOR

O Almada

Prontos à escuta, emudeceram todos

Verso de Odorico Mendes, na tradução da Eneida.

Homens do foro, almotacés, Senado,

Senado chamo eu em todo este livro ao que naquele tempo tinha o simples título de Câmara. A mercê de se chamar Senado foi feita à Câmara do Rio de Janeiro por provisão de 11 de março de 1748, segundo monsenhor Pizarro (Memórias Históricas, tom. VII, pág. 159). Segundo o Dr. Haddock Lobo (Tombo das Terras Municipais, tom. 1, pág. 39) foi essa provisão datada de 11 de março de 1757. Vê-se que os dois autores combinam no dia e no mês. Para o nosso caso, não vale a pena examinar se foi efetivamente em 1757, se em 1748.

Apesar de só ter obtido aquela mercê no meado do século XVIII, a Câmara do Rio de Janeiro já anteriormente recebera a denominação de Senado em provisão régia datada de 1712.

Mais. No século anterior, em 1667, num auto de mediação nas terras do conselho, por mandado do ouvidor-geral Manuel Dias Raposo, deu-se à Câmara do Rio de Janeiro o título de Senado. (Veja Tombo das Terras Municipais, tom. 1, pág. 88).

Finalmente, Lisboa (Anais, tom. III, pág. 323) traz uma carta da Câmara ao prelado Almada, com a data de 1659, que é a mesma da ação do poema, e escrita anteriormente ao episódio da devassa, a qual carta começa assim:

"Neste Senado se fez por parte do povo..."

Usava pois a Câmara, ainda que não legalmente, do título que lhe dou.

Que ufana miras o faceiro gesto

Mais de uma vez tenho lido e ouvido que a cidade do Rio de Janeiro nada tem de airosa e garbosa, ao menos na parte primitiva, a muitos respeitos inferior aos arrabaldes.

Não me oponho a esse juízo; mas eu não conheço as belas cidades estrangeiras, e depois, falo da minha terra natal, e a terra natal, mesmo que seja uma aldeia, é sempre o paraíso do mundo. Em compensação do que não lhe deram ainda os homens, possui ela o muito que lhe deu a natureza, a sua magnífica baía, as montanhas e colinas, que a cercam, e o seu céu de esplêndido azul. Acresce que nesta dedicatória comparo eu o que é hoje ao que era a cidade em 1569, diferença, na verdade, enorme.

Alcaide-mor e protetor das armas

Tomé Correia de Alvarenga, alcaide-mor do Rio de Janeiro e natural desta cidade, exercia interinamente o cargo de governador por não ter ainda chegado da Bahia o governador efetivo Lourenço de Brito Correia, como tudo fora ordenado na carta régia de 27 de março de 1657.

Na cadeia o meteu. O douto Mustre

Ocorreu esta revolta em novembro de 1660. Era então Governador Salvador Correia de Sá e Benevides; mas tendo partido para São Paulo, a fim de visitar as minas, ficara no governo Tomé de Alvarenga. A revolta foi muito séria, como se pode ver do citado Lisboa (Anais, tomo IV, no princ.). Tomé de Alvarenga refugiara-se no convento de São Bento; foi dali arrancado e metido na fortaleza de Santa Cruz.

A vara de ouvidor nas mãos sustinha.

Ouvidor geral era o seu título; chamo-lhe simplesmente ouvidor por liberdade e conveniência poética.

A infante igreja.

O Rev. Dr. Manuel de Sousa Almada, presbítero do hábito de São Pedro, foi nomeado prelado administrador por provisão de 12 de dezembro de 1658, e tomou posse no mesmo ano em que se passa a ação do poema, 1659.

Iam do Ilisso às ribas africanas.

Duas vezes alude Chateaubriand à emigração das cegonhas da Grécia para a África. Uma, no Itinerário, parte I, e diz assim: “Vi, quando estávamos no alto da colina do Museu, formarem-se em bando as cegonhas e abrirem vôo para a África. Fazem elas há dois mil anos esta mesma viagem; vivem livres e felizes na cidade de Sólon como na cidade dos eunucos gregos”.

Nos Mártires, canto XV, põe na boca de Demódoco estas palavras (trad. de F. Elísio):

“Cada ano erguem seu vôo, essas cegonhas,
De abas do Ilisso e areias de Cirene,
E aos campos de Ereteu cada ano voltam.
Quantas vezes não acham erma a casa
Que florente ficou, quando partiram!
Quantas o mesmo teto em vão buscaram
Onde não tinham de lavrar seus ninhos!”

Nada há tão deveras melancólico como esse contraste do homem com toda a mais natureza. Muita vez, subindo a alguma das eminências da nossa cidade, e lançando os olhos do corpo a essa vasta aglomeração de obras que a civilização criou e perfez, volvo os da alma a quatro séculos antes, quando uma sociedade semibárbara dominava as margens do golfo e as terras interiores. Nenhum

vestígio há já dela; nenhum vestígio há de haver da nossa, depois que volverem outros séculos; mas o sol que os alumina e nos alumia é o mesmo; e toda a natureza parece indiferente às nossas obras caducas.

O mártir Sebastião mudar quisesse,

O sucesso a que aludo ocorreu justamente três meses antes do conflito da devassa. A matriz da cidade estava então na igreja de São Sebastião; Almada tentou desfabricá-la e mudá-la para a ermida de São José, mudando ao mesmo tempo o santo, padroeiro da cidade. Abalou-se por esse motivo o povo; a Câmara, ouvidas as autoridades, dirigiu ao prelado uma carta comunicando a resolução em que estavam ela e o povo de deixar tudo no mesmo estado, até vir de el-rei a resolução que se lhe ia mandar pedir.

A resposta do prelado é um documento do seu gênio feroso e impaciente. Depois de repreender duramente a Câmara, marca-lhe três dias para revogar a resolução tomada sob pena de a declarar incursa na excomunhão da Bula Da Ceia, e dá enfim as razões que tinha para o que intentava fazer. A concessão única, segundo se vê da carta, foi conservar na igreja do oratório a imagem do santo.

Melhor se conhecerá do homem pelo estilo, se todavia é exato o aforismo de Buffon. A carta do prelado terminava assim:

"Em todo o ano não há quem vá um domingo à matriz e agora lhes chegou este zelo. Lêem-se as cartas de excomunhão às paredes, correm-se banhos, fazem-se as festas da Páscoa e Natal aos negros do vigário, e sobretudo está o Santíssimo na igreja e tem a chave dela um secular, tesoureiro da confraria, que entra nela de dia e de noite, e nisto se não adverte. Tudo o que há na igreja matriz hei de mudar para baixo, e só o altar de São Sebastião com o santo, sua fábrica e confraria, e um signo, hei de deixar na matriz; para ter cuidado da igreja hei de pôr um ermitão."

A Câmara resistiu; o governador interpôs os seus bons ofícios, e moveu o prelado a suspender a excomunhão até resolução de el-rei.

Na carta então dirigida pela Câmara a Afonso VI vejo citado um alvará régio ordenando que os prelados, bem como outros ministros, fossem morar no alto da cidade, o que eles não faziam, circunstância que me deu idéia dos dois versos:

Para poupar às reverendas plantas
A subida da íngreme ladeira.

Além da carta régia, temos a carta do bispo D. Francisco, no princípio do século seguinte (1703), dando conta à rainha da complicada história da mudança da Sé. O bispo diz: "... E alongando-se... a residência dos ministros da Sé, que privados das comodidades necessárias às suas subsistências, procuram a vivenda no

centro da povoação, foi mais difícil o serviço da igreja, e conseqüentemente pouco exata a prática dos deveres de cada um dos empregados nos benefícios e cargos anexos da catedral".

A casa do prelado aos olhos surge.

Não será preciso lembrar ao leitor católico que São José era carpinteiro em Nazaré. A casa do prelado (segundo leio em Pizarro, tomo III, pág. 177, nota) ficava entre a ermida de São José e o edifício, que foi cadeia e é hoje Câmara dos Deputados.

Vigário do prelado, e a mais robusta

O licenciado Francisco da Silveira Vilalobos era o vigário-geral e exercera inteiramente a prelazia do Rio de Janeiro.

Convencido capacho, e que esperava

Capacho não está ainda incluído nos dicionários no sentido que lhe dá o povo para exprimir um homem servil. A locução todavia é pitoresca e merece as honras de cidade. Penso que mais de um escritor a tem empregado neste sentido: nos diários é vulgar.

Segue-se o impávido escrivão Cardoso,

O Padre Rafael Cardoso foi quem intimou o ouvidor-geral a entregar a devassa. Cardoso e Vilalobos são figuras que a história me ofereceu; os demais companheiros de Almada são personagens de imaginação; a uns e outros dei as feições e o caráter convenientes à ação e ao gênero do poema.

Para o baço espraçar do grande Almada,

Espraçar o baço é tradução de *épanouir la rate*, não minha, mas de Filinto Elísio, que assim se exprime numa nota.

Ousavam inda suspirar por ela.

Era este um dos mais inveterados abusos; apesar de todos os decretos, os rapazes de todos os tempos iam namorar as moças nas igrejas. Já em 1657, dois anos antes da ação do poema, D. Afonso VI ordenara que se proibisse que os homens falassem com mulheres nas igrejas, suas portas e adros. No ano seguinte foi estendida a proibição aos que somente as esperassem naqueles lugares para as verem, ainda que lhes não falassem. (Vide Pizarro, tomo V, pág. 19).

Com o tempo voltou o abuso, e no século seguinte o bispo D. Frei Antônio do Desterro proibiu as conversações e ajuntamentos nas portas e adros dos templos, "principalmente em dias de festa e concorrência"; pastoral de 14 de março de 1767. (Vide Pizarro, VI, pág. 17).

Da grande aclamação, de que inda falam

[15] As festas a que aludo nesta estância foram as da aclamação de D. João IV, em 1641, quando aqui chegou a notícia da queda da dominação castelhana. Foram esplêndidas a ser exata a Relação que delas faz um anônimo, e que o Sr. Varnhagen comunicou ao Instituto Histórico, em cuja Revista, tomo V, foi reproduzida.

Duraram sete dias, e constaram de alardo de tropas, touros, encamisada, canas, manilhas, máscaras e comédia. Um trecho da aludida Relação dará idéia, não só do que foi a festa, mas também do estilo do narrador: "Foi o princípio das festas uma encamisada que fizera mostra, alegrando todas as ruas da cidade 116 cavaleiros, com tanta competência luzidos, tão luzidamente lustrosos, e tão lustrosamente custosos, que nem Milão foi avaro nem Itália deixou de ser prodigamente liberal... E para maior alegria se lhe agregaram dois carros, ornados de sedas e aparatos de ramos e flores, e tão prenhados de música, que em cada esquina de rua parecia que o coro do Céu se havia humanado; ação do licenciado Jorge Fernandes da Fonseca, e obrada com seus filhos únicos nesta... e que merecem o louro, não só da invenção como do sonoro".

Não menos curioso é o que diz o narrador acerca das luminárias:

"... se viu a cidade tão cheia de luminárias, que não fazendo falta o brilhante esplendor do planeta monarca e substituídas as estrelas nas janelas e ruas, formavam tantos cambiantes tornassóis no vário de intenções, que se enredava o pensamento nas luzes e se confundia no número, pois o limitado do lugar parece que se dilatava com elas nesta ocasião".

Que não trouxesse a clássica lanterna.

A iluminação só começou no governo do Conde de Resende, em 1790. Até então havia o recurso de trazer lanterna; a única iluminação eram as lâmpadas de azeite que de longe em longe alumiam alguns oratórios postos nas esquinas.

Ou capitão-do-mato. —“Eu mesmo quero

Os capitães-do-mato tinham sido criados mui recentemente, talvez no ano anterior, com o fim de destruir quilombos e capturar os escravos fugidos, que eram muitos e ameaçavam a vida e a propriedade dos senhores de engenho, bem como as da população da cidade.

Se o padrinho lhe falta, e sem conforto,

Será preciso dizer que a palavra padrinho é aqui um eufemismo?

Leve espalha no cérebro do Almada

Leve por levemente. São vulgares nos bons autores estes exemplos de adjetivos empregados adverbialmente. Gonçalves Dias, que versava os clássicos, muitos exemplos traz e de bom cunho. Citarei dois, tirados de seus admiráveis Timbiras:

A nossa incúria grande eterno asselam
(Canto I).

Os olhos turvos
Levou a extrema vez o desditoso
Àqueles céus d'azul, àquelas matas
Doce cobertos de verduras e flores
(Canto III).

E trunfo superior aos demais trunfos

Não é preciso lembrar a influência dos jesuítas naquele século. Entre nós era imensa; a sugestão do Lucas, portanto, não podia ser mais natural. A mesma Câmara, enviado, cinco anos antes à corte, um procurador seu para obter do rei algumas reformas, não o fez sem um atestado do reitor do Colégio, o qual começava por estes termos: "Certifico que, considerando o estado presente desta praça, freqüência e opulência passada do seu comércio e grande diminuição a que tem vindo, e o geral aperto de todos os moradores da terra, além de muitas outras razões do serviço de Deus e de S. Majestade, têm entendido todos os religiosos deste colégio que necessita a república de mandar à corte um cidadão, etc. etc."

E próprio de tão nobre companhia,

Não é isto uma expressão vaga e malévola. A relação do Padre Fernão Cardim, companheiro do Padre Cristóvão de Gouveia na visita aos colégios da Companhia no Brasil, em 1590, tratando do Rio de Janeiro, traz as seguintes informações:

"... Também tem uma vinha que dá boas uvas, os melões se dão no refeitório quase meio ano e são finos; nem faltam couves mercianas bem duras, alfaces, rabãos e outros gêneros de hortaliças de Portugal em abundância, o refeitório é bem provido do necessário, a vaca na qualidade e gordura se parece com a de Entre Douro e Minho; o pescado é vário e muito, e são para ver as pescarias da sexta-feira, e quando se compra, vale o arrátel a quatro réis, e se é peixe sem escama, a real e meio, e com um tostão se farta toda a casa... Duvidava eu qual era o melhor provido, se o refeitório de Coimbra, se este, e não me sei determinar..."

E amam dizer aos solitários ecos

Amam dizer parecerá forma irregular ou galicismo a quem não conhecer, entre outros exemplos, este de Filinto (trad. de Oberon): "Amam contar os velhos..." Gonçalves Dias emprega também, e em mais de uma ocasião, aquela maneira de dizer. Citarei este exemplo dos Timbiras:

Amavam contemplar-te os de Itajuba
Impávidos guerreiros
(Canto III).

DISPERSAS

(1854-1939)

ÍNDICE

A PALMEIRA
ELA
TEU CANTO
UM ANJO
MINHA MUSA
COGNAC!...
MINHA MÃE
O SOFÁ
VAI-TE
ÁLVARES D'AZEVEDO
REFLEXO
A MORTE NO CALVÁRIO
UMA FLOR? — UMA LÁGRIMA
CONDÃO
A AUGUSTA
SONETO CIRCULAR
ÍCARO
CORAÇÃO PERDIDO
FASCINAÇÃO
O CASAMENTO DO DIABO
HINO PATRIÓTICO
A CÓLERA DO IMPÉRIO
DAQUI DESTE ÂMBITO ESTREITO
A FRANCISCO PINHEIRO GUIMARÃES
À MEMÓRIA DO ATOR TASSO
NO ÁLBUM DO SR. QUINTELA
VERSOS
SONETO
NAQUELE ETERNO AZUL, ONDE COEMA
DAI À OBRA DE MARTA UM POUCO DE MARIA
RELÍQUIA ÍNTIMA
A DERRADEIRA INJÚRIA
REFUS
ENTRA CANTANDO, ENTRA CANTANDO, APOLO!
A GUIOMAR
PRÓLOGO DO INTERMEZZO

A CAROLINA
SONETO
A FRANCISCA
À ILMA. SRA. D. P. J. A.
A SAUDADE
JÚLIA
MEU ANJO
UM SORRISO
PARÓDIA
A SAUDADE
NO ÁLBUM DO SR. F. G. BRAGA
A UMA MENINA
O GÊNIO ADORMECIDO
O PROFETA
O PÃO D' AÇÚCAR
SONETO A S. M. O IMPERADOR, O SENHOR D. PEDRO II
À MADAME ARSÈNE CHARTON DEMEUR
O MEU VIVER
DORMIR NO CAMPO
CONSUMMATUM EST!
SAUDADES
LÁGRIMAS
NÃO?
RESIGNAÇÃO
AMANHÃ
A***
DEUS EM TI
ESTA NOITE
VEM!
ESPERANÇA
A MISSÃO DO POETA
O PROGRESSO
À ITÁLIA
A UM POETA
A PARTIDA
A REDENÇÃO
S. HELENA
NUNCA MAIS
A CH. F. FILHO DE UM PROSCRITO
OFÉLIA
A ESTRELA DA TARDE
A UM PROSCRITO
SONHOS
UM NOME

TRAVESSA
À D. GABRIELA DA CUNHA
MEUS VERSOS
À MME. DE LA GRANGE
SOUVENIRS D'EXIL
A S. M. I.
AO CARNAVAL DE 1860
NO ÁLBUM DA ARTISTA LUDONIVA MOUTINHO
GABRIELA DA CUNHA
ESTÂNCIAS NUPCIAIS
EM HOMENAGEM À D. ISABEL E AO CONDE D'EU
NO CASAMENTO DA PRINCESA ISABEL
CALA-TE, AMOR DE MÃE
TRISTEZA
O PRIMEIRO BEIJO
A F. X. NOVAIS
ONTEM, HOJE, AMANHÃ
26 DE OUTUBRO
AS NÁUFRAGAS
AO DR. XAVIER DA SILVEIRA
13 DE MAIO
SONETO
RICARDO
VELHO TEMA
POR ORA SOU PEQUENINA
CÉSAR! FULGE MAIS LUZ
NÃO HÁ PENSAMENTO RARO
VIVA O DIA 11 DE JUNHO
VOULEZ-VOUS DU FRANÇAIS?

A Palmeira

RJ, 6 jan. 1855
O.D.C.

A FRANCISCO GONÇALVES BRAGA

Como é linda e verdejante
Esta palmeira gigante
Que se eleva sobre o monte!
Como seus galhos frondosos
S'elevam tão majestosos
Quase a tocar no horizonte!

Ó palmeira, eu te saúdo,
Ó tronco valente e mudo,
Da natureza expressão!
Aqui te venho ofertar
Triste canto, que soltar
Vai meu triste coração.

Sim, bem triste, que pendida
Tenho a fronte amortecida,
Do pesar acabrunhada!
Sofro os rigores da sorte,
Das desgraças a mais forte
Nesta vida amargurada!

Como tu amas a terra
Que tua raiz encerra,
Com profunda discricção;
Também amei da donzela
Sua imagem meiga e bela,
Que alentava o coração.

Como ao brilho purpurino
Do crepúsc'lo matutino
Da manhã o doce albor;
Também amei com loucura
Ess'alma toda ternura
Dei-lhe todo o meu amor!

Amei!... mas negra traição
Perverteu o coração

Dessa imagem da candura!
Sofri então dor cruel,
Sorvi da desgraça o fel,
Sorvi tragos d'amargura!

.....
Adeus, palmeira! ao cantor
Guarda o segredo de amor;
Sim, cala os segredos meus!
Não reveles o meu canto,
Esconde em ti o meu pranto
Adeus, ó palmeira!... adeus!

Ela

Nunca vi, — não sei se existe
Uma deidade tão bela,
Que tenha uns olhos brilhantes
Como são os olhos dela!

F. G. BRAGA

Seus olhos que brilham tanto,
Que prendem tão doce encanto,
Que prendem um casto amor
Onde com rara beleza,
Se esmerou a natureza
Com meiguice e com primor.

Suas faces purpurinas
De rubras cores divinas
De mago brilho e condão;
Meigas faces que harmonia
Inspira em doce poesia
Ao meu terno coração!

Sua boca meiga e breve,
Onde um sorriso de leve
Com doçura se desliza,
Ornando purpúrea cor,
Celestes lábios de amor
Que com neve se harmoniza.

Com sua boca mimosa
Solta voz harmoniosa
Que inspira ardente paixão,
Dos lábios de Querubim
Eu quisera ouvir um — sim —
Pr'a alívio do coração!

Vem, ó anjo de candura,
Fazer a dita, a ventura
De minh'alma, sem vigor;
Donzela, vem dar-lhe alento,
Faz-lhe gozar teu portento,
“Dá-lhe um suspiro de amor!”

Teu Canto

29 jun. 1855

A UMA ITALIANA

*É sempre nos teus cantos sonorosos
Que eu bebo inspiração.*

DO AUTOR [“Meu Anjo”.]

Tu és tão sublime
Qual rosa entre as flores
De odores
Suaves;
Teu canto é sonoro
Que excede ao encanto
Do canto
Das aves.

Eu sinto nest'alma,
Num meigo transporte,
Meu forte
Dulçor;
Se soltas teu canto
Que o peito me abala,
Que fala
De amor.

Se soltas as vozes
Que podem à calma,
Minh'alma
Volver;
Minh'alma se enleva
Num gozo expansivo
De vivo
Prazer.

Donzela, esta vida
Se eu tanto pudera,
Quisera
Te dar;
Se um beijo eu pudesse
Ardente e fugace
Na face
Pousar.

Um Anjo

RJ, out. 1855

À MEMÓRIA DE MINHA IRMÃ

*Se deixou da vida o porto
Teve outra vida nos céus.*

A. E. ZALUAR

Foste a rosa desfolhada
Na urna da eternidade,
Pr'a sorrir mais animada,
Mais bela, mais perfumada
Lá na etérea imensidade.

Rasgaste o manto da vida,
E anjo subiste ao céu
Como a flor enlanguecida
Que o vento pô-la caída
E pouco a pouco morreu!

Tu'alma foi um perfume
Erguido ao sólio divino;

Levada ao celeste cume
C'os Anjos oraste ao Nume
Nas harmonias dum hino.

Alheia ao mundo devasso,
Passaste a vida sorrindo;
Derribou-te, ó ave, um braço,
Mas abrindo asas no espaço
Ao céu voaste, anjo lindo.

Esse invólucro mundano
Trocaste por outro véu;
Deste negro pego insano
Não sofreste o menor dano
Que tu'alma era do Céu.

Foste a rosa desfolhada
Na urna da eternidade
Pr'a sorrir mais animada
Mais bela, mais perfumada
Lá na etérea imensidade.

Minha Musa

RJ, 22 fev. 1856

A Musa, que inspira meus tímidos cantos,
É doce e risonha, se amor lhe sorri;
É grave e saudosa, se brotam-lhe os prantos.
Saudades carpindo, que sinto por ti.

A Musa, que inspira-me os versos nascidos
De mágoas que sinto no peito a pungir,
Sufoca-me os tristes e longos gemidos,
Que as dores que oculto me fazem trair.

A Musa, que inspira-me os cantos de prece,
Que nascem-me d'alma, que envio ao Senhor.
Desperta-me a crença, que às vezes 'dormece
Ao último arranco de esp'ranças de amor.

A Musa, que o ramo das glórias enlaça,
Da terra gigante — meu berço infantil,

De afetos um nome na idéia me traça,
Que o eco no peito repete: — Brasil!

A Musa, que inspira meus cantos é livre,
Detesta os preceitos da vil opressão,
O ardor, a coragem do herói lá do Tibre,
Na lira engrandece, dizendo: — Catão!

O aroma de esp'rança, que n'alma recende,
É ela que aspira, no cálix da flor;
É ela que o estro na fronte me acende,
A Musa que inspira meus versos de amor!

Cognac!...

Vem, meu *Cognac*, meu licor d'amores!...
É longo o sono teu dentro do frasco;
Do teu ardor a inspiração brotando
O cérebro incendeia!...

Da vida a insipidez gostoso adoças;
Mais val um trago teu que mil grandezas;
Suave distração — da vida esmalte,
Quem há que te não ame?

Tomado com o café em fresca tarde
Derramas tanto ardor pelas entranhas,
Que o já provento renascer-lhe sente
Da mocidade o fogo!

Cognac! — inspirador de ledos sonhos,
Excitante licor — de amor ardente!
Uma tua garrafa e o *Dom Quixote*,
É passatempo amável!

Que poeta que sou com teu auxílio!
Somente um trago teu m'inspira um verso;
O copo cheio o mais sonoro canto;
Todo o frasco um poema!

Minha Mãe

(Imitação de Cowper)

*Quanto eu, pobre de mim! quanto eu quisera
Viver feliz com minha mãe também!*

C. A. DE SÁ

Quem foi que o berço me embalou da infância
Entre as doçuras que do empíreo vêm?
E nos beijos de célica fragrância
Velou meu puro sono? Minha mãe!
Se devo ter no peito uma lembrança
É dela que os meus sonhos de criança
Dourou: — é minha mãe!

Quem foi que no entoar canções mimosas
Cheia de um terno amor — anjo do bem
Minha fronte infantil — encheu de rosas
De mimosos sorrisos? — Minha mãe!
Se dentro do meu peito macilento
O fogo da saudade me arde lento
É dela: minha mãe.

Qual anjo que as mãos me uniu outrora
E as rezas me ensinou que da alma vêm?
E a imagem me mostrou que o mundo adora,
E ensinou a adorá-la? — Minha mãe!
Não devemos nós crer num puro riso
Desse anjo gentil do paraíso
Que chama-se uma mãe?

Por ela rezarei eternamente
Que ela reza por mim no céu também;
Nas santas rezas do meu peito ardente
Repetirei um nome: — minha mãe!
Se devem louros ter meus cantos d'alma
Oh! do porvir eu trocaria a palma
Para ter minha mãe!

O Sofá

Oh! Como é suave os olhos
Sentir de gozo cerrar,

Sobre um sofá reclinado
Lindos sonhos a sonhar,
Sentindo de uns lábios d'anjo
Um medroso murmurar!

Um sofá! Mais belo símbolo
Da preguiça outro não há...
Ai, que belas entrevistas
Não se dão sobre um sofá,
E que de beijos ardentes
Muita boca aí não dá!

Um sofá! Estas violetas
Murchas, secas como estão
Sobre o seu sofá mimoso,
Cheirosas, vivas então,
Achei um dia perdidas,
Perdidas: por que razão!

Talvez ardente entrevista
Toda paixão, toda amor
Fizesse ali esquecê-las...
Quem não sabe? sem vigor
Estas flores só recordam
Um passado encantador!

Um sofá! Ameno sítio
Para colher um troféu,
Para cingir duas frentes
De amor num místico véu,
E entre beijos vaporosos
Da terra fazer um céu!

Um sofá! Mais belo símbolo
Da preguiça outro não há...
Ai, que belas entrevistas
Não se dão sobre um sofá,
E que de beijos ardentes
Muita boca aí não dá!

Vai-te

1º jan. 1858

Por que voltaste? Esquecidos
Meus sonhos, e meus amores
Frios, pálidos morreram
Em meu peito. Aquelas flores
Da grinalda da ventura
Tão de lágrimas regada,
Nesta fronte apaixonada
Cingida por tua mão,
Secaram, mortas estão.
Pobre pálida grinalda!
Faltou-lhe um orvalho eterno
De teu belo coração.
Foi de curta duração
Teu amor: não compreendeste
Quanto amor esta alma tinha...
Vai, leviana andorinha,
A outro clima, outro céu:
Meu coração? Já morreu
Para ti e teus amores,
E não pode amar-te — vai!
O hino das minhas dores
Dir-to-á a brisa, à noite,
Num terno, saudoso — ai —
Vai-te — e possa a asa do vento
Que pelas selvas murmura,
Da grinalda da ventura
Que em mim outrora cingiste,
Inda um perfume levar-te,
Morta assim: como um remorso
Do teu olvido... eu amar-te?
Não, não posso; esquece, parte;
Eu não posso amar-te... vai!

Álvares d'Azevedo

AO SR. DR. M. A. D'ALMEIDA

Vejo em fúnebre cipreste
Transformada a ovante palma!

PORTO ALEGRE.

Morrer, de vida transbordando ainda,
Como uma flor que ardente calma abrasa!
Águia sublime das canções eternas:
Quem no teu vôo espedaçou-te a asa?

Quem nessa fronte que animava o gênio,
A rosa desfolhou da vida tua?
Onde o teu vulto gigantesco? Apenas
Resta uma ossada solitária e nua!

E contudo essa vida era abundante!
E as esperanças e ilusões tão belas!
E no porvir te preparava a pátria
Da glória as palmas e gentis capelas!

Sim, um sol de fecunda inteligência
Sobre essa fronte pálida brilhava,
Que à face deste século de indústria
Tantos raios ardentes derramava!

E pôde a morte destruir-te a vida!
E dar à tumba a tua fronte ardente!
Pobre moço! saudaste a estrela d'alva,
E o sol não viste a refulgir no Oriente!

Morrer, de vida transbordando ainda,
Como uma flor que ardente calma abrasa!
Águia sublime das canções eternas:
Quem no teu vôo espedaçou-te a asa?

Voltaste à terra só — Não morrem Byrons,
Nem finda o homem na friez da campa!
Homem, tua alma aos pés de Deus fulgura,
Teu nome, poeta, no porvir se estampa!

Não morreste! estalou a fibra apenas
Que a alma à vida de ilusões prendia!
Acordaste de um negro pesadelo,
E saudaste o sol do eterno dia!

Mas cá fica no altar do pensamento
Teu nome como um ídolo pomposo,
Que a fama com o turíbulo dos tempos
Perfuma de um incenso vaporoso!

E ao ramallete das brasílias glórias,
Mais uma flor angélica se enlaça,
Que a brisa ardente do porvir passando
Trêmula beija e a murmurar abraça!

Byron da nossa terra, dorme embora
Envolto no teu fúnebre sudário,
Murmure embora o vento dos sepulcros
Junto do teu sombrio santuário.

Resta-te a c'roa santa de poeta,
E a mirra ardente da oração saudosa,
E pelas noites calmas do silêncio
Os séculos da lua vaporosa!

Ela te chora, e ali com ela a pátria,
Pobre órfã de teus cânticos divinos,
E das brisas na voz misteriosa,
Da saudade e da dor sagram-te os hinos!

Dorme junto de Chatterton, de Byron,
Frontes sublimes, pra sonhar criadas,
Almas puras de amor e sentimento,
Harpas santas, por anjos afinadas!

Dorme na tua fria sepultura
Guarda essa fronte vaporosa, ardente,
Tu, que apenas saudaste a estrela-d'alva
E o sol não viste a refulgir no Oriente!

Reflexo

Olha: vem sobre os olhos
Tua imagem contemplar,
Como as madonas do céu
Vão refletir-se no mar
Pelas noites de verão
Ao transparente luar!

Olha e crê que a mesma imagem
Com mais ardente expressão
Como as madonas no mar

Pelas noites de verão,
Vão refletir-se bem fundo,
Bem fundo — no coração!

A Morte no Calvário

Semana Santa, 1858

AO MEU AMIGO O PADRE SILVEIRA SARMENTO

Consummatum est!

I

Ei-lo, vai sobre o alto Calvário
Morrer piedoso e calmo em uma cruz!
Povos! naquele fúnebre sudário
Envolto vai um sol de eterna luz!

Ali toda descansa a humanidade;
É o seu salvador, o seu Moisés!
Aquela cruz é o sol da liberdade
Ante o qual são iguais povos e reis!

Povos, olhai! — As fochas mortuárias
São-lhe os louros, as palmas, e os troféus!
Povos, olhai! — As púrpuras cesáreas
Valem acaso em face do Homem-Deus?

Vede! mana-lhe o sangue das feridas
Como o preço da nossa redenção.
Ide banhar os braços parricidas
Nas águas desse fúnebre Jordão!

Ei-lo, vai sobre o alto do Calvário
Morrer piedoso e calmo em uma cruz!
Povos! naquele fúnebre sudário
Envolto vai um sol de eterna luz!

II

Era o dia tremendo do holocausto...
Deviam triunfar os fariseus...

A cidade acordou toda no fausto,
E à face das nações matava um Deus!

Palpitante, em frenético delírio
A turba lá passou: vai imolar!
Vai sagrar uma palma de martírio,
E é a frente do Gólgota o altar!

Em derredor a humanidade atenta
Aguarda o sacrifício do Homem-Deus!
Era o íris no meio da tormenta
O martírio do filho dos Hebreus!

Eis o monte, o altar do sacrifício,
Onde vai operar-se a redenção.
Sobe a turba entoando um epinício
E caminha com ela o novo Adão!

E vai como ia outrora às sinagogas
As leis pregar do Sião e do Tabor!
É que no seu sudário as alvas togas
Vão cortar os tribunos do Senhor!

Planta-se a cruz. O Cristo está pendente;
Cingem-lhe a fronte espinhos bem mortais;
E cospe-lhe na face a turba ardente,
E ressoam aplausos triunfais!

Ressoam como em Roma a populaça
Aplaudindo o esforçado gladiador!
É que são no delírio a mesma raça,
A mesma geração tão sem pudor!

Ressoam como um cântico maldito
Pelas trevas do século a vibrar!
Mas as douradas leis de um novo rito
Vão ali no Calvário começar!

Sim, é a hora. A humanidade espera
Entre as trevas da morte e a eterna luz;
Não é a redenção uma quimera,
Ei-la simbolizada nessa cruz!

É a hora. Esgotou-se a amarga taça;

Tudo está consumado; ele morreu,
E aos cânticos da ardente populaça
Em luto a natureza se envolveu!

Povos! realizou-se a liberdade,
E toda consumou-se a redenção!
Curvai-vos ante o sol da Cristandade
E as plantas osculai do novo Adão!

Ide, ao som das sagradas melodias,
Orar junto do Cristo como irmãos,
Que os espinhos da fronte do Messias
São as rosas da fronte dos cristãos!

Uma Flor? — Uma Lágrima

Out. 1858

— Por que há de a musa que coroam rosas
Da rocha inculta só rebentam cardos:
Lágrima fria de pisados olhos
Não cabe em chão de pérolas.

— Por que há de a musa que coroam rosas
Vir debruçar-se no ervaçal inculto,
E pedir um perfume à flor da noite
Que o vento enregelara?

Minha musa é a virgem das florestas
Sentada à sombra da palmeira antiga;
Cantando, e só — por uma noite amarga
Uma canção de lágrimas...

A aura noturna perpassou-lhe as tranças,
A mão do inverno enregelou-lhe os seios,
Roçou-lhe as asas na carreira ardente
O anjo das tempestades.

Por que há de a musa que coroam rosas
Pedir-lhe um canto? O alaúde é belo
Quando amestrada mão lhe roça as cordas
Num canto onipotente.

Pede-se acaso à ave que rasteja
Rasgado vôo? ao espinhal perfumes?
Risos da madrugada ao céu da noite
Sem luar nem estrelas?

Pedem-se as rosas aos jardins da vida;
Da rocha inculta só rebentam cardos;
Lágrima fria de pisados olhos
Não cabe em chão de pérolas.

Condão

*C'est que j'ai reconstruit des regards dont la flamme
Semble avec mes regards ou briller ou mourir.*

E. DESCHAMPS

Uns olhos me enfeitiçaram,
Uns olhos... foram os teus.
Falaram tanto de amores
Embebidos sobre os meus!

Eram anjos que dormiam
Dessas pálpebras à flor
Nas convulsões palpitantes
Dos alvos sonhos de amor.

Foi à noite... hora das fadas;
Bem lhes sentira o condão;
Mas refletiam tão puras
Os sonhos do coração!

Como ao sol do meio-dia
Dorme a onda à flor do mar,
Eu dormi, — pobre insensato,
Ao fogo do teu olhar...

Pobre, doida mariposa,
Perdi-me... — pecados meus!
Na chama que me atraía,
No fogo dos olhos teus.

Venci protestos de outrora,

Moirei no teu alcorão,
E vim purgar nesses olhos
Pecados do coração.

Pois bem hajam os teus olhos,
Onde um tal condão achei:
Doido inseto em torno à chama,
Todo aí me queimarei.

A Augusta

1859

Em teu caminho tropeçaste — agora!
Cala esse pranto, minha pobre flor.
Caída mesmo — tropeçando embora,
Conserva a alma um último pudor.

Deve ser grande esse martírio lento...
Já nos espinhos a minha alma pus;
Sou como um Cireneu do sofrimento;
Deixa-me ao menos carregar-te a cruz.

Eu sei medir as lágrimas vertidas
Na sombra e só sem uma mão sequer!
Vês tu as minhas pálpebras doridas?
Têm chorado talvez por ti, mulher!

É fraqueza chorar? chorei contigo;
Que a mesma nos banhou de luz
Como em mim um pesar profundo e antigo
No falar dessa fronte se traduz!

Sei como custa desfolhar um riso
Em face às turbas, que o senti por mim,
Ver o inferno e falar do paraíso,
Sentir os golpes e abraçar Caim!

Chorei, que prantos! Prometeu atado
Ao rochedo da vida e sem porvir!
Poeta neste século infamado
Que mata as almas e condena a rir.

Cansei, perdi aquela fé robusta
Que como a ti, nos sonhos me sorriu;
Na identidade do calvário, Augusta,
Bem vês como o destino nos mentiu!

Ergue-te pois! A redenção agora
Dá-te mais viço, minha pobre flor!
Se tropeçaste no caminho embora!
Na tua queda é-te bordão — o amor!

Soneto Circular

16 abr. 1895

A bela dama ruiva e descansada,
De olhos longos, macios e perdidos,
C'um dos dedos calçados e compridos
Marca a recente página fechada.

Cuidei que, assim pensando, assim colada
Da fina tela aos flóridos tecidos,
Totalmente calados os sentidos,
Nada diria, totalmente nada.

Mas, eis da tela se despega e anda,
E diz-me: — “Horácio, Heitor Cibrão, Miranda,
C. Pinto, X. Silveira, F. Araújo,

Mandam-me aqui para viver contigo.”
Ó bela dama, a ordens tais não fujo.
Que bons amigos são! Fica comigo.

Ícaro

1859

Que queres tu que eu te peça?
Um olhar que não consola?
Podes guardar essa esmola
Para quem ta for pedir,
A um olhar de volúpia
Que ensina discreto espelho

Queres que eu curve o joelho,
E quebre todo um porvir?

É audaz o pensamento.
Não vês que um olhar é pouco?
Eu fora cobarde e louco
Se te aceitasse um olhar!
A flor da pálida face,
Esse raio luminoso,
É a esperança de um gozo
Que bem se pode evitar.

Este fogo que me impele
Para a esfera dos desejos
Cresce, vigora nos beijos
De uma boca de mulher;
Tem asas como as das águias;
Nem pousa sobre o granito;
Aspira para o infinito;
Pede tudo e tudo quer!

É ambição desmedida?
Prevejo tal pensamento:
A inclinação de um momento
Não me dá direito a mais.
A chama ainda indecisa
Uma hora alimentaste,
E agora que recuaste
Quebras os laços fatais.

Era tarde! As fibras todas
Já vão meio consumidas;
Perdi na vida — mil vidas
Que é preciso resgatar.
Bem vês que a perda foi grande.
Quero um preço equivalente;
Guarda o teu olhar ardente
Que não me paga um olhar.

Alma de fogo encerrada
Em livre, em audaz cabeça
Não pode crer na promessa
Que os olhos, que os olhos dão!
Talvez levada de orgulho

Com este amor insensato
Quer a verdade do fato
Para dá-la ao coração.

E sabes o que eu te dera?
Nem tu calculas o preço...
Olha bem se te mereço
Mais que um só olhar dos teus:
Dera-te todo um futuro
Quebrado a teus pés, quebrado,
Como um mundo derrocado
Caído das mãos de Deus!

Era uma troca por troca,
Ambos perdiam no abraço
Mas estreitava-se o espaço
Que nos separa talvez.
Foras um sonho que eu tive,
Uma esperança bem pura;
Foras meu céu de ventura
Em toda a sua nudez!

Que este fogo que me impele
Para a esfera dos desejos
Cresce, vigora nos beijos
De uma boca de mulher;
Tem asas como as das águias;
Nem pousa sobre o granito;
Aspira para o infinito,
Pede tudo e tudo quer!

Coração Perdido

Buscas debalde o meigo passarinho
Que te fugiu;
Como quer que isso foi, o coitadinho
No brando ninho
Já não dormiu.

O coitado abafava na gaiola,
Faltava-lhe o ar;
Como foge um menino de uma escola,
O mariola

Deitou-se a andar.

Demais, o pobrezito nem sustento
Podia ter;
Nesse triste e cruel recolhimento
O simples vento
Não é viver.

Não te arrepeles. Dá de mão ao pranto;
Isso que tem?
Eu sei que ele fazia o teu encanto;
Mas chorar tanto
Não te convém.

Nem vás agora armar ao bandoleiro
Um alçapão;
Passarinho que sendo prisioneiro
Fugiu matreiro
Não volta, não!

Fascinação

*Tes lèvres, sans parler, me disaient: — Que je t'aime!
Et ma bouche muette ajoutait: — Je te crois!*

Mme. DESBORDES-VALMORE

A vez primeira que te ouvi dos lábios
Uma singela e doce confissão,
E que travadas nossas mãos, eu pude
Ouvir bater teu casto coração,

Menos senti do que senti na hora
Em que, humilde — curvado ao teu poder,
Minha ventura e minha desventura
Pude, senhora, nos teus olhos ler.

Então, como por vínculo secreto,
Tanto no teu amor me confundi,
Que um sono puro me tomou da vida
E ao teu olhar, senhora, adormeci.

É que os olhos, melhor que os lábios, falam

Verbo sem som, à alma que é de luz
— Ante a fraqueza da palavra humana —
O que há de mais divino o olhar traduz.

Por ti, nessa união íntima e santa,
Como a um toque de graça do Senhor,
Ergui minh'alma que dormiu nas trevas,
E me sagrei na luz do teu amor.

Quando a tua voz puríssima — dos lábios,
De teus lábios já trêmulos correu,
Foi alcançar-me o espírito encantado
Que abrindo as asas demandara o céu.

De tanta embriaguez, de tanto sonho
Que nos resta? Que vida nos ficou?
Uma triste e vivíssima saudade...
Essa ao menos o tempo a não levou.

Mas, se é certo que a baça mão da morte
A outra vida melhor nos levará,
Em Deus, minh'alma adormeceu contigo,
Em Deus, contigo um dia acordará.

O Casamento do Diabo

(Imitação do alemão)

Satã teve um dia a idéia
De casar. Que original!
Queria mulher não feia,
Virgem corpo, alma leal.

Toma um conselho de amigo,
Não te cases, Belzebu;
Que a mulher, com ser humana
É mais fina do que tu.

Resolvido no projeto,
Para vê-lo realizar,
Quis procurar objeto
Próprio do seu paladar.

Toma um conselho de amigo,
Não te cases, Belzebu;
Que a mulher, com ser humana.
É mais fina do que tu.

Cortou unhas, cortou rabo,
Cortou as pontas, e após
Saiu o nosso diabo
Como o herói dos heróis.

Toma um conselho de amigo,
Não te cases, Belzebu;
Que a mulher, com ser humana
É mais fina do que tu.

Casar era a sua dita;
Correu por terra e por mar,
Encontrou mulher bonita
E tratou de a requestar.

Toma um conselho de amigo,
Não te cases, Belzebu;
Que a mulher, com ser humana
É mais fina do que tu.

Ele quis, ela queria,
Puseram mão sobre mão,
E na melhor harmonia
Verificou-se a união.

Toma um conselho de amigo,
Não te cases, Belzebu;
Que a mulher, com ser humana
É mais fina do que tu.

Passou-se um ano, e ao diabo,
Não lhe cresceram por fim,
Nem as unhas, nem o rabo...
Mas as pontas, essas sim.

Toma um conselho de amigo,
Não te cases, Belzebu;
Que a mulher, com ser humana
É mais fina do que tu.

Hino Patriótico

Brasileiros! haja um brado
Nesta terra do Brasil:
Antes a morte de honrado
Do que a vida infame e vil!

O leopardo aventureiro,
Garra curva, olhar feroz,
Busca o solo brasileiro,
Ruge e investe contra nós.

Brasileiros! haja um brado
Nesta terra do Brasil:
Antes a morte de honrado
Do que a vida infame e vil!

Quer estranho despotismo
Lançar-nos duro grilhão;
Será o sangue o batismo
Da nossa jovem nação.

Brasileiros! haja um brado
Nesta terra do Brasil:
Antes a morte de honrado
Do que a vida infame e vil!

Pela liberdade ufana,
Ufana pela honradez,
Esta terra americana,
Bretão, não te beija os pés.

Brasileiros! haja um brado
Nesta terra do Brasil:
Antes a morte de honrado
Do que a vida infame e vil!

Nação livre, é nossa glória
Rejeitar grilhão servil;
Pareça a nossa memória
Salva a honra do Brasil.

Brasileiros! haja um brado
Nesta terra do Brasil:
Antes a morte de honrado
Do que a vida infame e vil!

Podes vir, nação guerreira;
Nesta suprema aflição,
Cada peito é uma trincheira,
Cada bravo um Cipião.

Brasileiros! haja um brado
Nesta terra do Brasil:
Antes a morte de honrado
Do que a vida infame e vil!

A Cólera do Império

De pé! — Quando o inimigo o solo invade
Ergue-se o povo inteiro; e a espada em punho
É como um raio vingador dos livres!

Que espetáculo é este! — Um grito apenas
Bastou para acordar do sono o império!
Era o grito das vítimas. No leito,
Em que a pusera Deus, o vasto corpo
Ergue a imensa nação. Fulmíneos olhos
Lança em torno de si: — lúgubre aspecto
A terra patenteia; o sangue puro,
O sangue de seus filhos corre em ondas
Que dos rios gigantes da floresta
Tingem as turvas, assustadas águas.
Talam seus campos legiões de ingratos.
Como um cortejo fúnebre, a desonra
E a morte as vão seguindo, e as vão guiando,
Ante a espada dos bárbaros, não vale
A coroa dos velhos; a inocência
Debalde aperta ao seio as vestes brancas...
É preciso cair. Pudor, velhice,
Não nos conhecem eles. Nos altares
Daquela gente, imola-se a virtude!

O império estremeceu. A liberdade
Passou-lhe às mãos o gládio sacrossanto,
O gládio de Camilo. O novo Breno
Já pisa o chão da pátria. Avante! avante!
Leva de um golpe aquela turba infrene!
É preciso vencer! Manda a justiça,
Manda a honra lavar com sangue as culpas
De um punhado de escravos. Ai daquele
Que a face maculou da terra livre!
Cada palmo do chão vomita um homem!
E do Norte, e do Sul, como esses rios
Que vão, sulcando a terra, encher os mares,
À falange comum os bravos correm!

Então (nobre espetáculo, só próprio
De almas livres!) então rompem-se os elos
De homens a homens. Coração, família,
Abafam-se, aniquilam-se: perdura
Uma idéia, a da pátria. As mães sorrindo
Armam os filhos, beijam-nos; outrora
Não faziam melhor as mães de Esparta.
Deixa o tálamo o esposo; a própria esposa
É quem lhe cinge a espada vingadora.
Tu, brioso mancebo, às aras foges,
Onde himeneu te espera; a noiva aguarda
Cingir mais tarde na virgínea fronte
Rosas de esposa ou crepe de viúva.

E vão todos, não pérfidos soldados
Como esses que a traição lançou nos campos;
Vão como homens. A flama que os alenta
É o ideal esplêndido da pátria.
Não os move um senhor; a veneranda
Imagem do dever é que os domina.
Esta bandeira é símbolo; não cobre,
Como a deles, um túmulo de vivos.
Hão de vencer! Atônito, confuso,
O covarde inimigo há de abater-se;

E da opressa Assunção transpondo os muros
Terá por prêmio a sorte dos vencidos.

Basta isso? Ainda não. Se o império é fogo,
Também é luz: abrasa, mas aclara.
Onde levar a flama da justiça,
Deixa um raio de nova liberdade.
Não lhe basta escrever uma vitória,
Lá, onde a tirania oprime um povo;
Outra, tão grande, lhe desperta os brios;
Vença uma vez no campo, outra nas almas;
Quebre as duras algemas que roxeiam
Pulsos de escravos. Faça-os homens.

Treme,
Treme, opressor, da cólera do império!
Longo há que às tuas mãos a liberdade
Sufocada soluça. A escura noite
Cobre de há muito o teu domínio estreito;
Tu mesmo abriste as portas do Oriente;
Rompe a luz; foge ao dia! O Deus dos justos
Os soluços ouviu dos teus escravos,
E os olhos te cegou para perder-te!

O povo um dia cobrirá de flores,
A imagem do Brasil. A liberdade
Unirá como um elo estes dous povos.
A mão, que a audácia castigou de ingratos,
Apertará somente a mão de amigos.
E a túnica farpada do tirano,
Que inda os quebrados ânimos assusta,
Será, aos olhos da nação remida,
A severa lição de extintos tempos!

Daqui deste âmbito estreito

Daqui, deste âmbito estreito,

Cheio de risos e galas,
Daqui, onde alegres falas
Soam na alegre amplidão,
Volvei os olhos, volvei-os
A regiões mais sombrias,
Vereis cruéis agonias,
Terror da humana razão.

Trêmulos braços alçando,
Entre os da morte e os da vida,
Solta a voz esmorecida,
Sem pão, sem água, sem luz,
Um povo de irmãos, um povo
Desta terra brasileira,
Filhos da mesma bandeira,
Remidos na mesma cruz.

A terra lhes foi avara,
A terra a tantos fecunda;
Veio a miséria profunda,
A fome, o verme voraz.
A fome? Sabeis acaso
O que é a fome, esse abutre
Que em nossas carnes se nutre
E a fria morte nos traz?

Ao céu, com trêmulos lábios,
Em seus tormentos atrozes
Ergueram súplices vozes,
Gritos de dor e aflição;
Depois as mãos estendendo,
Naquela triste orfandade,
Vêm implorar caridade,
Mais que à bolsa, ao coração.

O coração... sois vós todos,
Vós que as súplicas ouvistes;
Vós que às misérias tão tristes
Lançais tão espesso véu.
Choverão bênçãos divinas
Aos vencedores da luta:
De cada lágrima enxuta
Nasce uma graça do céu.

A Francisco Pinheiro Guimarães

Ouviste o márcio estrépito
E a mão lançando à espada
Foste, soldado indômito,
Vingar a pátria amada,
Do universal delírio
Aceso o coração.

Foste, e na luta férvida,
(Glória e terror das almas)
De quais loureiros vividos
Colheste eternas palmas,
Diga-o ao mundo e à história
A boca da nação!

Custa sentidas lágrimas
A glória; a terra bebe
Sangue de heróis e mártires
Que a morte ali recebe;
Da santa pátria o júbilo
Custa a melhor das mães.

Mas tu, audaz e impávido,
No ardor de cem porfias,
A mão dum ser angélico,
Herói, guiou teus dias;
E no amplo livro inscreveu-te
Dos novos capitães!

Se hoje co'as roupas cândidas
Voltou a paz à terra,
Não, não te basta o esplêndido
Louro da extinta guerra;
De outra gentil vitória
A palma aqui terás.

Chamam-te as musas, chama-te
A imensa voz do povo,
Que em seu aplauso unânime
Te guarda um prêmio novo;
Vem lutador do espírito,
Colhe os lauréis da paz.

À Memória do ator Tasso

Vós que esta sala encheis, e a lágrima sentida
E o riso de prazer conosco misturais,
E depois de viver da nossa mesma vida
Ao lar tranqüilo e bom contentes regressais;

Que perdeis? Um noute; algumas horas. Tudo,
Alma, vida, razão, tudo vos damos nós:
Um perpétuo lidar, um continuado estudo,
Que um só prêmio conhece, um fim único: vós.

E este chão, que juncais de generosas flores,
É nossa alegre estrada, e vamos sem sentir,
Sem jamais indagar as encobertas dores
Que em seu seio nos traz o sombrio porvir.

Além, além do mar que separa dous mundos,
Um artista que foi glória nossa e padrão,
Quando à terra subiu dos êxtases profundos
Terna esposa deixou na mágoa e na aflição.

Hoje, que vos convida uma intenção piedosa,
Que escutais de além-mar uma súplice voz,
Hoje, a mão estendeis à desvalida esposa;
Obrigada por ele! obrigada por nós!

No álbum do sr. Quintela

Faz-se a melhor harmonia
Com elementos diversos;
Mesclam-se espinhos às flores:
Posso aqui pôr os meus versos.

Versos

Escritos no álbum da Exma. Sra. D. Branca P. da C.

Pede estrelas ao céu, ao campo flores;

Flores e estrelas ao gentil regaço
Virão da terra ou cairão do espaço,
Por te cobrir de aromas e esplendores.

Versos... pede-os ao vate peregrino
Que ao céu tomando inspirações das suas,
A tua mocidade e as graças tuas
Souber nas notas modular de um hino.

Mas que flores, que versos ou que estrelas
Pedir-me vens? A musa que me inspira
Mal poderia celebrar na lira
Dotes tão puros e feições tão belas.

Pois que me abris, no entanto, a porta franca
Deste livro gentil, casto e risonho,
Uma só flor, uma só flor lhe ponho
E seja o nome angélico de Branca.

Soneto

Caro Rocha Miranda e companhia,
Muzzio, Melo, Cibrão, Arnaldo e Andrade,
Enfim, a toda a mais comunidade
Manda saudades o Joaquim Maria.

Sou forçado a não ir à freguesia;
Tenho entre mãos, com pressa e brevidade,
Um trabalho de grande seriedade
Que hei de acabar mais dia menos dia.

Esta é a razão mais clara e pura
Pelo qual, meus amigos, vos remeto
Uma insinuação de vagatura.

Mas, na segunda-feira vos prometo
Que haveis de ter (minha barriga o jura)
Mais uma canja e menos um soneto.

Naquele Eterno Azul, onde Coema

Naquele eterno azul, onde Coema,

Onde Lindóia, sem temor dos anos,
Erguem os olhos plácidos e ufanos,
Também os ergue a límpida Iracema.

Elas foram, nas águas do poema,
Cantadas pela voz de americanos,
Mostrar às gentes de outros oceanos
Jóias do nosso rútilo diadema.

E, quando a magna voz inda afinavas
Foges-nos, como se a chamar sentiras
A voz da glória pura que esperavas.

O cantor do *Uruguai* e o dos *Timbiras*
Esperavam por ti, tu lhe faltavas
Para o concerto das eternas liras.

Dai à obra de Marta um pouco de Maria

Daí à obra de Marta um pouco de Maria,
Dai um beijo de sol ao descuidado arbusto;
Vereis neste florir o tronco erecto e adusto,
E mais gosto achareis naquela e mais valia.

A doce mãe não perde o seu papel augusto,
Nem o lar conjugal a perfeita harmonia.
Viverão dous aonde um até 'qui vivia,
E o trabalho haverá menos difícil custo.

Urge a vida encarar sem a mole apatia,
Ó mulher! Urge pôr no gracioso busto,
Sob o tépido seio, um coração robusto.

Nem erma escuridão, nem mal-aceso dia.
Basta um jorro de sol ao descuidado arbusto,
Basta à obra de Marta um pouco de Maria.

Relíquia Íntima

Ilustríssimo, caro e velho amigo,
Saberás que, por um motivo urgente,
Na quinta-feira, nove do corrente,

Preciso muito de falar contigo.

E aproveitando o portador te digo,
Que nessa ocasião terás presente,
A esperada gravura de patente
Em que o Dante regressa do Inimigo.

Manda-me pois dizer pelo bombeiro
Se às três e meia te acharás postado
Junto à porta do Garnier livreiro:

Senão, escolhe outro lugar azado;
Mas dá logo a resposta ao mensageiro,
E continua a crer no teu Machado.

A Derradeira Injúria

E ainda, ninfas minhas, não bastava...

CAMÕES, Lusíadas, VII, 81.

I

Vês um féretro posto em solitária igreja?
Esse pó que descansa, e se esconde, e se some,
Traz de um grande ministro o formidável nome,
Que em vivas letras de ouro e lágrimas flameja.

Lá fora uma invasão esqualida braceja,
Como um mar de miséria e luto, que tem fome,
E novas praias busca e novas praias come,
Enquanto a multidão, recuando, peleja.

O gaulês que persegue, o bretão que defende,
Duas mãos de um destino implacável e oculto,
Vão sangrando a nação exausta que se rende;

Dentre os mortos da história um só único vulto
Não ressurgue; um Pacheco, um Castro não atende;
E a cobiça recolhe os despojos do insulto.

II

Ora, na solitária igreja em que se há posto
O féretro, se alguém pudesse ouvir, ouvira
Uma voz cavernosa e repassada de ira,
De tristeza e desgosto.

Era uma voz sem rosto,
Um eco sem rumor, uma nota sem lira.
Como que o suspirar do cadáver disposto
A rejeitar o leito eterno em que dormira.

E ninguém, salvo tu, ó pálido, ó suave
Cristo, ninguém, exceto uns três ou quatro santos,
Envolvidos e sós, nos seus sombrios mantos,

Ninguém ouvia em toda aquela escura nave
Dessa voz tão severa, e tão triste, e tão grave,
Murmurados a medo, as cóleras e os prantos.

III

E dizia essa voz: — “Eis, Lusitânia, a espada
Que reluz, como o sol, e como o raio, lança
Sobre a atônita Europa a morte ensangüentada.

“Venceu tudo; ei-la aí que te fere e te alcança,
Que te rasga e te põe na cabeça prostrada
O terrível sinal das legiões de França.

“E, como se o furor, e, como se a ruína
Não bastassem a dar-te a pena grande e inteira,
Vem juntar-se outra dor à tua dor primeira,
E o que a espada começa a tristeza termina.

“És o campo funesto e rude em que se afina
Pugna estranha; não tens a glória derradeira,
De devolver farpada e vencida a bandeira,
E ser Xerxes embora, ao pé de Salamina.

IV

“No entanto, ao longe, ao longe uma comprida história
De batalhas e descobertas,
Um entrar de contínuo as portas da memória
Escancaradamente abertas,

“Enchia esta nação, que aprendera a vitória
Naquela cressa idade antiga,
Quando, em vez do repouso, era a lei da fadiga,
E a glória coroava a glória.

“E assim foi, palmo a palmo, e reduto a reduto,
Que um punhado de heróis, que um embrião de povo
Levantara este reino novo;

“E livre, independente, esse áspero produto
Da imensa forja pôde, achegando-se às plagas,
Fitar ao longe as longas vagas.

V

“Era escasso o torrão; por compensar-lhe a míngua,
Assim foi que dobraste aquele oculto cabo,
Não sabido de Plínio, ignorado de Estrabo,
E que Homero cantou em uma nova língua.

“Assim foi que pudeste haver África adusta,
Ásia, e esse futuro e desmedido império,
Que no fecundo chão do recente hemisfério
A semente brotou da tua raça augusta.

“Eis, Lusitânia, a obra. Os séculos que a viram
Emergir, com o sol dos mares, e a poliram,
Transmitem-lhe a memória aos séculos futuros.

“Hoje a terra de heróis sofre a planta inimiga...
Quem pudera mandar aqueles peitos duros!
Quem soubera empregar aquela força antiga!”

VI

E depois de um silêncio: — “Um dia, um dia, um dia
Houve em que nesta nobre e antiga monarquia,
Um homem, — paz lhe seja e a quantos lhe consomem
A sagrada memória, — houve um dia em que um homem

“Posto ao lado do rei e ao lado do perigo
Viu abater o chão; viu as pedras candentes
Ruírem; viu o mal das cousas e das gentes,

E um povo inteiro nu de pão, de luz e abrigo.

“Esse homem, ao fitar uma cidade em ossos,
Terror, dissolução, crime, fome, penúria,
Não se deixou cair coos últimos destroços.

“Opôs a força à força, opôs a pena à injúria,
Restituiu ao povo a perdida hombridade,
E donde era uma ruína ergueu uma cidade.

VII

“Esse homem eras tu, ó alma que repousas
Da cobiça, da glória e da ambição do mando,
Eras tu, que um destino, e propício, e nefando,
Ao fastígio elevou dos homens e das cousas.

“Eras tu que da sede ingrata de ministro
Fizeste um sólio ao pé do sólio; tu, sinistro
Ao passado, tu novo obreiro, áspero e duro,
Que traçavas no chão a planta do futuro.

“Tu querias fazer da história uma só massa
Nas tuas fortes mãos, tenazes como a vida,
A massa obediente e nua.

“A luminosa efígie tua
Quiseste dar-lhe, como à brônzea estátua erguida,
Que o século corteja, inda assustado, e passa.

VIII

“Contra aquele edifício velho
Da nobreza, — elevado ao lado do edifício
Da monarquia e do evangelho, —
Tu puseste a reforma e puseste o suplício.

“Querias destruir o vício
Que a teus olhos roía essa fábrica enorme,
E começaste o duro ofício
Contra o que era caduco, e contra o que era informe.

“Não te fez recuar nesse áspero duelo
Nem dos anos a flor, nem dos anos o gelo,

Nem dos olhos das mães as lágrimas sagradas.

“Nada; nem o negror austero da batina,
Nem as débeis feições da graça feminina
Pela veneração e pelo amor choradas.

IX

“Ah! se por um prodígio especial da sorte,
Pudesses emergir das entranhas da morte,
Cheio daquela antiga e fera gravidade,
Com que salvaste uma cidade;

“Quem sabe? Não houvera em tão longa campanha
Ensangüentado o chão do luso a planta estranha,
Nem correr a nação tal dor e tais perigos
Às mãos de amigos e inimigos.

“Tu serias o mesmo aspérrimo e impassível
Que viu, sem desmaiar, o conflito terrível
Da natureza escura e da escura alma humana;

“Que levantando ao céu a fronte soberana,
— “Eis o homem!” disseste, — e a garra do destino
Indelével te pôs o seu sinal divino”.

X

E, soltado esse lamento
Ao pé do grande moimento,
Calou-se a voz, dolorida
De indignação.

Nenhum outro som de vida
Naquela igreja escondida...
Era uma pausa, um momento
De solidão.

E continuavam fora
A morte, dona e senhora
Da multidão;

E devastava a batalha,
Como o temporal que espalha

Folhas ao chão.

XI

E essa voz era a tua, ó triste e solitário
Espírito! eras tu, forte outrora e vibrante,
Que pousavas agora, — apenas cintilante, —
Sobre o féretro, como a luz de um lampadário.

Era tua essa voz do asilo mortuário,
Essa voz que esquecia o ódio triunfante
Contra o que havia feito a tua mão possante,
E a inveja que te deu o pontual salário.

E contigo falava uma nação inteira,
E gemia com ela a história, não a história
Que bajula ou destrói, que morde ou santifica.

Não; mas a história pura, austera, verdadeira,
Que de uma vida errada a parte que lhe fica
De glória, não esconde às ovações da glória.

XII

E, tendo emudecido essa garganta morta,
O silêncio voltara àquela nave escura,
Quando subitamente abre-se a velha porta,
E penetra na igreja uma estranha figura.

Depois outra, e mais outra, e mais três, e mais quatro.
E todas, estendendo os braços, vão abrindo
As trevas, costeando os muros, e seguindo
Como a conspiração nas tábuas de um teatro.

E param juntamente em derredor do leito
Último em que descansa esse único despojo
De uma vida, que foi uma longa batalha.

E enquanto um fere a luz que as tenebras espalha,
Outro, com gesto firme e firmíssimo arrojo,
Toma nas cruas mãos aquele rei desfeito.

XIII

Então... O homem que viu arrancarem-lhe aos braços
Poder, glória, ambição, tudo o que amado havia;
Esse que foi o sol de um século, que um dia,
Um só dia bastou para fazer pedaços;

Que, se aos ombros atara uma púrpura nova,
Viu, farrapo a farrapo, arrancarem-lha aos ombros;
Que padecera em vida os últimos assombros,
Tinha ainda na morte uma última prova.

Era a brutal rapina, anônima, noturna,
Era a mão casual, que espedaçava a urna
A troco de um galão, a troco de uma espada;

Que, depois de tomar-lhe esses sinais funestos
Da sombra de um poder, pegou dos tristes restos,
Ossos só, e espalhou pela nave sagrada.

XIV

Assim pois, nada falta à glória deste mundo,
Nem a perseguição repleta de ódio e sanha,
Nem a fértil inveja, a lívida campanha,
De tudo o que radia e tudo que é profundo.

Nada falta ao poder, quando o poder acaba;
Nada; nem a calúnia, o escárnio, a injúria, a intriga,
E, por triste coroa à merencória liga,
A ingratidão que esquece e a ingratidão que baba.

Faltava a violação do último sono eterno,
Não para saciar um ódio insaciável,
Insaciável como os círculos do inferno.

E deram-ta; eis-te aí, ó grande invulnerável,
Eis-te ossada sem nome, esparsa e miserável,
Sobre um pouco de chão do ninho teu paterno.

Refus

A Jaime de Séguier

Non, je ne paye pas, car il est incomplet

*Cet ouvrage. On y voit, certes, la belle touche
Que ton léger pinceau met à tout ce qu'il touche;
Et, pour un beau sonnet, c'est un fort beau sonnet.*

*Ce sont-là mes cheveux, c'est bien-là le reflet
De mes yeux noirs. Je ris devant ma propre bouche.
Je reconnais cet air tendre ainsi que farouche
Qui fait toute ma force et tout mon doux secret.*

*Mais, cher peintre du ciel, il manque à ton ouvrage
De ne pas être dix, tous également doux,
Vibrant d'âme, et parfaits d'art profond, riche et sage.*

*Adieu, donc, le contrat! Je le tiens pour dissous,
Car, pour de beaux portraits, pleins de charme et de vie,
Pour un baiser, je veux toute une galerie.*

Entra cantando, entra cantando, Apolo!

1891

Entra cantando, entra cantando, Apolo!
Entra sem cerimônia, a casa é tua;
Solta versos ao sol, solta-os à lua,
Toca a lira divina, alteia o colo.

Não te embarace esta cabeça nua;
Se não possui as primitivas heras,
Vibra-lhe ainda a intensa vida sua,
E há outonos que valem primaveras.

Aqui verás alegre a casa e a gente,
Os adorados filhos, — terno e brando
Consolo ao coração que os ama e sente.

E ouvirás inda o eco reboando
Do canto dele, que terás presente.
Entra cantando, Apolo, entra cantando.

A Guiomar

1892

Ri, Guiomar, anda, ri. Quando ressoa
Tua alegre risada cristalina,
Ouço a alma da moça e da menina,
Ambas na mesma lépida pessoa.

E então reparo, como o tempo voa,
Como a rosa nascente e pequenina
Cresceu, e a graça fresca apura e afina...
Ri, Guiomar, anda, ri, mimosa e boa.

A bela cor, o aroma delicado,
Por muitos anos crescerão ainda,
Ao vivo olhar do noivo teu amado.

Para ti, cara flor, a vida é infinda,
O tempo amigo, longo e repousado.
Ri, Guiomar, anda, ri, discreta e linda.

Prólogo do Intermezzo

(H. Heine)

Um cavalheiro havia, taciturno,
Que o rosto magro e macilento tinha.
Vagava como quem de algum noturno
Sonho levado, trépido caminha.
Tão alheio, tão frio, tão soturno,
Que a moça em flor e a lépida florinha,
Quando passar tropegamente o viam,
Às escondidas dele escarneciam.

A miúdo buscava a mais sombria
Parte da casa, por fugir à gente;
Daquele posto os braços estendia
Tomado de desejo impaciente.
Uma palavra só não proferia.
Mas, pela meia-noite, de repente,
Estranho canto e música escutava,
E logo alguém que à porta lhe tocava.

Furtivamente então entrava a amada
O vestido de espumas arrastando,

Tão vivamente fresca e tão corada
Como a rosa que vem desabrochando;
Brilha o véu; pela esbelta e delicada
Figura as tranças soltas vão brincando;
Os meigos olhos dela os dele fitam,
E um ao outro de ardor se precipitam.

Com a força que amor somente gera,
O peito a cinge, agora afogueado;
O descorado as cores recupera,
E o retraído acaba namorado,
O sonhador desfaz-se da quimera...
Ela o excita, com gesto calculado;
Na cabeça lhe lança levemente
O adamantino véu alvo e luzente.

Ei-lo se vê em sala cristalina
De aquático palácio. Com espanto
Olha, e de olhar a fábrica divina
Quase os olhos lhe cegam. Entretanto,
Junto ao úmido seio a bela ondina
O aperta tanto, tanto, tanto, tanto...
Vão as bodas seguir-se. As notas belas
Vêm tirando das cítaras donzelas.

As notas vêm tirando, e deleitosas
Cantam, e cada uma a dança tece
Erguendo ao ar as plantas graciosas.
Ele, que todo e todo se embevece,
Deixa-se ir nessas horas amorosas...
Mas o clarão de súbito fenece,
E o noivo torna à pálida tristura
Da antiga, solitária alcova escura.

A Carolina

1906

Querida, ao pé do leito derradeiro
Em que descansas dessa longa vida,
Aqui venho e virei, pobre querida,
Trazer-te o coração do companheiro.

Pulsa-lhe aquele afeto verdadeiro
Que, a despeito de toda a humana lida,
Fez a nossa existência apetecida
E num recanto pôs um mundo inteiro.

Trago-te flores, — restos arrancados
Da terra que nos viu passar unidos
E ora mortos nos deixa e separados.

Que eu, se tenho nos olhos malferidos
Pensamentos de vida formulados,
São pensamentos idos e vividos.

Soneto

[No Álbum da Rainha D. Amélia]

Senhora, se algum dia aqui vierdes,
A estas terras novas e alongadas,
Encontrareis as vozes que perderdes
De outras gentes por vós há muito amadas.

E as saudades que então cá padecerdes,
Das terras vossas, velhas e deixadas,
Nestas cidades, nestes campos verdes,
Serão do mesmo nome acalentadas.

Mas nem só isto. Um só falar não basta.
A história o deu, um só falar diletto,
Da mesma compostura, antiga e casta.

Achareis mais outro falar discreto,
Sem palavras, que a vossa glória arrasta,
A mesma admiração e o mesmo afeto.

A Francisca

Nunca faltaram aos poetas (quando
Poetas são de veia e de arte pura),
Para cantar a doce formosura,

Rima canora, verso meigo e brando.

Mas eu triste poeta miserando,
Só tenho áspero verso e rima dura;
Em vão minh'alma sôfrega procura
Aqueles sons que outrora achava em bando.

Assim, gentil Francisca delicada,
Não achando uma rima em que te veja
Harmoniosamente bem rimada,

Recorrerei à Santa Madre Igreja
Que rime o nome de Francisca amada
Com o nome de Heitor, que amado seja.

À ilma. Sra. D. P. J. A

Quem pode em um momento descrever
Tantas virtudes de que sois dotada
Que fazem dos viventes ser amada
Que mesmo em vida faz de amor morrer!

O gênio que vos faz enobrecer,
Virtude e graça de que sois c'roada
Vos fazem do esposo ser amada
(Quanto é doce no mundo tal viver!)

A natureza nessa obra primorosa,
Obra que dentre todas as mais brilha,
Ostenta-se brilhante e majestosa!

Vós sois de vossa mãe a cara filha,
Do esposo feliz, a grata esposa,
Todos os dotes tens, ó Petronilha.

A Saudade

Ao meu primo o Sr. Henrique José Moreira

Meiga saudade! — Amargos pensamentos
A mente assaltam de valor exausta,
Ao ver as roxas folhas delicadas

Que singelas te adornam.

Mimosa flor do campo, eu te saúdo;
Quanto és bela sem seres perfumada!
Que te inveja o jasmim, a rosa e o lírio
Com todo o seu perfume?

Repousa linda flor, num peito f'rido,
A quem crava sem dó a dor funesta,
O horrível punhal, que fere e rasga
Um débil coração.

Repousa, linda flor, vem, suaviza
A frágua que devora um peito ansioso,
Um peito que tem vida, mas que vive
Envolto na tristeza!...

Mas não... deixo-te aí causando inveja;
Não partilhes a dor que me consome,
Goza a ventura plácida e tranqüila,
Mimosa flor do campo.

Júlia

Teu rosto meigo e singelo
Tem do Céu terno bafejo.

Tu és a rosa do prado
Desabrochando ao albor
Abrindo o purpúreo seio,
Abrindo os cofres de amor.

Tu és a formosa lua
Percorrendo o azul dos céus,
Retratando sobre a linfa.
Os seus alvacentos véus.

Tu és a aurora formosa
Quando dalém vem surgindo;
E que se ostenta garbosa
Áureas flores espargindo.

Tu és perfumada brisa

Sobre o prado derramada
Que goza os doces sorrisos
Da formosa madrugada.

Tua candura e beleza
Tem de amor doce expressão
És um anjo, minha Júlia,
Donde nasce a inspiração.

Quando a terra despe as galas
E os mantos da noite veste,
Vejo brilhar tua imagem
Lá na abóbada celeste.

Nela vejo as tuas graças,
Nela vejo um teu sorriso
Nela vejo um volver d'olhos
Nascido do paraíso.

És ó Júlia, meiga virgem
Que temente ora ao Senhor;
São teus olhos duas setas.
O teu todo é puro amor.

Meu Anjo

*Um anjo desejei ter a meu lado...
E o anjo que sonhei achei-o em ti!...*

C. A. DE SÁ

És um anjo d'amor — um livro d'ouro,
Onde leio o meu fado
És estrela brilhante do horizonte
Do Bardo enamorado
Foste tu que me deste a doce lira
Onde amores descanto
Foste tu que inspiraste ao pobre vate
D'amor festivo canto;
É sempre nos teus cantos sonoros
Que eu bebo inspiração;
Risos, gostos, delícias e venturas
Me dá teu coração.

teu nome que trago na lembrança
Quando estou solitário,
Teu nome a oração que o peito reza
D'amor um santuário!
E tu que és minha estrela, tu que brilhas
Com mágico esplendor,
Escuta os meigos cantos de minh'alma
Meu anjo, meu amor.

Quando sozinho, na floresta amena
Tristes sonhos modulava,
Não em lira d'amor — na rude frauta
Que a vida me afagava,
Tive um sonho d'amor; sonhei que um anjo
Estava ao lado meu,
Que com ternos afagos, com mil beijos
Me transportava ao céu.
Esse anjo d'amor descido acaso
De lá do paraíso,
Tinha nos lábios divinais, purpúreos
Amoroso sorriso;
Era um sorriso que infundia n'alma
O mais ardente amor;
Era o reflexo do formoso brilho
Da frente do Senhor.
É anjo sonhado, cara amiga,
A quem consagro a lira,
És tu por quem minh'alma sempre triste
Amorosa suspira!

Quando contigo, caro bem, d'aurora
O nascimento vejo
Em um berço florido, e de ventura
Gozarmos terno ensejo;
Quando entre mantos d'azuladas cores
A meiga lua nasce
E num lago de prata refletindo
Contempla a sua face;
Quando num campo verdejante e ameno
Dum aspecto risonho
Ao lado teu passeio; eu me recordo
Do meu tão belo sonho
E lembra-me esse dia venturoso
Em que a vida prezei

Que vi teus meigos lábios me sorrirem,
Que logo te adorei!

Nesse dia sorriu a natureza
Com mágico esplendor
Parecia augurar ditoso termo
Ao nosso puro amor.
E te juro, anjo meu, ditosa amiga,
Por tudo que há sagrado,
Que esse dia trarei junto ao teu nome
No meu peito gravado.
E tu que és minha estrela, tu que brilhas
Com mágico esplendor,
Escuta os meigos cantos de minh'alma,
Meu anjo, meu amor!

Um Sorriso

*Em seus lábios um sorriso
É a luz do paraíso.*

GARRET

Não sabes, virgem mimosa,
Quanto sinto dentro d'alma
Quando sorris tão formosa
Sorriso que traz-me a calma:
Brando sorriso d'amores
Que se desliza entre as flores
De teus lábios tão formosos;
Doce sorriso que afaga
Do peito a profunda chaga
De tormentos dolorosos.

Quando o diviso amoroso
Por sobre as rosas vivaces
Torno-me louco, ansioso,
Desejo beijar-te as faces;

Corro a ti... porém tu coras
Logo súbito descoras
Arrependida talvez...
Na meiga face t'imprimo

Doce beijo, doce mimo
Da paixão que tu bem vês

Eu gosto, meiga donzela,
De ver-te sorrindo assim
Semelhas divina estrela
Que brilhas só para mim:
És como uma linda rosa
Desabrochando mimosa
Ao respiro da manhã:
És como serena brisa
Que no vale se desliza,
Seu mais terno e doce afã.

O brando favônio ameno;
Da fonte o gemer sentido,
Da lua o brilho sereno
Sobre um lago refletido
Não tem mais doces encantos
Que, sobre os puníceos mantos
Dos lábios teus um sorriso.

Sorriso que amor me fala
Como d'alva o encanto, a gala
Quando serena a diviso.

Sorri, sorri, que teu sorriso brando
Minhas penas acalma;
É como a doce esp'rança realizada
Que as ânsias desvanece!

E se queres em troca dum sorriso
Uma prova de amor
Vem para perto de mim m' escuta ao peito
Na face um beijo toma...

Paródia

Se eu fora poeta de um estro abrasado
Quisera teu lindo semblante cantar;
Gemer eu quisera bem junto a teu lado,
Se eu fora uma onda serena do mar;

Se eu fora uma rosa de prado relvoso,
Quisera essa coma, meu anjo, adornar;
Se eu fora um anjinho de rosto formoso
Contigo quisera no espaço voar;

Se eu fora um astro no céu engastado
Meu brilho, quisera p'ra ti só brilhar;
Se eu fora um favônio de aromas pejado
Por sobre teu corpo me iria espraiair;

Se eu fora das selvas um'ave ligeira
Meus cantos quisera p'ra ti só trinar;
Se eu fora um eco de nota fagueira
Fizera teu canto no céu ressoar;

Mas eu não sou astro, poeta, ou anjinho,
Nem eco, favônio, nem onda do mar;
Nem rosa do prado, ou ave ligeira;
Sou triste que a vida consiste em te amar.

A Saudade

*Saudade! ó casta virgem,
Qu'inspiraste a Bernardim,
Nos meus dias de tristeza
Consolar tu vens a mim.*

E G. BRAGA

Saudade! d'alma ausente, o acerbo impulso,
Mágico, doce sentimento d'alma
Místico enleio que nos cerra doce
O espírito cansado!... Oh! saudade,
Para que vens pousar-te envolta sempre
Em tuas vestes roxeadas tristes,
Nas débeis cordas de minh'harpa débil?!...
Doce chama me ateias dentro d'alma.
Meiga esperança que me nutre em sonhos
De cândida ventura!... Ó saudade,
D'alma esquecida o despertar pungente;
Doce virgem do Olimpo rutilante,
Que co'a taça na destra à terra baixas
E o agro, doce líquido entornando

Em coração aflito, meiga esparges
Indizível encanto, que deleita,
Melancólicas horas num letargo
D'espírito cansado, d'alma aflita,
Que plácida flutua extasiada,
Na etérea região, morada excelsa
Do sidéreo esplendor que a mente inflama;
Tu que estreitas minh'alma em doce amplexo
Preside ao canto meu, ao pranto, às dores.

Quando a noite vaporosa,
 Silenciosa,
Cinge a terra em manto denso;
Quando a meiga, a clara Hebe.
 Cor de neve
Branda corre o espaço imenso.
Quando a brisa suspirando,
 Sussurrando,
Move as folhas do arvoredos,
Qual eco d'um som tristonho
 Que num sonho
Revela ao Vate um segredo.

Quando, enfim, se envolve o mundo
 Num profundo
Silêncio que ao Vate inspira,
Vens a meu lado sentar-te,
 Vens pousar-te.
Nas cordas de minha lira.

E me cinges num abraço
 Doce laço
Que se aperta mais, e mais;
E depois entre os carinhos,
 Teus espinhos
Em minh'alma repassais!

Entre a melancolia
 De poesia
Me dais santa inspiração
Da alma solto uma endeiça,
 Triste queixa,
Triste queixa, mas em vão.

Na morada estelífera vagueia
Minh'alma em teus carinhos absorta.
D'aéreo berço, sobre ameno encosto
Adormece de amor, junto a teu lado,
E geme melancólica... e suspira,
Té que desponte da ventura a aurora!

No álbum do sr. F. G. Braga

*Pago ao gênio um tributo merecido
Que a gratidão me inspira;
Fraco tributo, mas nascido d'alma.*

MAG. SAUDADES

Qual descantou na lira sonora
O terno Bernardim com voz suave;
Qual em tom jovial cantou Elmano
Brandas queixas de amor, tristes saudades
Que em seus cantares mitigou; oh! Vate,
Assim da lira tu, ferindo as cordas,
Cantas amores que em teu peito nutres,
Choras saudades que tu'alma sente;
Ou ergues duradouro monumento
À cara pátria que distante choras.

Do Garrett divino — o Vate excelso
Renasce o brilho inspirador das trovas,
Das mimosas canções que o mundo espantam
Nesse canto imortal sagrado aos manes
Do famoso Camões, cantor da Lísia
São carmes que te inspira o amor da Pátria.
Nele relatas em divinos versos
O exímio Trovador, a inteira vida
Já no campo de Marte; já no cume
Do Parnaso bradando aos povos todos
Os feitos imortais da lusa gente!
Nessa epopéia, monumento excelso
Que em memória do Vate à pátria ergueste,
Ardente se desliza a etérea chama,
Que de Homero imortal aos sucessores
Na mente ateia o céu com forte sopro!

Euterpe, a branda Euterpe nos teus lábios
Da taça d'ouro, derramando o néctar
Deu-te a doce com que outr'ora
Extasiou Virgílio ao mundo inteiro!
"Empunha a lira d'ouro, e canta altivo
Um Tasso em ti se veja — o estro excelso
De Camões imortal, te assoma à mente;
E de verde laurel cingida a fronte
Faz teu nome soar na voz da fama!"
Foram estas frases com que Apolo
Poeta te fadou quando nasceste,
E em doce gesto te imprimiu na fronte
Um astro de fulgor, que sempre brilha!

Ah! que não possam estes pobres versos,
Que n'áureas folhas de teu belo livro
Trêmulo de prazer co'a destra lanço,
Provar-te o assombro, que ao ouvir te sinto!
Embora!.., entre os arquejos de minh'alma
Do opresso coração entre os suspiros
As brandas vibrações da pobre lira
Vão em tua alma repetir sinceros
Votos dest'alma que te prove o assombro
Que sinto ao escutar-te as notas d'harpa!

A Uma Menina

*La esencia de las flores
Tu dulce aliento sea.*

QUINTANA

Desabrochas ainda; tu és bela
 Como a flor do jardim;
És doce, és inocente, como é doce
 Divino Querubim.

Nas gotas da pureza inda se anima
 A tu'alma infantil;
Não te nutre inda o peito da malícia
 Mortífero reptil.

Quando sorris trasbordam de teus lábios

As gotas d' inocência;
No teu sorriso se traduz o encanto
Da tua pura essência.

És anjo, e são os anjos que confortam
Os tormentos da vida;
Vive, e não haja em teu semblante a prova
De lágrima vertida!

O Gênio Adormecido

Ao Ilmo. Sr. Antônio Gonçalves Teixeira e Sousa

Do Grego Vate expande-se a harmonia
Em teus sonoros carmes! Na harpa d'ouro
Do sacro Apollo, Trovador, dedilhas
Doces cantos que o espírito arrebatava
Ao recinto celeste!

Em cit'ra de marfim, com fios d'ouro
Cantaste infante, para que mais tarde
A fama ativa as tubas embocando
Com voz imensa proclamasse aos mundos
Um gênio americano!

E tu dormes, Poeta?! Da palmeira
No verde tronco penduraste a lira.
Após nela entoar linda epopéia,
Que mau condão funesto à nossa pátria
Faz soporoso o Vate!

Vatel Vate!... Que morre harmonioso!
Semelha um som ao respirar das brisas
Nas doces cordas do alaúde d'ouro
Pendurado no ramo da palmeira,
Que sombreia o regato!

Desperta, ó Vate, e libertando o estro
Desprende a voz, e os cânticos divinos;
Deixa entornar-se em teus ungidos lábios
Como a ribeira deslizando o corpo
Cercado de boninas.

Sim, ó Vate, o teu canto é tão sonoro
Como os sons da Seráfica harmonia
Dos sonoros cantos sublimados
Do doce Lamartine — o Bardo excelso.
Da França o belo Gênio!

Toma a lira de novo, e um canto vibra,
E depois ouvirás a nossa terra
Orgulhosa dizer: — Grécia, emudece
Dos vates berço, abrilhantado surge
O Gênio adormecido!

O Profeta
(FRAGMENTO)

*...ungido crente,
Alma de fogo, na mundana argila.*

M. A. A. AZEVEDO

Do sacro templo, sobre as negras ruínas
lá medita o profeta
Com fatídica voz, dizendo aos povos
Os decretos de um Deus;
Ao rápido luzir do raio imenso
Traçando as predições.
Dos soltos furacões, libertas asas
Adejam sobre a terra:
Do sacro templo em denegridos muros
Horríssono gemendo
Lá fende o seio de pesadas nuvens
O fulminoso raio
Sinistro brilho, que o terror infunde.
Que negro e horrível quadro!
Propínquo esboço da infernal morada!...

.....
E o profeta ergue a fronte, a fronte altiva
Cheio de inspiração, de vida cheio;
Revolvem-se na mente escandescida
Inspiradas idéias que Deus cria
Nesse cofre que encerra arcanos sacros;
Revolvem-se as idéias, pensamentos
Que num lampejo abrangem as idades

Rápidas aglomeradas
Nesse abismo que os séculos encerra!
Profeta, em que meditas,
espírito de Deus que te revela?
Um novo cataclismo
Que a terra inunde e a humanidade espante?
De guerras sanguinosas longa série?
A desgraça talvez dum povo inteiro?
Enviado de Deus, conta-me os sonhos
Que te revelam do futuro as sortes
Quando absorto em sacros pensamentos
A fronte reclinando tu dormitas
Essas visões que à hora do silêncio
Quando reina o pavor, e as trevas reinam
Os céus ensaiam qu'ó porvir revelam:
E quando é bela a noite, quando brilha
A prateada lua
Lâmpada argêntea, que alumia as trevas
Quando fulguram meigos
Formosos, belos astros, que semelham
Longa série de luzes
Que a lousa aclaram do sepulcro imenso:
O que te inspira o céu?

.....
Já sossega a tormenta; — refreados
jazem mudos os ventos; só a brisa
Plácida expele as condensadas nuvens;
Envolta em negro véu lá brilha acaso
Medrosa estrela que sorri medrosa:
'Stá muda a atmosfera! Lá se ergue
De súbito o profeta, (sacra gota
Na mente lhe verteu do Eterno a destra),
Do Supremo Arquiteto o mando grava
No extenso muro do arruinado templo!...

O Pão d'Açúcar

Salve, altivo gigante, mais forte
Que do tempo o cruel bafejar,
Que avançado campeias nos mares,
Seus rugidos calado a escutar.

Quando Febo ao nascente aparece

Revestido de gala e de luz,
Com seus raios te inunda, te beija,
Em tua frente brilhante reluz.

Sempre quedo, com a frente inclinada,
Acoberto dum véu denegrado;
Tu pareces gigante que dorme
Sobre as águas do mar esquecido.

És um rei, sobranceiro ao oceano,
Parda névoa te cobre essa frente,
Quando as nuvens baixando em ti pairam
Matizadas do sol no horizonte.

Fez-te o Eterno surgir d'entre os mares
C'uma frase somente, c'um grito
Pos-te à frente gentil majestade,
Negra frente de duro granito.

Ruge o mar, a procela te açoita,
Feros ventos te açoitam rugindo;
O trovão lá rebrama furioso,
E impassível tu ficas sorrindo.

E da foice do tempo se solta
Sopro fero de breve eversão,
Quer feroz te roubar para sempre;
Tu sorris, qual sorris ao trovão.

Salve, altivo gigante, mais forte
Que do tempo o cruel bafejar,
Que avançado campeias nos mares,
Seus rugidos calado a escutar.

Soneto a S. M. o Imperador, o Senhor D. Pedro II

Nesse trono Senhor, que foi erguido
Por um povo já livre, e sustentado
Por ti, que alimentando as leis, o estado
Hás na História teu Nome engrandecido!

Nesse trono, Senhor, onde esculpido

Tem à destra do Eterno um nome amado,
Vês nascer este dia abrihantado
Sorrindo a ti, Monarca esclarecido.

Eu te saúdo neste dia imenso!
Da Clemência, Justiça e sã Verdade,
Queimando às piras perfumoso incenso.

Elevado aos umbrais da imensidade
Terás fama, respeito e amor intenso.
Um Nome transmitindo à Eternidade!

Rio, 2 de dezembro de 1855.
Pelo seu reverente súdito
J. M. M. d'Assis.

À Madame Arsène Charton Demeur

Heroína da cena, que entre as flores
Que a senda esmaltam da carreira d'arte
Em que orgulhosa pisa, ostentando
A fronte além das sombras que forcejam
Debalde por calcar teu nome e glória,
Colhes coroas mil com que te adornas
Benévola me escuta. Eu sou bem fraco,
Mas poeta me creio, se o teu nome
Na lira acordo que meu peito exalta.
Que val o templo, se lhe falta o nume?
Não nos fujas daqui, Charton divina!
Deserto fica o majestoso alcáçar
Que Verdi exalta com florões de glória!
Deserta a cena onde pisaste, ornando
A fronte altiva de lauréis, de flores,
Em face a um povo que aplaudindo o gênio
Com palmas estrondosas, te há mostrado
Quanto estima o talento, quanto te ama!
Deserto o nosso espírito de gozos,
Suaves sensações que o ser enleva;
Da tua bela voz ermo de influxos,
Repercutindo apenas dentro d'alma
Os ecos do teu canto sonoro,
A cada som pungindo uma saudade!
Oh sol que o céu das artes iluminas,

É cedo o ocaso teu na nossa terra!
Um dia mais, um dia mais de enlevos:
Fica, Charton — contigo a luz gozamos;
Sem ti — sombria treva a cena envolve!

Anjo de Melodias, quem soubera
Imitar de teu peito — harpa celeste -
O meigo som, para louvar num hino,
'Teu canto que tu mesma hás já louvado!
Quem me dera, Charton, sentir na mente
De Alfredo de Musset o gênio em chamas
De imenso ardor, para com voz altiva
Levantar-te um padrão, mais duradouro
Que o mármore ou que o bronze, que lembrasse
Junto do nome teu meu nome obscuro!
Mas não posso obter do austero fado
Glória maior que admirar-te o gênio
Num pobre canto, que o teu canto inspira!
Musa gentil dos versos que ora teço,
Quando longe de nós, lá noutro palco,
Traduzindo as de Verdi obras sublimes,
Outros mortais que anelam ver teu rosto
E ouvir teu canto cheio de harmonias,
Com meiga e doce voz extasiadas,
Recorda o canto meu, — recorda o vate
Que mais que todos te admira o canto,
Talento e garbo que ostentas na cena!

.....
Não mais minh'arpa! — Inda uma vez te peço,
Não nos fujas daqui, Charton divina!
Inda uma vez de teu talento o brilho
Esparge sobre nós, que eu te asseguro
Não nos falece o santo entusiasmo
Com que já te acolhemos!
Grande eterno,
Refulge o nume no altar da glória.
Grande é Stoltz, mas Stoltzs há muitas;
Charton só uma, que no mundo impera!

O Meu Viver

Chama-se a vida a um martírio certo
Em que a alma vive se morrer não pode,

É crer que há vida p'ra o arbusto seco,
Que as folhas todas para o chão sacode.

Dizer que eu vivo... e minha mãe perdi,
Minha alma geme e o coração de amores,
É crer que um filho, sem a mãe... sozinho,
Também existe, com pungentes dores.

Dizer que vivo, se ausente existo
Da amante terna, tão formosa e pura,
E crer que triste desgraçado preso
Vive também lá na masmorra escura.

Quero despir-me desta vida má,
Quero ir viver com minha mãe nos céus,
Quero ir cantar os meus amores todos,
Quero depois em ti pensar, meu Deus!

Dormir no Campo

Ao terno suspirar do arroio brando,
Quanto é belo o repouso em campo ameno!
Em noite de verão, que a brisa geme,
Em noite em que o luar brilha sereno!

Acorda-se alta noite: no silêncio
Envolta jaz a terra adormecida;
Verseja-se um minuto, à noite, à lua,
E torna-se a dormir... Que bela vida!

Se se ouve o piar d'ave noturna
Solta-se a ela mesma um doce canto,
Lança-se extremo olhar da lua ao brilho
Estorna-se a dormir sob seu manto.

Não há vida melhor por certo; eu juro
Não a trocar por outra ainda que bela;
Não há nada no mundo mais sublime
Que um homem contemplar a sua estrela.

É belo o despertar, abre-se os olhos
Suavemente as pálpebras se erguendo
Dir-se-ia a serena e branda aurora.

Que vai rubra madeixa desprendendo.

Senta-se abrindo os olhos, bocejando.
Lançando à banda a destra agarra a lira,
Preludia-se um canto, um canto d'alma
E o terno coração terno suspira.

Erguendo-se sacode a véstia, as calças,
Compõe-se o vestuário com asseio,
E cuidadoso segurando a lira,
Vai-se dar pelo campo almo passeio.

Procura-se depois uma serrana
E se tece uma endeixa após um beijo
(Que é de beijos que o vale se sustenta)
Embora à face ardente assome o pejo.

Não há vida melhor, por certo, eu juro
Não a troco por outra, ainda que bela;
Não há nada no mundo mais sublime
Que amar-se alguma rústica donzela!

Consummatum est!

*Povos, curvai-vos
A redenção do mundo consumou-se.*

JOÃO DE LEMOS

I

Na treva sombria de sacra tristeza,
Gemendo se envolvem a terra e os céus,
E a alma do crente num cântico acesa,
Revolve na idéia, suplício de um Deus.

Recorda a cidade que outrora folgando
Sorria descrente de um Deus à paixão,
E hoje proscrita lá dorme escutando
Do Eterno a palavra que diz: "Maldição!"

De Cristo os martírios, a dor tão intensa
De santa humildade, são provas fiéis,

E as gotas de sangue, as bases da crença,
Da crença que fala nos povos, nos reis!

Entremos no Templo, e um cântico d'alma
Em ondas de incenso mandemos aos céus,
E ao mestre divino, de mártir com a palma,
Curvados oremos num cântico a Deus!

II

Senhor! entre apupadas dos algozes
Foste levado ao cimo do Calvário
Para a morte sofrer!
De Deus ouviste as tão sagradas vozes,
Cheio de sangue envolto em um sudário
Tu quiseste morrer!

Quiseste, porque assim se revogava
Da pena eterna a tão fatal sentença
Que o pecado traçou!
E o sangue que teu corpo derramava
Era alto preço e animava a crença,
Que o pecado abismou!

E caminhaste ao Gólgota, levando
A cruz onde por nós foste cravado:
Cruenta imolação!
O sangue teu em jorros borbotando,
E teu corpo de açoites tão chagado,
Sem dó, sem compaixão!

Oh! Cristo! e tu sofreste tais injúrias!
Foste arrastado ao cimo do Calvário,
Morto a plebe te quis!
Não quiseste embargar o ardor das fúrias;
Tu, cuja voz a Lúcifer tartáreo
Curva a negra cerviz!

"Perdoai-lhes, Senhor!" disseste, quando
Quase a expirar os olhos levantaste
Ao céu anuviado,
E já da morte gélido arquejando,
Com fraca e triste voz pronunciaste:
"Tudo está consumado!"

E o mundo remiu-se! De Deus à morada,
Gozando outra vida, se eleva Jesus!...
Cristãos! penetremos a casa sagrada,
E a Cristo adoremos em torno da cruz!

Saudades

Chora meu coração, minh'alma geme
De saudades de ti, minha querida;
Já não posso no mundo ter prazer,
Já meu coração não tem mais vida.

Tenho de ti saudade, só lastimo
Ter cedo minha mãe perdido a vida;
Choro tanto por ela... por ti sofro
Minha vida, mulher, é tão sentida!

Tenho de ti saudades, da tua imagem;
Qual o exilado só, em terra estranha,
Eu cedo morrerei, pressinto n'alma;
Não se pode viver com dor tamanha.

Parece que no céu bem negra nuvem
já marcou meu destino pelo mundo!
Tenho de ti saudades, ó meu anjo.
No meu peito o pesar é tão profundo!

Se perdi minha mãe sendo tão moço,
Se padeço de ti tanta saudade,
Não posso existir no mundo triste;
É melhor eu morrer nesta idade!

Lágrimas

À memória de minha mãe

Há uma dor que não se apaga d'alma,
Lágrima triste que pendente existe
Da face do infeliz:
É gemido que mata e não se acalma,

Que torce o coração, e se persiste,
A existência maldiz.

Essa dor eu senti quando vi morta
Minha terna mãe... perdão, meu Deus.
Se quero já morrer;
Esta vida de dor perder que importa?
Quero com minha mãe morar nos céus,
Com os anjos viver.

Eu perdi minha mãe... era uma santa,
Que tinha a minha vida neste mundo,
Minh'alma e meu amor!
E foi o meu pesar, minha ânsia tanta,
Que a vida quis deixar num ai profundo,
Morrer também de dor.

Só lágrimas de sangue eu sinto agora
Afogaram-me os olhos, e o martírio
Emurcheceu-me a vida;
Eu tenho pouca idade, mas embora,
Sente apagar-se da existência o círio
Minh'alma amortecida.

Maldigo minha vida, por seu filho
A minha pobre mãe chama nos céus
Quando eu rezo por ela;
Choro vendo que só no mundo trilho;
Quero com minha mãe viver, meu Deus,
No céu, bem junto dela!

Não?

Vi-te: em teu rosto voluptuoso e belo
O anjo formoso dos amores vi!
Amor ardente num olhar, num elo
Destes teus olhos divinais senti!

Vi-te: e prendeu o teu esbelto talhe

O mimo, a graça do teu corpo em flor.
E esses teus lábios como a flor de um baile
Que às auras murçam de festivo amor.

Vi-te: e eras minha ao meu olhar magnético
E te prendias a fugir de mim!
Frente de lírios de um candor angélico
Em um perfume me darás um — *sim!*

Um *sim* de envolta àquele olhar ardente
Luz de teus olhos, divinal fulgor.
Um *sim* de envolta àquele rir demente
Reflexo d'alma a delirar de amor!

Um *sim!* E ao som do teu falar suave
À minha voz extinguirei o som
Onde gorjeia uma garganta de ave;
Que vale ao homem da palavra o dom?

Íntima frase que só nasce d'alma
Terei nos olhos p'ra dizer-t'o então
E em troca dela p'ra colher a palma
Do teu amor, anjo terrestre... não?

Resignação

Adeus! é o meu suspiro derradeiro!
É a última ilusão que me embebia!
Apagou-se-me o sol das esperanças
E veio a noite sepulcral sombria...

Adeus..., perdoa a um doido apaixonado
Uma hora de ilusão e de delírio:
Era fatalidade. Após um sonho
Veio a c'roa da dor e do martírio!

Se ao hálito fatal da desventura
Emurcheceu a flor dos meus afetos,
Se não pousaste em minha frente ardente
Amorosa uma vez teus olhos pretos;

Não te crimino, não; teu culto é livre.
Viver nas ilusões é minha sina:

Não fui fadado p'ra banhar meus lábios
Nos raios dessa fronte peregrina!

Amanhã

Amanhã quando a lâmpada da vida
Na minha fronte se apagar, tremendo,
Ao sopro do tufão,
Oh! derrama uma lágrima sincera
Sobre o meu peito macilento e triste,
E reza uma oração!

Será uma saudade verdadeira,
Uma flor que me arome a sepultura,
Um raio sobre o gelo...
Ouvirei a canção das tuas dores,
E levarei saudades bem sombrias
Deste meu pesadelo.

Lembrarei além-túmulo essas noites
Misteriosas festivais e belas
Da estação dos amores!
Noites formosas, para amor criadas;
Que coroavam nosso amor tão puro
De ventura e de flores!

Lembrarei nosso amor... E o teu pranto
Ardente como a luz de um sol do estio
Irá banhar-me a campa
E as lágrimas leais que derramares,
O astro beijará — que pelas noites
No oceano se estampa!

Um olhar, um olhar desses teus olhos!
Eu o peço, mulher! sobre o meu túmulo
Um olhar de afeição!
Assim o sol — o ardente rei do espaço
Deixa um raio cair nas folhas secas
Que matizam o chão!

Um olhar, uma lágrima, uma prece,
É quanto basta em única lembrança.
Teresa, ao teu cantor.

Chora, reza, e contempla-me o sepulcro
E na outra vida de um viver mais puro
Terás o mesmo amor,

A***

Viens, je suis dans la nuit, mais je puis voir le jour!

VICTOR HUGO

Oh! se eu pudesse respirar num beijo
O teu hálito ardente e vaporoso.
E na febre do amor e do delírio
Sobre o teu seio estremecer de gozo!
Oh! se eu pudesse nessa fronte bela
A coroa depor dos meus amores,
E embevecer-me como em sonho aéreo
De teus olhos nos mágicos fulgores.
Ai! respirara então ainda uma vida.
Oh pálida visão!
Nessa flor que os sentidos embriaga
E aroma o coração!

Vem; dá-me o teu amor; careço dele
como do sol a flor,
Reanima a cinza de meu peito morto,
Ai! dá-me o teu amor!

Deus em Ti

É quando eu sinto embriagar-me o peito
Um místico vapor,
E à luz fecunda desses olhos belos
Da minha alma ter vida e alento — a flor;

É quando as tranças dessa fronte loura
Prendem o meu olhar,
E sinto o coração tremer ardente.
Como uma flor aos zéfiros do mar;

É ao ouvir-te as místicas idéias
Tão cheias de paixão,

Nessa eloqüência lânguida e profunda
Que fala ao coração;

É ao sentir as tuas asas brancas,
Ó meu anjo de amor,
Que eu reconheço a mão do rei da terra
E creio no Senhor! —

Esta Noite

Os teus beijos ardentes,
Teus afagos mais veementes,
Guarda, guarda-os, anjo meu;
Esta noite entre mil flores,
Um sonho todo de amores
Nos dará de amor um céu!

Vem!

*Oh! laisse-moi t'aimer pour que j'aime la vie,
Pour ne point au bonheur dire un dernier adieu!*

ALEXANDRE DUMAS

Como ao luar da noite as flores dormem,
Vem dormir sob a luz dos olhos meus!
Hão de as brisas beijar-te as tranças belas
E desmaiar de amor nos seios teus!

Como um círio fantástico de amores
Tanta luz sobre a praia a lua entorna!
Oh! deixa aos raios do luar saudoso
Ornar de flores essa fronte morna!

Deixa que como um doido, um insensato
Eu me embeba em teus olhos transparentes,
E embalado num sonho fervoroso.
Ouça-te ao peito as pulsações ardentes!

É tão doce! tão belo estar contigo!
Pobre andorinha errante dos amores,
Achaste um coração! na primavera

Não desmaiam as aves, nem as flores.

Se a capela de noiva desfolhaste
Nas noites tuas, nos delírios teus,
Qu'importa? ainda nas asas dos amores
Podes voar ao céu, anjo de Deus!

Inda o teu coração ardente e puro
Como a fênix das cinzas pode erguer-se
E ungir-se com os bálsamos celestes,
E no Jordão do amor inda embeber-se!

Inda os mágicos sonhos de ventura
Podem embalsamar-te as primaveras
E num culto platônico e fervente
Querer-te um coração e amar deveras!

Ergue-te pois! vem perfumar tua alma
Com as rosas festivas dos amores,
E dourar minhas crenças fugitivas
Com a luz de teus olhos sedutores.

Vem! é tão doce amar nas noites belas!
Vem remir-te no amor, anjo do Deus!
Hão de os meus beijos aquecer-te a fronte,
E as brisas desmaiar nos seios teus!

Esperança

No álbum do Sr. F. G. Braga

Pobre romeiro da poente estrada,
Cantei passando pelo val da vida
 Ao sopro do aquilão
Ouvi-te um canto. Minha voz cansada
Vem modular-te a saudação sentida,
 Como de irmão a irmão!

Aos sons acordes da tua harpa ardente
Venho juntar uma canção saudosa
 Deste alaúde em flor...
A poesia é um dom onipotente;
Não desmintamos a missão gloriosa,

Profetas do Senhor!

Beijarei essa túnica sagrada
Que sobre os ombros o Senhor te dera
 Como um manto real;
Irei contigo do porvir na estrada,
Onde rebenta em flor a primavera
 Das pontas do espinhal.

Irmão de crença! eu irei contigo
Sonhar nas tendas que ao passar entrarão
 Extintas gerações;
Rezarei junto a ti no altar antigo,
Onde muitos outr'ora ajoelharão
 Em salmos e orações.

Quando o porvir em fúlgido horizonte
Estende-se arraiado de venturas
 E convida a esperar,
Deve-se erguer de entusiasmo a frente,
Venha embora o luar das sepulturas
 A esperança gelar!

O sonho em que o espírito se embala
Vem do céu como angélico segredo
 À frente do cantor;
Mas precoce o coração estala
É que Deus julgou bem erguê-lo cedo
 Para um mundo melhor!

Sonhemos pois! Meu tímido alaúde
Da tua harpa unirei à nota ardente
 Em uma só canção
Este afeto fraterno é uma virtude,
Deixo-te aqui a saudação de um crente
 Como de irmão a irmão.

A Missão do Poeta

No álbum do Sr. João Dantas de Sousa

Musa

Vês, meu poeta, em torno estas colinas,

Como tronos gentis da primavera?
Abrem-se ali as pálidas boninas,
E em volta dos cipós se enrosca a hera!
É o sol-posto. — A folha, o mar, e o vento,
Tudo murmura de saudade um hino.
Vem sonhar neste morno isolamento.
E dormir no meu seio peregrino!

Poeta

Vemos, sim! — Esta noite o luar saudoso
Há de tremer nestas folhagens belas.
Tão só vegeto! — O alaúde ansioso
Vem enfeitar de angélicas capelas!
Pousa-me a fronte em tuas mãos celestes...
Mas é uma ilusão... cruel mentira!
Hei de ao soar do vento nos ciprestes
Erguer num canto as vibrações da lira...

Musa

Sofrer, qu'importa? — Vem! Morrem as dores
Da solidão nos recônditos mistérios!
Nascem à bordo do sepulcro as flores,
E beija o sol o pó dos cemitérios.

Poeta

Eu sofro tanto! — Perenais espinhos
Orlam-me a estrada.... A sepultura é perto!
E nem o doce aroma dos carinhos...
Meu Deus! Nem uma flor neste deserto!
E quantos desta doida caravana
Estorceu no areal uma agonia,
Esperando de balde em noite insana
Verem realizar-se uma utopia!

E como crer então? Tenho aqui morta
Uma ilusão de minha primavera...
O sonho é como um feto que se aborta,
Um porvir que se ergueu numa quimera!

A realidade é fria. Erga-se embora
A flor do coração a um céu dourado,
Vem a turba maldita em negra hora,
E as flores mata de um porvir sonhado!

Musa

Por que descreer assim? — É dura a estrada,
Mas há no termo muito amor celeste,
A glória, poeta, é uma flor dourada,
Que só nasce da rama do cipreste.

Poeta

De um cipreste!... É bem triste esse conforto!
Quem sabe? uma esperança mal cabida.
Essa luz que se vaza sobre o morto
Paga-lhe a dor que o sufocara em vida?

Musa

Mas é tua missão,... Do pesadelo
Hás de acordar radiante de alegria!
Deus pôs na lira do infortúnio o selo,
Mas há de dar-lhe muita glória, um dia!

É forçoso sofrer... Deus no futuro
Guarda-te a c'roa de uma glória santa,
Vem sonhar, este céu é calmo e puro!
Vem, é tua missão!... Ergue-te e canta!

O Progresso

Hino da mocidade

Ao St E. Pelletan.

Eppur si muove

Ao som da tua voz a mocidade acorda,
E olha ousada de face os piamos do porvir!
Eia! rebenta a flor da longa estrada, à borda,
E através do horizonte há uma aurora a rir.

E sempre a mesma aurora a rir de era em era.
E sempre a estrada augusta a rebentar em flor!
Salve, fértil, gentil, rosada primavera!
Eterno resvelar do melhor ao melhor!

A mocidade ergueu-se. Um século dourado
Veio ao berço gentil inocular-lhe a fé;

E na orla a luzir do horizonte azulado
Mostrar-lhe como um sol a verdade de pé!

A verdade! está aí fecunda, onipotente,
Nossa estrela polar, e bandeira, e troféu!
Sim! o mundo caminha a um pólo atraente,
Di-lo a planta do vai, di-lo a estrela do céu!

Ao som da tua voz a mocidade acorda,
E olha ousada de face os plainos do porvir!
Eia! rebenta a flor da longa estrada à borda.
E através do horizonte há uma aurora a rir!

Que tal? que nos importa essa idéia sem fundo
Que estaciona e prende a humanidade ao pó?
Fala mais alto, irmãos, este avançar do mundo
E toda a natureza em um canto, num só!

Fala mais alto, irmãos, a ardente humanidade!
Marchando a realizar uma missão moral;
pregando uma lei, uma eterna verdade,
Do progresso subir a mágica espiral.

Sim! romeira gentil aos séculos se enlaça!
Na escala do progresso ela não se detém!
Uma herança moral corre de raça a raça,
Se ela desmaia aqui, vai triunfar além!

Ao som da tua voz a mocidade acorda,
E olha ousada de face os plainos do porvir!
Eia! rebenta a flor da longa estrada à borda.
E através do horizonte há uma aurora a rir!

Eia! num canto ardente erga-se ousada frente!
Doure esta caravana um límpido arrebol!
Creiam, embora a luz a nascer do horizonte
Crepúsculo sombrio e desmaiar do sol!

Creiam-no. Um astro se ergue em céu dourado e puro
E nos mostra com a luz terra de promessa!
Cerramos sem temor, obreiros do futuro!
A verdade palpita em nosso coração!

Soa em nossa alma ardente um grito entusiasta

E às barreiras do tempo uma voz diz: — Passai!
Morte ao lábio sem fé que nos murmura: — Basta!
Gloria a vós festival que nos exclama: — Vai!

Ao som da tua voz a mocidade acorda,
E olha ousada de face os plainos do porvir!
Eia! rebenta a flor da longa estrada à borda,
E através do horizonte há uma aurora a rir!

À Itália

Despe esses ferros de dormente escrava,
Que o sol dos livres no horizonte vem!
Velha cratera — o refulgir da lava
Atento e curvo todo um século tem.

Acorda! o sono da opressão devora!
Pátria de Roma — o Capitólio vê!
Pálida Itália — ressuscita agora
O ardor nos peitos — na esperança a fé.

A velha Europa ao teu arfar cansado
Vem debruçar-se em derredor aí;
E ao som valente do primeiro brado
Braços e espadas acharás por ti.

Apenas bata essa esperada hora
O anjo dos livres se erguerá de pé.
Pálida Itália — ressuscita agora
O ardor nos peitos — na esperança a fé.

O século é belo. A liberdade canta —
Virentes rosas sobre os seios nus!
Feto sublime de uma idéia santa
Vem no horizonte por um mar de luz!

Morte ao oprimido que a tremer descora
E à luz nascente deste sol — não crê!
Pálida Itália — ressuscita agora
O ardor nos peitos — na esperança a fé.

Ontem a Grécia, como um sol caído,
Toda nas águas afogará a luz;

Das meias-luas o pendão temido
No ilustre solo lhe esmagará a cruz.

Um brado ergueu-a. Como estava outrora,
Da Europa à face levantou-se em pé.
Pálida Itália — ressuscita agora
O ardor nos peitos — na esperança a fé.

Página bela da grandeza antiga,
Tens inda o selo de um real poder;
Os rijos copos dessa espada amiga
A mão do tempo não quebrou sequer.

A rubra púrpura de reinar de outrora
Hoje uma toga popular não é?
Pálida Itália — ressuscita agora
O ardor nos peitos — na esperança a fé.

A idéia é fogo que ateadado lavra.
E tudo abrasa nessa ardente ação.
Rompe, desprende essa fatal palavra;
Outras cativas erguerás do chão.

Olha a Polônia escravizada chora:
E o sol dos livres inda espera e vê.
Pálida Itália — ressuscita agora —
O ardor nos peitos — na esperança a fé.

Ao braço impuro de opressor ingrato,
Bela cativa, não te curves, não!
Da liberdade o sentimento inato
E um incentivo na tremenda ação.

Não, não consintas, tu liberta outrora
Sobre teu colo levantar-se um pé.
Pálida Itália — ressuscita agora
O ardor nos peitos — na esperança a fé.

Levanta as tendas. Uma onda brava
Quebrar-te os ferros pelo mar i vem!
Velha cratera — o refterver da lava
Atento e curvo todo um século tem!

Acorda! O sono da opressão devora!

Pátria de Roma — o Capitólio vê!
Pálida Itália — ressuscita agora
O ardor nos peitos — na esperança a fé.

A um Poeta

O Sr. P. de Sales Guimarães e Cunha

*Non é perduta
Ogni speranza ancor*

METASTÁSIO

Poeta, beija a poeira
Destes ásperos caminhos
E cinge alegre os espinhos,
Heranças que o gênio tem.
O alaúde é dom funesto.
Quando uma fronte é fadada
Pela pálpebra inspirada
Debruçar-se ao pranto vem!

E o pobre gênio passando
Por noite tempestuosa
De uma espiral escabrosa
Sobe os ásperos degraus;
E o anjo dos pesadelos,
As negras asas abrindo.
Vai embalá-lo sorrindo
Num berço de sonhos maus.

E todo um mundo criado
Nas ondas da fantasia
Um sopro de ventania
Desfaz por noite fatal!...
Os olhos sangram na sombra
Um pranto desesperado,
E o gênio morre abraçado
Na cruz do seu ideal.

Irmão! é sangrenta a sina,
Mas os louros valem tanto...
Cada uma gota de pranto

E uma póstuma flor.
As brisas da primavera
Vêm depois do inverno frio,
E é sempre por céu sombrio
Que nasce aurora melhor.

Fatalidade! — Qu'importa?
Deus nos deu esse fadário...
Mas no cimo do Calvário
Há muita palma a florir,
Toma o madeiro do Cristo,
Beija os espinhos da fronte,
E verás pelo horizonte
Erguer-se o sol do porvir.

A Partida

*Entretanto o céu se levanta sereno
E pomposo corno para um dia de festa.*

LACRETELLE

Vês? No horizonte se debruça a aurora
Como um infante a rir;
As flores vão abrir-se: o luar se apaga;
Começa a vida; douram-se os outeiros...
Ai! e tu vás partir!

Partir quando este céu fulgia aos beijos
D'ignoto querubim!
Manhã do coração toldou-me o ocaso!
Nuvem negra por céu de madrugada,
Ou eça em seu festim!

E por que enviubar das esperanças
A rebentar em flor?
Por que rasgar uma por uma as folhas
Da rosa da ventura embalsamada
Por um luar de amor!

Tu eras de meus sonhos de poeta
O beija-flor azul...
Eu te quisera, se te visse embora

Rotas as asas por noturno vento
Nos lodos do paul...

Eu te quisera inda a azular as pálpebras
A insônia dos festins.
Dera-te em cantos um dourado busto;
Do meu amor no seio dormirias
o sono dos querubins!

Eu era como o quebro ajoelhado
Ante o sol a nascer...
Madona amorenada de meus cultos,
Ergui-te unia ara e no calor dos joelhos
Não te dormi sequer!

E tu passaste adormentada e bela
Num berço de cristal;
Meu céu se iluminou por um momento,
Veio a realidade escura e fria,
Foi-se, foi-se o ideal!

Passou como um fantasma essa aventura
Criada em tanto afã.
E como o cactus que à noitinha abri
Asa de ventania perfumada,
Morreu de antemanhã!

Morreu sem sol a pobre flor dourada
Dos sonhos meus e teus!
Morno ideal de tanta insônia ardente
Que uma noite dormira embalsamado
No infinito de Deus.

Eterno vacilar da morte à vida,
Sorte da criação!
Sempre o verme onde a seiva se derrama.
Onde a vida palpita e ri mais verde.
Sempre a destruição!

É uma lei... Mas a esperança resta
No feto do porvir...
Talvez bem cedo o dia se levante,
E a noite sacudindo o luar das tranças
Descanse e vá dormir.

Mas, tarde ou cedo que esse dia se erga
E volte a rir assim,
Durma meu nome no teu seio de fogo;
Não desfolhes os lírios da lembrança
Ai! lembra-te de mim!

A Redenção

Ao Sr. Dr. Francisco Otaviano

I

E Deus disse ao espírito incriado:
Desce na asa do vento;
Por entranhas humanas — encarnado
Dormirás um momento.

Lá te espera nos limbos palpitantes
De dura escravidão — a humanidade,
Prega a essas nações agonizantes
O dogma da igualdade!

Leva a casta virtude foragida
Entre virentes palmas;
E vai mostrá-la à multidão perdida
Como o pudor das almas.

Vai, meu Cristo — a missão é escabrosa;
Só terás dessas turbas em carinhos
Uma cruz — uma vida dolorosa
E uma c'roa de espinhos.

E descera o espírito incriado
Sobre a asa do vento,
E em seio virgem de mulher — fechado
Foi dormir um momento.

II

Era o sonho dos profetas
Que se encarnara em Jesus;
Daquelas eras provetas

A cara e esperada luz.
Profeta, da liberdade,
Cireneu da humanidade.
Que vinha tomar-lhe a cruz!

A humanidade o esperava
Nos sonhos de redenção;
Ele vinha erguer a lava
De um velho morno vulcão.
Missão de ventura e graça
Que fecundava uma raça
De que ele era novo Adão!

Era o Íris da bonança
No meio dos temporais
A verbena da esperança
Entre desânimo e ais.
Um sol vigoroso e ufano
Rasgando ao gênero humano
Um horizonte de paz.

Não teve Moisés Augusto
Mais auréola de luz
Nem um brado mais robusto
A voz do poeta Ilus
Tu foste — Belém profeta
— Berço de um maior profeta
Sacrificado na cruz!

Batera a hora na ampulheta eterna,
E esse fato de um Deus que se agitava
No seio da fecunda humanidade
Surgira à luz. A natureza toda
Estremeceu e se arraioi mais bela!
Mas linda a flor dos campos nessa noite
O seio abria. — No seu leito o homem
Nessa noite sentiu mais puros sonhos
Por sua mente revoar... E as almas
Que esta terra de abrolhos — maculará
Sentirão todas — um chuveiro de ouro

Vazar nas trevas de enlodados limbos!
E depois - no horizonte azul-escuro
Clara estrela raiou — estranha aos homens

Reis, a pé! — Ide além a um berço humilde
Depor as c'roas... é um rei mais sábio
Que nasceu na humildade e na inocência!
Viajor — que vingas a colina alpestre
Às frias virações da meia-noite,
Pára! — Uma aurora súbito se entorna
Por este céu — e aquela estrela branca
Que vês correndo no horizonte oposto
É a coluna de fogo do deserto
Que outrora o povo de Israel guiara!
É o astro polar que a humanidade
Há de levar à prometida terra,
Para que ela marche na impulsão dos séculos.
Foi assim que o profeta dos profetas,
O circunciso, apresentou-se aos homens!
Nem Roma em seus delírios de triunfo
O nascimento lhe obstava... Aos ombros
Trazia a toga das virtudes castas;
E o ideal da igualdade sobre a fronte
Era a divina, grandiosa auréola
De que vinha cingir a humanidade!
Que deu a terra ao salvador dos povos?
Uma cruz... uma vida dolorosa,
Uma c'roa de espinhos!

III

Dormes, Jerusalém? Morno ossuário
Deitado à sombra de fatais lembranças
Num leito secular,
Não sentes que no altar do teu calvário
O gérmen de verbenas e esperanças
Começa a rebentar?

Essa lenda de pranto e de amargura,
Esse drama da cruz e do calvário
Escárnio e a aflição:
Esses delírios de uma treva escura,
Esse fel e vinagre e esse sudário:
Foi tudo a redenção!

A redenção... A turba delirante
Nem pressentiu essa missão divina
Do filho do Senhor...

E selou num delírio agonizante
Aquela fronte casta e peregrina
Com o sinete da dor!

Deu-lhe a palma e coroa de realeza,
Sentou-se sobre um marco de granito
E a zombar o saudou!
E o Cristo, essa divina singeleza,
Nem um olhar lançara, nem um grito
Arquejante soltou.

Ide, marchai sangrenta caravana!
Cireneu, vem agora e dá teu braço
Pra ajudar a cruz.
Cantai, cantai por essa orgia humana!
A terra treme e se enegreja o espaço,
E o sol desmaia a luz!

Essa cruz, esse poste de suplício,
Em que o cordeiro pálido imolaste
Nas raivas infernais,
Se erguerá como o sol do sacrifício;
Brotarão dos espinhos que entrançaste
Perpétuas festivais!

Dia mais belo vazará do oriente,
E a noite de verão mais vaporosa
Nos vales dormirá...
Nas asas de planeta onipotente
Uma luz mais suave e mais formosa
Aos povos descera...

Sim! é fecundo o sangue do calvário!
Se o Cristo agonizou daquelas dores
Muita palma nasceu!
Daquela cruz e pálido sudário
Um éden de perfume e de flores
Teremos por troféu!

Assim fechou-se a redenção dos povos!
Do drama do calvário - a humanidade
Uma c'roa viril teve em herança
Mais bela do que as cívicas coroas
De Roma — a triunfante:

A c'roa da igualdade!

Esperai! se essa palma de triunfo
Começa ainda a rebentar do Gólgota,
Não estão longe os tempos — em que a fronte
Há de ovante cingi-la à humanidade!
Assim o passo derradeiro e firme
A Canaã da paz será transposto;
Assim a cruz triunfará eterna,
Assim se fecha a redenção dos povos!

S. Helena

Ao Sr. Remígio de Sena Pereira

Cairão Ajax e suas frotas!

HOMERO — Odisséia

Sobre a escarpada rocha — levantada
Na vaga — como um túmulo marinho,
Sob eterno luar,
César — desce como águia derrubada!
No seio agora desse estéril ninho
É força repousar!

Dorme, crânio viril, dorme um momento!
Tens ali um sepulcro de granito
Eça de Briareu!
Como caído sol — teu pensamento
Vague agora — no mar desse infinito
Em meio de água o céu!

As eras de ventura lá passaram
Como frotas no mar. Impetuoso
Soprara o furacão!
As mornas tradições é que ficaram,
Que aquele mesmo gênio belicoso
Não voltará mais, não!

Já não ressoam os clarins da guerra!
E os bravos desse Homero das batalhas
Descansam a dormir!

Essa cruzada que assombrara a terra
Sob as ruínas de pálidas muralhas
E a força cair!

Caiu! Assim o quis o destino infausto,
Que a estrela de seus largos horizontes
Nos limbos despenhou!
Caiu! mas em homérico holocausto!
Sol moribundo erguido em mar de fronte
Um dia descambou!

Dorme agora — na rocha levantada,
César, sobre esse túmulo marinho
É força repousar!
És agora como águia derrubada!
Resta-te um derradeiro e estéril ninho
E um eterno luar!

Foi esta, Bonaparte, a nênia augusta
Com que saudou-te a humanidade a queda!
Descaída a realeza das batalhas
Tinha como um apoio derradeiro
Um alpestre rochedo. Em torno o oceano
Era como que a firme — sentinela
De um oceano subjugado agora!
Folga, Albion! A espada onipotente
Desse rei dos combates e das tendas
Não vergaste, quebrou! A tua glória
Era preciso que ao condor hercúleo
Um vento bravo despenhasse as asas!

Agora, Bonaparte, eis-te sentado
Sobre a escarpada rocha
Que ao corcel dos combates sucedeu!
Essa frente que o gênio das conquistas
Afogou num abismo das batalhas
Tem agora por troa derradeira
Uma nuvem de pálidas lembranças!
Tudo, tudo passou! os dias belos
Os dias de Marengo
De Arcole, de Montmirail e de Austerlitz,
Lá vão! passaram como as folhas secas
Sacudidas do vento das florestas!

Passaram! resta o sudário
Do pesado esquecimento!
Resta o pálido ossário
De todo um mundo portento.

As cruzadas peregrinas
Moderno César não vens?
Por palmas capitolinas
Capelas de goivos tens?

Como Lázaro, acordaste
A humanidade dormente;
Que um povo de reis, fecha
Sob a mão onipotente.

E tu, que no berço ungiste
A infante revolução,
E toda a submergiste
Em um mais puro Jordão;

Que herdaste? um bronco rochedo
Onde a vaga geme a medo
Ouvindo — Napoleão!

Nunca Mais

*Quand je t'aimais, pour toi j'aurais donné ma vie
Mais c'est toi, de t'aimer, toi qui m'ôtas l'envie.*

ALFRED DE MUSSET

Nunca mais! O sol de outrora
Treva súbita apagou;
Já o fogo não devora
Onde a geada passou.

Esse passado morreu,
Que eu julgara então eterno,
E agora esqueci o inferno
Para lembrar-me do céu...

Não! dessa alma prostituta
Nem mais quero uma afeição!

Caíste — venci na luta,
Sem perder o coração.

Sangra os olhos no chorar,
Nova Agar — no teu deserto,
Que eu agora, audaz liberto,
Nem sei, nem te posso amar!

Caíste! não te detesto;
Não te cabe o ódio a ti.
Seria o pulsar de um resto
Desse afeto que eu perdi.

Sobre esse altar que te dei
Noutras eras peregrinas,
Como em leito de ruínas
Novo Mário — me assenti!

Ficou-me a alma viúva
De muita ilusão gentil;
Como exposta ao vento e à chuva
Flor que deu sobre de abril.

Mas a fria e curva flor
Já não treme assim pendida;
Ergue-a mais ardente vida
Por madrugada melhor!

Tu, caminha — vai jornada
Da vaidade e perdição;
E batiza a alma danada
Em lutulento Jordão.

Um dia sem luz nem voz
Vergarás no teu caminho
E verás, ave sem ninho,
Como punge espinho atroz.

A CH. F., Filho de um Proscrito

*Il est beau. Dans son front où la grâce rayonne,
Il porte tout un monde embaumé, pur et gai.
La nature y étale une fraîche couronne;*

C'est la molle beauté des blanches fleurs de mai.

*Au matin de son jour il ouvre sa paupière,
Où se berce en dormant son délicat esprit,
Aux baisers de l'amour, aux regards de sa mère,
À tout ce qui lui parle et lui chante et lui rit.*

*Un charmant avenir l'attend, là-bas, peut-être,
Au couchant de ce siècle où tout parle et combat,
Qui sait? Dans le moment où l'enfant vient de naître
L'oppression pâlit — l'ostracisme s'en va...*

*Eh bien! fils de proscrit — est un coeur plein de flammes
Qui te parle penché dans ton ciel adorant:
Tu seras un croisé dans le combat des âmes;
C'est moi qui le prédis — moi, tête de vingt ans!*

Ofélia

A J...

Meu destino é um rio do deserto
A murmurar-me aos pés;
Veia nascida em urna noite amarga,
As bordas são de areia, a onda é larga
E loucas as marés.

Tem as águas azuis, — mas são profundas
Naquele murmurar,
Correm aqui como a falar segredos
Sobre leito de lodo e de rochedos
A um ignoto mar!

Pálidas flores que uma vaga incerta
Ali suspensas traz
Vicejam aos borrifos, do meu pranto.
Oh! essas flores que te prendem tanto
Deixa-as, Ofélia, em paz!

Não te curves à borda dessas águas
De superfície anil,
Ébria de amores, — do teu sonho casto
Não acharás ali o mundo vasto

Nem o rosado abril.

Deixa essas flores; uma onda as leva
Onde? Nem mesmo eu sei!
Deixa-as correr, — festões de meu destino;
Passa cantando, meu amor, teu hino,
A que eu te abençoarei.

Atado à pedra que me leva, um dia
A queda suspendi.
Vi-te à margem das águas debruçada
A paixão dos meus sonhos, — tão sonhada
Vi-a, encontrei-a em ti.

Maga estrela pendente do horizonte
E curva sobre o mar
Vieste à noite conversar comigo;
Mas a aurora chegou — ao leito antigo
Vai, é mister voltar.

Deixa-me, não te curves sobre as flores
Deste leito de azul;
Molhastes os teus vestidos, fuge embora!
Não te despenhes, — vem o mar agora
Encapelado ao sul.

Enxuga agora ao sol as tuas roupas
E deixa-me seguir;
Não sei qual a torrente que me espera;
Vai, não prendas a tua primavera,
Onde é fundo o porvir!

A Estrela da Tarde

A estrela da tarde sorri desmaiada
No azul embalada de um fogo vital:
Que luz vaporosa nos belos palores!
Que facho de amores! que flor de cristal!

Murmura nas praias a vaga indolente

Um véu transparente se estende no ar;
Os silfos se fecham no seio das rosas
E as brisas saudosas murmuram: — amar!

Estrela do ocaso, é a hora. Bem-vinda!
Que aurora tão linda, tão doce que tens!
A terra desmaia nos braços do gozo,
E um doce repouso lhe entorna mil bens!

Bem-vinda! aos amores que mágico ensejo!
Desperta o cortejo dos astros do céu.
Estrela das sombras, etéreo portento,
Nas asas do vento — desdobra o teu véu.

Vem, que eu te saúdo dormente do acaso;
Esplêndido vaso de um novo fulgor,
Às almas que o fogo da terra queimara
Tu és como a ara de crenças e amor.

Meu lábio secou-se no sol do deserto,
Nem fonte aí perto! cruenta aflição!
Passei tateando nas sombras da vida
Como ave caída nos lodos do chão!

A taça dourada do amor e ventura
Achei-a bem pura — mas não a bebi,
Do éden da vida rocei pelas portas:
As mãos eram mortas; ninguém veio ali,

Passei; fui sozinho no longo da estrada;
A noite pesada descia sem luz,
Segui tropeçando num frio sudário;
Agora um calvário, mais tarde uma cruz!

Estrela! cansado das lutas, vencido,
Dos sonhos descrido, ressurjo, aqui estou!
O manto da vida cai-me aos pedaços
Recose-me aos braços que o frio engelou.

São crenças que eu peço de um gozo celeste;
No tronco ao cipreste — rebentos de flor;
Aos prantos que choro mais rir de doçura,
Mais pão de ventura, mais sonhos de amor!

Estrela! — é a hora do gozo — desperta!
Uma alma deserta palpita de amar,
Vem, loura do ocaso, falar-me em segredo,
Não fujas, é cedo; não caias no mar.

A um Proscrito

É um canto de irmão. Crispam meus lábios
Entusiasmado, convulsões cruéis!
Toma esta lira; consagrei-a aos bravos;
Não na mancharam saturnais de escravos,
As opressões dos reis.

Uma idéia vital pulsa-lhe as cordas;
Elas palpitam na ovação de heróis!
Minha musa tem fé, arde-lhe inata;
A mão que antes selará insensata
Não beijará depois.

Má espera! essas nuvens de tormenta
Vai rasgar o clarão de um novo sol!
A hora bateu às velhas monarquias;
Da nova geração, dos novos dias,
Já se tinge o arrebol...

Os reis tiritarão entre os sudários
Quando essa aurora em novo céu fulgir;
A idéia pousará nos santuários;
E os povos se erguerão sobre os calvários
Aos cantos do porvir.

Eu te saúdo, espírito sem peias,
Que não gostaram cortesãos festins!
Proscrito errante que sustaste o pranto,
E sentiste e velaste o fogo santo
Que velaram Franklins.

Eu te saúdo, coração fervente,
No apostolado da missão do céu;
Que sentes no teu horto — atroz miséria!
Despedaçar-te artéria por artéria
O corvo de Prometeu!

Dez anos! Longe o lar de teus afetos!
Dez anos de cruenta proscricção!
O horizonte da pátria vai fechado;
A teus pés que infortúnio de exilado
 Rebentam desse chão!

Longe! bem longe a opressão lançou-te...
Miséria, nem coragem de lutar!
Um dia despertaste enfim proscrito;
Como o viajor da lenda ergueu-te um grito:
 — Caminhar! caminhar!

Foste vencido... era forçoso aos tronos!
Mas caindo, caíste vencedor,
Mais alto do que então inda te erguias;
Glória a ti nessas rudes agonias,
 Vergonha ao opressor!

Glória a ti, cujos lábios não cuspiram
Da alma guardaste as roupas de vestal!
Vergonha ao opressor, corvo sedento,
Que rasga sem piedade de um lamento
 A águia nacional!

Glória a ti, cujos lábios não cuspiram
Da liberdade no lustral Jordão
A água desse batismo é-nos sagrada;
Vergonha ao que na frente batizada
 Selou de proscricção!

Sonhos

Oh! si elle m'eût aimé!

A. DE VIGNY

Se ela soubesse por que tremo às vezes
Como um junco nas bordas de um regato;
E àquele olhar de uma volúpia ardente
Fecho os meus pobres olhos de insensato.

Se ela soubesse por que a mão convulsa
Sinto ao pousar em um adeus a sua;

E por que um riso de amargura e tédio
Pousa-me no calor da face nua;

Quem sabe se piedosa, no silêncio,
Em oração, à noite, me alembrara;
E por mim em meu êxtase querido
Uma furtiva lágrima soltara!

Quem sabe, se amorosa, pensativa,
Amadornada em lânguidos desejos,
Viria compulsar-me o livro d'alma
E minha fronte batizar de beijos...

E saberia então que de soluços
Os lábios me entreabrem de paixão!
Que de prantos resvalam de meus olhos,
Com o orvalho de minha solidão!

Veria que este fogo de meus versos
É a febre de amor de meus suspiros,
Onde me vai a flor da mocidade
Como flor que enlanguece nos retiros.

Mas... são sonhos, meu Deus! estes tormentos
Irão comigo resvalar na cova;
E serão o crisol de meu espírito
Quando passar a uma existência nova.

Sonhos de insensatez! delírio apenas!
Cresceu em alta rocha a flor querida;
Verme rasteiro Tateando os ermos
Não beberei naquele seio — a vida!

Passarei como sombra ante os seus olhos.
Frios, sem eco — soarão meus cantos;
E aqueles olhos que eu amei, calado
Não me hão de as cinzas orvalhar com prantos!

E nos silêncios de uma noite límpida
Sobre a campa que me há de enfim cobrir.
Da flor daqueles lábios — uma reza
Como um perfume não virá cair!

Devanear eterno! o amor de louco

Hei-de fechá-lo na mudez do peito...
Vem tu, apenas, lânguida saudade,
Noiva dos ermos — partilhar meu leito!

Um Nome

No álbum da Exma. Sra. D. Luísa Amat

Dormi ébrio no seio do infinito
Ao fogo da ilusão que me consome;
A lira tateei na treva... embalde!
Nem uma palma coroou meu nome!

Os meus cantos morrerão no deserto,
Quebrou-me as notas um noturno vento,
E o nome que eu quisera erguer tão alto
No abismo há de cair do esquecimento.

Sou bem moço, e talvez uma esperança
Pudesse ainda me despir do lodo;
E ao sol ardente de um porvir de glórias
Engrandecer, purificar-me todo.

Talvez, mas esta sede era tamanha!
E agora o desespero entrou-me n'alma;
A brisa de verão queimou-me passando
A jovem rama da nascente palma!

E esse nome, esse nome que eu quisera
Erguer como um troféu, tornou-se em cruz;
Não cabe aqui, senhora, em vosso livro.
Pobre como é de glórias e de luz.

Mas se não tem as palmas que esperava.
Filho da sombra, em jogo de ilusões.
Vossa bondade, a unção das almas puras,
Há de dar-lhe a palavra dos perdões!

Travessa

Ai; por Deus, por vida minha
Como és travessa e louquinha!

Gosto de ti — gosto tanto
Dessa tua travessura
Que não me dera o meu encanto,
Que não dera o meu gostar,
Nem por estrelas do céu.
Nem por pérolas ao mar!
Alma toda de quimeras
Que acordou no paraíso
Vinda do leito de Deus;
E que rivais de teus olhos
Só tens dois olhos — os teus!
Pareces mesmo criança
Que só vive e se alimenta
De luz, amor e esperança.
Ave sem medo à tormenta
Que salta e palpita e ri,
As travessas primaveras
Assentam tão bem em ti!
Assentam sim, como as asas
Assentam no beija-flor,
Como o delírio dos beijos

Em uma noite de amor;
Como no véu que se agita
De beleza adormecida
A brisa mole e sentida!

Foi por ver-te assim — travessa
Que eu pus a minha esperança
No imaginar de criança
Dessa formosa cabeça...
Foi por ver-te assim — Que os sonhos
Eu sei como os tens eu sei.
Puros, lindos e risonhos.
Um coração novo e calmo
Onde a lei do amor — é lei;
Foi por ver-te assim, que eu venho
Pôr em ti as fantasias
De meus peregrinos dias.
Como a esperança no céu:
Em ti só, que és tão louquinha,
Em ti só pôr a minha vida!

A D. Gabriela da Cunha

Pára! Colhe essas asas um instante;
Olha que senda decorrendo vens!
Pára! é o marco final do caminhante,
E mais espaços a vencer não tens!

Lembra as visões e os sonhos do passado...
Vão longe, longe — quando, artista em flor.
Nem tinhas o caminho calculado,
Que mais tarde devias de transpor.

Contaste acaso em tua mente outrora
Tantas coroas futuras e troféus?
Sonhaste uma vez erguer-te agora
Alto, tão alto, pela mão de Deus?

Não pudeste medir todo este espaço,
Nem pudeste pensar que um dia, aqui
Viria o povo, em um festivo abraço
Sagrar-te os louros triunfais, a TI.

Foi surpresa do gênio — e do destino
Que a tua senda de futuro abriu,
E que uma folha de laurel divino
Em tua fronte pálida cingiu.

Talvez de artista no teu largo manto,
Como gotas de sangue em níveo chão.
Noite de espinhos orvalhou com pranto
E mareou de dor muita ovação.

Faz uma flor de cada espinho acerbo,
Tira de cada treva um arrebol;
Para fazê-la — abre os teus lábios, VERBO!
Para tirá-la — abre os seus raios, SOL!

Meus Versos

Quando nas noites de luar de outono
Pendem as flores que a manhã crestara
E a chuva desbotou,
Que mão piedosa ergueu-as do abandono...

E cuidadosa no seio as orvalhara?
Que sorrindo as beijou?

Elas morrem ali tristes, sozinhas,
E se desfolham no correr do rio...
Deus sabe onde elas vão!
Assim morrem ao sol as andorinhas,
Assim o inseto se desmaia ao frio,
E assim meus versos são!

Pobres canções que eu entoara a custo,
E modulei nas harpas dos amores
Que ornara um querubim.
Foram as vibrações de um sonho augusto;
Da minha fronte as suspiradas flores
Não mas dera o jardim.

E contudo eu ainda as esperava,
Como à porta do Céu a mãe cuidosa
Um filho que há de vir.
E o jardim não mas dera; eu mal cuidava
Que vinha no embrião da flor mimosa
Um áspide dormir.

Acordei! Esqueci-me dessas flores
E vou cantando sem sonhar venturas
Já sem ilusão.
Deixo aqui minha lenda dos amores
Urna singela de esperanças puras,
E muita aspiração.

A Mme. de La Grange

Quando em teus lábios a harmonia corre,
Como os verbos das almas e do amor,
Um mundo de douradas fantasias
Ao coração dormente se abre em flor.

Solto dos elos da matéria — o espírito
Num céu que de harmonia se perfuma
Adormece nas harpas do teu peito
E as tuas notas bebe urna por uma.

Missão divina! Traduzir na terra
As linguagens do céu! Vibrar cantando
Do sentimento as palpitantes fibras!
E o pranto às almas rebentar chorando!

Talhou-te larga a púrpura do gênio
A mão severa e pura dos destinos,
Imprimiu-te na voz a harpa de um século
E a alma te encarnou em sons divinos!

Depois — na ara da pura melodia
Desceste em uma noite embalsamada;
Segue na rota da missão divina,
Canta, murmura, lânguida, inspirada!

Abre os vôos, parte agora!
Vai, cantora, ao teu destino:
Destas últimas vitórias
Vês? As glórias aqui pus.
Cinge a c'roa e torna arminhos
Os espinhos que colheste;
Que os teus hinos são melhores;
Fazem flores de uma cruz!

Souvenirs D'exil

(tradução de poema de CHARLES RIBEYROLLES)

Flor a abrir entre nós, surge agora um infante;
Fronte loura a sorrir em nossa proscricção,
Os numes vêm cercá-lo em seu berço galante,
E para erguê-lo ao céu todos lhe abrem a mão.

Mas ele que será? Calvinista ou romano?
Ou turco, ou querubim de Lutero, ou judeu?
E que santo do céu a este lírio humano,
Ao costume fiel, dará o nome seu?

É o beijo das mães, entre nós... o batismo,
Esse amoroso olhar que nos embala então!
Nós não temos por dogma a fé do barbarismo
E nem numes fatais de sangue e de opressão.

Batizamo-lo em ti, ó liberdade santa,
Alma dos bravos desce — eis um berço infantil.
O teu signo de luz, tua altivez lhe implanta,
Os velhos bendirão a tua mão viril!

Espírito de luz — eia, marchar — avante!
Nossos ossos em pó refluirão por dom!
Mas conservai a fé, e o futuro radiante,
Lutar é um dever — lembra-te, Charles Frond!

A S. M. I.

César! Fulge mais luz nas saudações do povo,
Há nos hinos plebeus — mais alma nacional
Quando a mão do Senhor ergue, dum germe novo,
A virtude e o saber em frente imperial.

Aqui, se o vê curvado ao sol da majestade,
Não é que o ceguem mais os velhos ouropéis;
É que fulge a realeza em céu de liberdade
E abraça a liberdade — a tradição dos reis.

Tu, que voltas do mar aos cânticos do Norte,
Tu que vens embalado aos hinos do país,
Podes e deves crer no público transporte
Como dias de luz que o povo te prediz;

A ti, que tens por norma a história do passado,
Como através do tempo — a inspiração de Deus,
E que sabes de fé que um Cáucaso elevado
Nem sempre é neste mundo o fim dos Prometeus.

Bem-vindo! Diz-te o povo e a frase poderosa
É como que fervente e tríplice ovação.
Ouve-a tu, que possuis um anjo por esposa,
Por mãe a liberdade e um povo por irmão!

Ao Carnaval de 1860

Morreste, seriedade!
Momo, o deus das zombarias,
Usurpou-te, por três dias,

Teu esplêndido bastão!
De um exílio temporário
Toma a longa e nova rota;
Agora reina a chacota
E o carnaval folgazão!

Diante das aras da rubra folia,
Cabeça a mais séria não vale um real;
Doidice, festança e alegria,
Tudo isto é fortuna que traz — carnaval.

Homem sério e bem formado,
Neste dia é contrabando;
Respeitado e venerando
É coisa que não se diz;
A razão abrindo os lábios,
Onde tem berço o juízo,
Vestiu um chapéu de guizo,
E pôs um falso nariz!

Nem pai de família, nem velho empregado,
Doutor, diplomata, caixeiro ou patrão,
Ninguém, ó loucura, no dia aprazado,
Não pode negar-te seu grande quinhão.

Tudo a loucura nivela,
Nem há luta de inimigos:
Esqueçam-se ódios antigos
De algum ferrenho eleitor;
Há tréguas por três dias
No campo dos candidatos,
Que o feijão ferve nos pratos
E os guizos falem melhor.

Esqueça-se tudo, são todos convivas,
Os ódios se apaguem no abraço comum:
Que doce batalha! Que lutas festivas!
Daqui deste campo não foge nem um!

Todas as belas amáveis
Podem ter parte na festa:
Sacerdotisas e Vesta,
Acendei os corações!
Pra sustentar a empresa

Não tendes armas faceiras?
É não tirar as pulseiras
E conservar os balões.

Daí das janelas olhando curvadas.
Sem dar um só passo na luta vanceis:
Ao fogo, que corre das vossas sacadas
Aquiles se curvam e algemam-se reis.

Os reis, conquanto pintados,
Sempre são reis por três dias;
E sabem as galhardias
Das vossas armas leais.
Nós somos a Roma Inerte
Com a invasão peregrina
Que os hunos de crinolina
São mais que os outros fatais.

No Álbum da Artista Ludovina Moutinho

Cedo começa a buscar no espaço,
Gentil romeira, a estrela do porvir;
Deus que abençoa as lutas do talento
Há-de ao esforço teu o espaço abrir.

Para alcançar o astro peregrino
O teu talento um largo rumo tem:
De tua mãe os vôos acompanha,
Que onde ela foi tu chegarás também.

Gabriela da Cunha

Enfim! Sobre esta cena, a tua e nossa glória,
Onde a musa eloqüente e severa da história
Toma-te a mão, e te abre à fascinada vista
O campo do futuro, ó grande e nobre artista,
Vejo-te enfim! Ermo, calado e nu,
Esperava a madona e a madona eras tu.
Mercê do mar sereno e do lenho veloz,
A mesma, a mesma sempre, eis-te enfim entre nós!
Eras daqui. Que importa uma ausência? O teu nome
A ausência não descora, o ouvido não consome,

Da lembrança e da luz que ficaram de ti,
Andasses longe, embora, ele vivia aqui.
O que é o mar? Barreira inútil. A lembrança
Tem asas e a transpõe. E depois a esperança
De ver no mesmo céu a mesma estrela dantes
Punha no ânimo a paz. Aos louros verdejantes
De que ornavas a frente outros inda juntaste.
Bem-vinda sejas tu, tu que por fim voltaste
No brilho e no vigor dos teus dias melhores
Luzente de mais luz, c'roada de mais flores
E que vens, assentando outras datas gloriosas,
Dar ao palco viúvo a melhor das esposas.

Estâncias Nupciais

*dedicadas a D. Isabel e
ao Conde d'Eu*

I

Que riso este o ar encerra?
Que canto? Que troféu?
Que diz o céu à terra?
Que diz a terra ao céu?

II

Do seio das florestas
Que aroma sobe ao ar?
E que oblações são estas
Que a terra envia ao mar?

III

A peregrina Alteza,
A rosa matinal,
O sonho de pureza
Da mente imperial.

IV

É noiva. A mão de esposa
Ao feliz noivo dá;

Era de amor ditosa
Esta hora lhe abrirá.

V

Almas de luz unidas
Na pura candidez
O amor, — de duas vidas
Uma só vida fez.

VI

E a filha predileta
Do paternal amor,
A doce, excelsa neta
Do excelso Fundador,

VII

Aumenta a nossa glória
No sólio imperial,
E a fúlgida memória
Da honra nacional.

Em homenagem a D. Isabel e ao Conde D'eu

Do seio da espessura,
Ó virgem do Brasil,
Ergue radiante e pura
A fronte juvenil.

Tece com as mãos formosas
À noiva imperial
De lírios e de rosas
A c'roa nupcial.

Flor desta jovem terra,
Em seu profundo amor,
Como um penhor encerra
Cândida, excelsa flor.

Vivo, fulgente emblema
Das glórias do porvir,

Que o régio diadema
Um dia há de cingir;

Salve! Os destinos novos,
Novos, futuros bens,
Querida destes povos,
Em tuas mãos os tens.

Num juramento unidas
Ante o sagrado altar,
As almas, como as vidas,
O céu veio aliar.

É vínculo precioso
Que o prende agora a si.
Esposa, eis teu esposo;
Alegra-te e sorri.

Abram-se à nova história
As páginas leais,
Onde se escreve a glória
Da pátria e dos teus pais,

E a mão que não consome
Memórias tão louças,
De dois fez um só nome:
Bragança e Orleans.

No Casamento da Princesa Isabel

Cubram embora as últimas montanhas
Nuvens de tempestade;
E vergue um dia os ânimos do povo
Dura calamidade;

Cobre de há muito o teu domínio estreito;
Tu mesmo abriste as portas do Oriente;
Rompe a luz; foge ao dia! O Deus dos justos
Os soluços ouviu dos teus escravos,
E os olhos te cegou para perder-te!

O povo um dia cobrirá de flores,
A imagem do Brasil. A liberdade

Unirá como um elo estes dois povos.
A mão, que a audácia castigou de ingratos,
Apertará somente a mão de amigos.
E a túnica farpada do tirano,
Que inda os quebrados ânimos assusta,
Será, aos olhos da nação remida,
A severa lição de extintos tempos!

Cala-te, Amor de Mãe

Cala-te, amor de mãe! Quando o inimigo
Pisa da nossa terra o chão sagrado.
Amor de pátria, vivido, elevado,
Só tu na solidão serás comigo!

O dever é maior do que o perigo;
Pede-te a pátria, cidadão honrado;
Vai, meu filho, e nas lides do soldado
Minha lembrança viverá contigo!

É o sétimo, o último. Minh'alma repartida,
Vai toda aí, convosco repartida,
E eu dou-a de olhos secos, fria e calma.

Oh! não te assuste o horror da márcia lida;
Colhe no vasto campo a melhor palma;
Ou morte honrada ou gloriosa vida.

Tristeza

Ah! Pobre criança!
Triste ludíbrio de funesta estrela!

SHAKESPEARE — Otelo

És triste. Que mal te oprime?
Que sombrio pensamento,
Como nuvem procelosa,
Ponto negro no horizonte,
Vem pousar, mulher formosa,
Em tua formosa frente?

És triste. E pálida. As cores,
De vivas que eram outrora,
Como pétalas das flores
Que o tempo amareleceu,
Ora vejo-as apagadas...
E ao teu olhar peregrino
Fecham pálpebras cansadas
À luz que tinhas do céu,

A ausência de brilho e cores
E essa mórbida magreza,
Esse teu ar de abatida,
Com que, se perdes em vida,
Vens a ganhar em beleza,
Que são? Remorso de um crime
De certo não é? Responde,
Dize, que mágoa te oprime?

Teu silêncio obstinado
Tudo me explica.., já sei..
Mísero anjo infortunado,
Li tu'alma e adivinhei

Guardavas ao que primeiro
Tocasse a flor dos teus anos,
Não esse amor passageiro,
Das almas vãs, mas o amor
Profundo, intenso, exclusivo,
O amor que sonha e não dorme,
O amor sincero, o amor vivo,
Os transportes, a ternura,
De um coração palpitante,
Os desejos de ventura,
Ambiciosa fantasia,
As ânsias d'alma abundante,
Em suma — a felicidade:
Tal foi o sonho primeiro
Da tua primeira idade.

Em vez de uma alma irmã
Que a tua alma compreendesse,
Que achaste? Boçal figura,
Matéria, máquina, prosa,
Toda cegueira e espessura,

Corpo sem alma e sem vida,
E a esperança radiosa
Da vida que procuravas,
A ternura que guardavas,
Em teus chorados quinze anos.
Tudo arrefeceu, criança,
Ante os frios desenganos.
Entre a presente agonia
E o tempo em que, solta, aérea,
Tua ardente fantasia
A vida mágica e etérea

Evocava e embelecia,
Que tempo vai! Longo espaço
De solidão, de tristeza,
De ternura e de cansaço.
Uma quase eternidade
A contar na mente acesa:
Esperanças da incerteza,
Certezas da realidade!

Enfim, à morte completa
Da ilusão que alimentavas,
Olhaste pálida e inquieta
Para o futuro... e não viste
Nada do que procuravas
E nada do que pediste,
Olhaste ainda — e confusa
Viste o amor, a paz alheia,
Os que logravam sentir,
E tu, mísera reclusa,
Da prisão em que te achaste
Nem já te é dado fugir!

E agora, fria, abatida,
Secas as rosas do rosto,
Olhos já sem luz, nem vida,
Depois de tanta provança,
Tua mente em vão procura
A derradeira esperança:
O frio da sepultura...

O Primeiro Beijo

(G. BLEST GANA)

Lembranças daquela idade
De inocência e de candor,
Não turbeis a soledade
Das minhas noites de dor;
 Passai, passai,
Lembranças do que lá vai.

Minha prima era bonita...
Eu não sei por que razão
Ao recordá-la, palpita
Com violência o coração.
Pois se ela era tão bonita,
Tão gentil, tão sedutora,
Que agora mesmo, inda agora,
Uma como que ilusão
Dentro em meu peito se agita,
E até a fria razão
Me diz que era bem bonita.

Como eu, a prima contava
Quatorze anos, me parece;
Mas minha tia afirmava
Que eram só, — nem tal me esquece!
Treze os que a prima contava.
Fique-lhe à tia essa glória,
Que em minha vivaz memória
Jamais a prima envelhece,
E sempre está como estava,
Quando, segundo parece,
Já seus quatorze anos contava.

Quantas horas, quantas horas
Passei ditoso ao seu lado!
Quantas passamos auroras
Ambos correndo no prado,
Ligeiros como essas horas!
Seria amor? Não seria;
Nada sei; nada sabia;
Mas nesse extinto passado,
De conversas sedutoras,
Quando me achava a seu lado

Adormeciam-me as horas.

De como lhe eu dei um beijo
É curiosíssima história.
Desde esse ditoso ensejo
Inda conservo a memória
De como lhe eu dei um beijo.
Sós, ao bosque, um dia, qual
Aquele antigo casal
Cuja inocência é notória,
Fomos por mútuo desejo,
A ali começou a história
De como lhe eu dei um beijo.

Crescia formosa flor
Perto de uma ribanceira;
Contemplando-a com amor,
Diz ela desta maneira;
— Quem me dera aquela flor!
De um salto à flor me atirei;
Faltou-me o chão; resvalei.
Grita, atira-se ligeira
Levada pelo terror,
Chega ao pé da ribanceira...
E eu, eu não lhe trouxe a flor.

De ventura e de alegria
A coitadinha chorava;
Vida minha! repetia,
E em meus braços me apertava
Com infantil alegria.
De gelo e fogo me achei
Naquele transe. E não sei
Como aquilo se passava,
Mas um beijo nos unia,
E a coitadinha chorava
De ventura e de alegria.

Depois,.. revoltoso mar
É nossa pobre existência!
Fui obrigado a deixar
Aquele flor de inocência
Sozinha à beira do mar.
Ai! do mundo entre os enganos

Hei vivido muitos anos,
E apesar dessa experiência
Costumo ainda exclamar:
Ditada minha existência,
Ficaste à beira do mar!

Lembranças daquela idade
De inocência e de candor,
Alegrai a soledade
Das minhas noites de dor.
 Chegai, chegai,
Lembranças do que lá vai.

A. F. X. de Novais

Já da terrena túnica despida,
Voaste, alma gentil, à eternidade;
 E, sacudindo à terra
As lembranças da vida, as mágoas fundas,
Foste ao sol repousar da etérea estância.

Nem lágrimas, nem preces
O despojo mortal do sono acordam;
Nem, reboando na mansão divina,
 A voz do homem perturba
O espírito imortal. Ah! se pudessem
Lágrimas de homens reviver a extinta
Murcha flor de teus dias: — se, rompendo
O misterioso invólucro da morte,
De novo entrasses no festim da vida,
Alma do céu, quem sabe se não deras
A taça cheia em troco do sepulcro,
E agitando no espaço as asas brancas
Voltarias sorrindo à eternidade?

Não te choramos pois; descansa ao menos
No regaço da morte: a austera virgem
Ama os que mais sofreram; tu compraste
C'ó a dor profunda o derradeiro sono.
Choram-te as musas, sim! choram-te as musas
Choram-te em vão, — que das quebradas cordas
Da tua lira os sons não mais despertam;
 Nem dos festivos lábios

Os versos brotaram que outrora o povo
No entusiasmo férvido aplaudia.
 Apenas (e isso é tudo!)
 Fulge c'oa luz da glória
Teu nome. Os versos teus, garridas flores
De imortal primavera, enquanto o vento
Inúteis folhas pela terra espalha,
Celeste aroma à eternidade mandam.

 Tu viverás. Não morre
Aquele em cujo espírito escolhido
A mão de DEUS lançou a flama do estro
Traz do berço o destino. Em vão, fortuna,
Lhe comprimes a voz, a voz prorrompe.
 Tal o rochedo inútil
 Ousa deter as águas;
A corrente prossegue impetuosa.
O campo alaga e a terra mãe fecunda.

Ontem, Hoje, Amanhã

Ontem eu era criança
Que brincava nos delírios,
Entre murta, rosa e lírios,
No meio d'etéreos círios,
Nos brincos que a gente alcança;
Que sonho p'ra mim, que vida
Nas ânsias tão bem traída!
Que noites de tanta lida,
Nos gozos em que não cansa!
Hoje sou qual triste bardo
Cismando na virgem bela,
Nos meigos sorrisos dela;
Que, porém, já se desvela
Do futuro vir mui tardo!
— Pranteio na pobre lira,
Qual nauta que já suspira
Nas ânsias em que delira,
Nas chamas em qu'eu só ardo!

Amanhã serei no mundo
Perseguido em meu cansaço,
Sem já ter amigo braço

Que me ajude a dar um passo
Neste pego sem ter fundo;
Nem sequer a minh'amada
Se julgando mal fadada
Não virá mui namorada
Me mostrar um rir jucundo!

26 de Outubro

Ventos do mar, que há pouco sussurrando
As vozes dele ouvíeis namorados,
Ventos de terra, agora consternados,
Levai a nova do óbito nefando.

Castigo foi à nossa pátria, quando
Dele esperava alentos renovados,
E sentia viver aos grandes brados
Daquele gênio raro e venerando.

Claro e vibrante espírito, caíste,
Não ao peso dos anos, mas ao peso
Do teu amor à nossa pátria amada.

E ela que fica desvairada e triste,
Chora lembrando o verbo teu aceso,
Filho de Andrada, e portentoso Andrada.

As Náufragas

(Duas meninas cearenses que vinham no vapor *Bahia*.)

“Verdes mares bravios, verdes mares
Do Ceará” — que a musa de Iracema
Cantou um dia, e que na hora extrema
Certo entreviu nos últimos olhares,

Ó verdes mares, onde essas crianças
Aprenderam brincando a andar ao largo,
Rir do vosso estertor válido e amargo,
E as águas bravas converter em mansas,

Cantai agora, murmurai contentes

De saber que ambas, débeis e valentes,
Viram a morte e não tremeram dela,

Antes, cortando as ondas insofridas,
Salvaram, mais que as suas próprias vidas,
Outra que nunca pôde ser mais bela.

Ao Dr. Xavier da Silveira

Amigo, ao ler os versos saborosos
Que me mandou por vinte e um de junho,
Vi ainda uma vez o testemunho,
Dos seus bons sentimentos amistosos.

Há para os corações afetuosos
(Isto, que escrevo por meu próprio punho,
Não é força de rima, leva o cunho
Dos conceitos reais e valiosos),

Há para os corações, como eu dizia,
— Um perigo, a distância: — tal perigo
— Que as mais ardentes afeições esfria.

Inda bem que esse mal, por mais antigo
Que seja, não atinge, neste dia
Um verdadeiro coração de amigo.

13 de Maio

Brasileiros, pesai a longa vida
Da nossa pátria, e a curta vida nossa;
Se há dor que possa remorder, que possa
Odiar uma campanha, ora vencida,
Longe essa dor e os ódios seus extremos;
Vede que aquele doloroso orvalho
De sangue nesta guerra não vertemos...
União, brasileiros! E entoemos
O hino do trabalho.

Soneto

(Pela inauguração do Asilo de Órfãos de Campinas)

Recolhei, recolhei essas coitadas,
Tristes crianças, desbotadas flores,
Que a morte despojou dos seus cultores
E pendem já das hastes maltratadas.

Trocai, trocai as fomes e os horrores,
Os desprezos e as ríspidas noitadas
Pelos afagos dos peitos protetores,
Ensinai-lhes a amar e a ser amadas.

E quando a obra que encetais agora
Avultar, prosperar, subir ao cume,
Tornada em sol esta ridente aurora,

Sentireis ao calor do grande lume
Tanta ventura, que, se fordes tristes,
Jubilareis da obra que cumpristes.

Ricardo

Vive tu, meu menino, os belos anos
Junto dos teus, na doce companhia
Do que há de melhor em corações humanos,
E faze deste dia eterno dia.

Velho Tema

Esta ave trouxe de alguém
 Algun recado
Talvez diga que aí vem
 Um namorado.
Um namorado que tem
 Do peito ao lado
Um coração que o sustém
 De apaixonado.

Se não acudir alguém
 Ao ansiado
É, porventura, um grã bem...
 Por um recado

Já vi morrer aquém e além,
Por um recado...

Por ora sou Pequenina

Por ora sou pequenina
Mas, quando eu também crescer
Há de vir uma menina
Dizer o que vou dizer.

Vou dizer, noivos amados,
Que é doce e consolador
Ver assim dois namorados
Coroando o seu amor.

Casar é lei preciosa;
Casai, amigos, casai.
Beija-flor com rosa
Mamãe casou com papai,

Por isso, a viva alegria
Que enche a todos nós
É ser grande dia
Muito maior para vós.

Eis aí fica o meu recado
Adeus. Se for para bem
Que eu veja o casal casado
Crescendo, caso também.

Não há pensamento raro

Não há pensamento raro
Que aqui lhe diga
Melhor que o seu nome caro,
Gentil amiga.

Viva o Dia 11 de Junho

Viva o dia onze de junho,
Dia grande, dia rico,

Batalha do Riachuelo,
Dia dos anos do Tico.

Voulez-vous du Français?

*Voulez-vous du français, ou bien de notre langue?
Uma e outra lhe dou, Francisca, e não se zangue
Car pour dire d'un beau visage et son esprit,
Um nome basta — o seu — ce nom tout seu! suffit!*

NOTAS

A PALMEIRA

Marmota Fluminense, 16 jan. 1855. “Das peças datadas pelo autor, esta é a de data mais remota. Até melhor aviso, estes versos devem ser considerados como primeiro trabalho literário produzido por Machado de Assis, embora a primazia de publicação caiba ao poema “Ela”, que vai transcrito a seguir.” (José Galante de Sousa)

ELA

Marmota Fluminense, n.º 539, 12 jan. 1855.

TEU CANTO

Marmota Fluminense, n.º 600, 15 jul. 1855.

UM ANJO

Marmota Fluminense, n.º 702, 1 abr. 1856.

MINHA MUSA

Marmota Fluminense, n.º 690, 4 mar. 1856.

COGNAC!...

Marmota Fluminense, 12 abr. 1856.

MINHA MÃE

Marmota Fluminense, n.º 767, 2 set. 1856.

O SOFÁ

Marmota, 8 jan. 1858.

VAI-TE

Marmota, 26 jan. 1858.

ÁLVARES D'AZEVEDO

Marmota, 12 jan. 1858.

REFLEXO

Marmota, 23 mar. 1858.

A MORTE NO CALVÁRIO

Marmota, 24 abr. 1858.

UMA FLOR? — UMA LÁGRIMA

Manuscrito pertencente à Biblioteca Nacional.

CONDÃO

Correio Mercantil, 28 mar. 1859.

A AUGUSTA

O Binóculo, s.d. [n.º 1, 23 set. 1862.]

SONETO CIRCULAR

Gazeta de Notícias, 18 abr. 1895.

ÍCARO

Correio Mercantil, 9 jan. 1860.

CORAÇÃO PERDIDO

Publicado na Biblioteca Brasileira, I Lírica Nacional. RJ, 1862, pp. 53-54.

FASCINAÇÃO

O Futuro, 1 jan. 1863.

O CASAMENTO DO DIABO

Publicado anonimamente na Semana Ilustrada, 29 mar. 1863.

HINO PATRIÓTICO

Publicado anonimamente, por ocasião da questão anglo-brasileira. Identificado por J. Galante de Sousa, foi incluído em Poesia e Prosa.

A CÓLERA DO IMPÉRIO

Diário do Rio de Janeiro, 17 mai. 1865.

DAQUI DESTE ÂMBITO ESTREITO

Jornal do Comércio, 26 fev. 1870. Segundo J. Galante de Sousa, "A poesia consta de cinco oitavas. Foi recitada pela atriz Ismênia no Teatro São Luiz a 23/2/1970".

A FRANCISCO PINHEIRO GUIMARÃES

A Reforma, 20 mai. 1870.

À MEMÓRIA DO ATOR TASSO

Leitura Popular, n.º 1, set. 1871.

NO ÁLBUM DO SR. QUINTELA

O Binóculo, n.º 47, 22 fev. 1879.

VERSOS

Manuscrito pertencente ao Arquivo Nacional.

SONETO

A Estação, 15 jul. 1879.

NAQUELE ETERNO AZUL, ONDE COEMA

Gazeta de Notícias, 23 dez. 1877, em homenagem a José de Alencar.

DAI À OBRA DE MARTA UM POUCO DE MARIA

Publicado como Poliantéia Comemorativa da Inauguração das Aulas para o Sexo Feminino do Imperial Liceu de Artes e Ofícios. Rio de Janeiro, 1881.

RELÍQUIA ÍNTIMA

A Estação, 15 jan. 1885.

A DERRADEIRA INJÚRIA

Publicado em O Marquês de Pombal, 2ª parte, pp. 21-30. Lisboa, 1855.

REFUS

Gazeta de Notícias, 1 set. 1890.

ENTRA CANTANDO, ENTRA CANTANDO, APOLO!

Revista da Academia Brasileira de Letras, dez. 1932.

A GUIOMAR

Publicado em Outras Relíquias. RJ, H. Garnier, 1910.

PRÓLOGO DO INTERMEZZO

A Semana, 14 abr. 1894.

A CAROLINA

Publicado em Relíquias de Casa Velha, Rio de Janeiro: Garnier, 1906.

SONETO

A Ordem, jun. 1939.

A FRANCISCA

Publicado dentro de um artigo de Artur Azevedo, em O País., 2-10-1908.

À ILMA. SRA. D. P. J. A.

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1854.

A SAUDADE

Marmota Fluminense, 20 mar. 1855.

JÚLIA

Marmota Fluminense, 18 mai. 1855.

MEU ANJO

Marmota Fluminense, 24 jul. 1855.

UM SORRISO

Marmota Fluminense, 10 ago. 1855.

PARÓDIA

Marmota Fluminense, 14 ago. 1855.

A SAUDADE

Marmota Fluminense, 05 out. 1855.

NO ÁLBUM DO SR. F. G. BRAGA

Marmota Fluminense, 09 out. 1855.

A UMA MENINA

Marmota Fluminense, 21 out. 1855.

O GÊNIO ADORMECIDO

Marmota Fluminense, 28 out. 1855.

O PROFETA

Marmota Fluminense, 02 nov. 1855.

O PÃO D'AÇÚCAR

Marmota Fluminense, 23 nov. 1855.

SONETO A S. M. O IMPERADOR, O SENHOR D. PEDRO II

Marmota Fluminense, 02 dez. 1855.

À MADAME ARSÈNE CHARTON DEMEUR

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1856.

O MEU VIVER

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1856.

DORMIR NO CAMPO

Marmota Fluminense, 21 fev. 1856.

CONSUMMATUM EST!

Marmota Fluminense, 22 mar. 1856.

SAUDADES

Marmota Fluminense, 01 mai. 1855.

LÁGRIMAS

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1856.

NÃO?

Marmota Fluminense, 15 set. 1857.

RESIGNAÇÃO

Marmota Fluminense, 02 out. 1857.

AMANHÃ

Marmota Fluminense, 22 out. 1857.

A***

Marmota Fluminense, 22 dez. 1857.

DEUS EM TI

Marmota Fluminense, 25 dez.. 1857.

ESTA NOITE

Marmota Fluminense, 16 fev. 1858.

VEM!

O Paraíba, Petrópolis, 11 abr. 1858.

ESPERANÇA

Correio Mercantil, 25 out. 1858.

A MISSÃO DO POETA

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1858.

O PROGRESSO

Correio Mercantil, 30 nov. 1858.

À ITÁLIA

Correio Mercantil, 10 fev. 1859.

A UM POETA

O Paraíba, Petrópolis, 17 fev. 1859.

A PARTIDA

Correio Mercantil, 14 fev. 1859.

A REDENÇÃO

Correio Mercantil, 04 mai. 1859.

S. HELENA

O Paraíba, Petrópolis, 22 mai. 1859.

NUNCA MAIS

O Paraíba, Petrópolis, 12 jun. 1859.

A CH. F., FILHO DE UM PROSCRITO

Correio Mercantil, 21 jul. 1859.

OFÉLIA

Correio Mercantil, 21 out. 1859.

A ESTRELA DA TARDE

O Espelho, 04 set. 1859.

A UM PROSCRITO

O Espelho, 18 set. 1859.

SONHOS

O Espelho, 23 out. 1859.

UM NOME

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1859.

TRAVESSA

O Espelho, 18 dez. 1859.

A D. GABRIELA DA CUNHA

O Espelho, 25 dez. 1859.

MEUS VERSOS

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1859.

A MME. DE LA GRANGE

Correio Mercantil, 16 nov. 1859.

SOUVENIRS D'EXIL

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1859.

A S. M. I.

Marmota Fluminense, 02 dez. 1855.

AO CARNAVAL DE 1860

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1860.

NO ÁLBUM DA ARTISTA LUDOVINA MOUTINHO

A Primavera, 17 mar. 1861.

GABRIELA DA CUNHA

O Espelho, 25 dez. 1859.

ESTÂNCIAS NUPCIAIS

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1864.

EM HOMENAGEM A D. ISABEL E AO CONDE D'EU

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1864.

NO CASAMENTO DA PRINCESA ISABEL

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1865.

CALA-TE, AMOR DE MÃE

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1865.

TRISTEZA

Jornal das Famílias, ago. 1866.

O PRIMEIRO BEIJO

Semana Ilustrada, 19 set. 1869.

A. F. X. DE NOVAIS

Semana Ilustrada, 29 ago. 1869.

ONTEM, HOJE, AMANHÃ

A Luz, 1872.

26 DE OUTUBRO

Gazeta de Notícias, 24 out. 1886.

AS NÁUFRAGAS

Gazeta de Notícias, 17 abr. 1887.

AO DR. XAVIER DA SILVEIRA

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1887.

13 DE MAIO

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1888.

SONETO

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1890.

RICARDO

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1893.

VELHO TEMA

Foi encontrado apenas o registro da data de divulgação do poema, 1911.

POR ORA SOU PEQUENINA

Publicado no artigo “Migalhas inéditas”, de Tristão de Athayde, em Autores e Livros, 28 set. 1941.

NÃO HÁ PENSAMENTO RARO

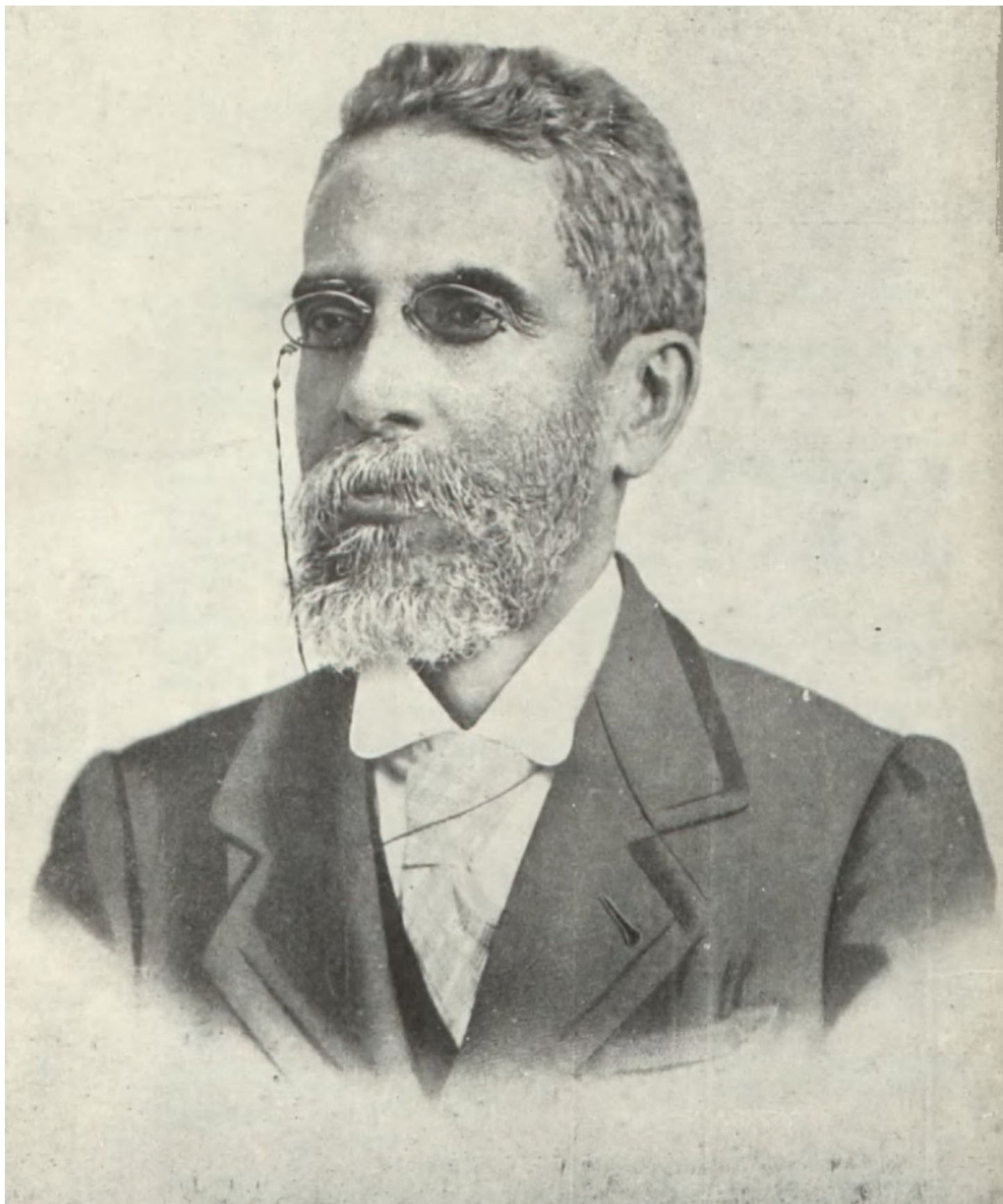
Ilustração Brasileira, jun. 1939.

VIVA O DIA 11 DE JUNHO

Jornal do Comércio, jun. 1939.

VOULEZ-VOUS DU FRANÇAIS?

Jornal do Comércio, 21 jun. 1939.



Machado de Assis em fotografia de 1891. Acervo da Biblioteca Nacional Digital



Casa em que faleceu o escritor Machado de Assis (Fonte: Biblioteca Nacional Digital)

I-9,5,51

Carta 10⁷/₁₀ PB



hbb. 876 c
1975

Meu caro Raimundo Correia,

A distancia não tira a
memória aos amigos. O
seu telegramma de ontem
chegou a tempo de 14 dias
pelos que cá estavam com-
migos, e pensavam no au-
sente. Muito obrigado
pelas suas boas palavras,
e um cordial aperto de
mão. Adeus, caro poeta;
saudades de

Velho am^o & confr.
Machado de Assis.

HOMENAGEM DE FON-FON A MACHADO DE ASSIS



BILHETES

À Côra

Não tem razão a tua rápida e delicada recriminação de hontem. Não é a minha sentimentalidade affectiva por ti, que está a diminuir; não é a novidade do assumpto que me falta. É o tempo, minha doce amiga, é o tempo, que não me sobra.

Desde que o meu inefavel amigo, Dr. Assis Carvalho, nas suas funções emeritas de chronista mundano, descobriu no desageito da minha pessoa, apreciaveis aptidões naturaes para um acurado funcionamento smart, tenho levado uma vida tremendamente agitada, principalmente, depois que a confiança dignificadora do redactor chefe da *Petala de Rosa*, diario das elegancias de Todos os Santos, commetteu-me o encargo desesperado de chronista mundano daquelle suburbio.

Não me farta a elegancia chic dos *five o'clock*; não me julgo nunca satisfeito com o encanto dos *flirts* nas recepções semanaes da sociedade que se diverte, nem me empanurraram as discursseiras esmagadoras das inaugurações officiaes. Tenho ido a tudo, assistindo a tudo, supportingo tudo, com a heroicidade marcial de um Napoleão, ou de um japonéz como melhor exige agora a esthetica das comparações de valor militar.

Para ser completa a minha aprendizagem elegante, só me falta frequentar as sessões do Congresso, o convidado de todas as festas, conviver com o *sympathico* Dr. Miguel Calmon, o protagonista actual de todas as inaugurações e participar da intimidade do Barão do Rio Branco, o heroe de todos os banquetes. Só então poderei dar por terminada e completa a minha educação mundana.

Ahi está, portanto, minha doce amiga, a razão principal e verdadeira de serem mais espaçados estes meus pequenos e insipidos bilhetes.

Do teu FLAVIO.

No rasto de uma saia

Ubaldo Ferraz de Soja Pitada é um homem pacato, que muito préza os seus galões de capitão da guarda-nacional, mas incapaz de uma violencia rubra. Até mesmo o sangue de gallinha lhe põe arrepios na pelle.

Mas o pacato Ubaldo, bom chefe de familia e zeloso funcionario publico, tem o fraco de conquistador, se lhe passasse pelos olhos, ainda mesmo que não fosse no escuro, um cabo de vas-soura com saias, o nosso Ubaldo perderia a razão. O peor é que o desempenado Capitão Ubaldo soffre de myopia.

Ora, acontecen que, em uma dessas noites chuvosas, e por ter se partido a luneta do Ubaldo, elle mal vislumbrou na Avenida uma saia, ficou logo irrequieto como se tivesse pós de mico no corpo. A saia passou por elle, quasi a roçar-lhe os joelhos. Foi um incendio! O capitão Ubaldo piscou os olhos, pigarreou, affirmou a vista.

Era uma rapariga d'appetite. Alta, fornida de carnes, andar terso e pisar desembaraçado. Trajava de negro e ia num passo de quem diz *suivez, moi jeune homme*...

O nosso Ubaldo não quiz saber de mais nada, despregou-se no encalço da *divetti*. E, zás, ella por aqui e elle no seu rasto; ella por alli e elle toca a atravessar a rua... Mas, o demo da rapariga cada vez andava mais depressa. O Ubaldo, desesperado por seguil-a, déra varios encontrões em alguns transeantes, esbarrára contra uma parede, por um triz que não fica esmagado sob um automovel.

Por fim, quasi ao fim da Avenida, no seu mais deserto ponto, ás nove da noite, consegue o Ubaldo acertar o passo com a sua *corça*. E logo, blandicioso, meio bábado:

— Porque me foges assim, luz de amor?...

A rapariga estacou, e com uma voz de bombardão!

— O' senhor!... pois eu?... um sacerdote... um padre!...

Ubaldo arregalou os olhos, mingou-os, esforçou-se para vêr e, dando com o reverendo que lhe parecera mulher, desfez-se em zumbaías e desculpas, em que havia o tremor do receio e o vexame do ridiculo. Pobre Ubaldo!... mas, por isso, elle perderá essa mania de conquistador a todo o transe.

João do Mangue.

Jornal do Commercio — Não offenderemos aqui a susceptibilidade do decano da imprensa carioca, denominando a p rção enorme de annos que, tão galhardamente, completou no 1º do corrente; não commetteremos esta infantilidade.

Limitamo-nos apenas a enviar-lhe as nossas sinceras e effusivas saudações por essa data que deve ser tão grata, ao venerando collega, como a todos os que trabalham na imprensa.

Escriptorio
Avenida Central, 157
1º andar
— Tel. 181 —

Club de Moveis da CASA COSTREJEAN

Venda de moveis a prestações semanaes de 7\$000
com sorteios em 50 semanas.

Fabrica e Deposito
105, Lavradio, 105
— Tel. 172 —